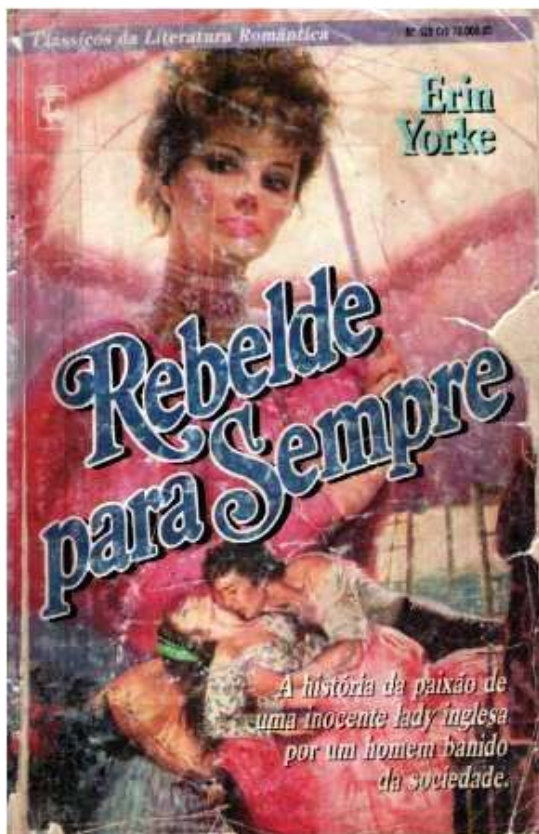




No misterioso cenário do Egito, um homem e uma mulher enfrentam mil perigos, em nome de seu imensurável amor.

Rebelando-se contra todos e ofendendo a memória do próprio pai, Margaret entregou seu coração a Grant Richardson, um oficial expulso do orgulhoso e rígido Exército britânico.

Ao casar-se com ele, Margaret partilharia seu destino, sendo desprezada e humilhada por aqueles que haviam sido seus amigos! A única possibilidade de Grant se redimir seria aceitar uma missão secreta no Egito. Tinha de arriscar-se, mesmo enfrentando o perigo de ser morto pelos guerrilheiros. Margaret seria forte o bastante para confiar no amor de Grant, quando todas as evidências o apontavam como traidor e infiel?

Disponibilização: Marisa Helena
Digitalização: Marina
Revisão: Regina Celi



Copyright © 1991 by Susan Megovern Yansick & Christine Healy
 Publicado originalmente em 1991 pela
 Harlequin Books, Toronto, Canadá.
 Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.
 Tradução: Sandra Couto
 Copyright para a língua portuguesa: 1993
 EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.



CAPÍTULO I

Calcutá, Índia, 1882

— Será que ninguém informou ao coronel que seu título não lhe confere o direito de ser tão indesculpavelmente rude com os oficiais? — explodiu Grant Richardson, erguendo-se com impaciência enquanto consultava o relógio pela quarta vez na última hora.

— Ou será que é só a mim que tal tratamento é dispensado? Quando ele estiver pronto para me receber, estarei lá fora fumando.

O oficial subalterno, sentado à escrivaninha, lançou-lhe um olhar neutro, ignorando a crítica ferina.

— Eu não faria isso se fosse o senhor, major. O coronel não gosta que o deixem esperando, em especial quando a entrevista não foi solicitada por ele.

— Que entrevista? Até o momento, não houve nenhuma. E, pelo jeito, no que depender de Wilson, não haverá nunca! Entretanto, não pretendo sair do país enquanto não falar com o coronel Wilson, por mais inconveniente que isso lhe possa parecer. Talvez, se você entrar naquela sala e explicar esse detalhe, sobre um horário para mim na agenda dele...

— Mas... o senhor embarca amanhã para a Inglaterra! — o ordenança replicou em tom surpreso.

— Ora, que interessante! Você já sabia! Enfim, acho que já não estranho mais nada... — O oficial de cabelos negros sacudiu os ombros com desdém, os olhos escuros brilhando de fúria diante de sua recente notoriedade.

— Não se preocupe comigo. Se eu perder o navio de amanhã, posso pegar outro dentro de duas semanas, ou o seguinte, duas semanas mais tarde... a menos, é claro, que os britânicos estejam tão ansiosos por me verem longe da Índia que o coronel acabe me recebendo hoje mesmo.

A porta se abriu de súbito e um homem de rosto avermelhado e suarento surgiu em seu umbral.

— Está bem, Richardson, entre, embora eu nem imagine o que você espera de mim. Eu lhe disse, na semana passada, que nada mais tínhamos a conversar. Como um cavalheiro, você deveria ter compreendido e partido com discrição.

— Da mesma forma como o senhor manteve todo o incidente "dentro dos limites da discrição"? — zombou Grant, apertando os lábios num gesto de escárnio.

— Duvido que haja em Calcutá uma única pessoa que entenda inglês que não tenha ouvido as mentiras que andou espalhando a meu respeito.

— As verdades — corrigiu-o o coronel, franzindo as sobrancelhas, embaraçado com o interesse com que o ordenança acompanhava o diálogo.

Retirou um lenço do bolso da calça do uniforme e enxugou a testa, endereçando ao oficial inferior um olhar de reprovação. Em seguida, fechou a porta.

— Verdades de acordo com que versão? — Grant desafiou-o.

— Nosso antigo comandante me confiou a missão de visitar aquele antro infestado de ópio para verificar se eram falsos os rumores de que alguns de nossos oficiais o estariam frequentando.

— O único oficial britânico encontrado lá, depois de uma ausência de quinze dias, foi você. E a única razão para o seu traje indiano foi a sua necessidade de camuflagem — refutou Wilson.

— O coronel Conway jamais lhe pediria para investigar um lugar sujo como aquele, alimentando seus indecentes apetites sexuais e tendências ao vício. Nenhum inglês decente poria os pés em tal inferno, a não ser você!

Grant teria se defendido com facilidade se o ataque fosse honesto. Todavia, diante da afronta ao seu nome e à sua reputação perpetrada por um comandante recém alçado ao cargo e inseguro quanto à própria capacidade de liderança, ele calou-se, hesitante, buscando a melhor maneira de revidar o golpe. Seu silêncio, todavia, estimulou o coronel a prosseguir:

— Contra os fatos não há argumentos, rapaz. A verdade, límpida e transparente, não depende de versões. Essa é uma das muitas lições que você precisa aprender — Wilson proclamou em tom de sermão, sentado à pesada escrivaninha de madeira maciça.

— E o que o senhor sabe a respeito da verdade? Um homem com o seu caráter duvidoso não a reconheceria sob nenhuma circunstância, por mais que se esforçasse! — Grant rebateu, por fim, quase explodindo de indignação.

— O senhor não passa de uma piada de mau gosto, que compromete a imagem de Sua Majestade nesta parte do Império.

— Devo lembrar-lhe que, desde ontem, você deixou de ser um oficial a serviço de Sua Majestade, Richardson. Portanto, não tem o direito de denegrir o uniforme que está usando indevidamente. Agora, saia daqui ou mandarei que a guarda o "escolte" até a rua.

— Fique certo de uma coisa, coronel: este caso ainda não se encerrou, posso lhe dar a minha palavra. Com relação ao uniforme que tanto preza, vou devolvê-lo agora mesmo. Prefiro andar vestido à moda indiana a ficar em débito com o senhor.

Diante do olhar abismado do coronel Wilson, Grant despiu as calças e o dólmã das Forças Armadas britânicas, deixando-as sobre o chão, e retirou-se da sala em trajes Íntimos e de cabeça erguida. Afinal, a última palavra coubera a ele, mesmo que, para tanto, estivesse pagando um preço demasiado alto.

— Não quero que levem esse baú para o porão. Pretendo acomodá-lo em meu camarote — advertiu Margaret Prescott, preocupada com a delicada baixela de porcelana de sua mãe, verdadeira relíquia de família. Os abrutalhados marinheiros que carregavam a bagagem para o navio, ao contrário, não demonstravam o menor cuidado. Resmungaram alguma coisa sobre estar tudo em segurança, o que não a tranquilizou nem um pouco. A louça sobrevivera intacta à viagem da Inglaterra para a Índia, e ela estava determinada a levá-la de volta à Inglaterra da mesma forma.

— Por favor, não deixem o baú cair! — Margaret exclamou num híndi tão precário quanto à reputação do rapaz inglês que apreciava a cena com ar divertido.

A despeito da azáfama do cais, a única pessoa capaz de atrair-lhe a atenção fora aquela moça esguia, trajada com austera simplicidade.

Como observador experiente, contudo, adivinhava-lhe as formas voluptuosas sob o vestido casto.

O chapéu mal ocultava os cabelos castanhos fartos e sedosos, pois vários cachos rebeldes teimavam em desprender-se, reluzindo sob a luz do sol.

Seus olhos azuis, de uma tonalidade violeta, moviam-se de um lado para o outro, acompanhando o trabalho dos carregadores com expressão ansiosa.

A voz agradável empenhava-se em se fazer entender, embora seus esforços resultassem inúteis.

Grant apiedou-se da aflição da jovem e resolveu correr em seu auxílio, embora essa atitude solidária contrariasse seus princípios de não envolvimento com mulheres de seu próprio país.

Já sofrera dissabores suficientes em relacionamentos anteriores com conterrâneas, e aprendera que a única coisa sábia a fazer seria evitá-las.

Todavia, aquela lhe parecia diferente.

Talvez pela mistura insólita de fragilidade e independência que ostentava.

Margaret, no entanto, nem de longe suspeitava do exame minucioso de que era alvo naquele momento. Sequer percebera a presença, a poucos passos de distância, do rapaz alto, de cabelos escuros e corpo atlético, que a encarava de maneira ostensiva.

Concentrava-se apenas no baú de madeira que continha as únicas lembranças de sua mãe.

Enquanto a maioria das mulheres acumulava jóias que seriam herdadas pelas filhas, a mãe de Margaret, esposa de missionário, jamais gastara um tostão em ouro ou pedras preciosas.

Ao morrer, só possuía um medalhão de valor.

O reverendo William Prescott, pai de Margaret, preferiu vendê-lo e empregar o dinheiro na construção da escola paroquial, sabendo ser esse o sonho de sua falecida esposa.

Naturalmente, o reverendo Prescott estava certo.

Ele sempre estava ou pelo menos assim se julgava.

Por esse motivo, aqueles pratos, que haviam acompanhado a pequena família a vários cantos do mundo, significavam mais para Margaret do que qualquer jóia.

E ela faria tudo para preservá-los intactos não importava o quanto custasse, mas... oh, *onde* se escondera seu pai, que não aparecia para ajudá-la, e por que não conseguia se lembrar das palavras "camarote" e "frágil" no idioma local?

Nesse instante, uma voz máscula expressando-se num híndi perfeito interrompeu-lhe os pensamentos.

— A *memsahib* gostaria que levassem o baú para seu camarote.

— Ah, não se preocupe. No camarote, sim — o marinheiro assentiu em sua língua nativa, satisfeito por ver o problema finalmente resolvido.

— É o B225 — o homem acrescentou, em inglês.

— Isso mesmo — Margaret. Confirmou, suspirando de alívio.

Ainda assim, não desgrudou os olhos da grande caixa de madeira.

Graças a Deus, alguém entendera o que ela queria dizer e lhe servira de intérprete.

Vasculhou a bolsa em busca de uma moeda para dar de gorjeta a seu benfeitor.

Todavia, ao se voltar para oferecê-la, parou com a mão no ar, confusa.

Não se tratava de um trabalhador das docas, e sim de um cavalheiro europeu, dono dos olhos mais negros que ela já vira.

Baixou o rosto para esconder o vivo rubor que lhe ardia nas faces.

Grant, porém, não pôde deixar de perceber, e deliciou-se comparando o tom de rosa que se espalhou pela tez macia e alva com o das rosas que floresciam na Inglaterra.

— Não precisa pagar senhorita — declarou com um sotaque tão britânico quanto o dela, alcançando-lhe a mão e fechando-a com a moeda em seu interior.

— Embora, às vezes, eu me veja sem um centavo no bolso, hoje tenho o bastante, obrigado.

Margaret pousou o olhar na mão que envolvia a dela, perturbada com o calor que aquele toque suave lhe proporcionava.

Não estava habituada a contato físico com homens, especialmente os desconhecidos, de forma que a sensação agradável surpreendeu-a, confundindo-a ainda mais.

— Rogo-lhe que me desculpe senhor...

— Richardson, Grant Richardson, para sempre às suas ordens, senhorita — ele apresentou-se em tom irônico.

Contudo, perscrutou-lhe o semblante em busca de alguma reação ao seu nome.

Como Margaret não mudou de expressão, ocultou o alívio e prosseguiu:

— Não há razão para se desculpar. Foi um prazer auxiliá-la a resolver esse pequeno problema, até porque, ao que parece, seremos companheiros de viagem.

— Oh, onde pretende desembarcar? — ela indagou.

Embora os modos dele revelassem uma educação própria da elite, sua aparência fugia às características de um cavalheiro britânico típico.

Tinha a pele queimada de sol, era mais alto do que a maioria e sua complexão lembrava a de um desportista.

Suas feições, embora harmoniosas, possuíam um quê de ameaçador, como se escondessem algum perigo insuspeitado.

Todavia, seus olhos eram o que mais lhe atraía a atenção. Negros, como os de uma pantera.

— Na Inglaterra — ele informou, retribuindo a minuciosa inspeção.

— Já está na hora de rever os amigos que deixei lá. E quanto à senhorita...?

— Prescott. Também volto para a Inglaterra, acompanhando meu pai. Ele é missionário.

Filha de um clérigo! Grant ficou atônito. Entretanto, agora compreendia aqueles trajes austeros, que tentavam inutilmente manter a transbordante beleza sensual da jovem longe dos olhares masculinos de admiração.

De pouco serviram os sermões de seu pai, pois não evitaram que o temperamento da filha se tornasse ardente, como Grant adivinhava ao contemplar-lhe o sorriso cáldo, repleto de promessas.

Quem poderia prever que ele simpatizaria tanto com alguém ligado à instituição que o condenara pelos pecados, tanto os reais quanto os imaginados, cometidos em passado recente?

Ele, agora, tornara-se "persona non grata" entre seus pares, e objeto de curiosidade e

mexericos entre os demais.

— Margaret! Oh, filha, o que está fazendo aí? Pensei que já estivesse a bordo! — Exclamou uma voz carregada de censura.

Tratava-se, naturalmente, do reverendo William Prescott.

— Oh... — ela murmurou, puxando a mão mais que depressa.

Em seguida baixou a cabeça, assumindo uma postura de filha modesta e obediente, antes de explicar:

— Pai, este cavalheiro teve a bondade de me ajudar a indicar os lugares onde nossa bagagem devia ser acomodada. Eu estava muito preocupada com a porcelana de mamãe.

— Compreendo. Nós lhe somos muito grato, senhor — o pastor de cabelos brancos agradeceu com formalidade.

— Além disso, seremos companheiros de viagem — Margaret acrescentou entusiasmada.

— Seremos, é? — o reverendo indagou, preocupado.

Sua respiração, que de hábito já era difícil, tornou-se ainda mais penosa diante do comportamento inusitado da filha.

Mesmo assim, estendeu a mão num cumprimento polido.

— Sem dúvida contarei com esse privilegio senhor — Grant replicou no mesmo tom formal.

— Posso perguntar a quem tenho a honra de apertar a mão?

— Grant Richardson, reverendo.

— *Grant Richardson!* — o missionário ecoou com expressão horrorizada.

A despeito do choque, procurou recobrar a compostura.

— Bem, aceite meus agradecimentos, mais uma vez. Tenha uma boa viagem — acrescentou, agarrando o braço da filha.

No minuto seguinte, os dois subiam apressadamente para o convés.

Grant observou-os enquanto se afastavam. A súbita rudeza do pastor não o surpreendeu.

O que não esperava, contudo, era que a moça, a meio caminho, se voltasse para acenar-lhe, brindando-o com um sorriso cativante.

— Filha de missionário... — murmurou para si mesmo, soltando uma gargalhada.

— Mas, pai! Como *pôde* tratá-lo tão mal? — Margaret interpelou o pastor, pousando o chapéu sobre o baú contendo a porcelana agora a salvo em seu camarote.

— E você ainda pergunta? — ele respondeu com incontida exasperação.

— Esse homem não passa de um canalha e eu a proíbo de dirigir-lhe a palavra novamente. Se ignorei meus hábitos frugais e comprei passagens na primeira classe foi porque desejava oferecer-lhe a companhia de pessoas de bem, refinadas. E o que acontece? Acabamos por viajar ao lado do próprio demônio!

— Afinal, o que ele fez para ser considerado o "próprio demônio"? — Margaret insistiu, embora achasse que um rapaz com olhos como os de Grant Richardson seria capaz de qualquer coisa.

Imprimindo à voz o mesmo tom melodioso das músicas que tocava no órgão durante os cultos, acrescentou:

— Com certeza, o senhor não está insinuando que o considera além da possibilidade de salvação...?

— Não pretendo chocá-la com as histórias que ouvi a respeito desse moço — o pastor replicou, novamente acometido por uma crise de asma.

— Contudo, se existe alguém cuja redenção seja impossível, receio que se trate de Grant Richardson.

— Para mim ele foi simpático e prestativo.

— Patifes dessa espécie podem parecer decentes, se isso servir a seus propósitos escusos. Só Deus sabe com que intenção ele resolveu ajudá-la. Decerto julgou que você, uma mocinha ingênua, viajaria sozinha e... — o missionário fez uma pausa dramática.

— Enfim, mantenha-se longe dele. Agora, porte-se como uma boa menina e desfaça as malas enquanto eu vou procurar o capelão e oferecer-lhe meus préstimos.

— Não acha melhor esperar até que o navio saia do porto? Parece tão cansado, pobre papai... Um pouco de descanso lhe faria bem — Margaret sugeriu, abrindo a porta de ligação com o camarote dele.

— Bobagem, sinto-me bem disposto como nunca.

— Nesse caso, por que estamos voltando para a Inglaterra?

— Já é hora de você visitar o país onde nasceu.

— E de encontrar um marido adequado, não é? — Margaret indagou com frieza.

— Se for a vontade do Senhor — o pai retrucou num tom de voz que reservava para os sermões.

— Faça o que lhe mandei e permaneça na cabine até eu regressar.

Assim que a porta se fechou atrás do reverendo William Prescott, sua filha deixou escapar um sonoro suspiro.

Ali estava ela, prestes a iniciar uma longa viagem repleta de aventuras, e devia conformar-se com um tedioso cativo num camarote de primeira classe.

Sentou-se diante da penteadeira e soltou os cabelos revoltos, escovando-os vigorosamente a fim de desembaraçá-los.

O espelho refletia um semblante melancólico que não a surpreendeu.

Ela *tentava* com todas as forças corresponder às expectativas do pai.

Ainda assim, meus esforços jamais foram reconhecidos, pensou com rebeldia.

Gostaria tanto que ele lhe dispensasse o mesmo carinho com que tratava os paroquianos!

Desde que sua mãe falecera, via-se privada de qualquer demonstração de carinho, e a falta de afeto lhe provocava grande angústia.

De imediato, veio-lhe à memória a cena de Grant Richardson segurando-lhe a mão. Como seria beijar um homem como Grant? A simples idéia espalhou um forte rubor por suas faces.

Como me atrevo a imaginar um absurdo desses? Margaret repreendeu a si mesma.

Cheia de culpa, afastou-se do espelho e principiou a desfazer as malas.

O reverendo William Prescott passou pela capela e subiu um lance de escada, respirando com grande dificuldade.

Ao alcançar o patamar seguinte, ofegava dolorosamente.

O pior era que precisaria galgar mais quinze degraus antes de chegar ao piso onde se

encontrava o camarote de Richard Grantson.

Decidiu ir mais devagar, para não se mostrar cansado e doente diante dele.

— Oh, Margaret! — exclamou com amargura. — Sua ingenuidade torna minha responsabilidade ainda maior e mais penosa. Você possui uma natureza rebelde e selvagem, verdadeiro castigo pelos meus pecados...

O pastor meneou a cabeça, numa tentativa de afugentar as lembranças de sua falecida esposa.

Como lhe parecera bela e irresistível no dia em que a conhecera... sua confiança e inocência o atraíram de maneira irresistível, e foram a causa da perdição dela.

Ele a cortejara sem jamais mencionar a palavra "casamento".

Quando a levou para a cama, não havia sequer um namoro formal.

Aquele se constituía na sua grande e única transgressão das leis de Deus.

Adão errara ao cair em tentação por Eva.

William Prescott, porém, fizera pior, agindo como a serpente que roubou a inocência de uma jovem bondosa, porém fraca, que o recebera de braços abertos.

E ainda o abençoara, alegando que o ato físico expressava amor e todo amor provinha de Deus.

Pobre e ignorante Alicia! Sequer tivera consciência do próprio erro, e ele não tivera coragem para alertá-la.

Assim, suportou o fardo de vê-la carregar no ventre o fruto do pecado cometido por um ministro de Deus e sua paroquiana.

Casou-se com ela, evidentemente, porém demasiado tarde.

Talvez Alicia, com o tempo, tivesse acabado por perceber a extensão do mal, pois jamais reclamou pela vida errante que ele lhe impingira.

Quem sabe compreendeu que sua decisão de corrigir o mundo como missionário nada mais era do que a busca incessante pelo perdão divino?

Impossível afirmar com certeza, pois a esposa nunca tocara no assunto, nem o acusara por rejeitar a filha.

Para compensar, todavia, ela cuidava da menina com redobrado afeto.

E agora, Margaret deve ser protegida a todo o custo, ele pensou enquanto, arquejante, vencida cada degrau com um esforço sobre-humano.

Em hipótese alguma permitiria que a filha repetisse o erro da mãe.

Era seu dever preservar-lhe a inocência e conduzi-la ao casamento com um homem honrado, temente a Deus.

O pastor atingiu o topo da escadaria e recostou-se na parede, aguardando que seu batimento cardíaco voltasse ao normal.

Então, empertigou-se e caminhou com passos quase firmes na direção da porta de Grantson.

Não hesitaria em exigir dele que deixasse sua filha em paz até o fim da viagem.

Se não conseguisse dissuadi-lo da idéia de seduzir a menina, não havia a menor dúvida de que a jornada se transformaria num verdadeiro inferno...

CAPITULO II

Na terceira noite, Margaret e seu pai sentaram-se à mesa com o pequeno grupo formado pelo Sr. Mayfield, o capelão, a jovem Caroline Withers e os pais dela.

Na opinião de William Prescott, Caroline era uma companhia adequada para sua filha, embora Margaret duvidasse que ele continuasse a pensar assim se conhecesse o temperamento leviano e coquete da moça.

A despeito de estar a caminho de Alexandria para encontrar-se com o noivo, um suboficial do contingente britânico, ela não se cansava de flertar com todos os rapazes a bordo.

Graças à recente camaradagem com Caroline, Margaret escapou do confinamento em seu camarote. Todavia, ao contrário do que se podia esperar, não experimentou qualquer sensação de liberdade.

A exuberância da moça, bem como seus trajes requintados e indisfarçável vaidade, fazia com que Margaret se sentisse ainda mais isolada.

O fato era que não havia a menor afinidade entre ambas.

O estilo de vida dos Withers, voltado para prazeres mundanos, era-lhe estranho e deixava-a deslocada. Além disso, Caroline adorava travar jogos mais ou menos sutis de sedução com os homens ao redor, enquanto Margaret reagia com sinceridade, incapaz de lançar mão de qualquer artifício.

Ria apenas quando achava graça e dizia exatamente o que pensava, escandalizando a amiga.

Depois que o capelão encerrou a pequena prece de agradecimento pela refeição, estabeleceu-se uma conversação voltada para assuntos filosóficos.

As senhoras presentes mantinham-se caladas, assumindo uma postura de reverência.

Os pensamentos de Margaret, contudo, não tardaram a se distanciar da discussão, vagando leves e imprecisos sobre trivialidades, até que um rumor de vozes exclamando todas ao mesmo tempo distraiu-a dos devaneios.

Logo em seguida, um silêncio ensurdecedor invadiu o refeitório à medida que Grant Richardson entrava com passos dignos e se encaminhava para uma mesa vazia.

Aparentemente indiferente à sensação que sua presença causava nos companheiros de viagem, ele chamou o garçom e fez seu pedido.

Fascinada pela demonstração de coragem e rebeldia, Margaret dedicou-lhe um olhar carregado de admiração.

Os comentários maldosos apontavam Grantson como um pária.

Se assim era, ele portava-se com invejável correção em circunstâncias tão adversas.

Compassiva por natureza, ela se perguntou se o rapaz se ressentiria com aquela corrente de rejeição quase palpável de tão forte.

Margaret fitou o pai com o canto dos olhos, certificando-se de que este não lhe prestava atenção no momento, envolvido na conversa, e endereçou um sorriso de simpatia a Richardson.

Em seguida, desviou o olhar rapidamente para outra mesa.

Foi só depois que o garçom retirou os pratos de sopa que ela ousou voltar os olhos

para Grant.

Ele retribuiu fazendo um gesto discreto de cabeça e sorrindo com brevidade.

O coração de Margaret disparou no peito, mas seu enlevo teve curta duração, pois Caroline cochichou-lhe ao ouvido:

— Até que enfim ele respondeu!

— Quem? — ela indagou afetando tranquilidade.

Em seu Íntimo, receava que a moça tivesse percebido tudo.

— Ora, quem! O Sr. Richardson, é claro — Caroline exclamou, rindo baixinho.

— Passei a noite olhando para ele, provocando-o de todas as maneiras possíveis.

Agora, acabei de receber uma resposta. Graças a Deus que meus pais nem notaram.

Margaret observou disfarçadamente o homem proibido que comia, solitário, em sua mesa.

Uma inexplicável dor afligiu-a de súbito.

Claro que o cumprimento fora dedicado a Caroline.

Como pôde imaginar qualquer outra coisa? Grantson decerto nem a vira.

Afinal, a beleza incomparável de sua amiga atraía a atenção de todos os homens ao redor.

A partir desse instante, Margaret perdeu por completo o apetite.

Quando a Sra. Withers repreendeu-a por não tocar na comida, ela desculpou-se, alegando enjôo provocado pelo mar.

Grant Richardson deixou escapar um suspiro de exasperação antes de levar aos lábios a cigarrilha de luxo, tragando ruidosamente.

A brisa fria do mar não ajudou muito a atenuar a desagradável sensação de estar sozinho na escuridão do convés deserto.

— Maldição! Mil vezes maldição! — imprecou baixinho.

Só o murmurar da água respondeu.

A despeito de seus modos cavalheirescos e imperturbáveis no refeitório da primeira classe, a verdade era que a experiência se revelava mais difícil de suportar do que esperava.

A atmosfera se tornava mais hostil a cada dia, desde que o navio saíra de Calcutá.

Já nem conseguia saborear o vinho ou os pratos sofisticados que o garçom lhe servia com ostensivo desdém.

Contudo, de forma alguma permitiria que um punhado de idiotas o condenasse a passar toda a viagem confinado em seu camarote.

Pouco lhe importava o que aquelas pessoas arrogantes pensavam a seu respeito.

Um homem com um passado como o dele aprendia logo a desprezar o conceito que faziam de si.

Grant sacudiu a cabeça, um sorriso de deboche brincando em seus lábios.

O pior mesmo eram as mulheres.

Em público, fingiam ignorá-lo, mas bastava que ele expressasse seu desejo para que elas se atirassem em seus braços.

Com que facilidade corriam para a cama dele! Talvez a má reputação o tomasse ainda mais atraente.

No refeitório mesmo, havia pouco, fora alvo de furtivos olhares de cobiça.

Com Margaret Prescott, todavia, a história era outra.

Seu sorriso fora límpido e cheio de amizade.

Inferno! Ele não devia ter correspondido!

Nenhum passageiro daquele navio acreditaria em seu respeito pela filha do pastor.

Principalmente depois de tê-la encorajado no refeitório.

O que havia no sorriso de Margaret que o tomou incapaz de reagir com a devida indiferença?

Decerto o isolamento o estava abalando mais do que supunha.

E, no entanto, seria natural que já tivesse se acostumado com a solidão.

Afinal, vivia pela própria conta e risco, ou quase, desde os quatorze anos, quando ainda morava com o tio Thomas e o primo James, sua "adorável" família.

Grant sacudiu os ombros num movimento involuntário.

Decididamente, sua atual solidão não o incomodava nem um pouco, pois não precisava de ninguém mais além de si mesmo.

E a recente experiência em Calcutá só reforçara essa certeza.

Calcutá! Bom Deus podia imaginar o que o tio diria a respeito!

Thomas Richardson, seu tutor, era um homem difícil de contentar.

Bem que tentara obter-lhe a aprovação, no início, porém seus esforços jamais foram recompensados. Todas as vezes que o visitava, as brigas pareciam inevitáveis.

Agora, seria uma verdadeira catástrofe!

Motivos não faltariam para reprimendas.

Primeiro, a expulsão das Forças Armadas de Sua Majestade.

Ignorando as circunstâncias, o conde Kenwick se importaria apenas com os prejuízos que o escândalo envolvendo o sobrinho havia causado para o bom nome da família.

Além disso, seria discutida a questão do casamento que tio resolvera impor-lhe.

Grant não o aceitaria de forma alguma.

Sem dúvida, o reencontro com Thomas Richardson se constituiria num evento memorável...

De qualquer modo, Grant assegurou a si mesmo como consolo, a visita não se estenderia além de algumas poucas horas.

Grant deu outra tragada, contemplando as estrelas que se destacavam no negrume do céu.

A despeito de seus atuais infortúnios, a vastidão do mar não o fazia sentir-se pequeno, como acontecia com outras pessoas, nem lhe recordava a própria finitude.

Ao invés disso, conferia-lhe uma sensação de calma e liberdade.

O mundo era tão grande, oferecia tantas oportunidades, que nem valia a pena mortificar-se com os problemas que vinha enfrentando.

Tais reflexões foram interrompidas pelo ruído da porta que conduzia ao salão de baile.

De dentro vieram os sons de músicas e pares se arrastando pela pista.

Prestando atenção, Grant percebeu que alguém se aproximava.

Quem mais teria sucumbido à tentação de se deixar envolver pela fresca brisa marinha?

Já era tão tarde...

A idéia de se confrontar com outro passageiro e sofrer novas hostilidades não o atraía, embora sentisse curiosidade em relação à identidade do intruso que viera perturbar-lhe a paz.

Assim, recuou para um canto protegido pelas sombras e aguardou.

Contudo, não esperava surpreender-se tanto com o que viu.

Sob a luminosidade suave do luar, Margaret Prescott surgiu no convés.

Grant considerou a possibilidade de ela, a exemplo de muitas mulheres a bordo, ter vindo à sua procura. Logo, porém, descartou a idéia.

O sorriso que a moça lhe enviara durante o jantar fora totalmente desprovido de malícia.

Não, ela escapara do baile por razões que nada tinham a ver com ele.

Margaret caminhou até a murada com passos graciosos. O vento soltou-lhe uma mecha de cabelos. Grant observou-a erguer as mãos e supôs que ela fosse prender o cacho rebelde. Margaret, ao contrário, retirou todos os grampos e agitou os cabelos deixando escapar um suspiro de alívio e prazer.

Maravilhado, Grant admirou-lhe a beleza destituída de artifícios, quase selvagem sob as carícias do vento.

O que mais o cativava, entretanto, era a expressão de seu rosto, que expressava sentimentos que não só compreendia como compartilhava: desejo de liberdade, de conquistar o mundo e de experimentar tudo o que a vida tinha para oferecer.

Aquele era seu segredo, e ele o descobrira.

Não importava seu jeito recatado de filha de pastor. Dentro dela, uma chama forte e poderosa a consumia. A descoberta perturbou Grant e o sentir-se culpado pela indiscrição, mesmo sabendo-a involuntária.

Pensou em retirar-se, mas receou que ela lhe ouvisse os passos, o que tornaria a situação demasiado constrangedora. Por fim, decidiu resolver o impasse.

— Perdoe-me, Srta. Prescott. Por favor, não se assuste. Eu... vim respirar um pouco de ar puro e acabei ficando, imerso em reflexões. De repente, vi a senhorita chegar e... — ele interrompeu-se, embaraçado. Sua voz soara com uma gentileza da qual ninguém o acreditaria capaz.

— Bem, já estava mesmo de saída. Mais uma vez, queira desculpar-me...

— Não há a menor necessidade de ir embora, Sr. Richardson — Margaret replicou.

Não parecia abalada por ter sido surpreendida num momento de abandono.

Ao contrário, seus olhos azuis revelavam um brilho de desafio e rebeldia, convidando a aventuras inimagináveis.

Com esse olhar, ela o conquistou de vez.

Uma filha de pastor!, Grant advertiu a si mesmo.

Claro que considerara um tanto ridículo da parte do reverendo Prescott procurá-lo para exigir que se afastasse da filha dele.

Ainda assim, dispusera-se a atender ao "pedido".

Não imaginava, então, que seria tão difícil manter a palavra.

Naquele instante, percebeu que seria impossível.

Não bastassem a beleza agreste e o temperamento ardente de Margaret, havia ainda a atração pelo proibido.

Para tranquilizar a própria consciência, Grant tentou se convencer de que não havia nenhum mal em travar conhecimento com uma moça tão interessante e sensível, desde que fosse discreto o bastante para não macular-lhe a reputação.

Tudo o que ele desejava era prolongar um pouco mais o inesperado encontro.

— A senhorita, suponho, deve estar ansiosa por regressar à terra natal, deixando para trás as exóticas paisagens estrangeiras.

— É, acho que será agradável. De qualquer modo, jamais me senti realmente num país estranho —Margaret sorriu com doçura —, pois meu pai é um daqueles ingleses que carregam a Inglaterra na mala aonde quer que vão...

— Compreendo... — Grant murmurou, retribuindo o sorriso.

Conhecendo o reverendo Prescott, não duvidava da veracidade das palavras de Margaret.

— E quanto ao senhor? Vai visitar a família?

— Na verdade, fui intimado por meu tio a voltar. Normalmente, eu teria ignorado essa ordem, porém... as circunstâncias acabaram forçando o meu regresso.

— Devo confessar que fiquei muito impressionada com sua fluência em Híndi quando nos conhecemos, em Calcutá. Invejo seu domínio de outro idioma. O senhor deve ter se dedicado muito para se tornar tão hábil...

— Pois eu receio desapontá-la — Grant contradisse-a com uma risada breve.

— Aprendo idiomas com relativa facilidade. Minha mãe era francesa e...

— Oh, que encantador! — Margaret exclamou.

— Bem, a família de meu pai não era da mesma opinião — Grant revelou em tom seco.

— De qualquer modo, o fato de crescer numa casa onde se falava inglês e francês deve explicar meu talento com idiomas estrangeiros. Basta eu permanecer algumas semanas num país para começar a conversar em sua língua com alguma desenvoltura.

— O senhor já viajou por muitos lugares? —Margaret indagou, a excitação brilhando nos belos olhos azuis.

— Pode-se dizer que sim — Grant replicou, divertido com a reação dela.

— Além disso, tenho por hábito conviver com os nativos para aprender a cultura local.

— Fantástico! — Margaret não ocultava o entusiasmo.

— Embora eu tenha vivido na Índia, envergonho-me de admitir que conheço muito pouco a seu respeito. Meu pai não permitia que se falasse a não ser em inglês e, claro, não consentia que eu andasse sozinha pelas ruas de Calcutá. Gostaria de ter tido as mesmas oportunidades que o senhor.

Grant ficou contente com essa resposta. Margaret era mesmo uma moça diferente e especial.

A grande maioria dos ingleses ficaria horrorizada com a perspectiva de conviver com nativos, mas ela, não.

Ao contrário, admirava-o por isso.

— Creio que todas as noites, desde que o navio zarpou, tenho me refugiado neste canto, observando o mar e conversando com o vento — Grant revelou num tom profundo, penetrante.

— Também, pudera — Margaret retrucou.

— Este é um lugar maravilhoso para se ficar. Prometo não me esquecer disso da próxima vez que resolver perambular pelo navio. Não quero perturbar a sua paz...

— Não, por favor! — Grant apressou-se a desfazer a impressão errônea que causara.

— A senhorita me entendeu mal. Não tenho a menor vontade de ficar aqui sozinho. Na verdade... — ele abaixou ainda mais a voz, que soou quase inaudível — gostaria de contar com a sua companhia ocasionalmente, Srta. Prescott.

— Por que não me chama de Margaret?

— Receio não poder — Grant desculpou-se, aproximando-se mais dela. — Margaret é um nome muito pesado para uma jovem tão viva e alegre. Não, para mim você será Meg. Jamais a chamarei por outro nome que não esse.

— Então, será Meg — ela assentiu com um sorriso.

— E, é claro, você me chamará de Grant.

— Será um prazer. É maravilhoso encontrar um novo amigo.

Amigo.

A palavra feriu os ouvidos dele e impediu-o de avançar ainda mais um passo na direção de Margaret, como era sua intenção.

Sim, não devia iludir-se nem esperar mais do que aquela amizade que lhe era oferecida com sinceridade.

— O prazer, asseguro-lhe, doce Meg, será todo meu.

— Tolice. Creio que iremos partilhá-lo. Mas, por ora, creio que é melhor voltar para meu camarote.

— Sem dúvida. Espero ter a sorte de vê-la novamente. Como lhe disse, refugio-me todas as noites neste canto do convés.

— Sim, eu não vou esquecer.

Depois de endereçar-lhe mais um de seus sorrisos meigos, Margaret deslizou pelas sombras e desapareceu, feliz tanto pela aventura inesperada com o proibido Grant Richardson como pelo convite que ele lhe fizera.

— Com efeito, Margaret, você não ouviu uma só palavra do que eu lhe disse — Caroline repreendeu-a, o aborrecimento empalidecendo um pouco a sua graça costumeira.

— Seu guarda-roupa deve ser tão limitado que eu duvido que se preocupe com a escolha de um vestido para o jantar desta noite. O que não significa que deva ignorar o meu dilema. Agora, por favor, ajude-me a decidir: se uso essa cor de malva ou o outro em tom de marfim?

— Perdoe-me, Caroline — Meg suplicou com suavidade, embora lamentasse ser desviada de seus pensamentos, onde rememorava os deliciosos momentos passados ao lado de Grant Richardson, na véspera.

— É difícil aconselhar, porque ambos são muito bonitos.

— Não é esse o ponto, Margaret — Caroline explodiu, incapaz de esconder a exasperação, enquanto se esforçava para acompanhar os passos apressados da amiga pelo convés.

— Não basta um vestido ser bonito, será que não entende? Quero que seja... atraente!

Por um instante, Caroline olhou para Margaret, examinando-lhe os trajes com ar

crítico.

A exemplo do que acontecia com ela própria, por culpa de sua mãe, a zelosa Sra. Withers, a maior parte do colo alvo estava oculto sob a blusa fechada até o pescoço.

As semelhanças, porém, terminavam aí. O vestido de Margaret era feito de tecido barato, e qualquer um que as visse passar perceberia a diferença de qualidade entre as roupas das duas moças.

A constatação melhorou o humor de Caroline consideravelmente.

— Não tem importância, Margaret, você não tem culpa de saber tão pouco a respeito desses assuntos.

— Bondade sua ser tão compreensiva comigo — Margaret replicou com frieza.

A ironia da resposta, porém, não atingiu a companheira, que, tão centrada em si mesma, pouco percebia do que se passava ao redor.

De qualquer modo, dessa vez ela estava feliz demais para se irritar com a futilidade de Caroline. Carregava dentro de si como se fosse um tesouro as lembranças de Grant Richardson e as perspectivas de repetir o encontro naquela noite.

Quando se acomodaram nas espreguiçadeiras ao lado da Sra. Withers, voltou a prestar atenção na tagarelice da companheira.

O tema ainda era o magnífico guarda-roupa dela.

De repente, porém, a moça interrompeu-se e cutucou-a.

Em seguida, cochichou:

— Margaret, olhe! Ali está Grant Richardson. Ele não é encantador?

Ela relanceou os olhos para a figura esguia e máscula com timidez, balançando a cabeça em concordância.

Sem dúvida, aquele homem era perigosamente bonito.

O costume bem cortado realçava-lhe a imponência dos ombros.

Os cabelos escuros esvoaçavam de leve sob a brisa e seus olhos negros contemplavam com desinteresse as pessoas que passavam, evitando-o ostensivamente.

— Margaret, ele está vindo para cá! — Caroline conteve a excitação para não alertar a mãe.

— É por minha causa. Eu o provoquei demais ontem à noite, durante o jantar!

— Acha mesmo? — Margaret indagou, reprimindo uma gargalhada divertida.

— Não seja tola! É claro que sim. Quem mais o interessaria tanto?

Instantes depois, Richardson acercou-se das duas moças.

Caroline já não conseguia esconder o entusiasmo, soltando risadinhas nervosas.

A Sra. Withers ergueu os olhos do bordado e assustou-se ao ver o homem de pior reputação na sociedade inglesa nos últimos tempos.

— Vamos embora, meninas, está ventando demais, não consigo mais bordar.

Quase empurradas pela mãe de Caroline, elas se afastaram na direção dos camarotes.

Ao se despedirem, a jovem Srta. Withers murmurou no ouvido da companheira:

— Eu lhe disse que ele havia me notado.

— Sim, você disse — Margaret replicou, sorrindo.

— Não ande por aí sozinha, menina — a Sra. Withers advertiu-a.

— Sei que aquele homem inescrupuloso visava a Caroline, mas nesses casos não se

deve descuidar.

— Tem toda a razão, Sra. Withers. Creio que irei repousar um pouco antes do jantar. Até mais tarde.

Ao se jogar sobre a cama macia, Margaret constatou que estava feliz como havia muito não acontecia.

As palavras desairosas da Sra. Withers contra Richardson não a abalaram, pois, no fundo de seu coração, sabia que o rapaz não merecia aquele tratamento.

Mais do que isso, estava certa de que a pessoa que despertara o interesse dele não era Caroline, mas sim ela, a "doce Meg".

CAPITULO III

Alguns dias mais tarde, Margaret saiu ofegante de seu camarote.

Abriu a porta com cuidado, ansiosa para não acordar o pai.

O sino do navio já havia anunciado vinte e duas horas e trinta minutos, mais tarde, portanto, do que costumava sair, mas o pastor se demorara lendo a Bíblia, provocando-lhe uma irritada impaciência. Quando ele começou a dar graças ao Senhor pelos problemas com que se defrontava ao longo da vida, Margaret parou de fingir atenção.

No que lhe dizia respeito, aquilo já era conduzir a fé demasiado longe.

Ela reconhecia ter mudado consideravelmente na última semana e meia a bordo.

Tornava-se mais independente e autoconfiante a cada dia.

Bastava observar-lhe a determinação em ser amiga de Grant Richardson a despeito da proibição expressa de seu pai, que não se cansava de ressaltar a falta de caráter do rapaz, associando o seu comportamento "pecaminoso e dissipado" com a natureza malévola do demônio.

Essa atitude desobediente jamais lhe ocorreria nos tempos da Missão, mas ela então não passava de uma criança.

Agora, era uma mulher.

Ela mesma se surpreendia com a transformação que experimentava.

Descobrira ser habilidosa com a agulha, reformando vestidos velhos de forma a deixá-los com aspecto de novos e, como diria Caroline, atraentes.

Animava-a a antecipação dos encontros noturnos com um amigo inteligente, sensível e capaz de compreender suas mais íntimas confidências, revelando-lhe, em troca, suas fascinantes aventuras pelo mundo.

Não importava o que o pastor dissesse, Grant Richardson não podia ser a encarnação do diabo, uma vez que a fazia sentir-se como um anjo.

Ao alcançar a porta que se abria para o convés, Margaret parou para recuperar o fôlego.

Não queria apresentar-se arquejando diante de Grant.

Queria parecer bonita e serena, a "doce Meg" que ele tanto apreciava.

Nesse instante, um casal passou por ela, rindo.

Num gesto instintivo de que ainda não se livrara, Margaret se encolheu diante da mulher deslumbrante, que parecia envolta numa aura sensualidade, abaixando os olhos.

Depois, lembrando-se de que era amiga de Grant e, portanto, uma moça especial, endireitou-se e respondeu ao cumprimento dos companheiros de viagem com voz firme.

Uma decepção, porém, aguardava-a.

O lugar onde ela costumava encontrar Grant estava deserto.

Margaret olhou em torno, frustrada.

Atrasara-se demais e ele desistira de esperar.

Ou então, quem sabe acabou sucumbindo nos braços de mulheres que, como Caroline, não se cansavam de provocá-lo.

Não, isso seria impossível.

Desolada, Margaret cerrou os olhos e aspirou o ar carregado de maresia.

Adorava a combinação do aroma do mar com o da cigarrilha de Grant, mas dessa vez não sentiu o cheiro de tabaco.

Sem saber ao certo o que fazer, começou a caminhar na direção dos botes salvavidas.

Ao se aproximar, divisou a figura inconfundível de Richardson, debruçado na murada contemplando as ondas que acariciavam incessantemente o casco do navio.

Margaret parou, deixando-se envolver pela força máscula que emanava de Grant.

Por fim, com passos silenciosos, acercou-se dele.

— Um tostão pelos seus pensamentos — ofereceu com gentileza.

— Perdoe-me pelo atraso, mas meu pai...

Tomado por sentimentos sombrios, Grant havia decidido ficar só.

Por esse motivo, afastara-se do local do encontro.

Agora, porém, vendo-a a seu lado, tão suave e sincera, fitando-o com seus impressionantes olhos azuis, percebeu o quanto se apegara à companhia dela.

Meg era a única pessoa, em todo o maldito navio, que não o tratava como a um cão leproso.

Talvez ela ignorasse a sua expulsão das Forças de Sua Majestade, ou, quem sabe, até soubesse do caso mas não se importava.

Fossem quais fossem as circunstâncias, Meg Prescott tornara a viagem suportável.

Por mais que lhe doesse a ausência dela, devia ser menos egoísta e poupá-la daqueles encontros que poderiam vir a causar-lhe sérios transtornos.

— Não se desculpe. O fato de você ter vindo faz com que a espera tenha valido a pena. Contudo, não quero que se sinta na obrigação de vir à minha procura todas as noites. Há tantas coisas interessantes que poderia fazer. Ir dançar ou observar os jogos no cassino, por exemplo...

— Não creio que meu pai aprovasse atividades desse tipo... — ela comentou em tom de brincadeira, dedicando-lhe um de seus sorrisos irresistíveis.

— E ele aprovaria que se encontre comigo? — Grant indagou, surpreso.

Margaret não respondeu.

Grant atirou a cigarrilha no mar e voltou-se para contemplá-la.

Um estremecimento quase imperceptível agitou-a de leve, revelando-lhe a fragilidade.

Ele arrependeu-se de falar sem pensar.

O reverendo Prescott era um tema que ambos evitavam de maneira inconsciente, conversando sempre sobre assuntos agradáveis.

O espectro da família, porém, conseguira insinuar-se e destruir a atmosfera de magia e liberdade que haviam conseguido criar.

Tudo por culpa dele.

Quando Margaret tornou a estremecer, aconchegou-a nos braços, ansioso por protegê-la contra o frio da brisa e de seu relacionamento com o pai.

Abrigada junto ao corpo dele, Margaret sabia que deveria sentir-se chocada com a ousadia de Grant. Todavia, parecia-lhe tão natural que ele a abraçasse, e também tão prazeroso, que gostaria de prolongar o contato íntimo indefinidamente.

Assim, ao invés de afastá-lo, como seria de bom alvitre, apoiou a cabeça no peito amplo e forte.

— Agora sou eu quem lhe deve desculpas, Meg, se a menção de seu pai a perturba tanto. Ninguém melhor do que eu sabe o quanto é desastroso não podermos escolher nossos parentes. Os meus eu não escolheria nem para vizinhos, quanto mais para se constituírem na minha família. Decerto eles se sentem da mesma forma em relação a mim — embora tentasse parecer irônico, a voz de Grant traía-lhe a amargura.

— Você não me fez lembrar nada que não estivesse o tempo todo em minha mente, Grant — ela rebateu, erguendo a cabeça para fitar-lhe os olhos escuros como o mar à noite.

— Veja, não é que eu não o ame, afinal, trata-se do *meu pai*. Apenas eu... não consigo sentir prazer em viver tendo ao meu lado alguém tão preocupado com pecado e castigo e com o que acontece após a morte...

— Ele sem dúvida retribui o seu amor, Meg...

— Não estou tão certa disso, Grant. Às vezes, acho que papai jamais amou ninguém, nem mesmo mamãe. Além disso, há momentos em que ele age como se eu fosse um fardo pesado demais.

— Como eu conheço essa sensação! — Grant exclamou com uma risada sarcástica.

— Acho que os nossos guardiões não aceitaram de bom grado a responsabilidade de zelar por nós, mas... de alguma forma, conseguimos sobreviver, não é? E muito bem, até — acrescentou para alegrá-la, embora não acreditasse nas próprias palavras.

Margaret assentiu, deixando que ele a conduzisse para as espreguiçadeiras. Num gesto cavalheiresco, Grant despiu o sobretudo e dobrou-o para servir-lhe de almofada.

— Sei que meu pai não mede esforços para cuidar de mim, porém... — Margaret esforçava-se para traduzir em palavras a profunda insatisfação que sempre a consumira.

Sem pensar, acomodou-se na espreguiçadeira de forma a Grant poder sentar-se a seu lado.

— Porém nós precisamos de mais do que um teto e um prato de comida, não é? — Grant sugeriu, abrigo-a mais uma vez entre os braços.

— Quando eu tinha quatorze anos, meus pais morreram e meu tio paterno foi nomeado meu tutor. Os Richardson haviam deserdado papai, anos antes, por ter desposado uma estrangeira. Assim, os bens que seriam dele com a morte de meus avós haviam sido transferidos para o tio Thomas que, naturalmente, não ficou feliz em ser incumbido da minha educação. Além disso, há o primo James, filho único da irmã de meu pai. Tenho certeza de que o infeliz me envenenaria, se houvesse oportunidade...

— Oh, que terrível para você, Grant! Eu passei maus bocados com a morte de

mamãe, mas ao menos ainda me sobrou meu pai... — Margaret solidarizou-se.

Na ânsia de consolá-lo pelo sofrimento que vislumbra através daquela narrativa, pousou a mão sobre a dele com incontida ternura.

Então, percebendo o que havia feito e a inebriante sensação que lhe causava, mais uma vez ela se perguntou como seria beijar-lhe os lábios cheios e másculos.

— Não foi tão ruim assim. Meu tio levou-me para o solar da família, mas me afastava de lá sempre que podia. Primeiro, foi a escola. Depois, a universidade. Por fim, o Exército. Eu nem mesmo passava as férias em Kenwick, pois ele sempre planejava alguma coisa "especial" para "forjar" o meu caráter. "Isso fará de você um homem, filho", era o que o velho costumava dizer. Só que, agora que sou um homem, as coisas não se tornaram mais fáceis para nenhum de nós.

— Até onde posso avaliar, caro senhor, você é honesto, sensível e tão capaz de magoar ou de enganar outra pessoa quanto eu mesma. Além disso, é polido e inteligente, para não dizer compreensivo e decente. Resumindo, Sr. Richardson — Meg sorriu com timidez —, conclui-se que você é adorável...

— Adorável?! — Grant ecoou, surpreso. Esse adjetivo não lhe era atribuído desde os seus seis anos de idade. E com certeza, nunca por uma mulher tão encantadora e desejável.

— Sim, adorável — ela reafirmou, lançando-lhe um olhar tão confiante que o incomodou.

De súbito, ele foi assaltado pela percepção das formas femininas pressionadas contra seu corpo.

A última coisa que desejaria ouvir naquele momento de quem apertava entre os braços era justamente o que Meg lhe dissera.

Maldição!

Como ela ousava enervá-lo àquele ponto, apelando para uma consciência de que ninguém o julgava possuidor?

Não, ele não era "adorável"!

Todos naquele navio sabiam disso, por que Meg era a única exceção?

Estava na hora daquela mocinha aprender alguns fatos da vida, e bem depressa, pois ele já não conseguia controlar as sensações que ela lhe despertava.

— Nunca mais repita isso — ordenou-lhe da forma mais gentil possível.

Era pedir-lhe demais que não desejasse a jovem cujo seio lhe roçava o tórax e cuja beleza singela a luz prateada da lua enfatizava.

Ainda assim, sentia-se impelido a adverti-la para que não confiasse tanto nele.

Mas como o faria?

Com que palavras?

— Por que não? — Margaret insistiu, nem de longe suspeitando da tempestade emocional que provocara em Grant.

— Você é adorável! Que mal há em...

Antes que ela prosseguisse, Grant puxou-a para si e calou-a com um beijo voraz.

Agora, ela verá que tipo de homem eu sou, ele pensou antes que a doçura dos lábios de Margaret o fizesse esquecer o propósito de sua ousadia, perdido num oceano de ternura e desejo.

Uma vez ultrapassado o estágio da surpresa, Margaret constatou que não se enganara quando imaginou como seria beijar Grant.

Mais do que simplesmente agradável, a carícia lhe causava um prazer inefável, sem precedentes em sua vida.

Só a preocupava a própria inexperiência, que a deixava sem saber como se portar.

O que devia fazer enquanto ele lhe delineava o contorno dos lábios com a ponta da língua?

Queria tanto corresponder, mas faltava-lhe o conhecimento necessário.

Grant caiu em si ao perceber a inocência da moça.

Com um esforço sobre-humano, afastou-se da boca tentadora e depositou-lhe um beijo quase infantil na ponta do nariz e outro na testa.

Inferno!

Talvez Meg tivesse razão a seu respeito, no final das contas.

— E então, foi adorável? — indagou com certa rudeza.

— Não. Foi maravilhoso! Para ser sincera, *eu* gostaria de beijá-lo agora.

Antes que Grant pudesse protestar, Margaret colou os lábios nos dele com meiguice mas sem hesitação. Os instintos finalmente vieram em seu socorro, suprimindo a falta de experiência, e ela teve a oportunidade de descobrir como acariciá-lo e proporcionar-lhe tanto prazer quanto o que experimentava.

De repente, o ruído de uma porta batendo soou a distância.

Margaret suspirou.

A magia se rompera.

Os dois se separaram, incertos quanto ao que mudara entre ambos mas com a certeza de que não haveria retomo ao estado anterior.

Incapaz de encarar a alegria que brilhava nos olhos azuis de Margaret, Grant se levantou e começou a caminhar pelo convés.

Foi inútil, pois ela o seguiu de perto.

E agora, que atitude ele deveria tomar?

Meg ainda não fora iniciada nos jogos de sedução, cujas regras evidentemente desconhecia.

Filha de ministro, só lhe faltava essa!

— Meu, eu... sinto muito.

— Oh, não diga isso! Eu jamais fora beijada antes, e confesso que adorei.

— Desejo que saiba que não sou o tipo que sai por aí beijando qualquer moça que encontre pelo caminho — ele tentou justificar-se.

Contudo, a lembrança de que procedera daquela forma vezes sem conta o atrapalhou.

— O que quero dizer é que isso não significa que eu...

— Psiu — ela interrompeu-o, pousando um dedo esguio nos lábios dele.

— Não sou tão ingênua a ponto de pensar que estamos comprometidos por causa de um simples beijo. Nem espero que você se afaste de mim para preservar a minha honra

— Margaret sorriu, fazendo-o derreter-se por dentro.

— Ainda assim, continuo achando você, bem como seu beijo, adorável, Grant Richardson.

Deslizando pela porta que conduzia aos camarotes, Margaret acenou e desapareceu, deixando a palavra detestada ecoando no ar.

Adorável Maldição dos infernos, as coisas não saíram como ele havia planejado ao beijá-la.

Ela não aprendeu a lição que pretendia ensinar-lhe.

Na verdade, fora ele que acabara descobrindo que a filha do pastor era uma mulher sedutora.

— Bom Deus, o que está acontecendo comigo? — Grant murmurou, acendendo uma cigarrilha.

O fumo, porém, não aplacaria o desejo quase doloroso que Meg Prescott lhe despertara.

Na manhã seguinte, Margaret sentou-se à mesa, bebericando uma xícara de chá enquanto aguardava que o pai se juntasse a ela para o desjejum.

Desde o começo da viagem, aquela era a única refeição que faziam sozinhos, já que o capelão tinha deveres para cumprir e os Withers preferiam tomar o café da manhã em seus camarotes.

Dessa forma, aquele era o único momento do dia em que pai e filha podiam se dedicar a seus próprios conflitos.

Normalmente, o pastor começava com os velhos sermões e advertências quanto ao comportamento de Margaret.

Esta, por sua vez, aproveitava para travar verdadeiras batalhas para conquistar um pouco mais de independência.

Para Margaret, o atraso de seu pai, prolongando-lhe a solidão, era mais do que bem-vindo.

As lembranças dos beijos da véspera invadiam-lhe os pensamentos com primitiva ferocidade, impedindo-a de raciocinar sobre o que quer que fosse.

A despeito das palavras que dissera a Grant na despedida, as quais lhe pareceram adequadas para a situação, estava longe de sentir-se serena quanto à intimidade que partilharam.

Seus lábios queimavam como se a boca de Grant ainda os tocasse, e o desejo de repetir a experiência quase a enlouquecia.

Contudo, não lhe passara despercebido o detalhe de que Grant jamais falara em devoção, nem lhe fizera qualquer declaração de amor.

Mesmo assim, atirara-se em seus braços de livre e espontânea vontade, como que atraída por um poderoso Ímã.

Jamais se comportara dessa forma antes!

E *depois*, ela não exigira qualquer coisa dele a não ser tornar a vê-lo... e a beijá-lo.

Talvez seu pai tivesse razão, talvez houvesse em sua natureza uma fraqueza que a impelia a cometer desatinos, obrigando-o a uma constante vigilância.

Margaret receava que as sensações que experimentara nos braços de Grant tivessem-na tornado uma mulher libertina.

Sendo filha de pastor, não era de se estranhar que a questão surgisse em sua mente com dolorosa relevância.

Enquanto sorvia pequenos goles de chá, debatia o assunto consigo mesma.

Por fim, com uma sabedoria que estava além de sua idade e experiência, concluiu não ser uma pessoa devassa, mas sim uma mulher normal, que respondia de acordo com os ditames da natureza aos apelos de um homem atraente.

Com honestidade, admitiu que repetiria o beijo na primeira oportunidade sem sequer pestanejar.

Ainda que Grant Richardson nunca mais quisesse vê-la temendo as consequências dos acontecimentos da véspera, ela não se arrependia por ter se abandonado às carícias.

Experimentar momentos de paixão tão inefáveis deixou-a feliz como nunca antes em sua vida, e ela sempre se lembraria de Grant com alegria e gratidão.

Uma vez resolvidos esses conflitos internos, Margaret começou a estranhar a demora do pai.

Tornava a encher a xícara de chá quando percebeu que alguém parara junto da mesa.

Ela ergueu os olhos, esperando que fosse ele, mas, para sua perplexidade, tratava-se de um dos oficiais do capitão do navio.

Que rapaz inconveniente, como ousa aproximar-se de mim quando estou desacompanhada?, Margaret pensou.

— Queira desculpar-me, Srta. Prescott, mas o capitão Short gostaria de vê-la o mais cedo possível.

Afora o fato de que o convite era, no mínimo, inusitado, o tom de voz do oficial a fez perceber que alguma coisa errada acontecera.

Se ao menos o pai dela já tivesse chegado para ajudá-la a resolver qualquer que fosse o problema.

Só então a idéia de que algo ocorrera a seu pai atravessou-lhe a mente como um raio.

Só podia ser isso, afinal ele jamais se atrasara tanto para o desjejum, pois sempre acordara muito cedo.

Atirando o guardanapo sobre a mesa, Margaret levantou-se e seguiu o oficial pelo refeitório, o rosto expressando angústia e medo.

Grant Richardson, porem, que acabara de entrar, não fazia idéia do que se passava e atribuiu a infelicidade que vislumbrou em seu semblante à presença dele.

Apesar das palavras corajosas que ela lhe dissera ao despedir-se, na véspera, tinha certeza de que a jovem, depois que pensasse melhor, mudaria de opinião.

Esse pensamento desfez a máscara de fria indiferença que costumava usar quando em público, levando-o a fitar o garçom com um olhar de desespero.

O pobre rapaz não entendeu nada e, depois de servir-lhe o café apressadamente, afastou-se quase correndo da mesa.

Os temores de Grant eram infundados, pois Margaret sequer o vira.

Preocupada com as notícias que o capitão lhe daria, ela atravessou os corredores estreitos do navio como se vivesse um pesadelo.

— Por favor, sente-se, Srta. Prescott — o capitão Short convidou-a, depois de fechar a porta.

Embora sua voz soasse quase serena, sua incapacidade de sustentar-lhe o olhar confirmou os receios de Margaret.

— Onde está meu pai?

— Lamento ter que lhe contar — o capitão prosseguiu, sentando-se atrás da escrivaninha.

— Houve uma tragédia envolvendo o pastor.

— Ele está doente? É grave?

— Infelizmente, o caso é muito mais sério. O marinheiro responsável pela limpeza dos camarotes o encontrou agora há pouco. Seu pai, Srta. Prescott ... faleceu.

Não importava quão gentis fossem as palavras, nada poderia atenuar o impacto de seu significado. Margaret observou o raio de sol que repousava sobre o tampo da mesa, enchendo-o de poeira.

Supôs que devia sentir-se grata pela paralisia que a impedia de mover-se e de sentir qualquer coisa.

Era como se alguém lhe tivesse aplicado uma grande dose de anestésico.

Ou como se aquilo estivesse ocorrendo com outra pessoa, não ela.

— Compreendo... — conseguiu murmurar. — Como...?

— Dormindo, ao que parece — o capitão declarou, ansioso por concluir aquela árdua tarefa.

— O médico está lá com ele. Creio que deve ter sido o coração. Srta. Prescott, pela expressão tranquila de seu pai, acreditamos que ele não tenha sofrido.

— Fico... feliz — Margaret replicou, cônica de que não havia sequer um traço de felicidade em seu coração.

— Quando... posso... vê-lo?

— Pode ir até o camarote, se quiser. Mas eu sugiro que espere até que o médico o transfira para a enfermaria. Será por pouco tempo, pois deveremos atracar amanhã. A senhorita gostaria de avisar alguém? — ele indagou com suavidade, impressionado com a compostura da moça numa situação tão dolorosa.

A despeito da aparência de fragilidade, aquela jovem possuía uma grande força interior.

— Acho que... a sede da paróquia de Devonshire. É para onde nós íamos.

— Está certo. Quanto à família?

— Não. Nós só temos... tínhamos... um ao outro. Não existe ninguém para avisar — Margaret explicou, desejando como nunca que houvesse ao menos uma pessoa com quem partilhar aquela perda.

Quem iria confortá-la naquele momento terrível?

Os Withers, que só sabiam falar a respeito dos predicados de Caroline?

Ou Grant?

A amizade que os unira havia sofrido uma grande transformação na última noite.

Agora, não sabia como seriam as coisas entre ambos dali em diante.

Além disso, não o conhecia tão bem assim.

Como poderia esperar que ele tomasse qualquer atitude para consolá-la?

Não, melhor não contar com Grant Richardson.

Teria que apoiar-se única e exclusivamente em si mesma.

— Entendo. Bem, nesse caso, creio que terei que ajudá-la com as providências necessárias. Talvez mais tarde nós possamos...

— Prefiro resolver tudo agora, capitão, se não se importar. O adiamento não tornaria nada mais fácil.

— Como desejar, senhorita — ele replicou, cada vez mais admirado com Margaret.

— É preciso decidir acerca do enterro. Gostaria que fosse realizado na Inglaterra?

— Que alternativa sugere?

— Bem, nós atracaremos amanhã no Porto de Sayhut. Existe um cemitério inglês lá. Se quiser, posso arranjar para que o pastor seja sepultado em Sayhut.

Margaret refletiu por alguns instantes.

Embora seu pai tivesse sido um típico inglês, passara a maior parte de sua vida em terras estrangeiras. Seria possível considerar a Inglaterra como seu lar?

Que lugar do país ele teria escolhido para o derradeiro repouso?

Não, William Prescott devotara muitos anos percorrendo o mundo a serviço do Senhor, e estaria mais de acordo com seu estilo o sepultamento num lugar exótico e distante.

— Sayhut me parece ideal, capitão Short. Talvez o reverendo Mayfield possa conduzir um pequeno culto em sua homenagem.

— Naturalmente.

— Creio que irei para o meu camarote. Se o senhor puder cuidar dos detalhes, eu lhe ficarei muito agradecida.

— É claro — ele aquiesceu, levantando-se para acompanhar a jovem até a porta.

— Pode deixar tudo comigo.

Margaret disparou na direção da cabine.

Ansiava por ficar sozinha para chorar pela perda de seu pai e do relacionamento que podia ter sido mas nunca fora.

Todavia, por mais que precisasse desabafar, o pranto se recusou a correr em seu auxílio.

Margaret estendeu-se no leito e, durante horas sem conta, seu corpo foi sacudido por soluços secos, incapazes de lhe aliviar a dor.

Grant franziu a testa e atirou no mar a quarta cigarrilha da noite.

Normalmente, fumava apenas duas enquanto esperava, mas dessa vez Meg ainda não aparecera.

Pela manhã, refletira muito sobre sua partida abrupta do refeitório e acabara por concluir que se tratara de mera coincidência.

Porém, já não sabia o que pensar.

Ela não fora almoçar, nem jantar, nem passeara pelo convés o dia inteiro e agora, pelo visto, faltaria ao encontro.

Meg não parecia o tipo de moça dada a enxaquecas ou achaques do gênero, mas que outra explicação haveria para o misterioso desaparecimento?

Se ele pudesse conversar com os outros passageiros, perguntaria se Meg ou o pai estaria doente. Contudo, considerando-se as circunstâncias, isso não seria possível.

Grant suspirou, exasperado.

Daria à Srta. Prescott mais vinte minutos antes de ir embora.

Afinal, ela se atrasara bastante na véspera mas viera.

Quando o reverendo se entusiasmava na leitura da Bíblia, demorava a dormir.

Talvez fosse apenas isso.

Também, quem diabos mandara que ele se apegasse tanto à filha do pastor?

Agora, não conseguia suportar uma noite sequer sem a presença dela.

Justo ele, que passara a vida toda contente com a própria solidão?

Bom Deus! E se Thomas estivesse certo ao insistir em seu regresso para a Inglaterra?

Thomas Richardson, Lorde Kenwick, raramente se enganava.

Grant admitia que ele quase sempre tinha razão, mas quando o tio mencionou a palavra "casamento", soltou uma gargalhada zombeteira.

De onde o velho tirara a idéia de que já era hora dele se casar, afirmando haver encontrado a noiva certa?

— Não quero nem preciso de uma esposa — Grant resmungou, caminhando pelo convés com passos rápidos.

— Não fosse esse caso ridículo, causado pela incompetência do coronel Wilson, eu não estaria neste maldito navio a caminho da Inglaterra! Tudo o que desejo, agora, é a agradável companhia da primeira mulher que me chamou de amigo. E que me considera "adorável".

Grant forçou-se inutilmente a conter as lembranças dos beijos ardentes que trocaram naquele mesmo convés, na noite anterior.

A imagem de Meg declarando que gostaria de voltar a beijá-lo não lhe saía da cabeça.

Então, por que diabos ela não aparecera?

O sino do navio começou a badalar, anunciando as horas.

Grant contou, murmurando:

— Um... dois... três... onze horas e trinta minutos. Ela não virá mais. Decerto, trata-se apenas de um desses truques femininos para chamar a atenção. Elas pensam que, fazendo-se de rogadas, conquistam-nos em definitivo.

Mas não, Meg não era esse tipo de moça.

Além disso, ela não só faltara ao encontro como também não fora vista em nenhum lugar o dia todo.

Inquieto, Grant foi à procura do marinheiro que arrumava os camarotes.

Se havia alguém que sabia tudo sobre todos os passageiros, seria ele.

Já era tempo de obter algumas respostas...

CAPÍTULO IV

O sol estava demasiado quente para aquele horário, apenas dez horas, mais quente do que em qualquer outra manhã de que pudesse se lembrar, mas talvez essa impressão resultasse do traje negro, Margaret cogitou enquanto enxugava a testa com o lençinho de renda.

Um vestido branco seria mais apropriado, considerando-se a alta temperatura e a poeira sufocante do cemitério.

Todavia, o capelão e a Sra. Withers se scandalizaram tanto com a idéia que Margaret acabou por desistir.

Não pretendia antagonizar-se com os dois, que tanto trabalho tiveram para organizar a cerimônia.

O culto na pequena Missão inglesa foi rápido.

Quando Margaret se deu conta, já havia acabado.

Em seguida, o cortejo seguiu para o campo santo, onde o capelão e o pastor local tomaram a rezar. Caroline e a Sra. Withers permaneceram do lado direito do caixão, envoltas em véus negros, aparentemente indiferentes ao calor.

Sua única concessão ao sol causticante eram as sombrinhas de tule preto.

O Sr. Withers manteve-se atrás da esposa e da filha, abanando-se com desespero.

O máximo que conseguiu, porém, foi levantar nuvens de poeira, aumentando o desconforto da família.

O capitão postou-se junto ao reverendo Mayfield e ao ministro de Sayhut numa das extremidades da cova recém-aberta, deixando Margaret sozinha na outra ponta.

— Do pó vieste e ao pó retornarás.

O capelão fez uma pausa, parecendo hesitar quanto ao que dizer em seguida.

Ou talvez fosse por causa do pó que lhe secava a garganta,

Margaret refletiu com certa ironia.

Seu pai costumava sair-se melhor nos sermões, pois as palavras jamais lhe faltavam.

Margaret acompanhava o ritual com fria serenidade.

Todavia, considerava muito estranha a calma que a invadiu desde o momento em que abriu os olhos. Seria ainda efeito do remédio que o médico do navio lhe dera para dormir?

Afinal, a última pessoa que lhe restara no mundo estava sendo sepultada e ela não conseguia sentir coisa alguma além daquele insólito distanciamento, como se apenas testemunhasse uma tragédia ocorrida com alguém que não Margaret Prescott.

A Sra. Withers parecia sofrer mais com a perda do que ela!

— O reverendo William Prescott não era um homem que se deixasse seduzir por confortos materiais, tendo vivido com simplicidade, cultivando hábitos frugais — acrescentou o capelão.

— Por esse motivo, estou certo de que ele aprovaria a nossa escolha do Salmo Vinte e Três para encerrarmos esta cerimônia, cuja singeleza condiz com a sinceridade de nossos sentimentos. "O Senhor é meu pastor e nada me faltará..."

Singeleza não é exatamente a palavra certa, pensou Grant Richardson ao se aproximar discretamente do grupo, contemplando com olhos preocupados a figura solitária e melancólica de Meg.

Mesmo considerando a natureza estóica do falecido, as homenagens que lhe estavam prestando eram uma vergonha!

O homem passara toda a sua vida no limiar da pobreza para servir aos outros, e para quê?

Para ser enterrado quase como um indigente, às pressas para não atrasar a saída do navio?

E era assim que se pretendia confortar a filha dele?

O mais provável, Grant especulou, era que o capitão não quisesse suportar a responsabilidade pelo corpo de Prescott além do estritamente necessário e, por isso, persuadiu Meg de que um enterro rápido e barato seria a melhor alternativa.

— E ele habitará para sempre a casa do Senhor — concluiu o ministro —, um fim ao qual todos aspiramos.

— A casa do Senhor, com certeza, não está aberta aos infieis. O que esse intruso veio fazer aqui? — A Sra. Withers bradou, rompendo o silêncio momentâneo, enquanto todos voltavam a atenção para o recém-chegado.

Sem se deixar abalar, Grant cumprimentou com um gesto de cabeça os Withers e foi juntar-se a Margaret, oferecendo-lhe sua solidariedade.

Uma excessiva palidez e olheiras profundas conferiam à beleza dela um aspecto etéreo.

Contudo, a falta de brilho nos olhos azuis, traindo ausência de emoção, preocupou-o sobremaneira.

— Só fui informado de sua trágica perda esta manhã, Srta. Prescott. Meus sentimentos — ele murmurou com suavidade, segurando-lhe a mão numa tentativa de transmitir-lhe conforto.

Margaret fitou-o e sorriu de leve.

Era a primeira vez, desde que soube da morte do pai, em que percebia haver sinceridade por trás daquela fórmula tradicional de pêsames.

De súbito, sentiu um aperto no coração e algo se rompeu dentro dela.

Um mar de lágrimas lhe assomou aos olhos e escorreu-lhe pelas faces.

Num momento instintivo, ela inclinou-se na direção de Grant, buscando amparo.

— Chorar lhe fará bem, Meg — ele tranquilizou-a, aconchegando-a nos braços sem hesitar.

O bando de hipócritas que lhe dardejaram olhares fulminantes que fosse para o inferno!

— Seu pai encontrou a paz, e você não tem motivos para se culpar de nada...

— Mas... eu... não estava... com ele — Margaret objetou, soluçando, a cabeça apoiada no peito de Grant.

— Sei como se sente, menina, mas deve pensar que uma morte tranquila é o que todos nós desejamos. As preces dele foram atendidas, Meg.

— Só não espere que as suas o sejam, Sr. Richardson! — a Sra. Withers exclamou, fechando a sombrinha enquanto dava a volta em torno da sepultura para se colocar entre Margaret e Grant.

— Solte essa mocinha agora mesmo e saia daqui. Não tem cabimento o senhor se aproveitar de um momento doloroso como este para tentar seduzir uma criança pura e inocente. Como minha filha Caroline, que não nutre o menor interesse por homens de sua laia, resistiu ao seu assédio, agora o senhor se volta para uma garota órfã e impressionável. Se o pai dela não está aqui para defendê-la, eu mesma o farei!

Intrépida, a mãe de Caroline não poupava esforços, enquanto vociferava, para separar Margaret de Grant. Indiferente, Grant manteve Margaret firmemente aconchegada entre seus braços, enxugando-lhe o rosto com o lenço.

— Sra. Withers, o Sr. Richardson é... meu amigo — ela protestou com a voz embargada —, e eu lhe sou muito grata por se dar ao trabalho de comparecer ao funeral de papai.

— Duvido que o pastor Prescott sentisse o mesmo — opinou o reverendo Mayfield.

— Já que ele não está aqui para responder, nós jamais saberemos, não é? — Grant bradou com rispidez, aborrecido com o ar de superioridade de Mayfield.

— Grant tem razão — Margaret interveio, na esperança de acalmar os ânimos exaltados.

— É assim que o chama, "Grant"? Sei que o ouvi chamá-la de "Meg", agora a pouco — observou a Sra. Withers.

— Bem, Margaret Prescott, você não me deixa alternativas além de tomá-la sob meus cuidados pessoais.

— E o que exatamente isso significa, minha cara senhora? — indagou Grant em tom gélido.

— Pretende fornecer-lhe casa e comida até ela se casar? Quem sabe até um guarda-roupa de luxo para ajudá-la a encontrar um marido?

— Não, é claro que não! Mas eu a protegerei contra homens como o senhor! — ela replicou, ainda puxando Margaret numa vã tentativa de tirá-la dos braços de Grant.

— De qualquer forma, o assunto não é da sua conta. Margaret, querida, sabe que só desejo o seu bem. Preocupa-me o fato de você não ter tido uma educação formal, além de não dispor de uma família de quem possa depender e...

— Estou certo de que a Srta. Prescott aprecia muito a sua exposição detalhada de todas as carências dela — Grant atalhou-a, exasperado —, mas aonde pretende chegar?

— Querida Margaret — a senhora continuou, ignorando a interrupção —, considerando que você e a minha Caroline se dão bem, e a dificuldade de se encontrar pessoal qualificado para os serviços domésticos...

— O... quê? — Margaret murmurou, achando que entendera mal.

— Bem, você é inglesa, embora tenha vivido na Índia, e Caroline precisará de gente de confiança a seu lado, na Alexandria. Você seria mais uma dama de companhia do que propriamente uma criada, é claro — a Sra. Withers prosseguiu, sem perceber a afronta que cometia.

— O que quero dizer é que você seria uma espécie de governanta. Você não teve uma boa educação e...

— Sra. Withers, por favor — o capitão pigarreou, embaraçado.

— Marjorie, meu bem, não acho que esta seja a ocasião adequada para resolvermos o caso — o marido ponderou, hesitante.

— Mamãe, como pode fazer isso comigo? — Caroline protestou, quase em pranto.

— Não preciso de cão de guarda!

Todos falavam ao mesmo tempo, porém se calaram quando Grant dirigiu-se a ela com polidez.

— Minha boa senhora, ao invés de, demonstrando rara insensibilidade, atormentar Meg num momento como este, sugiro que encontre uma acompanhante para sua filha através de anúncios nos jornais de Alexandria. A passagem da Srta. Prescott é válida até Southampton, portanto, com ou sem a sua aprovação, pretendo garantir que ela se valha de seus direitos. Algo a objetar, meu caro capitão?

O tom persuasivo de Grant fez com que o oficial abrisse mão de seus escrúpulos quanto a transportar mulheres desacompanhadas.

Claro que ele não tinha escolha, pois Richardson tinha razão: a passagem estava

paga, e não havia como impedir a moça de embarcar.

— Não, senhor. Srta. Prescott, será bem-vinda a bordo até Southampton. Estarei à sua disposição para o que precisar. Por hora, creio que o melhor que podemos fazer é regressar ao navio.

O grupo todo concordou, aliviado por sair do cemitério poeirento e quente.

O capitão e os dois ministros tomaram a dianteira, buscando distanciar-se do local onde ocorrera um incidente tão desagradável.

Caroline e o pai vinham pouco atrás, seguidos a pequena distância pela Sra. Withers, que não sabia se caminhava junto da família ou se esperava por Margaret, evitando que ela ficasse a sós com Grant.

—Tive ganas de enforcar aquela bruxa! — Grant confidenciou, conduzindo Margaret com gentileza.

— Se ela ofendesse apenas a mim, não teria importância, mas... a você também! É imperdoável!

— Oh, não acredito que a Sra. Withers tivesse essa intenção. A sua maneira, tentava encontrar uma solução para o meu problema — Margaret ponderou com debilidade.

— Pois seu único intento era solucionar o problema *dela e de sua encantadora* filhinha — Grant retorquiu com impaciência — à custa de seu bem-estar e paz de espírito!

— Não seja injusto, Grant. Ela só queria me proteger.

— Jamais concordaremos a esse respeito, Meg. É melhor encerrarmos a discussão — ele concluiu com frieza.

Convivera com muitas esposas e viúvas de militares, conhecia-lhes a hipocrisia e não podia mais tolerar mulheres desse tipo.

Embora o objeto de sua raiva fosse a inconveniente Marjorie Withers, acabara despejando-a sobre Meg, vítima em toda aquela história.

— Talvez tenha sido um tanto rude com ela, Grant. Quem sabe se lhe pedisse desculpa... — Margaret sugeriu, hesitante.

Não ignorava que a paciência de Richardson estava se esgotando e não desejava provocá-lo.

Por outro lado, sentia-se impelida a agir da forma caridosa que caracterizara seu pai, especialmente agora que ele se fora.

Além disso, já não dispunha de forças para suportar situações de tensão.

— Eu?! Desculpar-me com aquela... megera?! Acho que não a ouvi direito, Meg.

— Não precisa ser um pedido formal, bastam algumas poucas palavras...

— Não tornarei a falar com essa senhora. Sinto muito, Meg, mas não tenho como atendê-la. E, para poupá-la de todos os problemas que minha presença pode lhe causar, devo deixá-la agora.

Nem bem acabara de falar, Grant já se havia arrependido.

Era demasiado tarde, porém, para voltar atrás.

Beijou-lhe a mão com cavalheirismo e afastou-se, deixando-a solitária e perplexa.

Margaret se deteve, transtornada.

Então, era verdade.

Dali para frente, não poderia contar com a amizade de ninguém, nem mesmo a de Grant Richardson.

Não importava o quanto custasse, tomaria conta de si mesma, sem depender de ninguém.

Margaret respirou fundo, contemplando o camarote que pertencera ao pastor.

Endireitou os ombros e apanhou a última caixa onde guardara seus objetos pessoais.

Era a vez da Bíblia, encadernada em couro e com as páginas amareladas pelo uso constante.

Com movimentos ágeis, depositou-a sobre os livros de Teologia.

Lágrimas seria um luxo a que não se podia permitir e que de nada lhe serviriam.

William Prescott fora seu pai e era responsabilidade dela tomar todas as providências que ainda fossem necessárias.

O capitão Short havia generosamente oferecido a devolução do dinheiro da passagem de seu pai até Southampton, desde que a cabine fosse colocada em disponibilidade para outro passageiro.

Embora não lhe agradasse a presença de um estranho nos aposentos contíguos, Margaret possuía espírito prático suficiente para saber que precisava economizar cada centavo e, assim, decidiu aceitar a proposta.

Como não podia sequer pensar em comida, quanto mais em jantar com os Withers, aproveitou o horário da refeição noturna para se desincumbir da dolorosa tarefa de reunir as coisas de seu pai em três pequenas caixas de madeira.

Era tudo o que sobrara de uma vida inteira de trabalho árduo, Margaret refletiu com tristeza.

Cinquenta e dois anos de presença na Terra, e apenas três mudas de roupa, uma caneca, uma escova de dente, três dúzias de livros e um pijama.

— Pobre papai, jamais se permitiu ser feliz nem gozar de qualquer conforto — murmurou, tomada por profunda melancolia.

— Seus únicos prazeres eram ler a Bíblia e advertir os paroquianos contra o pecado. O que pensaria de mim, agora?

Sem que pudesse evitar, sua mente foi assaltada por lembranças pouco louváveis.

O calor do corpo de Grant, o aroma da cigarrilha, o gosto de seus lábios.

Um arrepio de excitação percorreu-lhe a pele, contra a sua vontade.

— Oh, pai, perdoe-me. Eu pequei...

E nem mesmo lhe restara o consolo dos braços de Grant.

Por que ele a deixara sozinha no cemitério?

Por que não ficara a seu lado quando mais precisava de sua companhia?

"Se existe alguém cuja redenção seja impossível, receio que se trate de Grant Richardson", o pai a prevenira.

Seria possível que a própria alma dela estivesse em perigo?

Mas ela não fizera nada de tão errado, nem corria o risco de vir a cometer algum pecado mais grave, desde que Grant tomara a iniciativa de romper a "amizade".

Na verdade, Margaret se sentia abandonada pelos dois homens mais importantes de sua vida.

A partir de agora, teria somente a solidão por companhia.

— Caroline, tenha modos! Só porque o pastor Prescott faleceu e sua filha está indisposta você quer ter o direito de comer a sobremesa deles? — a Sra. Withers

repreendeu a jovem.

— Seu pai, ou o reverendo, pode querer repetir a porção dele. Além disso, não se esqueça de que está comprometida e deve manter-se esguia para agradar ao noivo.

— Sim, mamãe — Caroline assentiu, como sempre fingindo obediência, enquanto se servia de mais um pedaço de doce.

— Quanto a Margaret, creio que a senhora devia ter agido com maior diplomacia, esta manhã, embora eu realmente não precise de dama de companhia.

— Ora, eu não vejo motivos para adoçar a pílula. A garota ficou sozinha no mundo, sem um centavo na bolsa. Quanto mais cedo encarar a verdade, melhor para ela.

— Sra. Withers — o capitão dirigiu-se a ela em tom de deferência —, considerando que a morte do pai ainda é muito recente, eu a aconselharia a esperar uns dois dias antes de voltar a tocar nesse assunto. Todavia, confesso a minha curiosidade... se a menina teve uma educação precária e, portanto, não está qualificada para um cargo de tanta responsabilidade, por que deseja empregá-la?

— Eu explico. Margaret é como uma pedra preciosa em estado bruto. Necessita apenas de polimento. Com alguns vestidos novos, um trato nos cabelos e um pouco de treino, todos irão se perguntar onde Caroline conseguiu uma criada tão eficiente. Para ser franca, senhores, eu enumerei os defeitos da moça apenas para que ela se desse conta da generosidade de minha proposta. Ao menos, estaria sob a proteção de uma família de bem, que se preocupa com sua reputação, ao contrário daquele "cavalheiro" cujo nome prefiro não mencionar — a matrona concluiu, enviesando os olhos para a mesa onde Grant Richardson jantava sozinho.

— Atrevo-me a afirmar que a única coisa que esse "senhor" tem a lhe oferecer, além de alguns minutos de prazer carnal, é uma vida inteira de infortúnios.

— Talvez não seja bem assim, se for verdade o que dizem sobre a fortuna dos Richardson — aventurou-se a contestar o Sr. Withers.

— Com certeza, o rapaz não se furtaria aos ditames da honra.

— Ha, eu duvido! O animal sequer conhece o significado dessa palavra, quanto mais respeitá-la! — a esposa replicou, agastada.

— Caroline, o que está olhando? Não há ninguém socialmente importante neste refeitório que mereça a sua atenção. Agora, termine logo de comer a sobremesa, pois não quero chegar atrasada ao concerto. Afinal, depois de um dia tão triste, precisamos elevar nossos espíritos.

Quando a bandeja com uma ceia leve foi entregue em seu camarote, Margaret sentou-se à pequena mesa disposta a tentar recuperar a energia.

Contudo, não passou de duas colheradas de sopa.

Bem, pelo menos poderia tomar uma xícara de chá.

Contudo, o vazio de sua vida, a ausência de perspectivas para o futuro e, principalmente, a falta de amigos, afligiam-na demais.

Nem mesmo o líquido fumegante passava por sua garganta contraída.

— Oh, papai, por que fez isso comigo? Por que me deixou sozinha neste navio? — ela soluçou, vencida pelo desespero que tentara conter nos últimos dois dias.

— Eu o amava! Esforcei-me para ser uma boa filha, para agradá-lo, mas o senhor acabou me deixando!

Uma batida na porta mal lhe alcançou os ouvidos.

Margaret entregou-se a um pranto copioso, desabafando a mágoa de tantos anos sem carinho e da solidão que carregaria pelo resto de seus dias.

A batida ecoou novamente, dessa vez um pouco mais forte.

Por um instante, a mente de Margaret, abalada pelo sofrimento excessivo, confundiu o presente com o passado e, certa de que era seu pai quem batia na porta, apressou-se a abri-la.

— Meg, perdoe-me pela forma abrupta com que saí do cemitério! — Grant Richardson suplicou com fervor.

Sem esperar convite, entrou no camarote e tomou-a nos braços.

— Que falta de sensibilidade a minha, num momento em que você precisava tanto de um ombro amigo para chorar! Diga que me concede o perdão!

Ele tocou-lhe o queixo com gentileza, erguendo-lhe o rosto para fitá-la.

Se havia alguém capaz de avaliar a dor que a atormentava, esse alguém era ele.

E, no entanto, falhara em consolá-la, abandonara-a à própria sorte, preocupado apenas com a raiva que sentia da Sra. Withers.

Pobre Meg, cujos lindos olhos azuis estavam banhados de lágrimas, os cabelos revoltos espalhando-se pelos ombros de maneira desordenada, o nariz vermelho, e uma tentativa de sorriso aflorando-lhe os lábios carnudos.

Como era adorável mesmo naquela trágica circunstância!

— Claro que o perdorei. Você veio me ver, e é meu amigo, não? Meu único e adorado amigo — ela murmurou, aliviada por poder repousar a cabeça naquele peito musculoso.

Parecia-lhe tão natural aninhar-se nos braços dele, que nem lhe ocorreu não ser apropriado para uma moça solteira receber um homem em seu camarote.

— Sim, e espero continuar seu amigo para sempre — Grant assegurou-lhe.

— Agora, comporte-se como uma boa menina e tome o seu chá. Vou colocar um pouquinho de conhaque na xícara para ajudá-la a relaxar.

Só então Margaret percebeu o quanto a exaustão a debilitava.

Afundou na poltrona e, sem protestar, aceitou a xícara que Grant lhe estendeu. Sorveu um pequeno gole e pigarreou.

— Papai não gosta que... isto é, eu nunca havia provado bebida alcoólica.

— E ele estava certo. Não deve beber, a não ser por razões medicinais. É melhor do que essas poções esquisitas que os médicos nos dão para dormir. Um pouco de repouso só lhe fará bem.

Na verdade, o aspecto de Margaret o preocupava.

Se, pela manhã, julgara-a pálida, agora a encontrava cadavérica.

As mãos lhe tremiam visivelmente, e as olheiras se avolumavam, negras, sob os olhos fundos.

Ainda assim, precisou refrear o ímpeto de beijá-la.

A última coisa de que ela necessitava naquele instante, tirando a companhia dos Withers, era de romance.

Enternecido, afagou-lhe os cabelos, como se mimasse uma criança.

E, no final das contas, Meg era pouco mais do que isso...

— Não sei, Grant. Tem cheiro de remédio e um gosto horrível...

— Mesmo assim, beba tudo. Garanto-lhe que fará com que se sinta melhor.

— Você promete que ficará comigo? — a voz dela traiu o medo que a consumia e Grant apertou-lhe a mão, transmitindo-lhe segurança.

— Dou-lhe minha palavra de que velarei seu sono. Mas, primeiro, tome o chá antes que esfrie...

Fora fácil empenhar a palavra de cavalheiro, difícil seria honrá-la.

Grant, porém, não mediria esforços para reprimir seus impulsos e confortá-la.

Meg precisava dele, e isso era mais importante do que tudo.

— Papai me avisou para não confiar em você — Margaret revelou, hesitante.

Em seguida, tomou a bebida de um só gole.

— Mas...? — Grant não teve dificuldade em imaginar o que o ministro diria sobre o assunto.

— Mas ele não está mais aqui. Além disso, até hoje não tive motivo para duvidar de você. E, como meu amigo, é também a única pessoa que se preocupa comigo de verdade.

Grant sorriu e abaixou-se para beijar-lhe a ponta do nariz.

Margaret já havia adormecido.

Diabos!

Tinha ao alcance das mãos uma mulher linda e desejável, e, no entanto, passaria a noite vigiando-lhe o sono, sem sequer tocá-la.

Decididamente, Grant Richardson só podia ter enlouquecido!

CAPÍTULO V

Margaret parou diante da entrada do refeitório, na hora do almoço no dia seguinte.

Não desejava enfrentar os olhares de falsa simpatia dos passageiros, mas também não podia fazer as refeições no camarote até o fim da viagem.

Embora a presença de Grant cochilando na poltrona a tivesse encorajado, ao despertar, ter que defrontar-se com aquelas pessoas hipócritas parecia-lhe além de suas forças.

Respirando fundo, ela por fim decidiu-se a entrar.

— Margaret, querida, fico feliz por ter resolvido juntar-se a nós. Como sabe, o confinamento naquela cabine apertada só iria fazer-lhe mal. Além disso, não seria socialmente adequado... — saudou-a a Sra. Withers, enquanto o marido puxava a cadeira para a recém-chegada acomodar-se.

— Sra. Withers, enterrei meu pai ontem. A última coisa que me preocupa, neste momento, é minha falta de sociabilidade... — replicou com frieza.

— Pobre criança, ainda está muito perturbada. É natural... mas pode contar conosco para ajudá-la a atravessar essa fase de luto — ofereceu-se a insensível matrona, dando tapinhas leves sobre a mão de Margaret.

— Afinal, ficou sozinha no mundo...

— Acho que a senhora já enfatizou esse ponto o suficiente ontem, mamãe — interrompeu-a Caroline, já que o pai fingira não perceber o olhar de preocupada

advertência do capelão.

— Margaret, você se sentou longe de mim. Por que não ocupa esta cadeira ao meu lado? Tenho tantas novidades para lhe contar...

— Bobagem, Caroline! — protestou a mãe.

— O que poderia ter acontecido com você desde a última vez em que viu Margaret, ontem? — a pergunta era meramente acadêmica, pois a Sra. Withers não só não esperava qualquer resposta como também não sentia o menor interesse em conhecê-la.

— Srta. Prescott, eu também estou muito contente por ter vindo almoçar conosco — o capelão proferiu.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer para consolá-la, não hesite em me procurar. Talvez devêssemos rezar juntos na capela, o que acha?

— Muito obrigada, reverendo Mayfield — Margaret agradeceu, genuinamente comovida com a atenção. Pelo menos o clérigo se mostrava sincero e desinteressado.

— Eu aceito a sugestão.

— Ótimo, ótimo! — aplaudiu a Sra. Withers com impaciência.

— Agora diga-me, querida. Já teve oportunidade de refletir sobre a minha proposta de ficar conosco? Tornaria tudo tão mais fácil para você, meu bem...

Caroline endereçou um olhar de censura à mãe.

Mesmo ela, tão fútil e superficial, seria incapaz de tamanha falta de sutileza.

— Falando francamente, Sra. Withers, eu vim ao refeitório apenas para a refeição. Não pretendia submeter-me a uma preleção sobre as minhas chances de encontrar um emprego. De forma alguma me sinto preparada para discutir sua oferta, embora reconheça que foi feita com a melhor das intenções.

— Bem, é claro que eu só visava ao seu bem...

— Prometo comunicar-lhe assim que tomar uma decisão a respeito — Margaret declarou com tranquilidade.

Ela própria se espantou com o tom sereno de sua voz, quando um suor de puro nervosismo lhe encharcava as palmas das mãos.

No entanto, aquele instante era decisivo e não poderia falhar.

Se não tomasse uma atitude firme, aquela "megera", como diria Grant, nunca mais a deixaria em paz.

— Se a senhora insistir em bater na mesma tecla, serei forçada a escolher outra mesa. Por hora, tudo o que posso afirmar é que seguirei até Southampton. Depois disso, só Deus sabe...

— E Ele, tenho certeza, irá iluminar o seu caminho — acrescentou o capelão.

— Espero que sim, e rápido — retrucou a mãe de Caroline com expressão irada.

— Como decerto não ignora, o cargo não permanecerá vago por muito tempo...

— Seja como for, ainda não estou em condições de refletir com bom senso. Detestaria agir de forma precipitada e acabar por desapontá-la, Sra. Withers — Margaret concluiu.

Percebia ter vencido a primeira batalha por sua independência, o que lhe causava uma sensação de alívio e orgulho.

Ao ver Grant acomodar-se à sua mesa costumeira, sorriu-lhe com discrição.

— Concordo com você — Caroline aplaudiu.

— Agora, é melhor mudarmos de assunto. Já lhe contei sobre a compra que fiz em Sayhut? Não? Ora, você precisa ver que maravilha de brocado eu encontrei por uma pechincha! Dará um traje digno de uma rainha! Afora isso, trouxe vários cortes de seda. Pretendo fazer uns vestidinhos leves para os meus chás em Alexandria. Oh, que pena! Eu devia ter providenciado roupas para você, mas eu estava tão abalada com os tristes acontecimentos que nem me lembrei...

Alguns dias mais tarde, Margaret seguiu Grant, que se mostrava irritantemente silencioso, através dos corredores estreitos.

Ela já estava pronta quando ele bateu na porta de seu camarote, conforme Grant lhe havia instruído horas antes.

Agora, porém, a curiosidade a estava matando.

— Grant, onde está me levando em plena madrugada? Não tem medo de que nos surpreendam? Justo você, que vive dizendo que não seria bom para a minha reputação se nos vissem juntos... — Margaret cochichou, impaciente.

— Shhh, linda senhorita, não confia em mim? — Grant indagou, embora conhecesse a resposta.

Num gesto delicado, segurou-lhe a mão esguia e abraçou-a.

Jamais se cansava de aspirar-lhe o perfume suave, de sentir-lhe o calor do corpo sedutor, de contemplar-lhe os olhos azuis e embevecê-lo com seu incomparável sorriso.

— Claro que confio, Grant — ela admitiu rindo baixinho, correspondendo ao abraço.

— Mas você sabe o quanto sou curiosa, ainda mais quando você me prometeu uma agradável surpresa.

— Então, Srta. Curiosidade, feche os olhos e aguarde por mais alguns instantes... — Grant comandou, erguendo-a no colo com facilidade.

Em seguida, abriu a porta para o convés e caminhou com passos rápidos até chegar a seu destino, onde depositou o corpo leve de Margaret sobre macias almofadas.

— Muito bem, abra os olhos e diga-me o que acha...

Margaret obedeceu, examinando os arredores com perplexidade.

Grant a levava para um canto do convés onde jamais estivera antes.

A poucos passos, espalhava-se uma série de equipamentos estranhos, além de baldes e pilhas de caixas.

— Não sei, Grant. Que lugar é este e por que me trouxe aqui?

— Esta parte do convés é reservada à tripulação. Só é permitida a entrada dos marujos e de convidados especiais. Julguei que gostaria de apreciar o nascimento do sol e tomar o desjejum ao ar livre...

— Gostar? Eu vou *adorar*! — Margaret exclamou, torcendo as mãos com euforia.

Grant ficou satisfeito ao constatar que sua estratégia para reanimá-la havia funcionado.

No fundo, todavia, assustava-o a maneira como aquela moça lhe dominava os pensamentos.

Seria capaz de fazer qualquer coisa por ela, e não se fartava de sua companhia.

Pior do que isso, nos últimos dias se pilhara imaginando como seria passar o resto de sua vida ao lado de Meg.

Pura tolice, pois um homem com seu passado duvidoso e um futuro incerto não teria

a menor chance de se casar com quem quer que fosse...

— As únicas vezes em que vi o sol nascer era quando o calor não me deixava dormir ou quando passava a noite ajudando meu pai a cuidar de algum doente... — Margaret confidenciou, brindando-o com um daqueles sorrisos que o enlouqueciam.

— Você é tão bom para mim, planejando essa aventura...

— Aventura?

— Claro! Testemunhar o surgimento de um novo dia, repleto de sonhos e de promessas ainda não formuladas. O fato de partilharmos esse momento mágico tornará cada minuto mais especial...

O entusiasmo dela o estava contagiando e Grant sentiu-se descontraído, quase feliz.

Meg conseguia tocá-lo no âmago, comovendo-o até a alma, como ninguém mais soube fazê-lo desde a morte de Monique Dosant Richardson.

— É uma pena que você não tenha conhecido minha mãe, Meg. Vocês duas teriam se dado muito bem. Havia uma aura de vivacidade e alegria em torno dela, um jeito de saborear a vida com gosto, aproveitando cada experiência, mesmo as ruins, com extrema sensibilidade — a voz de Grant soou embargada.

Ainda lhe doía rememorar a perda dos pais.

Antes de sua catastrófica morte, a pouco convencional dançarina francesa dedicara ao marido um amor sem paralelos.

Seria possível que a filha de um pastor fizesse o mesmo por ele?

Lendo uma profunda tristeza nos olhos negros de Grant, Margaret apertou-lhe a mão com simpatia, e ele retribuiu o gesto carinhoso.

Esta é uma amizade verdadeira... ou algo mais?, ela se perguntou, entregando-se à extasiante sensação que a proximidade física de Grant lhe proporcionava.

De repente, o céu começou a iluminar-se e a encher-se de cores suaves.

Os dois pararam de falar e contemplaram o deslumbrante espetáculo.

Em poucos minutos, o sol apareceu e os abençoou com seu calor.

Margaret suspirou.

— Foi... magnífico!

Grant levantou-se e, tirando de uma cesta de vime uma garrafa de champanhe e duas taças de cristal, sugeriu:

— Vamos brindar ao nascimento? Temos pão e queijo, se estiver com fome...

— Oh, Grant! Estou tão emocionada! Será um dia esplendoroso, tenho certeza... — Margaret comentou, aceitando a taça borbulhante.

— A alegria de recomeçar! Que jamais deixe de nos trazer felicidade!

— Assim seja... — Grant murmurou, contente com o ruído das taças batendo uma na outra.

Era tão fácil e simples fazer Meg feliz...

Estendida sobre a espreguiçadeira, naquela tarde, Margaret foi despertada de seu modorrento devaneio pela voz esganiçada da Sra. Withers.

Caroline havia escolhido um ponto estratégico para descansar, abrigada do sol e exposta aos olhares ávidos dos rapazes que desfilavam pelo convés.

Durante horas, discorrera sobre moda, o que permitiu a Margaret fechar os olhos e desligar-se de sua tagarelice.

— Francamente, menina, não sei o que está acontecendo com você. Todas as vezes que vem para o convés, acaba dormindo e nem ouve o que lhe dizemos! Acho que pedirei ao medico que a examine e lhe receite um tônico — a matrona sugeriu, pensativa.

— Não gostaria que você, nem Caroline, voltasse à Inglaterra com uma dessas doenças exóticas tão comuns na Índia...

— Oh, não se preocupe — Margaret sorriu.

— Eu estou bem. Deve ser efeito da brisa marinha de manhã e à tarde. À noite...

— Não me diga que você tem perambulado sozinha pelo convés à noite! — escandalizou-se a Sra. Withers.

— Isso não seria nada bom para sua saúde e principalmente para a sua reputação. Eu jamais me perdoaria se alguma coisa lhe acontecesse.

— Não, claro que não — Margaret mentiu, cruzando os dedos disfarçadamente.

Bem, de certa forma era verdade, pois não costumava andar *sozinha* pelo convés.

— O que eu ia dizendo é que não tenho dormido bem à noite. Assim, é natural que sinta sono durante o dia...

Alem disso, esta madrugada fiquei acordada junto com Grant, esperando o raiar do sol, ela acrescentou mentalmente, experimentando um delicioso arrepio de excitação.

— Já tentou beber uma xícara de leite quente antes de se deitar? É um santo remédio. Ou, talvez, aquelas poções miraculosas do médico...

— O que Margaret precisa é de distração, mamãe, e eu também — Caroline interveio. Começava a entediar-se com a viagem.

Já flertara com todos os rapazes a bordo e não sentia mais o menor interesse por eles.

O único com quem não obtivera sucesso era Grant Richardson.

— A senhora providenciou uma passadeira para o meu vestido de cetim? Tem certeza de que estará pronto antes de chegarmos a Alexandria?

— Sabe, você me deu uma excelente idéia, minha filha. Quem sabe Margaret apreciaria um vestido novo? Podíamos dar-lhe aquele cinzento que você só usou uma vez e pôs de lado, alegando que o modelo a faz parecer mais velha. A Sra. Edming, a passadeira, poderia ajustá-lo para ela...

— Não, muito obrigada, Sra. Withers. Tenho roupas suficientes...

— Não seja tola, criança. Aceite essa pequena lembrança como prova de nossa estima. Se você decidir se tornar dama de companhia de Caroline, necessitará de trajes apropriados — ao ver Margaret franzir a testa, a matrona apressou-se a acrescentar: — mas, se resolver o contrário, ainda assim será bom possuir um vestido de boa qualidade e em acordo com a última moda. Pensando bem, Caroline deve ter pelo menos uma dúzia de peças que não usa mais...

— Mãe! A senhora não pode "doar" as minhas coisas para Margaret como se ela necessitasse da nossa caridade!

Margaret não soube precisar se o protesto da moça se devia à solidariedade para com seus sentimentos ou ao desagrado em abrir mão de seus preciosos trajes.

— Fico-lhe muito grata, mas sou obrigada a recusar — replicou com determinação.

No fundo, porem, a idéia de ter algo novo para vestir lhe parecia tentadora.

— Está certo. Deixemos o guarda-roupa de minha filha de lado. Mas o cinzento eu

faço questão de lhe dar. Afinal, é uma cor que combina com o seu luto. A Sra. Edming não demorará mais do que dois ou três dias para reformá-lo.

— Agradeço, mas...

— Sem discussão, Margaret, assunto encerrado. Caroline, vá buscar o seu livro de modelos para escolhermos um bem prático e sóbrio para a Sra. Edming copiar. Aqueles babados e laços só iriam atrapalhar Margaret.

Margaret sacudiu a cabeça e suspirou.

Não importava quantas vezes repetisse "não", a Sra. Withers não a ouviria.

Só lhe restava folhear o livro, sabendo que, no final, sua opinião seria ignorada.

De qualquer forma, um vestido novo era um luxo que suas parcas economias não poderiam sustentar. Que mal havia em aceitar um presente?

Ao seu modo, a Sra. Withers a estimava.

— Muitíssimo obrigada a vocês duas. É muita gentileza se preocuparem comigo.

Gentileza coisa nenhuma, elas estão é tentando comprar uma escrava!, pensou Grant Richardson ao passar pelo trio.

— Preciso vigiar essa garota de perto, caso contrário essas bruxas irão devorá-la... — ele resmungou consigo mesmo.

Não lhe ocorreu questionar por que se importava tanto com os problemas da filha do reverendo Prescott...

— Você parece tão nervoso, Grant! O que houve? — indagou Margaret, quando ele a conduzia de volta ao camarote, após o passeio noturno.

— Mal falou meia dúzia de palavras, e seus passos eram tão ligeiros que eu mal consegui acompanhá-lo. Eu fiz alguma coisa para aborrecê-lo?

— Estes corredores, mesmo quando desertos, não são o lugar ideal para discutir assuntos pessoais — ele retrucou com frieza, arrependendo-se de imediato ao ver a angústia transtornar-lhe os belos olhos azuis.

Não suportava magoá-la.

Seria capaz de matar quem quer que se atrevesse a ofendê-la e, no entanto, não conseguia refrear o próprio temperamento instável e a fazia sofrer.

Isso era injusto para com Meg e para consigo mesmo.

Num impulso, abraçou-a e beijou-a com delicadeza.

Percebeu que, em seus braços, Margaret relaxou da tensão que lhe infligira sem querer.

— Não, doce Meg, você nunca me aborrece. Contudo, confesso estar preocupado. Convide-me para uma xícara de chá em seu camarote e eu lhe contarei tudo.

A proposta não era inusitada.

Mais de uma vez, desde a morte do pai, Margaret recebera-o para conversar na cabine.

Em geral, Grant ficava até ela conciliar o sono.

Todavia, essa noite ela pressentia-lhe uma insólita agitação e hesitou.

Introduziu a chave na fechadura, tomada por uma estranha inquietude.

Jamais tivera consciência da masculinidade dele como naquele momento, e o fato a perturbava.

Ao fitar-lhe o semblante carregado, porém, toda a inquietação se desvaneceu.

Contara com Grant quando precisara dele, e não lhe faltaria agora que ele necessitava de seu auxílio.

— Você é sempre bem-vindo — respondeu, abrindo a porta para deixá-lo entrar.

— Damas primeiro — Grant gracejou, fazendo questão de ser o segundo a ingressar no aposento.

Como um perfeito cavalheiro inglês, ajudou-a a despir o casaco.

Em seguida, menos cavalheirescamente, começou a retirar os grampos que lhe prendiam os cabelos. Uma onda de desejo invadiu-o com violência.

Que absurdo nutrir pensamentos lúbricos quando Meg lhe sorria com angelical inocência...

— Por que me olha assim, Grant? — ela riu, um tanto assustada.

Grant não respondeu.

Ao invés, voltou a tomá-la nos braços e a beijou com voracidade incontida.

Seu corpo inteiro ansiava pelo dela!

Nada lhe importava naquele momento, a não ser mantê-la junto de si!

Dever, regras sociais, o tio Thomas e os Withers que fossem todos para o inferno!

Por seu turno, Margaret sequer parou para pensar na maneira instintiva com que se entregava às ousadas carícias de Grant.

Adorava as batidas aceleradas de seu coração, o tremor que se apossava de suas pernas, e queria mais. Queria corresponder, queria proporcionar-lhe uma emoção que rivalizasse com a que ela própria experimentava.

Suspirou ao constatar que seus seios se intumesciam e uma umidade morna aquecia os recantos mais íntimos de sua feminilidade.

Aquilo era magia, era paixão, uma verdadeira dádiva de Deus aos seus filhos.

Grant deslizou os lábios pelo pescoço alvo de Margaret, acendendo mil fogueiras à sua passagem.

Com as mãos, agarrava-lhe os cabelos revoltos quase com desespero.

Ela gemia, em êxtase, até sentir que Grant colara a boca em seu seio, sobre o vestido.

Ele nunca se atrevera a tanto, e, alarmada, ela despertou do transe.

— Pare, Grant, por favor. Nós não podemos... — objetou com debilidade, sem saber ao certo até onde ele pretendia chegar e nem um pouco preparada para descobri-lo.

— Por que não? Eu lhe desagrado?

— Não é isso, é que... acho que esse tipo de prazer é prerrogativa exclusiva do casamento... — replicou, afastando-se com passos trôpegos para sentar-se na poltrona.

— Mas você admite que gosta das minhas carícias? — ele insistiu, ainda sob o impacto do desejo não satisfeito, acomodando-se sobre o braço da poltrona.

Com ternura, segurou-lhe a mão antes de revelar: — Na verdade, Meg, era justamente sobre casamento que eu queria lhe falar.

— Casamento? — ela escancarou os olhos, incrédula.

— Comigo?

— Bem, nós poderíamos conversar sobre o noivado que meu tio Thomas arranhou para mim, mas eu prefiro não lembrar disso agora — ele murmurou, rindo.

— Prefiro... propor-lhe que se torne minha esposa. Sei que minha reputação não é

das melhores. As portas de muitos salões se fechariam para você, se aceitasse desposar-me... — advertiu-a com honestidade.

Ao ver que ela não respondia, acrescentou:

— Contudo, nós nos importamos um com o outro, então, por que não? Que outra opção você tem, além de se tornar criada de Caroline Withers?

Margaret dirigiu-lhe um olhar chocado.

— Você se importa comigo? E quanto ao amor? — explodiu, erguendo-se do sofá e distanciando-se o máximo possível no camarote exíguo.

— Você não disse uma só palavra sobre amor! Não serei a sua boa ação do dia, Grant Richardson, a pobre e solitária órfã que você recolheu com o único intuito de mostrar a seu tio o quanto seu coração é generoso!

— Mas, Meg, isso nem me passou pela cabeça!

— Por que outro motivo você me pediria em casamento? A não ser que a moça que o "tio Thomas" lhe destinou seja mais repugnante do que eu!

— Eu a amo de verdade, Meg. Ou, pelo menos, acho que sim. Eu nunca amei antes, e não sei dizer com certeza que sentimento é este que me impele a cuidar de você pelo resto da vida... — Grant desabafou com sinceridade.

Depois calou-se por alguns instantes, incerto sobre como continuar o discurso.

Ela era tão vulnerável e sofrera tanto nos últimos dias, não seria justo causar-lhe aflições ainda maiores. — Mesmo que você não me ame, suplico-lhe que reflita sobre a minha proposta — o tom de voz traía-lhe o desapontamento de ver desvanecer-se a única chance de felicidade que a vida lhe dera.

— Como minha esposa, você não teria que depender das sobras do guarda-roupa de Caroline...

— É esse o conceito que faz de um compromisso tão sério? — Margaret não podia acreditar nos próprios ouvidos.

— Acha mesmo que eu o aceitaria apenas para possuir vestidos bonitos? Ou está com ciúme porque aceitei um presente dos Withers quando recusei os que me ofereceu? Para sua informação, Grant Richardson, eu ainda não estou sendo leiloada! Não precisa elevar o preço, pois não conseguirá arrematar-me!

— Meg...

— Nunca fui tão insultada!

— Suplico-lhe que me ouça, Meg! Sei que fui desajeitado, escolhi as palavras erradas, mas a verdade é uma só: eu a amo e a quero para minha mulher. Perdoe-me se não soube como dizê-lo da maneira correta, mas não é fácil para mim... — ele confessou, elevando o tom de voz.

Grant está nervoso outra vez, Margaret pensou, confusa.

Se ele a amava, o futuro seria maravilhoso, perfeito!

Mas, então, por que não expressou seus sentimentos desde o princípio?

Não, Grant só podia estar mentindo.

— Lamento muito, mas devo recusar — ela declarou, lutando para esconder a relutância com que tomava tal atitude.

— Peço-lhe que saia agora. Quero ficar sozinha.

— Mas eu...

— Agora — ela insistiu com determinação, abrindo a porta.

Em seu Íntimo, porem, sua vontade era correr para os braços dele.

— Já passou da hora de nos despedirmos, não acha?

— Ora, dane-se o seu orgulho, Meg. Sei que não está sendo sincera — ele acusou-a, enraivecido.

Se houvesse um meio de trazer um pouco de bom senso para aquela cabecinha oca...

— Não percebe que me preocupo com tudo o que lhe acontece?

— Pois procure outra pessoa com quem se preocupar, Sr. Richardson. Não preciso da sua caridade — ela concluiu, empurrando-o para fora e fechando a porta.

Do corredor, Grant pôde ouvir-lhe os soluços espasmódicos.

Desesperado, considerou a possibilidade de arrombar a porta.

Por fim, desistiu, reconhecendo que qualquer esforço resultaria inútil diante da irritante teimosia de Margaret Prescott.

Talvez fosse melhor assim. Já tinha problemas demais com que se ocupar, não era necessário piorar a situação através do casamento.

Furioso, Grant afastou-se pela galeria, sem sequer desconfiar de que era observado por Caroline Withers.

A moça acompanhou-o com o olhar, atônita.

Grant Richardson saindo do camarote de Margaret em plena madrugada?

Quem diria!

E todos acreditando que ela fosse uma "pobre e ingênua garota"...

Ah, sua mãe precisava tomar conhecimento do fato, e com urgência.

Pena que o vestido cinzento já tivesse sido cortado...

Na manhã seguinte, bem cedo, o capitão Short entrou no refeitório da primeira classe.

Suas inspeções de surpresa em vários pontos do navio vinham surtindo o efeito desejado.

A viagem transcorria da melhor maneira possível, e ele sentia ter tudo sob controle agora que o reverendo Prescott fora sepultado e a filha reagia de forma exemplar.

Satisfeito, acenou para as famílias que já haviam chegado para o desjejum.

— Capitão Short, oh, capitão, que bom encontrá-lo! — uma voz feminina esganiçada interrompeu-lhe os pensamentos repletos de auto-admiração.

— Acabei de tomar conhecimento de uma situação terrível, que exige sua intervenção!

Ian Short voltou-se com um sorriso polido afivelado nos lábios.

Por baixo da máscara, porem, havia irritação.

Que direito tinha aquela mulher de lhe estragar a manhã?

Só podia mesmo tratar-se da inoportuna Sra. Withers, que se levantava da mesa e caminhava em sua direção, atraindo a atenção dos demais passageiros.

— Ah, muito bom dia, minha cara senhora — ele saudou-a com fingida simpatia.

— Permita-me levá-la a um local apropriado para discutirmos o que a está aborrecendo.

— Oh, capitão, receio que este assunto não possa esperar até alcançarmos um lugar com maior privacidade... — ela replicou, em tom ainda mais elevado, embora não fosse

necessário, pois o oficial se encontrava a seu lado.

Era óbvio que desejava ser ouvida por todos.

— Nesse caso, podemos ir até o convés... — Short sugeriu, embora já desconfiasse que não resolveria o dilema com facilidade.

— Ora, não há razão alguma para não conversarmos aqui mesmo, até porque o tema é do interesse de qualquer pessoa que tenha um mínimo de decência! — insistiu Marjorie Withers, destilando veneno por todos os poros.

— Mas, minha senhora...

— Ouça-me, capitão, e concordará comigo. Como chefe da tripulação deste navio, cabe-lhe resolver tudo o que acontece a bordo. Sei que não falo apenas por mim quando lhe afirmo que me sinto ultrajada com o comportamento indigno *daquele* homem! — a matrona declarou, apontando para Grant Richardson.

Grant dirigiu-lhe um olhar indiferente sobre a xícara de café, pouco se importando com a mulher e suas acusações.

— Por favor, minha prezada Sra. Withers! Não posso admitir que insulte outros passageiros publicamente! — Short advertiu-a.

— Oh, é mesmo? E se eu provar que é esse "cavalheiro" quem nos está insultando com a forma repugnante como vem assediando a pobre Srta. Prescott, uma moça ingênua que acabou de perder o pai? A esta altura, só Deus sabe até onde ele chegou, aproveitando-se da inocência da garota! Minha filha acabou de me contar que, durante a madrugada, como não conseguia dormir, resolveu ir até o camarote de Margaret para ver se a amiga precisava de alguma coisa. Qual não foi sua surpresa ao ver esse "senhor" saindo sorrateiramente da cabine dela! O que podemos deduzir disso, hein? Certamente, capitão, pesa sobre seus ombros alguma responsabilidade sobre a órfã do reverendo Prescott, que viaja desacompanhada por não ter mais ninguém no mundo!

A matrona inglesa prosseguiu o discurso no mesmo tom arrebatado, orgulhosa com seu desempenho do papel de guardiã da moralidade e defensora dos órfãos desprotegidos.

Ninguém mais, porém, lhe prestava a menor atenção.

Assim que o incidente do camarote foi revelado, instalou-se uma confusão generalizada.

Ian Short, pela primeira vez em sua carreira, receou não conseguir controlar a situação, tornando-se vítima de um motim.

Todos iriam rir à custa dele.

"Imaginem, um motim no refeitório da primeira classe!

"Só mesmo com o imbecil do Short".

Urgia tomar uma atitude, pois não suportaria ser alvo da chacota de seus pares...

Grant Richardson era o único que permanecia calmo e distante, como se o caso não o envolvesse.

O capitão contemplou-o, desgostoso.

No Íntimo, não acreditava no que se dizia a respeito dele e até admirava-lhe os ternos bem talhados, os modos aristocráticos e superiores.

Contudo, Marjorie Withers lograra mobilizar a opinião pública contra o rapaz, e agora todos cobravam uma punição para o "inescrupuloso conquistador".

Os ânimos já haviam alcançado o clímax da exaltação quando Margaret Prescott surgiu na porta do salão de refeições, a tempo de ouvir o final do sermão da Sra. Withers.

Com passos dignos, a jovem caminhou na direção do capitão e da mãe de Caroline, seguida por um silêncio carregado de tensão e por olhares entre penalizados e curiosos.

— Muito obrigada pelo interesse, Sra. Withers. Contudo, receio que com uma amiga tão dedicada por perto, uma moça tenha dificuldades para encontrar um marido... — Margaret proferiu, forçando-se a rir.

— Marido?! — a matrona ecoou, espantada.

— Exatamente. O Sr. Richardson foi ao meu camarote ontem à noite para pedir a minha mão em casamento. E eu aceitei.

Ignorando o burburinho que sua declaração provocou, Margaret dirigiu-se para a mesa de Grant e acenou para o garçom trazer-lhe uma cadeira, fingindo não perceber a expressão divertida no olhar de seu "noivo".

Grant, por seu turno, levantou-se e cedeu seu lugar a Margaret.

— Bom dia, querido. Desculpe o meu atraso. Ainda bem que teve o bom senso de começar sem mim. Você pediu o café para dois? — ela indagou em tom audível o suficiente para que a escutassem.

— Não, eu... não fazia idéia... do que você gostaria de comer — Grant inventou, filando-a com expressão de interrogação.

— Capitão, o senhor vai permitir esse ultraje? — a Sra. Withers voltou à carga, recobrando-se do choque.

— Bem, de fato... um casal de noivos viajando sem acompanhante é algo um tanto irregular — Short comentou, fingindo entender mal a objeção da matrona.

— Contudo, tenho autoridade suficiente para casá-los a bordo, se não quiserem esperar até chegarmos à Inglaterra.

— Não foi isso o que eu quis dizer!

— Ah, não? Então estava se referindo ao fato de o Sr. Richardson não saber o que a noiva gosta de comer pela manhã? — o capitão revelava exasperação em cada sílaba.

— A senhora de certo admite que a ignorância do Sr. Richardson acerca desse detalhe vem apenas comprovar a virtude da Sra. Prescott e a probidade de seu noivo.

— Não se faça de desentendido, capitão! — a Sra. Withers protestou.

— Como pode concordar que uma moça tão doce quanto Margaret se case com um homem da laia de Richardson?

— Parece-me, Sra. Withers — Margaret interveio com secura —, que a senhora já falou demais.

— Mas, meu bem, você não conhece nada a respeito desse rapaz! Nós, ao contrário, ouvimos poucas e boas sobre a conduta dele...

— Eu conheço Grant Richardson, e isso me basta. O que pensam ou dizem dele não me interessa.

— Mas, Margaret...

— Eu já decidi, e não voltarei atrás — ela anunciou em tom categórico.

— Tenho idade suficiente para fazer o que quiser, e eu quero me casar com Grant.

— Quanto à sua generosa oferta de officiar o nosso casamento, capitão, nós lhe ficamos muito gratos mas preferimos uma cerimônia adequada numa igreja em Alexandria

— Grant apressou-se a acrescentar, para não dar tempo a Sra. Withers de prosseguir a discussão.

Não que Meg necessitasse de sua ajuda, pois estava se revelando uma oponente respeitável.

— Eu... tenho amigos lá que gostariam de comparecer ao enlace — concluiu com naturalidade, sem demonstrar ter percebido o olhar perplexo de Margaret.

— Como quiser — Short replicou com benevolência.

Não era da sua conta se a jovem Prescott resolvera atirar sua vida social na lata de lixo.

Como ela mesma observara, já não era nenhuma criança e podia compreender as implicações daquele casamento.

Se era aquilo o que desejava, então que fosse feliz.

Afinal, não seria um negócio tão ruim assim.

O reverendo falecera deixando-a sozinha e sem dinheiro.

Embora a reputação pessoal de Grant fosse das piores, a família Richardson era bem conceituada e muito rica.

Entre ser criada dos Withers e herdeira dos Richardson, ele só podia aplaudir a escolha de Margaret.

A despeito de a Sra. Withers ainda resmungar, os demais passageiros retornaram ao desjejum, tranquilizados com a notícia de casamento.

A ameaça de motim fora afastada por aquela encantadora moça, e ele já podia voltar aos seus afazeres. E não seriam poucos, aquele dia.

Em breve cruzariam o Canal de Suez, uma travessia perigosa que requereria toda a sua atenção. Definitivamente, não dispunha de tempo para bancar a ama-seca de garotas órfãs.

— Aceitem meus cumprimentos, senhor, senhorita...

Depois de lançar um olhar de advertência para a matrona que lhe conturbara a manhã, o capitão se retirou.

Logo em seguida, foi a vez dos Withers.

Marjorie foi na frente, com o marido, enquanto Caroline caminhava devagar, ruminando sua inveja de Margaret.

— Bem, Srta. Prescott... — Grant dirigiu-se à "noiva".

— Devo admitir que você sempre me surpreende. Ontem à noite, eu jurava que você ficaria feliz com o meu pedido e, no entanto, acabei sendo expulso de seu camarote. Hoje, quando eu imaginava que sequer falaria comigo, anuncia o nosso noivado. Não que eu não fique deliciado com qualquer coisa que faça, já que a amo tanto. Todavia, gostaria que tivesse me comunicado que eu era um homem de sorte antes de contar a esse bando de hipócritas...

— Não seja bobo, Grant. Alguém tinha que fazer alguma coisa para salvar a minha reputação — ela replicou, roubando uma torrada do prato dele.

Fingindo concentrar-se em besuntá-la com geléia, tentava controlar as batidas aceleradas de seu coração.

Grant dissera que a amava com toda a espontaneidade, sem ser pressionado por ela ou pelas circunstâncias! Então, seria verdade?!

— Nesse caso, por que é que estou com a sensação de que a reputação que tentava salvar era a *minha*! — Grant indagou, os olhos negros brilhando, divertidos, enquanto tomava a torrada das mãos dela para acrescentar marmelada antes de devolvê-la.

— Bem, não importa que bom nome estivesse sob ameaça, alguém tinha que tomar um providencia — Margaret murmurou e deu uma mordidela na torrada.

— Qualquer coisa que eu dissesse para defendê-la só pioraria as coisas para você, além de soar como uma admissão de culpa... minha e sua. Assim, julguei que o mais sábio seria guardar um desdenhoso silêncio — Grant explicou, enternecido com o entusiasmo infantil com que Meg devorava a torrada.

— Oh, mas eu não culpei você, Grant — ela rebateu, permitindo que ele lhe segurasse uma das mãos.

— E acho que tem razão. Pessoas como aquelas não merecem outra coisa além do nosso desprezo. Talvez tenha agido impulsivamente, deixando que a raiva me guiasse. Mas é que a Sra. Withers tanto fez que acabou me enfurecendo...

— Entendo... foi a raiva que a impeliu a aceitar minha proposta de casamento, não a paixão... — ele concluiu, um sorriso maroto brincando em seus lábios.

Margaret abaixou os olhos, enrubescida.

— Diga-me, Meg. Você aceitou de verdade a minha oferta ou apenas quis irritar a Sra. Withers?

Ela refletiu por alguns instantes.

— Eu acredito que... aceitei de verdade. Isto é, se você ainda me quiser. Eu o amo desde o primeiro momento em que o vi, no porto de Calcutá. Pobre Sra. Withers, devo ser-lhe grata por ter-me dado a chance de descobrir a verdade sobre meus sentimentos. Sem a interferência dela, talvez nunca percebesse o quanto desejo tornar-me sua esposa, Grant...

Aquela resposta lhe valeu o sorriso mais encantador que já vira.

Quanto a Grant, não podia se lembrar de ter experimentado uma emoção tão avassaladora.

O passado, carregado de lembranças tristes e desagradáveis, já não lhe pesava.

Era como se nunca tivesse existido, diante de um futuro tão repleto de promessas.

— Eu serei bom para você, Meg,

— Tenho certeza disso.

— Garota inteligente — Grant riu, feliz como ura menino.

Ele provaria a Meg que, a despeito do que todos comentavam, ela fizera a escolha acertada.

CAPÍTULO VI

Grant Richardson e sua futura esposa observavam, do recanto no convés onde costumavam encontrar-se às escondidas, a travessia do estreito Canal de Suez, obra-prima da engenharia moderna, sob o causticante sol egípcio que brilhava, impiedoso, no céu sem nuvens.

Os noivos se entreolharam, sorrindo, partilhando uma inebriante sensação de aventura.

— Quem pensaria que algo assim poderia nos acontecer? — Margaret indagou com suavidade, os olhos brilhantes de excitação escrutinando a movimentação das pessoas em terra firme.

Mulheres descalças, envoltas por metros e metros de tecido caminhavam sozinhas, carregando jarros de água na cabeça, homens e bois aravam as plantações, e ocasionais viajantes trafegavam sobre camelos. A cena imediatamente evocou-lhe as gravuras do Velho Testamento, e ela se sentiu transportada no tempo, contemplando a vida da maneira como se desenrolara séculos antes.

— Embora morando à beira de um canal que é um verdadeiro milagre moderno, essa gente preserva os mesmos hábitos e roupas de mil anos atrás! — exclamou.

— Felás — Grant comentou em tom distraído, apertando-lhe a mão de leve.

— Os camponeses são chamados de felás. Tem razão, esses trajes têm sido a última moda desde a antiguidade. Quanto a este canal, construído há doze anos, a idéia de uma via navegável pelo Istmo de Suez era um sonho que remontava à era dos faraós. A única diferença é que o canal feito pelos reis antigos tinha por objetivo ligar o Mar Vermelho ao Rio Nilo. Mas decerto isso não é novidade para você. Não foi por esta rota que chegou até a Índia?

— Não, nós viajamos num velho navio que seguiu pelo Cabo da Boa Esperança.

— Neste caso, irá aproveitar ainda mais a experiência — Grant replicou, entusiasmado com a perspectiva de rever tudo como se fosse a primeira vez através dos olhos da mulher sensível e inteligente que em breve se tomaria sua esposa.

Examinando campos cultivados, impressionou-se com o solo fértil em que se transformaram as areias do deserto desde a sua última viagem.

Novas cidades floresciam e era evidente que a população continuaria a crescer.

— É, os franceses fizeram um trabalho danado de bom, aqui — comentou com certo desdém, acariciando a mão de Margaret de forma casual, quase sem perceber.

— Você se refere a Ferdinand de Lesseps?

— Exato. Ele é praticamente o único responsável pela criação desta rota. Garanto-lhe que não foi nada fácil. Só Deus sabe quantos rochedos precisou dinamitar e quantos obstáculos teve que vencer para unir as águas do Mediterrâneo às do Mar Vermelho, utilizando os charcos do Lago Menzala e os leitos secos das lagoas desérticas. Trata-se de uma obra monumental, como você pode avaliar com os próprios olhos.

— Eu não imaginava que o meu noivo possuísse tantos conhecimentos — Margaret elogiou-o com sincera admiração.

— É, bem... há uma porção de coisas a meu respeito que você ainda não sabe — Grant retrucou.

Quando a veracidade daquelas palavras o atingiu, o sorriso desapareceu de seus lábios.

Contudo, a euforia de Margaret ao apontar para um bando de flamingos que passava em revoada acabou por contagiá-lo, restaurando-lhe o bom humor.

— O que eu não consigo entender — ela comentou, pensativa, fitando um agrupamento de choupanas de tijolos de barro —, é por que a Inglaterra detém a maioria das ações da via navegável egípcia, cujo projeto foi realizado por um francês, e que é hoje administrada por uma companhia francesa.

— Você conhece o Império. Embora a Grã-Bretanha tenha se manifestado contra o canal desde o começo, ao vê-lo construído não se conformou com a possibilidade de deixar o controle de Suez nas mãos de outro país, o qual poderia até negar aos navios ingleses o acesso à Índia, a mais preciosa jóia da coroa de Sua Majestade — Grant observou com ar sério.

— Quando o quediva anterior, Ismail, quase levou o governo egípcio à bancarrota, foi obrigado a colocar suas ações do canal no mercado. Disraeli, astuto como sempre, fez um empréstimo com Rothschild e assegurou a compra. O resto é história. A Inglaterra tornou-se sócia majoritária, para desespero da França.

— Mas... e quanto aos egípcios? — Margaret perguntou com indignação.

— Eles não têm voz ativa na administração de um canal construído em suas terras?

— Não muita — Grant respondeu com secura.

— E é aí que está o problema. A Inglaterra está tentando exercer um controle ainda maior. Não preciso dizer que os franceses e os nativos não gostam nem um pouco disso. Em minha opinião, haverá conflitos por aqui dentro em breve. Contudo, já basta de intrigas políticas... — ele tentou encerrar o assunto, lembrando-se do desastre que resultou de sua intromissão em Calcutá.

— Prefiro pensar nos mistérios que vejo em seus olhos.

Um vivo rubor aqueceu as faces de Margaret diante do inesperado cumprimento.

Como gostava da companhia de Grant!

Por mais que apreciasse as maravilhas que descortinava ao longo da travessia do Canal de Suez, nada lhe era mais agradável do que a proximidade daquele homem.

A cada milha, ela se entregava mais e mais às cenas e sons do Egito, deliciando Grant com suas reações entusiásticas.

Todas as descobertas eram brindadas com exclamações e observações que revelavam extrema sensibilidade.

Ele sentia seu amor crescer a um ponto quase insuportável, como se o coração fosse explodir-lhe no peito.

Havia muitos anos, desde a morte dos pais, Grant enclausurara os próprios sentimentos, fechando-se para o mundo.

Agora, embora não se desse conta, sucumbira à suavidade de Margaret, e estava adorando a sensação.

Entretanto, não demorou muito para que a atenção dele se desviasse de sua encantadora noiva e da paisagem exótica.

Era impossível não perceber que os outros passageiros dardejavam olhares furtivos para Margaret, cochichando entre si.

Pessoas que a haviam cumprimentado com simpatia na véspera agora passavam por ela como se não a vissem.

De súbito, toda a alegria que experimentara se desvaneceu no ar como bolha de sabão, e uma mistura amarga de preocupação e remorso o invadiu.

Um discreto exame do perfil de Margaret revelou-lhe que ela nem de longe desconfiava do que ocorria a seu redor em decorrência do noivado.

Ele, ao contrário, estava mais cômico do que nunca da hostilidade injustamente dirigida a uma jovem tão doce, tão cândida, e amaldiçoou-se pelo próprio egoísmo.

Como pudera permitir que Meg se submetesse ao repúdio da sociedade por amor a ele?

Protegida como fora a vida inteira, ela sequer teria condições de avaliar tudo o que perderia ao casar-se com um pária.

Na verdade, Grant não sabia ao certo o quanto Meg teria ouvido dos mexericos que circulavam a respeito dele.

O que aconteceria depois do casamento, quando os honrados membros da elite resolvessem preveni-la contra o marido?

Ela acreditaria nas mentiras que lhe contariam?

Grant não suportava sequer pensar nessa possibilidade.

Amava Meg Prescott demais para destruí-la.

Talvez a única forma de preservá-la fosse afastar-se dela.

Lutando contra uma profunda relutância, decidiu dar-lhe a oportunidade de se esquivar de uma situação que ela poderia vir a deplorar.

Além disso, não podia esquecer-se de que Meg havia recusado sua proposta de casamento, só concordando posteriormente por causa do escândalo provocado pela Sra. Withers.

Também havia a possibilidade de Meg estar apaixonada apenas pelo amor.

Ele era o primeiro homem em sua vida, e a falta de experiência podia conduzi-la a conclusões errôneas sobre os próprios sentimentos.

Para tê-la a seu lado, ele suportaria qualquer coisa, até mesmo não ser amado.

Quanto a ela, porém, não poderia afirmar o mesmo.

Maldição!

Desde quando me tomei tão nobre e generoso?, indagou-se com exasperação enquanto se voltava para falar com Meg antes que sucumbisse à tentação de mudar de idéia.

— Você pareceu surpresa quando eu disse ao capitão que nos casaríamos em Alexandria — Grant comentou fingindo naturalidade.

Como não conseguisse fitá-la, concentrou a atenção na paisagem do canal de De Lesseps.

— Não mais do que você quando anunciei que havíamos ficado noivos — ela replicou com um sorriso malicioso.

— É verdade. Há, porém, um assunto que gostaria de discutir com você...

— A cerimônia em Alexandria? — Margaret indagou, sem perceber o rumo que a conversava tomava.

— Não. Refiro-me ao casamento em si.

— O quê?

— Ouça-me, querida. O que você sabe sobre mim? Sobre os incidentes em que estive envolvido?

— Não quero ouvir nada acerca do seu passado, Grant. Eu o amo.

— Mas será que gostará de ser exilada da sociedade? Porque é isso o que lhe acontecerá, se insistir em se tornar minha esposa.

— E você acha que a minha vida social tem sido intensa? Que não posso passar sem ela? — Margaret retrucou, consternada com a preocupação que lia no semblante dele.

— Você é tudo de que preciso!

Embora se regozijasse com aquelas palavras, a consciência de Grant não lhe permitia render-se à determinação de Meg sem hesitação.

— Algum dia, no futuro, você pode necessitar de gente ao seu redor...

— Não, eu...

— Escute-me — ele ordenou, a dureza na voz contrastando com a ternura no olhar.

— Quero que perceba que o anúncio de noivado não a obriga a casar-se. Quando desembarcarmos em Alexandria, você pode simplesmente alegar que rompeu o compromisso. Todos iriam entender e aprovar essa atitude, pensando que você recuperou o bom senso, e decerto a receberiam de volta com os braços abertos.

— Os únicos braços que me interessam são os seus — Margaret declarou com obstinação.

— Você não está desistindo de mim, está?

— Não! Só desejo dar-lhe a oportunidade de mudar de opinião sobre o nosso casamento.

— Mudar de opinião? Como, se a cada minuto eu o amo com maior intensidade?

— Então, que seja... — Grant murmurou, abraçando-a como se sua vida dependesse daquele contato físico.

Vencido e feliz, beijou-a apaixonadamente, indiferente à reação que a demonstração de afeto em público poderia provocar.

O navio, por fim, saiu de Porto Said, a nova cidade que florescia às margens do Canal de Suez no trecho final do Mediterrâneo, tomando o rumo oeste, em direção a Alexandria.

Deitada na escuridão do camarote, Margaret saboreava o gosto dos beijos de boa-noite de Grant.

Sentia-se sonolenta e sabia que não encontraria dificuldades para dormir, embora o dia seguinte fosse o do seu matrimônio.

O último pensamento que lhe cruzou a mente antes de mergulhar num sono profundo foi que aquela era a última noite que passaria sozinha.

Como de hábito, nenhuma nuvem maculava o azul do céu egípcio quando Margaret despertou, na manhã seguinte.

O tempo mostrava-se perfeito para uma cerimônia de núpcias.

Margaret mal havia acabado de ajustar os punhos do vestido novo quando ouviu uma batida na porta.

— Quem é?

— Marjorie Withers — respondeu uma voz esganiçada.

— Entre, Sra. Withers — Margaret convidou, abrindo a porta, espantada pela visita àquela hora, quando a maioria dos passageiros ainda devia estar dormindo.

— Em que lhe posso ser útil?

— Eu é que lhe posso ser útil, criança — a matrona replicou de modo brusco.

Caminhou até o centro da cabine, examinando-a como se esperasse encontrar mais alguém ali dentro.

— Fico feliz em ver que, ao menos, você está sozinha. Talvez ainda não seja demasiado tarde. A despeito de sua teimosia, menina, acredito ser meu dever de cristã tentar dissuadi-la de se casar com aquele... homem!

— Nós já discutimos isso, Sra. Withers. A senhora sabe como me sinto em relação a esse assunto — Margaret rebateu, agastada.

Consolava-a saber que a família Withers ficaria em Alexandria, pondo um fim no tormento de ter que suportá-los.

— É, bem... existem algumas coisinhas que estou certa de que você ignora. Creio já ser hora de tomar conhecimento delas...

— Não tenho a menor intenção de ouvir o que tem para me contar.

— Com certeza, mas irei fazê-lo mesmo assim. Você sabia que seu futuro marido gostava de se misturar com os nativos?

— Foi o que ele me disse... Margaret respondeu com frieza.

— E isso não a aborrece? — havia um traço de perplexidade na voz da matrona.

— Nem um pouco.

— Mas talvez se aborreça com o que vou lhe dizer agora. O seu querido Sr. Richardson não abandonou o Corpo de Lanceiros de Sua Majestade por livre e espontânea vontade. Na verdade, o patife foi obrigado a pedir baixa depois de desonrar o uniforme!

— Até ele percebeu que não merecia usar trajes tão dignos, pois os despiu no escritório do coronel Wilson e saiu de lá só com a roupa de baixo para cobrir-lhe a nudez. Imagine, em plena luz do dia, sem se importar com a presença das senhoras que moravam nas proximidades do quartel-general!

— Tenho certeza de que está enganada — Margaret retrucou com obstinação, embora, no íntimo, considerasse inquietante a idéia de Grant vagar seminu pelas ruas.

— Quanto ao Corpo de Lanceiros, se Grant resolveu deixá-lo, certamente tinha boas razões para tanto.

— Lá isso tinha mesmo. Grant Richardson foi surpreendido num covil de traficantes, gozando prazeres sórdidos e vulgares. Não houve alternativas além de demiti-lo no ato!

— Não acredito na senhora — Margaret bradou, elevando o tom de voz.

— É melhor acreditar, pois foi isso o que aconteceu. Eu soube pela esposa de um senhor cujo primo é amigo de um vizinho da guarnição. E não é tudo. Na ânsia de escapar da corte marcial, Grant tentou enlamear o nome do antigo comandante, alegando que fora ele quem o mandara, em missão especial, para descobrir se havia militares ingleses frequentando aquele antro de perdição. O pobre oficial, chamado de volta à Inglaterra, não podia defender-se dessa acusação, desmascarando-o. Contudo, nem foi preciso, pois o coronel Wilson não deu o menor crédito às mentiras de Richardson. E como não havia ordens escritas que confirmassem a versão apresentada por seu querido noivinho... Tem cabimento, os melhores homens de Sua Majestade envolvidos com viciados e prostitutas? A história toda é absurda demais!

A matrona fez uma pausa, estudando a expressão indecifrável de Margaret com atenção antes de concluir, assumindo um tom mais brando: Entretanto, Margaret, como boa cristã, estou disposta a perdoar-lhe as tolices. Afinal, você foi iludida por esse canalha. Agora, porém, que sabe a verdade, há de convir que não pode casar-se com ele.

— Não só posso — Margaret contrapôs com fria convicção —, como vou. Em que pese sua aparente veracidade, estou convencida de que sua história não reflete a realidade. Grant Richardson é, acima de tudo, um homem honrado.

— Se pretende mesmo levar a cabo esse casamento, não há nada que eu possa fazer para ajudá-la — a Sra. Withers declarou sem o menor traço de sua propalada "caridade cristã".

Examinou com um olhar de escárnio o vestido cinzento que fora de Caroline pousado sobre a cama.

Era uma verdadeira afronta Margaret usar aquele presente dado de coração numa cerimônia tão deplorável.

— Só me resta rezar para que Richardson não a abandone na mesma sarjeta de onde ele veio e...

— Basta, Sra. Withers — Margaret interrompeu-a, no limiar da fúria, empurrando a inconveniente visitante na direção da porta.

— Não me importo com o que a senhora pensa, nem com as suas orações. Contudo, pode ficar tranquila, pois eu serei muito feliz como Sra. Richardson.

Depois de expulsá-la do camarote, Margaret apoiou-se na porta e fechou os olhos, incapaz de mover-se. Estavam enganados acerca de Grant, tinham que estar!

Todavia, a semente maldita da dúvida fora plantada em sua mente.

O que a fazia crer no bom caráter de Grant, desafiando a opinião de todas as outras pessoas, sem exceção?

Seu pai não escondera o péssimo conceito que tinha dele, e os Lanceiros de Sua Majestade não deviam pensar de maneira diferente.

Bom Deus, estaria tomando a atitude certa ao depositar seu futuro nas mãos de um homem com uma reputação tão duvidosa?

O que ela *realmente* sabia a respeito do futuro marido?

Nada!

Ignorava até mesmo onde iriam morar, depois de casados!

Nesse instante, ouviu outra batida na porta, dessa vez mais forte.

Não poderia ser Marjorie Withers de novo.

Margaret tentou controlar os sentimentos caóticos que a atormentavam antes de abrir e se deparar com Grant, que lhe sorria com sincera afeição.

A lembrança dos momentos de cálida ternura que experimentara nos braços dele invadiu-lhe a mente e inundou-lhe o coração com um amor profundo.

Os medos se evaporaram como por milagre, levando consigo as palavras maldosas da Sra. Withers.

Alto e de porte atlético, Grant curvou-se para beijar-lhe a testa antes de estender-lhe um buquê de jasmims, cuja fragrância rica se espalhou pela cabine, com mãos tremulas de emoção.

Um homem como aquele descrito pela Sra. Withers não se deixaria comover nem de leve por uma simples jovem, Margaret refletiu, aceitando as flores.

— Depois que passarmos pela alfândega, encontraremos uma carruagem à nossa espera — Grant informou com satisfação.

— Enviei um cabograma de Porto Said a fim de tomar algumas providências. Por sorte, meu amigo Roger Colton se encarregou de tudo. Ele e a esposa, Hazel, nos aguardam na entrada da Igreja de São Marcos. Poderemos desembarcar assim que você estiver pronta.

Os olhos negros vasculharam o semblante dela em busca de sinais de hesitação. Margaret aspirou o perfume dos jasmims e sorriu para o noivo.

Muitas mulheres encaravam o casamento com um cerceamento da liberdade, mas não ela.

A vida ao lado daquele homem que a fitava com enlevo a faria sentir-se tão liberta quanto sempre ansiara.

— Já estou pronta. Vamos, amor — murmurou —, ao encontro de seus amigos.

Ao pisar a terra firme, momentos mais tarde, o braço de Grant enlaçando-lhe protetoramente os ombros, Margaret experimentou uma variada gama de sensações.

Cenas, ruídos e cheiros diferentes de tudo quanto experimentara a excitavam, acelerando-lhe as batidas do coração.

Incontáveis pedintes os assediaram, num inglês precário suplicando-lhes esmolas ou ressaltando as qualidades das mercadorias que tentavam vender-lhes.

Contudo, não havia tempo para examinar as peças coloridas de artesanato, jóias e artigos de couro que lhes eram estendidas.

Grant conduziu-a com firmeza na direção da alfândega e, depois, para a carruagem puxada por dois cavalos.

Ao vê-los se aproximarem, um homem alto com um turbante na cabeça brindou-os com um sorriso amplo e abriu a porta para que se acomodassem.

— Ah, Sr. Grant, o senhor parece ter mudado muito desde a última vez em que o vi — ele disse à guisa de saudação.

— Espero que esteja bem.

— *Saiam*, Ahmed, seu malandro velho, prazer em revê-lo! — Grant exclamou, os olhos brilhando de alegria.

— Esta é a Srta. Prescott, minha noiva.

— Que sua união seja mil vezes abençoada — Ahmed augurou com ar de aprovação.

— Meu coração fica feliz por saber que o Sr. Grant em breve terá uma senhora tão encantadora para tomar conta dele. E bem que ele precisa disso... a última vez que veio a Alexandria, o coitado passou dias vestido como um de nós, perambulando pelas ruas. Quando regressou à casa do mudir...

— Mudir?! — Margaret indagou, sem entender.

— Mudir é uma espécie de "chefe da Província" — Grant explicou, divertido.

— Neste caso, meu amigo Roger.

— O que aconteceu quando Grant chegou à casa do mudir? — ela voltou-se para Ahmed, desejosa de ouvir o final da história.

— Bem, ele queria um emprego e até eu me confundi, pensando que o Sr. Grant fosse egípcio. Agora, chega de remexer no passado, ou vamos chegar atrasados à igreja.

Grant ajudou a noiva a entrar na carruagem e acomodou-se ao lado dela.

— Parece que você já deu um bocado de trabalho a Ahmed — Margaret observou, rindo.

— É, mas ele também não era muito fácil de lidar. Quando eu apareci na porta de Roger, recusando-me a ir embora sem um emprego, Ahmed quase me deu uma surra! Só não me bateu porque eu comecei a rir e ele acabou me reconhecendo. É um bom homem, esse Ahmed, mas possui uns punhos de ferro!

Margaret soltou uma gargalhada.

— E quanto a Roger? Tem o mesmo temperamento que você?

— Mais ou menos. O que ele apreciava em mim é fato de que eu faço tudo o que ele gostaria de fazer, mas não se atreve. Estando no serviço diplomático, é obrigado a comportar-se com discrição. Você mesma verá — Grant prometeu.

Saindo do Porto Ocidental, a carruagem passou por um bazar, a caminho do centro de Alexandria, que exibia uma diversificada mistura de tecidos e tapetes, combinando os diferentes aromas de especiarias e café forte.

Palavras em árabe ressoavam no ar junto com o balido das ovelhas e o arrulhar dos pombos.

— Pena que o nosso navio irá zarpar esta noite — Margaret suspirou.

— Gostaria de ficar um pouco mais. Acho que me apaixonei pelo Egito...

Grant permaneceu silencioso por alguns instantes, como se refletisse sobre aquelas palavras.

Faria qualquer coisa para contentá-la, mas a felicidade futura deles dependia de resolver as coisas com Conway na Inglaterra.

— Sinto muito, Meg, mas os negócios exigem minha presença em Londres o mais cedo possível — explicou com um sorriso triste, ainda buscando uma solução para o dilema.

— Contudo, eu lhe prometo que voltaremos ao Egito muito em breve.

Margaret fitou-o com gratidão antes de voltar o olhar para a paisagem.

Pelo que podia constatar, muita gente viajava a pé, as mulheres cobertas dos pés à cabeça por espessos véus.

Ainda assim, viam-se burros e camelos trafegando pelas ruas estreitas, além de ovelhas e gansos, decerto rumo ao mercado.

A jornada até o setor europeu da cidade levou-os através de Regia.

Não restara muito do antigo esplendor do lugar onde a cidade fora fundada por Alexandre, o Grande. Apesar da área ter sido embelezada pelos Ptolomeus e pelos romanos, sua grande e famosa biblioteca, uma das sete maravilhas do mundo antigo, fora queimada no tempo de Júlio César, e inúmeros outros monumentos e templos pagãos acabaram destruídos pelo patriarca da cidade no século IV.

Pouco depois, Ahmed conduziu-os por uma pequena praça arborizada, cuja arquitetura lembrava a européia.

— Esta é a Praça Maomé - AH — Grant explicou —, o centro europeu da cidade. Lá você vê o Tribunal, na esquina com a Igreja de São Marcos, nome esse dado em homenagem ao apóstolo que, conforme a tradição, trouxe o cristianismo a Alexandria.

Margaret contemplou a cruz na torre da igreja, tão diferente das luas crescentes e minaretes que decoravam as mesquitas que vira no caminho.

Então, baixando o olhar para a entrada, visualizou um casal na frente da porta, que se aproximou para saudá-los quando a carruagem parou.

Ahmed, em tom orgulhoso, encarregou-se da apresentação.

— Eis aqui o Sr. Richardson e sua noiva.

Roger, um rapaz de feições agradáveis, envolveu Grant num abraço efusivo, dando-lhe tapinhas nas costas.

— Grant, seu malandro! Nunca pensei que viveria para ver este dia!

— E então, concorda que, com exceção de Hazel — Grant replicou com galanteria, beijando de leve o rosto da moça —, não existe uma jovem mais linda do que Margaret? Meg, este é Roger Colton e esta, sua esposa, a encantadora Hazel.

Margaret cumprimentou os amigos de seu futuro marido, examinando-os discretamente.

Roger parecia ser da mesma idade que Grant.

Possuía estatura mediana, cabelos de um tom castanho claro e olhos azuis.

Hazel aparentava ser alguns anos mais nova e uns poucos centímetros mais baixa do que o esposo. Cachos de um vermelho escuro emolduravam-lhe o rosto gracioso, iluminado por expressivos olhos verdes.

— Oh, Meg, nem imagina o prazer que sinto em conhecê-la! — ela exclamou, beijando-a nas faces com carinho como se fossem irmãs, e não duas estranhas recém-apresentadas.

Contudo, Margaret percebeu-lhe a sinceridade e concluiu que, além de bonita, Hazel tinha um coração de ouro.

— Roger, queria agradecer-lhe por ter tomado as providências necessárias e pela licença especial de casamento — Grant declarou com emoção, enquanto abraçava Margaret.

— Ora, não foi nada — Roger dispensou a gratidão de Grant com facilidade.

— Se os amigos no governo não lhe puderem fazer o menor favor, então para que servem? Além disso, depois que me recobrei do espanto que a notícia do seu noivado me causou, fiquei muito feliz em ajudá-lo a se tornar um homem sério. Imagine, você partiu o coração de metade das mulheres pelo mundo afora, e eu aqui, trabalhando como um escravo! Por que você deveria ser livre enquanto eu...

O comentário brincalhão foi interrompido pela gargalhada bem-humorada de Hazel.

— Roger, meu bem, assim você acabará assustando a noiva! É melhor entrarmos antes que um dos dois mude de idéia...

Todos riram e ingressaram na nave, apresentando-se ao clérigo que celebraria a cerimônia.

Minutos mais tarde, Margaret surpreendeu-se ao descobrir que seu futuro marido chamava-se Grant Jean Claude Richardson.

Enquanto ouvia-o jurar fidelidade eterna com voz clara e firme, perguntou-se que outros segredos a respeito dele ainda a esperavam, nos próximos anos.

Pouco depois, era sua vez de fazer os votos.

Sem hesitar, repetiu a fórmula ritual e aceitou ser a esposa daquele homem, para amá-lo, honrá-lo e respeitá-lo em qualquer circunstância.

As promessas foram seladas com um beijo casto e terno.

Ao saírem da igreja, agora como Sr. e Sra. Richardson, Grant e Margaret tornaram a agradecer ao casal Colton e tentaram despedir-se deles.

— Não, de forma nenhuma, Grant — Roger objetou.

— Você não vai sair assim tão depressa.

— Claro que não — apoiou-o Hazel.

— Esperávamos que fossem almoçar lá em casa. Afinal, você terá a sua Meg pelo

resto da vida, não lhe custa nada partilhá-la conosco por algumas horas.

— E tem o *farah*... — acrescentou Ahmed.

— Tem o quê? — Margaret inquiriu com polidez.

— A festa de casamento — Grant informou com ar distraído, como se algum assunto grave lhe ocupasse os pensamentos.

— Na verdade, preparei apenas uma refeição simples. Mas prometo que será festiva — assegurou Hazel.

— Não sei... — Grant murmurou, indeciso.

— Ora vamos, homem! Só se casa uma vez na vida, e seu navio não partirá antes do anoitecer. Vocês têm tempo de sobra!

— Ouça, Roger — Grant começou a explicar, passando a mão pelos cabelos negros com o semblante consternado — no momento eu não passo de um excomungado para a elite da sociedade. Eu... fui envolvido em um incidente serio na Índia e, até que o mal-entendido seja esclarecido, não será apropriado para um bem-sucedido funcionário de Sua Majestade receber-me em sua casa.

— Escute-me você, companheiro — Roger retrucou, passando o braço pelos ombros do amigo.

— Já esqueceu com quem está falando? Nós, de fato, já ouvimos comentários sobre esse episódio, mas não nos importamos nem um pouco! Agora, vocês irão conosco e caso encerrado!

Os dois casais entraram na carruagem e seguiram para a residência dos Colton, localizada a poucos quarteirões da praça.

Uma atmosfera de despreocupada alegria reinou durante o almoço preparado com evidente esmero.

Margaret integrou-se na conversação geral, feliz com o cálido tratamento que lhe era dispensado. No fundo de sua mente, refletiu que um homem desprezível como o que Marjorie Witcher lhe descrevera não possuiria amigos tão sinceros como aqueles.

Assim, a Sra. Grant Jean Claude Richardson ergueu a taça de cristal que Roger enchera com champanhe francês, saboreando a agradável sensação de ser uma jovem esposa.

Após concluída a refeição, os quatro acomodaram-se na varanda, refrescada pela sombra de várias plantas.

Grant e Roger entregaram-se às reminiscências dos tempos de colégio, revelando todas as aventuras que partilharam.

Margaret e Hazel riam, divertindo-se com tantas peripécias.

A conversa, porém, acabou tomando outro rumo, voltando-se para os problemas do Egito, e o tom tornou-se mais serio.

— Não me incomoda a crescente popularidade de Arabi — Roger declarou, referindo-se ao homem que abertamente desafiara o quediwa, título do vice-rei, e arregimentara um perigoso exército.

— Não acredito que ele vá dar início a uma rebelião. Afinal, ele não passa de um fantoche...

— Sim, mas devemos rezear aqueles que manipulam esse "fantoche" — Grant replicou.

— Se eles puxarem as cordas certas, as coisas podem se complicar e Tewfik, o quediwa, não tem força suficiente para lidar com um possível conflito armado.

— Pelo visto, você, bem como a maioria da população daqui, esquece que a autoridade suprema está em Constantinopla. O Egito faz parte do Império Otomano, não é uma nação autônoma e soberana. Não acredito que o Sultão perca as rédeas da situação.

— O Sultão perdeu contato com o povo. Você acha que os felás ligam para o Império da Turquia? Eles odeiam os turcos e desprezam os ingleses. Tudo o que lhe peço é que fique atento e seja cauteloso — Grant advertiu-o.

— A qualquer momento, pode se ver às voltas com problemas similares aos que Mahdi está causando no Sudão.

— Obrigado pela preocupação, mas se nos encolhermos de medo cada vez que aparecer um dissidente, não faremos outra coisa na vida. Está tudo calmo no Egito, e pretendo cuidar para que continue assim.

— Eu só abordei esse tema por causa do que pude observar, desde que cheguei — Grant replicou, sorvendo um gole de café turco.

— Você detecta intrigas onde não existe nada. Lembra-se de que você via o diretor escondido atrás das árvores todas as vezes que fugíamos da aula?

— Sim, mas houve um dia em que ele estava lá, de fato.

— Até hoje não me convenci de que não foi você que mandou um bilhete anônimo para aquela peste daquele homem só para provar que estava certo... — brincou Roger.

A conversa tornou a mudar de rumo, voltando-se para tópicos mais amenos.

No final da tarde, ao se despedirem, Margaret constatou que lamentava separar-se dos Colton.

Eles eram boas pessoas, faziam poucas perguntas e aceitavam os outros da maneira como eram.

Não lhe admirava que Grant os tivesse em tão alta conta.

Entre promessas de cartas e visitas, Margaret e Grant partiram, acenando para Hazel e Roger.

No caminho para o porto, Margaret considerou aquele momento como o início de uma vida nova, repleta de aventuras e felicidade.

CAPÍTULO VII

Havia poucas pessoas a bordo quando Margaret e Grant regressaram ao navio.

Ainda assim, ao atingir o alto da prancha, ela estacou e olhou para o marido com ar confuso, como se não soubesse o que fazer em seguida.

Grant devolveu o olhar, cheio de preocupação.

— O que foi, Meg? — indagou com suavidade.

No Íntimo, receava que a jovem esposa tivesse finalmente despertado para os problemas que teria que enfrentar junto a sociedade, dali em diante.

— Nada, eu só... não sei para qual camarote devo me dirigir. O meu ou o seu? — ela explicou com timidez.

Aliviado, Grant sorriu.

— Nenhum dos dois. Nós agora vamos para um "papa-fina".

— "Papa-fina"? O que é isso?

Dessa vez, ele soltou uma gargalhada, enquanto a guiava para o convés de primeira-classe.

— O melhor, o mais luxuoso. Há apenas dois ou três "apartamentos" desse tipo no navio, destinados a passageiros muito importantes. Como nós. Tomei a liberdade de providenciar esses aposentos antes de desembarcarmos, para lhe fazer uma pequena surpresa — Grant revelou, os olhos negros brilhando, alegres, como os de um menino na noite de natal.

— Afinal, estamos em lua-de-mel...

Parando diante de uma porta de mogno, Grant vasculhou o bolso em busca da chave. Encontrou-a, por fim, e inseriu-a na fechadura com as mãos ligeiramente trêmulas.

Uma onda de ternura aqueceu o coração de Margaret ao vê-lo nervoso na noite de núpcias.

Ele abriu a porta e cerrou-lhe os olhos com dois carinhosos beijos, pedindo-lhe que os mantivessem fechados.

Antes que ela pudesse protestar, ergueu-a no colo e entrou no camarote.

Apenas o riso deles quebrava o silêncio dos corredores desertos, para consternação dos ocupantes das cabines vizinhas.

Grant pousou-a no chão com delicadeza e voltou para fechar a porta, deixando o mundo e seus conflitos do lado de fora.

Só depois autorizou a esposa a abrir os olhos.

Margaret obedeceu, deixando escapar um gritinho de excitação ao enlaçar o pescoço do marido.

— Oh, Grant! Que encantador! Não me diga que é "papa-fina", pois estou certa de que esse adjetivo não faz justiça a tanto luxo!

Grant dera ordens para redecorar o ambiente, criando uma atmosfera árabe.

Tapetes persas espalhavam-se pelo piso, numa pequena mesa de bronze havia uma caixa de doces turcos, as almofadas combinavam com o tom verde-azulado da colcha, lembrando a cor do Rio Nilo. Arranjadas com esmero num vaso sobre a cômoda, jasmims emprestavam seu aroma ao aposento, misturando-se ao incenso que queimava num incensário sobre o tampo de mármore do criado-mudo.

No outro canto, havia um instrumento musical de cordas, que Grant explicou chamar-se "mandolina".

Era como se houvessem trazido uma parte do Egito com eles.

— Como foi que você fez tudo isto? — Margaret indagou, abrindo a caixa de doces.

— Bem, na verdade, o mérito cabe a Ahmed — Grant confidenciou.

— Era impossível ficarmos mais algum tempo em Alexandria, mas nada nos impedia de recriar-lhe a magia em nosso quarto nupcial. Todos esses objetos nos pertencem, foram comprados naquele bazar que você tanto admirou...

— Diga-me uma coisa, Sr. Richardson. Você fará sempre todas as minhas vontades? — ela perguntou, fingindo-se zangada.

— Sempre que puder, e você permitir — Grant replicou com convicção, antes de

começar a lambe-lhe a ponta dos dedos, um por um, lambuzados de nugá.

Margaret sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

Embora seu primeiro impulso tivesse sido afastar a mão daqueles lábios tentadores, acabou entregando-se à deliciosa sensação provocada por aquela carícia, inédita em sua vida.

Afinal, já não precisa manter Grant a distância.

Ele era o seu marido.

— Já não há mais nenhum vestígio de chocolate nos meus dedos — murmurou, esforçando-se para aparentar naturalidade.

— Eu sei — Grant retrucou com voz rouca.

— O seu sabor é muito mais doce...

Capturando-lhe o olhar, ele retirou os grampos que lhe prendiam os cabelos, deixando-os cair em ondas rebeldes.

Queria vê-la agora como na primeira noite em que se encontraram no convés.

Quando se apaixonara por Meg.

Não.

Aquele sentimento brotara bem antes, quando a ajudara a acomodar a louça da mãe dela.

Eu a farei feliz, prometeu a si mesmo em silêncio.

Como se lhe adivinhasse a fantasia, Margaret sacudiu a cabeça como fizera no convés, libertando as madeixas fartas e onduladas.

Grant contemplou-a por um longo momento, sentindo o desejo expandir-se por suas veias, amando-a como jamais amara ninguém.

Por fim, curvando-se, beijou-lhe gentilmente a testa, os olhos, o nariz e o queixo. Sem poder refrear a excitação, a suavidade foi cedendo lugar à voluptuosidade, e ele a abraçou quase com desespero, afundando o rosto nos cabelos revoltos como o mar sob as carícias do vento.

Lutando para não magoá-la com a força de seu ímpeto, afagou-lhe o pescoço alvo com os lábios enquanto desabotoava-lhe o corpete do vestido modesto.

Sob a fina combinação de algodão, vislumbrou o colo farto, onde repousavam os seios mais bem feitos e convidativos que já vira.

Grant não conteve um gemido de admiração.

Margaret tremia, cada milímetro de seu corpo ansiando pelo dele.

Contudo, receava não agradá-lo.

Grant era um homem tão experiente, percorrera o mundo e conhecera muitas mulheres.

O que acharia de uma moça ingênua, filha de pastor, que nunca pudera cuidar muito da própria aparência?

Contudo, ao vê-lo tocar-lhe o seio, embevecido, os temores se dissolveram.

Grant a queria, amava-a, considerava-a bonita e desejável.

E em breve a possuiria...

Suspirando, abandonou-se ao enleio de ser tocada por ele.

Como era... indescritivelmente bom senti-lo morder-lhe os mamilos enrijecidos, percorrer as mãos por seu ventre, buscando-lhe os lugares mais recônditos, mais íntimos,

espalhando labaredas ao longo de sua pele.

O vestido jazia, esquecido, sobre o tapete persa. Não tardou para que a combinação lhe fosse fazer companhia, e os calções de algodão azul.

Uma súbita ansiedade levou Margaret a tentar despir o marido.

Como seria ele?

Que mistérios se abrigariam naquele corpo atlético e másculo?

Grant sorriu, ajudando-a.

Ela o amava também, desejava-o com todas as suas forças.

Era inocente, não sabia como corresponder às carícias, mas aprenderia em breve, guiada pelo instinto e pelo afeto.

Seria um prazer ensiná-la...

Na penumbra do aposento, Margaret afastou-se para contemplar a nudez de Grant.

Perplexa, sentiu medo e atração por aquele órgão grande e ereto, admirou-se com a beleza das pernas, a firmeza do ventre e a amplitude do tórax.

Grant deixou-se examinar, embora, no fundo, receasse assustá-la.

Quando Margaret aproximou-se para abraçá-lo, porém, relaxou.

Beijou-a com incontida ternura e acomodou-a sobre os almofadões da cor do Rio Nilo.

Sim, ele a faria feliz, satisfaria sua ânsia por liberdade, aventura e afeto.

Suas mínimas vontades, seus maiores sonhos, tudo ele realizaria, além de protegê-la dos perigos do mundo...

Margaret aconchegou-se aos braços dele.

Não havia mais o menor temor em seu coração, pois Grant lhe transmitia segurança e calor.

Agora, faltava pouco para pertencer a ele para sempre.

Suspirando, entreabriu os lábios para um beijo voraz.

— Oh, Grant, isso é tão bom... — ela ronronou.

— Mas o melhor ainda está por vir — ele prometeu em tom malicioso.

— Então, mostre-me...

Grant fitou-a com paixão, achando-a mais sedutora do que nunca.

Os olhos azuis brilhavam com genuíno desejo, e seu corpo enlouquecedor esperava por ele.

Com delicadeza, Grant separou-lhe as pernas com o joelho.

Margaret não opôs resistência, curiosa para saber o que aconteceria em seguida.

E então, aconteceu.

O universo inteiro desapareceu, restando apenas os dois, o aroma de incenso misturado ao de jasmim e um imenso, inefável prazer que os envolvia em ondas sucessivas.

Todo o resto se desvaneceu.

Passado, futuro, navio, Calcutá, Inglaterra, nada mais existia, apenas aquele êxtase de corpos se acariciando, interpenetrando-se até se tornarem um só.

Momentos depois, quando se recobrou o suficiente para falar, Margaret indagou:

— Você sempre cumpre suas promessas de maneira tão entusiástica?

— Minha doce Meg — Grant murmurou, apertando-a entre os braços, comovido.

— Você é a jóia mais preciosa, o bem mais querido, a coisa mais importante da minha

vida. Como poderia cumprir sem entusiasmo as promessas que lhe fiz?

— E o que devo jurar em retorno? — ela replicou, erguendo o rosto para fitá-lo.

— Apenas que me amará sempre...

— Ah, mas isso é fácil demais! Como não iria amá-lo? Impossível! Só não sei se mereço que você retribua um sentimento tão profundo e poderoso...

Grant riu baixinho, afagando-lhe os cabelos.

— Ah, você merece, sim. Com certeza.

— Acredito que você me ame. Contudo... — uma sombra toldou os olhos azuis.

— O que seu tio pensará de mim? Será que me aceitará?

— Ele não aceita a mim, aquele velho esnobe! — Grant retrucou, soltando uma gargalhada.

— Mas não resistirá aos seus encantos, disso eu tenho certeza. Você não terá nenhum problema com meu tio Thomas.

— E quanto a seu primo? — Margaret voltou à carga, dando vazão às preocupações que a atormentavam desde o noivado.

— James? Ora, esse não conta. Ele só objetaria seu eu lhe apresentasse a Rainha Vitória como minha esposa.

— Seu... malandro! Com que então, você tinha um fraco por mulheres mais velhas, não é? — ela brincou, beliscando-o de leve.

— Mais uma palavra e eu lhe mostrarei com quantos paus se constrói uma canoa!

Grant segurou a mão que o beliscava, rindo, e beijou-a.

— Você me excita quando se zanga — revelou, dirigindo-lhe um olhar divertido.

— Pelo que já pude perceber, você se excita com qualquer coisa. Agora, é melhor nos levantarmos. Está quase na hora do jantar.

— Não se preocupe. Nossa refeição será servida no camarote, à luz de velas — Grant informou, orgulhoso por ter cuidado de todos os detalhes.

— Não é preciso traje de gala. Para falar a verdade, não é necessário traje algum...

— Você está me saindo melhor do que a encomenda, rapaz... — ela ralhou em tom malicioso antes de indagar, movida por uma súbita suspeita:

— Por falar nisso, você mandou trazer minhas roupas para cá, não é?

Grant demorou a responder, para provocar suspense.

— Bem, eu... refleti muito sobre esse assunto, confesso que relutei bastante, mas... sim, mandei que transferissem sua bagagem para seu novo camarote.

Margaret levantou-se e caminhou até o guarda-roupa de mogno. Lá estavam suas camisolas, o roupão, os vestidos, todos parecendo mais surrados do que de hábito, ofuscados pela opulência de um traje egípcio típico em tons quentes de vermelho bordado em ouro. Atônita, ela o retirou do armário para examiná-lo de perto.

— Oh, Grant! Nem sei como lhe agradecer! É... magnífico!

— Esse é um roupão nupcial. Achei que você gostaria — Grant comentou com simplicidade.

— Você é tão bom para mim! — ela exclamou, comovida até as lágrimas.

— Vou experimentá-lo agora mesmo!

— Oh, não — ele objetou. — Deixe para mais tarde...

— Seu... malandro... — Margaret protestou, rindo.

— Eu tenho culpa se minha esposa é tão deliciosa? Se você colocar o roupão, serei obrigado a tirá-lo de novo. Para que nos darmos a tanto trabalho?

— É isso o que deseja? Uma mulher prática?

— Eu desejo você — ele replicou, puxando-a de volta para os almofadões.

— Agora. E sempre. Lamento informá-la, doce Meg, de que eu sou um homem que costuma obter o que quer...

— Desde que também tenha o hábito de querer o que obteve...— ela rebateu, enlaçando-lhe o pescoço — Faça amor comigo, Grant... agora. E sempre.

Os dez dias de viagem entre Alexandria e Southampton passaram como uma nuvem cor de rosa para Margaret e Grant.

Rápidos, os dias ensolarados e as noites apaixonadas voaram como as gaivotas.

Enquanto estavam a bordo, embalados pelo mar, o mundo não existia para eles.

A Índia ficara para trás, perdida no esquecimento, e a Inglaterra ainda era algo distante, para se pensar depois.

Tudo de que precisavam para serem felizes encontravam um no outro, de forma que Margaret mal tomava conhecimento da fria hostilidade que seu casamento provocara nos demais passageiros.

A única coisa de que tinha consciência era da alegria permanente em que vivia.

Cada minuto ao lado de Grant era único, especial, e eclipsava os olhares de desaprovação que os seguiam por todos os cantos do navio.

Só um pequeno detalhe a incomodava, de vez em quando.

Era o fato de Grant não lhe ter confiado o que realmente acontecera em Calcutá.

Agora, abraçados em seu recanto predileto do convés, o jovem casal contemplava os rochedos da Inglaterra, mais e mais visíveis no horizonte, com certa melancolia.

Acabara-se um período mágico, em que puderam se entregar ao amor que partilhavam sem interferências nem conflitos.

Nenhum dos dois alimentava a ilusão de que gozariam da mesma tranquilidade em Londres.

— Ainda demora um pouco antes de alcançarmos o porto... — Margaret observou.

— É mesmo? — Grant replicou com preguiça, embora de modo atencioso.

— E o que sugere que façamos nesse intervalo?

— Se formos para o camarote, talvez encontremos algo que nos interesse para ocupar o tempo — ela insinuou.

— Como? Depois eu é que sou o insaciável, não é? Antes mesmo do café da manhã? — ele protestou, fingindo-se chocado.

— Bem, nós podemos recomeçar tudo *depois* do desjejum, se quiser. Mas não haverá tempo suficiente, se você continuar parado aí...

De repente, Grant tomou-lhe a mão e saiu quase correndo na direção da cabine.

Margaret ria, segurando o chapéu para não voar da cabeça, escandalizando as senhoras estendidas sobre as espreguiçadeiras.

Fragmentos de palavras lhe chegavam aos ouvidos:

— Vergonha...

— É um...

— Absurdo...

A maledicência porém, não a abalava.

Conhecia aquelas pessoas, sua hipocrisia, sua falsa moral.

Ninguém ali era tão feliz quanto eles, por isso os criticavam.

Por fim, ofegantes, alcançaram os aposentos.

Depois de fechar a porta atrás de si, Grant perguntou:

— E agora, pode me explicar com maior precisão a sua estratégia para combatermos o tédio?

— Bem, eu pensei em começarmos assim... — Margaret beijou-o, demonstrando seu "plano".

— A idéia não é má. Mas, e depois?

— O que acha de nos livrarmos disso? — ela despiu-lhe o casaco e a camisa, afagando-lhe o peito.

— E eu, não terei o privilégio de fazer o mesmo? — ele reclamou.

— Só se você se comportar direitinho...

— Ah, é? E que comportamento devo apresentar?

— Você pode começar parando de me fazer tantas perguntas e me beijando...

Por fim, com um falso suspiro de resignação, Margaret tirou o casaco, o vestido e a combinação.

Os dois tornaram a se abraçar, completamente despidos, prontos para recomeçarem uma deliciosa batalha.

Quando terminou, com os dois saindo vencedores, Margaret ronronou com lassidão.

Custava-lhe crer que a vida fosse tão generosa com ela.

Grant era o melhor dos maridos.

Apaixonado, viril e dedicado.

Além de muito bonito.

Adorava contemplar-lhe a perfeição das formas, o rosto bem talhado, os sedosos cabelos negros.

Cada vez que faziam amor, a proximidade entre ambos se intensificava, e ficavam tão descontraídos que nada seria capaz de perturbá-los.

Por essa razão, Margaret refletiu que aquele seria o momento ideal para abordar o delicado assunto que tanto a preocupava.

— Grant...

— Sim?

— Você acha que eu te amo?

— Por quê? Não deveria? — ele replicou, erguendo uma das sobrancelhas.

— Claro que sim, e esse é o ponto. Será que você sabe o *quanto* eu te amo?

— Está disposta a me provar de novo, sua malandrinha insaciável? — Grant brincou, rindo.

— Não é nada disso, seu bobo! Agora, fique quietinho e me ouça — Margaret ralhou como se falasse com uma criança.

— Estou tentando conversar a sério com você.

— Ora, mas eu fico quietinho o tempo todo — ele se defendeu, agindo como um menino.

— Grant, pare! O tema é grave...

— Oh, não! — Grant murmurou.

Odiava discussões acerca de "temas graves".

— Oh, sim. Por que você nunca me contou o que aconteceu em Calcutá?

Maldição! Aquilo *era* grave, mais do que esperava.

Grant sentou-se na beira da cama, inquieto.

Margaret tomara conhecimento do incidente, e não fora por intermédio dele.

Que mau augúrio para um casamento que mal começara!

— Escute, Meg, não sei o que lhe disseram, mas... — ele começou a explicar, porém as palavras não lhe vinham.

De qualquer forma, consolava-o o calor das mãos dela em suas costas, afagando-o, confortando-o.

Não podia, porém, permitir que a reação meiga de sua esposa o fizesse esquecer a própria culpa.

Amaldiçoava a si mesmo por não ter tido a coragem necessária para lhe revelar tudo, cada detalhe sórdido, deixando que ela fosse informada por pessoas mal intencionadas, que decerto lhe encheram a cabeça com mentiras e maldades.

— Disseram-me tudo — ela declarou com brandura, na esperança de poder ajudá-lo a prosseguir.

— Tudo, não — Grant rebateu com uma violência que a surpreendeu.

— Com certeza, nada que fosse remotamente verdadeiro. Eu quis lhe contar antes que desembarcássemos em Alexandria, lembra-se? Você não deixou. O que a levou a mudar de idéia? Alguma velha mexeriqueira veio procurá-la para comentar os escândalos que envolvem seu marido e ressaltar que foi um erro se casar com um homem como eu?

— Oh, Grant, querido — Margaret sussurrou.

— Eu soube da história quando ainda éramos noivos, e não lhe dei o menor crédito na época, muito menos agora. Contudo, quando chegarmos à Inglaterra, as coisas mudarão de figura. Detesto a perspectiva de vê-lo suportar essa carga sozinho, quero lutar a seu lado! Não se sinta como se fosse sua obrigação me proteger, eu lhe suplico! Eu quero e posso lhe ser útil. Por Deus, não percebe que entre nós não pode haver segredos? O meu amor por você é tão profundo que nada poderá abalá-lo, confie em mim!

Margaret se angustiou por Grant não responder.

O que significava aquele silêncio prolongado?

Teria ela ido longe demais?

— Só... desejava que... soubesse o quanto o amo... — ela soluçou.

— Jamais duvidei disso — Grant replicou, por fim.

A comoção o impedira de falar e foi preciso respirar fundo por alguns instantes para não chorar.

Fazia muito tempo que ninguém lhe devotava um afeto tão intenso e incondicional como o que Meg lhe dedicava.

Era quase insuportável, de tão bom.

Pensar que passara metade de sua vida tentando obter aprovação sem consegui-la e agora... surgia aquela garota tema e sincera, capaz de acompanhá-lo até o fim do mundo, se necessário fosse.

Incapaz de pronunciar uma única palavra mais, limitou-se a abraçá-la com fervor. Só depois de beijá-la Grant logrou iniciar a narrativa de suas desventuras na Índia.

Quando terminou, surpreendeu-se com o alívio que o invadiu.

Essa sensação tornou-se ainda maior quando Margaret aconchegou-o nos braços, afagando-lhe os cabelos com infinita doçura.

Meg tinha razão, era muito melhor partilhar os problemas, não permitindo que qualquer segredo ameaçasse sua união.

Pela primeira vez desde que era criança, experimentou um contentamento sem reservas.

Sentia-se apto a enfrentar o tio Thomas.

Se o velho não aprovasse sua esposa ou nem quisesse ouvi-lo sobre o incidente em Calcutá, não faria a menor diferença.

Ele que pensasse o que bem entendesse.

Ao abraçar Margaret, Grant sentia que detinha as rédeas de seu futuro nas mãos.

No primeiro dia em terra firme, Grant deixou Margaret num hotel, rodeada por tecidos e rendas que seriam transformados numa infinidade de vestidos, e rumou para Whitehall com certa agitação.

Dessa vez, porém, ao contrário do que acontecera em Calcutá, sua solicitação de entrevista com o militar superior foi atendida de pronto.

Sir Nigel Conway, Diretor de Assuntos Militares Externos, levantou-se da escrivaninha para dar-lhe as boas vindas depois que o ordenança o anunciou.

— Grant, meu rapaz, é um prazer revê-lo! Como você estava em missão secreta, nem pudemos nos despedir de modo adequado.

Que bons ventos o trazem? E por que está sem o uniforme? — O oficial bombardeava-o com perguntas, ardendo de curiosidade.

— O que é isso em seu dedo, uma aliança de casamento?! Não me diga que desertou por causa de uma mulher!

— Então, o senhor não sabe de nada? — Grant indagou, perplexo.

Parecia-lhe impossível ter chegado à Inglaterra sem ser precedido por mexericos e mentiras.

— Sobre seu casamento? Não — o ex-superior de Grant negou, espantado, enquanto apanhava na estante uma garrafa de gim e dois cálices.

— Mas sempre é tempo de brindar a um evento tão auspicioso. Principalmente para as donzelas britânicas, que já não correm perigo...

— Muito obrigado, mas não foi meu casamento que me trouxe aqui — Grant declarou, aceitando o cálice que lhe era estendido.

— Prefiro brindar à esperança de encontrar o maldito bastardo que interrompeu minha missão, a fim de que ele se arrependa até o último de seus dias por tê-lo feito!

— O... quê?! — gaguejou Sir Nigel, estranhando a inusitada veemência de seu melhor homem.

— Grant, as coisas estavam bem encaminhadas quando parti. Você chegou até a me entregar alguns relatórios bastante interessantes. O que diabos ocorreu depois?

— Isso é o que pretendo descobrir. Wilson deu ordens para invadir aquele covil onde traficavam ópio num momento em que eu estava lá. Fui preso e declarado traidor, uma

verdadeira desgraça para as Forças de Sua Majestade na Índia. Em apenas uma semana, me puseram para fora do Corpo de Lanceiros. Tentei conversar com o coronel, mas de nada adiantou. Ele alegou não ter conhecimento de qualquer missão em andamento e ainda me acusou de tentar arrastar o seu nome para a lama.

— Você jamais ignorou que Wilson morria de inveja de qualquer um que demonstrasse capacidade maior do que a dele, que era bem pouca, devo admitir. Eu procurei alertá-lo sobre essa pequena... falha de caráter, mas sequer fui ouvido.

Sorvendo um gole de gim, Sir Nigel pareceu perder-se em reflexões.

— Eu gostaria de acreditar que fosse apenas um pequeno deslize, um lapso, você entende? Todavia, conhecendo aquele patife como conheço, não duvido que ele tenha deliberadamente "esquecido" de incluir o arquivo classificado no seu dossiê de investigação confidencial.

— Sou da mesma opinião, não foi accidental. Em todo o caso, o senhor teria condições de averiguar? Com meu recente casamento, uma esposa para cuidar, não me sinto atraído pela idéia de ser reconduzido ao Exército. Contudo, não posso aceitar a reputação desabonadora que me foi imposta. Não sei nem como encarar a minha família, depois desse incidente...

— Mas é claro! Nem que eu tenha que obrigar Wilson a trazer aquele traseiro gordo de volta para Londres para explicar a história tintim por tintim! — Sir Nigel exclamou, indignado.

— Enquanto isso, porém, quem sabe eu possa enviar você e sua esposa para uma lua-de-mel no Egito? Tenho escutado rumores bastante inquietantes...

— Meg e eu cruzamos o Canal de Suez, quando voltamos da Índia. Nós nos casamos em Alexandria, na verdade. Todavia, lamento desapontá-lo. Não tenho a menor disposição de me envolver em assuntos governamentais outra vez. Até porque, pelo que tive oportunidade de observar, o Egito não é mais uma país seguro para se viver. Ao menos, não para os estrangeiros...

— Eu sei. E é por isso que preciso de sua ajuda. Ninguém mais apresenta tanta habilidade com idiomas. Além disso, você tem facilidade para se integrar ao povo, demonstra profundo conhecimento da história e da cultura egípcias, e...

— E é assunto encerrado, Sir Nigel. Não quero ser persuadido a voltar para lá, portanto suplico-lhe que não apele para a minha vaidade, nem para o meu espírito de aventura, e muito menos para o romantismo de uma lua-de-mel. A última missão para a qual fui designado deixou-me um gosto amargo na boca, que ainda demorará muito para desaparecer.

— Neste caso, permita-me ao menos oferecer-lhes um jantar esta noite, para celebrar sua feliz união - propôs o militar, ansioso para não perder contato com Grant.

Só ele podia avaliar o quanto aquele rapaz era brilhante.

Comida farta, bons vinhos, um pouco de champanhe... quem sabe não o convenceria a mudar de idéia?

— Agradeço-lhe novamente, mas sou obrigado a recusar. O senhor decerto compreende... ainda estamos na fase em que preferimos o isolamento. E amanhã, deveremos partir para Kenwick Manor. Esta é nossa última noite sozinhos.

— Está muito bem — Sir Nigel assentiu, derrotado.

— Eu mandarei avisá-lo assim que tiver novidades sobre o... pequeno incidente em Calcutá. Você é valioso demais, não me conformo em perdê-lo por causa de um idiota qualquer.

— Quem sabe Wilson me fez um grande favor, obrigando-me a sair?

Depois que Grant se retirou, Sir Nigel começou a caminhar de um lado para o outro, pensativo.

Favor! Wilson lhe fez um favor! Mas deu um tremendo prejuízo à Sua Majestade! E a mim!, Refletiu com amargura.

Em seguida, retirou o dossiê sobre a Índia da gaveta onde o guardara quando Grant entrou no gabinete. Abriu-o e tornou a lê-lo.

Ele não planejava que o rapaz caísse em desgraça, mas poderia fazer bom uso desse fato.

— Coronel Harrow — Sir Nigel chamou o secretário, que atendeu de imediato.

— Pois não, senhor.

— Verifique o itinerário da Srta. Hargrave para mim, por favor — ordenou, enchendo o cálice com outra dose de gim. Se ela estivesse disponível e pudesse coagir Grant a aceitar a missão...

— Ela ficará em Londres pelo resto da semana, e não tem compromissos importantes, senhor — informou o secretário, minutos mais tarde,

— Ótimo. Entre em contato com a moça e marque uma entrevista. Depois, passe um cabograma para o nosso pessoal no Egito e arranje as coisas para ela em Alexandria.

— Muito bem, senhor. Mais alguma coisa?

— Por ora, não — o militar sorriu.

Agora, seu plano estava em execução.

Embora Richardson fosse gritar como uma ovelha antes do sacrifício, teria que cooperar, se quisesse limpar o seu bom nome.

Ele simplesmente não teria opção.

CAPITULO VIII

— Sua esposa?! — ecoou o cavalheiro de cabelos brancos, espantado, ao receber Grant na entrada principal de Kenwick Manor na tarde seguinte.

— Quando eu o adverti de que já era tempo de se assentar, não pretendia que você levasse para o altar a primeira donzela errante que encontrasse! O que sabe sofre a família dela? E quanto à classe...

— Tio Thomas — Grant interrompeu-o com uma secura que surpreendeu a própria Margaret.

— Meg é a mulher que escolhi para minha esposa. Não vou tolerar que a insulte.

— Igualzinho ao pai, não é? O título da família lhe pertenceria se ele não tivesse se aventurado num casamento imprudente.

— Se o senhor não tem bons modos o suficiente para nos desejar felicidades e nos dar as boas vindas à casa que deveria ter pertencido a meu pai, nós pernoitaremos no Golden Hind e regressaremos a Londres pela manhã — Grant declarou, ignorando o

comentário maldoso sobre sua mãe.

— Uma reles hospedaria? Você teria a coragem de levar minha nova sobrinha para um lugar desses? Ora, deixe de agir como um asno, Grant! Claro que as portas de Kenwick Manor estão abertas para ela, e para você. Eu só acho que era sua obrigação me avisar antes de vir. A Sra. Briggs não preparou os aposentos e...

— Nós partilharemos o meu quarto — Grant sugeriu, arrependido por ter submetido Margaret à arrogância de sua família.

Nesse instante, sentiu uma pressão suave e voltou-se para a esposa, que, num sorriso suave, lhe afirmou estar tudo bem, que ela não se aborrecera.

De imediato, uma onda de serenidade o invadiu.

Com um pouco de sorte, Conway esclareceria o mal-entendido dentro de alguns dias, e a situação voltaria ao normal.

Ele e Meg poderiam encontrar uma casa para fixarem seu lar, o mais distante possível de Kenwick.

Por ora, só lhe restava controlar seu temperamento e aguardar.

— Lorde Kenwick, Grant me revelou o quanto o senhor foi generoso, quando ele perdeu os pais — Margaret confidenciou, vencendo a timidez, numa tentativa de aproximar tio e sobrinho, dois homens igualmente orgulhosos.

Será que não percebiam o quanto se pareciam?

— Ninguém teria acolhido um órfão com tanto carinho e dedicação. Nesses casos, o mais comum é internar a criança num colégio. Teve tanto trabalho para criá-lo, cuidando pessoalmente de sua educação. Creio que seu esforço foi recompensado, pois meu marido se tornou um valoroso Richardson.

— Oh, bem... Na minha opinião, o *pai* dele se orgulharia do filho — Thomas se esquivou, incapaz de admitir que também se orgulhava.

Segurando o braço da sobrinha com gentileza, guiou-a pelo salão até uma saleta Íntima, onde costumava receber os familiares e amigos mais próximos.

— Agora, minha criança, quero que me chame de tio Thomas, e que não se preocupe mais com o passado. A minha boa governanta assou uma deliciosa torta de nozes, a preferida de Grant, e devemos saboreá-la sem demora. Carstairs, peça à Sra. Briggs que sirva o chá aqui, e veja se consegue encontrar aquele asno do meu outro sobrinho.

— Está muito bem, senhor.

Margaret examinou a pequena sala, encantada com a atmosfera de aconchego e conforto.

Grandes janelas guarnecidas com cortinas leves e claras davam para um gracioso jardim.

As poltronas de couro se agrupavam em torno da lareira de pedra, numa das extremidades.

Na outra, uma das paredes era forrada com prateleiras onde se viam alguns daguerreótipos, pratos de porcelana Wedgwood e livros. Escolhendo uma poltrona que lhe permitia ver a idílica paisagem campestre, ela se acomodou e sorriu para o anfitrião.

— Adoro flores e plantas, tio Thomas. Infelizmente, na Índia só nos era possível cultivar uma pequena horta.

— Ah, então foi lá que vocês se conheceram. Confesso que me preocupava saber

que diabos meu sobrinho aprontava naquele país tão exótico. Eu não me casei nem tive filhos, talvez seja por isso que viva me espantando com as diabruras de Grant e James. Embora deva admitir que James sempre imitou o outro, raras vezes tendo imaginação suficiente para tomar a iniciativa...

— Tio, o senhor fala como se fôssemos crianças — Grant protestou.

— Não sou mais um menino, não precisa tomar conta de mim. Nem de James.

— De fato, em idade vocês já são adultos. No comportamento, porém, revelam-se irritantemente imaturos — rebateu o patriarca da família Richardson, sentando-se ao lado de Margaret.

— Imagine, casar-se sem sequer convidar o tio...

— Foi uma decisão repentina — ela defendeu o marido.

— Da qual espero você nunca venha a se lamentar — Thomas retrucou com certa rudeza, antes que pudesse perceber que, com aquelas palavras, atingia Margaret em cheio.

— De qualquer forma, consola-me que tenha escolhido uma boa menina, mais adequada para o papel de esposa do que...

— Se vai falar de minha mãe, peço-lhe que se cale! — advertiu-o o sobrinho.

— Já discutimos muito por causa disto, e este não é o melhor momento para começarmos uma briga.

— Muito bem, então passemos a outros assuntos — o tio aquiesceu, enquanto uma senhora de cabelos grisalhos entrava na saleta seguida por duas criadas que traziam chá e guloseimas em bandejas de prata.

— Sra. Briggs, a senhora não perdeu suas mãos de fada — elogiou-a Grant, erguendo-se para beijá-la no rosto com carinho.

— A torta de nozes parece fantástica! Para não falar das rosquinhas, dos biscoitos de nata e dos pãezinhos...

— Ora, o que é isso, meu filho? — a governanta enrubesceu, comovida.

— Deixe-me apresentar-lhe Meg, minha esposa.

Ela inspecionou Margaret com olhos de sogra, parecendo gostar do que via.

Ainda assim, comentou, brincando:

— A senhora não tem feito nada para engordá-lo, não é? Prefere deixar isso por minha conta, certo? O Sr. Grant está muito magrinho... Ele sempre foi tão guloso! Apesar de que, agora, suponho que o apetite dele seja bem diferente... — a boa mulher voltou a corar com a própria malícia, provocando risos de divertimento em todos.

— Eu lhe prometo não poupar esforços para torná-lo feliz, Sra. Briggs — Margaret assegurou-lhe com sinceridade.

Depois, sorrindo, acrescentou:

— Só não garanto assar tortas e biscoitos tão gostosos! Receio que a senhora terá que se encarregar disso pessoalmente...

— Pois pode contar comigo, menina — a Sra. Briggs assentiu, piscando-lhe um olho com ar de cumplicidade.

— Por que não se junta a nós para o chá? — Lorde Thomas convidou, satisfeito com a descontração que a governanta imprimia à atmosfera.

Talvez, se fossem menos formais, ele e o sobrinho pudessem se entender.

— Agradeço, senhor, mas esta é uma reunião de família — a governanta objetou.

— E a senhora faz parte da família — Grant argumentou, conduzindo-a para uma poltrona.

— Além disso, saberá das novidades em primeira mão, ao invés de tomar conhecimento delas através dos mexericos das criadas...

— Que injustiça, Grant Richardson! — ela ralhou.

— Sabe que nunca dei ouvidos aos falatórios das garotas! No entanto, é verdade que estou ansiosa para conhecer sua jovem esposa...

— Então, está decidido — o conde Kenwick proclamou.

— Não vamos esperar mais por James. Só Deus sabe onde ele se meteu. Margaret, poderia encher minha xícara, por favor?

— Ora vamos, Grant, admita! — Margaret insistiu, escovando os longos e revoltos cabelos diante do espelho da penteadeira, que refletia a imagem de Grant se despindo.

— Kenwick Manor não é nada do que você me descreveu. E seu tio é um homem encantador.

— Para você, talvez. Comigo, ele se mostra sempre frio e distante. E quanto a James? Não vai me dizer que o tratamento que meu primo nos dispensou foi cordial...

— Decerto que não. Mas James é um rapaz mimado, que jamais parou de disputar com você a atenção do tio...

— A atenção, não. O dinheiro — Grant comentou com amargo desdém.

— Seja como for, ele sempre fará o possível para levar a melhor sobre você. Não percebe que seu primo não merece sequer seu antagonismo?

— Ali, o antagonico sou eu?! O que foi mesmo que o patife falou durante o jantar? "Só uma sofredora filha de pastor para conseguir tolerar Grant Richardson" — ele fez uma careta ao se lembrar do insulto de James, que fizera o tio Thomas sorrir, divertido.

— Como se o idiota conhecesse as mulheres. Eu tive muito mais experiência, nesse campo...

De súbito, percebendo o impacto que aquela informação causaria em Margaret, Grant calou-se, constrangido.

Em poucos passos, venceu a distância que os separava e, tomando-lhe a escova das mãos, substituiu-a na tarefa de desembaraçar os cachos anelados, deixando-os brilhantes.

Era um prazer partilhar a intimidade de Meg, desfrutando a agradável sensação de ter entre os dedos os cabelos que tanto apreciava.

— Desculpe, querida. Eu nunca deveria ter dito tamanha tolice...

— Está tudo bem. Não ignoro que você tenha uma história da qual eu pouco sei. Eu o amo, Grant, e desejo a sua felicidade com todo o meu coração. Que tal se deixar as tristezas do passado de lado e começar a viver o futuro que juntos temos pela frente? — ela sugeriu com doçura.

— Talvez seja mais fácil para mim, que não tenho família, mas você também pode conseguir...

— Shhh, nem mais uma palavra — Grant ordenou, num murmúrio rouco.

Pousando a escova sobre a penteadeira, puxou-a com gentileza e a abraçou.

— Embora você seja toda a família de que preciso, Margaret Prescott Richardson,

prometo me esforçar para conviver bem com James e o tio Thomas, se esse é o seu desejo...

— Não irá se arrepender, eu garanto — ela sussurrou, deixando que o marido a guiasse para o leito.

— Agora, é a minha vez de lhe satisfazer todas as vontades...

— Só as minhas? — Grant brincou, segurando-lhe o seio por baixo da camisola de renda.

Aquela seria sua melhor noite em Kenwick, desde que fora morar com o tio.

Como poderia ser diferente, com um anjo como Meg em sua vida?

Dois dias mais tarde, Grant encontrou Margaret, esbaforida, no salão.

— Tem certeza de que não quer vir cavalgar conosco? — ela convidou.

— James irá levar-me para conhecer a igreja que há muitas gerações os Richardson frequentam. Talvez o pastor concorde em abençoar novamente nossa união, para contentar o tio Thomas. Pensei em conversar a esse respeito com o ministro hoje, se você não se opuser.

— Não vejo problema algum — Grant concordou, deixando-se contagiar pelo entusiasmo infantil da esposa.

— Só que eu não posso ir com vocês. Tio Thomas chamou o tabelião para verificarmos algumas cláusulas do testamento de meu pai. Ao que parece, o casamento me habilita a receber o fundo criado em meu nome, ao invés de esperar até os trinta e cinco anos.

— Você não sabia disso? — espantou-se Margaret.

Era inacreditável o desapego de Grant aos bens materiais.

Não que ela fosse ambiciosa, mas aprendera a dispensar alguma atenção ao dinheiro, já que passara a vida contando cada tostão para sobreviver.

— Ora, eu já possuo o maior tesouro com que um homem pode sonhar — ele gracejou, depositando um beijo terno em sua testa.

— Embora, ultimamente, você passe mais tempo cozinhando com a Sra. Briggs ou conversando com o tio Thomas ou, ainda, cavalgando com meu primo, do que ao meu lado.

— Em compensação, à noite eu sou toda sua... — Margaret replicou, rindo com malícia.

Lembrando-se de que devia se apressar, ela ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo.

— Duvido que lhe dê motivos para reclamar...

— Precisaria ser um imbecil completo para reclamar, filho... — comentou Lorde Richardson, aproximando-se.

Em seus olhos havia um brilho travesso.

— Devo declarar que encontrou uma esposa maravilhosa, mesmo sem a minha ajuda.

— Muito obrigado, concordo inteiramente — Grant respondeu no mesmo tom.

Contudo, ainda encontrava dificuldades para lidar com essa nova faceta benevolente do tio.

Será que a idade lhe abrandara a rigidez, ou fora Meg que realizara tão árdua

façanha?

Afinal, quem não se deixaria cativar por sua cândida meiguice?

Fosse como fosse, a estadia no solar dos Richardson se revelava bem mais tranquila do que ousara esperar.

Ainda assim... Grant experimentava uma vaga inquietação.

Era óbvio que o tio ainda não fora informado sobre o que ocorrera em Calcutá.

Pensara em contar-lhe tudo assim que chegasse a Kenwick, mas a presença de Meg o impedira.

No intuito de poupá-la de uma cena tão desagradável quanto inevitável, acabara adiando a conversa de forma indefinida.

Para tranquilizar-se, repetia para si mesmo que o confronto nem seria necessário, pois em breve receberia notícias de Sir Nigel Conway e tudo estaria resolvido.

Até que esse momento chegasse, desempenharia o papel que se esperava dele na farsa da paz doméstica.

A trégua ainda se prolongou por alguns dias antes que a ilusão de harmonia familiar se desfizesse à mesa, durante o almoço, numa discussão sobre os planos de Margaret e Grant.

— Tio Thomas, julguei que o senhor gostaria de presenciar uma cerimônia abençoando a nossa união, já que não pôde estar presente quando o casamento foi celebrado — Margaret anunciou quando Carstairs serviu o café.

— James me disse que teria muito prazer em comparecer.

Enquanto Margaret ocupava a cadeira à direita do anfitrião, Grant acomodara-se na cabeceira oposta, o que lhe permitiu observar o brilho de satisfação nos olhos dele.

Não havia dúvida, o velho ranzinza sucumbira aos encantos da nova sobrinha, Grant constatou, divertido. Em menos de uma semana, ela atingira um grau de camaradagem com Thomas que ele não conseguira lograr em treze anos de conflituosa convivência.

— Você fez o impossível! Juntar dois rapazes que sempre se trataram com hostilidade! — Lorde Thomas exclamou.

— Minha querida Margaret, a única coisa capaz de suplantar a felicidade de vê-la casada com meu sobrinho seria se eu mesmo a tivesse desposado! — gracejou, sorvendo outro gole de vinho.

— Na verdade, isso teria sido muito melhor. Afinal, o que você sabe sobre Grant? Aposto meu braço direito como o patife não lhe revelou nem metade das suas aventuras do passado, ao passo que minha vida é um livro aberto e sem máculas.

— Não vale a pena remexer no passado — Grant interveio com irritação.

Sempre na defensiva, não lhe ocorreu que o tio não pretendia agredi-lo e sim brincar com ele.

— Dedico meu presente e meu futuro a Meg. O que já foi não tem mais importância.

— Todo o homem merece guardar alguns segredos de sua esposa — Margaret ponderou, conciliatória.

— Não me importo com o que Grant fez antes de me conhecer, tio Thomas. Na verdade, ele me contou grande parte de suas experiências no Nepal, Índia, Turquia e Egito. Foi um guia de valor inestimável, para mim, em nossa curta passagem por Alexandria. Espero, um dia, poder rever com mais calma as maravilhas que me

descreveu.

— Ora, pensei que, como esposa de Grant, você fosse retornar com ele para Calcutá, quando as férias acabarem — James comentou, fitando-os com curiosidade.

— Por que se trata de férias, não é mesmo? Ou, por acaso, andou cometendo desatinos por lá e o puseram para correr, Grant? Acho que nem você seria louco a esse ponto...

Um silêncio denso envolveu a sala de refeições por um longo e tenso instante.

Antes que Margaret conseguisse raciocinar com clareza bastante para tentar remediar o mal que inadvertidamente causara, o próprio Lorde Thomas veio em auxílio de Grant.

— Deixe de tolices, James — admoestou-o, embora planejasse conversar com o outro sobrinho a sós. Também estranhara a despreocupação do jovem casal em relação ao retorno à Índia.

Algo estava errado e ele iria descobrir.

— Um homem que perdesse as boas graças de Sua Majestade decerto não seria aceito por uma dama da estirpe de Margaret.

— Para tentar fugir ao casamento que o senhor lhe iria impor, ele com certeza poderia enganar uma pobre moça ingênua, tio — James retrucou em tom belicoso, relanceando os olhos para Margaret.

— Afinal de contas, Enid pode ser encantadora, de origem nobre, possuidora de uma fortuna nada desprezível, mas... sejamos francos, de bonita ela não tem nada.

— Devido à fama de mulherengo e aventureiro, seu primo não corresponde à imagem de bom partido. Eu fiz o melhor que pude - Thomas Richardson defendeu-se.

— Mas eu me preocupei à toa, pois Grant encontrou nossa querida Margaret sozinho.

— E eu agradeço a Deus todos os dias por isso — ela acrescentou, recobrada do susto.

— Asseguro-lhe, tio Thomas, que a "fama de mulherengo" de seu sobrinho desaparecerá em pouco tempo. Daqui para frente, serei a única mulher em sua vida.

— Assim é que se fala — aplaudiu-a James com um brilho zombeteiro no olhar.

— Um brinde à noiva e seu fiel cavaleiro. Que possam desfrutar sempre da felicidade desta noite!

Vencendo o ímpeto de atirar a taça de cristal no primo, Grant limitou-se a inclinar a cabeça.

Em seguida, levantou-se e foi puxar a cadeira para Margaret.

— Se o senhor nos der licença, tio Thomas, Meg e eu gostaríamos de caminhar um pouco pelos jardins para facilitarmos a digestão.

Antes que um dos dois pudesse oferecer-se para fazer-lhes companhia, Grant conduziu a esposa para fora com passos rápidos.

Por aquela tarde, bastava de "vida em família"!

— James, como pôde depreciar seu primo daquela maneira?

— Lorde Thomas interpelou-o, agastado, depois que o casal se retirou.

— Você não ignora o quanto o rapaz é sensível!

— Não fui eu que comentei o baixo valor de Grant como partido — o sobrinho retrucou com maus modos, enchendo um cálice com conhaque.

— É verdade. Mas desde os tempos de infância, você não perde uma oportunidade

para provocá-lo. Não pense que jamais percebi.

— E o senhor sempre se sacrificou para proporcionar-lhe o melhor. Cavalos, escolas, viagens, ate mesmo o ingresso na vida militar.

— Ao contrário de você, ele não tinha pai nem mãe de quem depender. Se o seu padrasto, o "Lorde escocês", não passava de um avarento, a culpa não era minha. Fui mais do que justo com você, James. Em que outra casa você viveria com o conforto de um príncipe-herdeiro?

— Eu reconheço e lhe sou eternamente grato. Só não quero que o senhor tenha a ilusão de que Grant, só porque se casou, resolveu se corrigir. Ele não mudou nada, eu lhe garanto! O seu título e esta propriedade serão meus, por direito — lembrou-o James.

Já representara o papel de primo dedicado por tempo demais, e sua paciência se esgotara.

Limitara-se a assistir, impassível, enquanto Grant a cada dia ganhava mais terreno junto ao tio.

Era "filho" para cá, "querida Meg" para lá, conferências secretas com o tabelião.

Tudo por causa de uma mulherzinha comum, reles filha de um pastor que não teve onde cair morto. Chegara a hora de pôr um basta naquela história piegas.

Não permitiria que ninguém se apossasse do que lhe pertenceria tão logo o velho ranzinza falecesse.

— O senhor não ignora que estaria contrariando as ordens de seu pai se...

— Conheço os meus deveres, James, não é preciso "refrescar" a minha memória — Thomas interrompeu-o em tom gélido.

A despeito de todas as dores de cabeça que Grant sempre lhe causara, não podia negar, com honestidade, que ele era o seu favorito.

— E então? Que atitude pretende tomar nesse caso da Índia?

— Atitude?

— Está claro que Grant aprontou uma das dele por lá. Não acha que deveria tentar descobrir o que aconteceu?

— Por quê? Para lhe dar mais um motivo para aborrecer seu primo? Não. Quando ele se sentir pronto, virá me procurar para conversarmos — Thomas Richardson decidiu, erguendo-se da mesa.

— Embora não possa afirmar o mesmo de você, James, Grant tem toda a minha confiança. E sua encantadora Meg também.

Depois de inspecionar o jardim, Margaret regressou aos aposentos que partilhava com o marido.

Gostava de Kenwick, mas, principalmente, aprendera a estimar o tio Thomas, sempre tão carinhoso com ela.

Um vínculo de afeto se estabelecera entre ambos, e só lamentava não poder incluir Grant na esfera daquele relacionamento.

As coisas não corriam bem entre tio e sobrinho, embora ambos se esforçassem para manter a cordialidade, ao menos em sua presença.

Além disso, sentia-se na obrigação de fazer algo para ajudar o esposo a recuperar o título que lhe pertenceria, não fosse a intransigência dos avós.

Entretida com tais reflexões, abriu a porta do quarto em tempo de surpreender Grant

ateando fogo a uma folha de papel.

— Voltou cedo — ele a saudou com naturalidade.

Atirando o papel em chamas na lareira, aproximou-se dela e a beijou na testa.

— Pela sua expressão, deduzo que aproveitou bem a caminhada.

— Foi, de fato, bastante agradável. Você devia ter me acompanhado — Margaret assentiu, retirando o chapéu, sem saber como abordaria o tema que a preocupava.

— Seu tio deve se orgulhar das roseiras...

— Na verdade, não sei nem se ele gosta de rosas — Grant retrucou com frieza.

— Por incrível que pareça, conheço-o muito pouco. Você é a minha maior fonte de informações sobre o conde Kenwick.

— Tio Thomas é um homem bom e generoso, Grant — Margaret murmurou, hesitante.

— Se vocês tentassem conversar, talvez...

— Mudemos de assunto, está bem? — Grant cortou-a.

Depois, arrependido da rudeza, prosseguiu em tom mais suave:

— Há alguns... pontos que preciso discutir com você. Por exemplo, essa sua deliciosa boquinha. Agora, quer me contar por que, ao chegar, trazia a testa enrugada?

— Não foi nada, bobagem minha... — ela replicou, vasculhando a mente em busca de um meio de continuar a conversa sem encarar o marido.

Seus olhos pousaram no papel, agora já quase inteiramente transformado em cinzas.

— E você, o que fazia quando eu entrei? Destruía antigas cartas de amor? — indagou, rindo, na ânsia de melhorar o humor de Grant.

— Quem sabe era um bilhete marcando um encontro secreto com alguma dama misteriosa...

— Nada disso — ele respondeu com um sorriso.

— Tratava-se apenas de uma mensagem de um conhecido meu relativo a negócios que, infelizmente, não vão indo tão bem quanto deveriam. Sabe, adoro quando você fica ciumenta...

— Dê-me um único motivo para sentir ciúme e depois me diga se adora mesmo... — Margaret ameaçou, abrandando as palavras com um daqueles sorrisos que o encantavam.

— Pelo visto, terei que vigiá-lo sem trégua dia e noite.

Uma sombra toldou o olhar de Grant, mas desapareceu tão depressa que ela se perguntou se não teria sido imaginação sua.

Quando ele a abraçou e convidou-a para um piquenique naquela tarde, esqueceu por completo a dúvida. Para que se preocupar?

Grant era um marido amoroso e fiel.

Além disso, tinha problemas demais para resolver, não lhe sobrando nem tempo para pensar em outras mulheres.

Era a tensão de conviver com a família que o estava esgotando.

Sim, um piquenique a dois seria a solução ideal para aquele momento.

Desde que chegaram de Londres, nunca mais tiveram a oportunidade de ficarem sozinhos, o que lhes fazia muita falta.

Afastados do tio Thomas e de James, gozariam dos prazeres do campo, repousariam

e voltariam mais relaxados.

— Vou pedir à Sra. Briggs que nos prepare uma cesta repleta de guloseimas! — ela decidiu, vibrando de entusiasmo.

— Mas, por favor, não deixe que ela ponha aqueles terríveis pães de gengibre! Não sei de onde ela tirou a idéia de que eu gosto dessa droga...

— É, eu também não aprecio muito. Não se preocupe, cuidarei para que só haja coisas apetitosas.

Um segundo depois, ela corria porta fora, rumo à cozinha.

O sorriso de Grant desapareceu-lhe dos lábios no mesmo momento em que Margaret saiu, substituído por uma expressão de fúria.

Maldito Nigel Conway!

Quem o bastardo julgava ser para enviá-lo contra a vontade para seu antigo posto no Cairo, em missão secreta?

Deixara sua recusa muito clara, quando o procurara em Londres, mas de nada adiantou, pois, pelo que lera na mensagem que acabara de queimar, Sir Nigel preferiu ignorar-lhe os protestos.

O papel se transformara em cinzas, mas as palavras ainda ecoavam-lhe na memória.

"Só queria colocá-lo a par da situação que discutimos na terça-feira. Seu navio para o Cairo partirá amanhã, às dezessete horas. Ainda não consegui localizar o arquivo classificado de que falamos em nosso último encontro. Talvez já o tenha encontrado quando você regressar. Acredito que devemos manter nossos assuntos sob sigilo absoluto ate que sejam resolvidos. Estou certo de que sua esposa ficará feliz em permanecer em Kenwick por mais algumas semanas.

Calorosas saudações,

C."

Sir Nigel Conway o estava chantageando!

Nas entrelinhas do bilhete, podia-se ler:

"Faça o que lhe ordeno ou não moverei uma palha para desfazer o engano que lhe enlameou a reputação".

Caminhando de um lado para o outro no quarto, Grant passou a mão pelos cabelos negros num gesto exasperado.

Que alternativa lhe restara?

Nenhuma, realmente.

Podia partir para o Cairo ou passar o resto da vida na ignomínia.

Se fosse só por ele, mandaria Nigel para o inferno e aguentaria as consequências.

Contudo, havia Meg.

Não podia condená-la a um futuro de isolamento social, não seria justo!

Só a levava ao altar porque julgava que não encontraria dificuldades para esclarecer o incidente e provar sua inocência.

Diabos, talvez tivesse sido melhor para ela ficar na companhia dos Withers.

Qualquer coisa, menos unir-se a um homem tido como traidor e libertino.

Parando junto à mesa, encheu um copo com uísque e sorveu-lhe todo o conteúdo de uma só vez.

Por mais que procurasse, não encontrava uma solução para o dilema.

As ordens de Nigel eram simples e objetivas: parta amanhã, não conte nada a ninguém, deixe a esposa em Kenwick.

Como se ele pudesse abandonar Meg aos cuidados de uma família hostil!

E como explicaria sua súbita partida a ela?

Se lhe informasse para onde estava indo, ela insistiria em acompanhá-lo.

Sim, ele embarcaria naquele navio. Quando voltasse para a Inglaterra, porém, providenciaria para que Nigel Conway se arrependesse de ter nascido!

Porém... e se não regressasse?

Era uma possibilidade que jamais o incomodara, antes.

Agora, não podia sequer considerar a hipótese de deixar Meg nas mãos dos Richardson.

Ela sofreria, a pobrezinha... talvez jamais conseguisse refazer a própria vida.

O jeito seria arranjar as coisas de forma a que ela o odiasse ou desprezasse.

Assim, não perderia tempo chorando-lhe a morte.

Tio Thomas gostava de Meg, decerto não lhe recusaria ajuda para encontrar outro marido.

Maldição!

Por que pintava um cenário tão negro?

Claro que voltaria!

Nem que fosse apenas para vingar-se de Nigel... e para impedir que sua doce Meg fosse parar nos braços de outro homem.

Grant e Margaret, enlaçados com a beleza idílica da paisagem, caminhavam pela pradaria à procura do lugar ideal para tomarem o chá.

Margaret resolvera adiar o assunto "reconciliação com o tio" e entregar-se à doce serenidade daquela tarde.

Não queria que nada perturbasse a paz e o romantismo do passeio.

Andando ao lado do marido, enternecia-se com as atenções, beijos e olhares que ele lhe dispensava. Seria agradável fazer amor com ele sobre a relva macia, sentindo o cheiro adocicado da terra e as carícias da brisa vespertina.

Como o adorava!

Queria-o perto de si pelo resto da vida, em todas as horas do dia.

Grant parou sob um grande e ancestral carvalho, decidindo que ali poderiam estender a toalha.

Fechou os olhos e respirou o ar puro, tentando afugentar a inquietação.

Ao tornar a abri-los, a primeira coisa que viu foi Margaret, com uma flor nos cabelos soltos, fitando-o com um misto de meiguice e desejo, sorrindo daquele jeito tão dela, tão especial...

Sim, ele voltaria!

CAPÍTULO IX

O jantar transcorreu em silêncio, a despeito dos esforços de Margaret para manter a conversação. Parecia que eles tinham mais assuntos sérios com que se preocupar do que

sua feminina cabecinha podia compreender, ou pelo menos foi o que James insinuou, com um sorriso indulgente:

— Os homens carregam o mundo em seus ombros, cara prima, enquanto as jovens encantadoras como você tem apenas as receitas de bolos e os modelos para novos trajes para afligi-las. Eu as invejo.

— Se você tem algo a invejar, é a inteligência de Meg. Garanto que lhe faz muita falta... — Grant observou com acidez.

— Numa competição entre esta mocinha e você, James, apostaria todo o meu dinheiro nela — Thomas apoiou-o, dando um tapinha afetuoso na mão de Margaret.

— O senhor sempre fica do lado de Grant — acusou-o o sobrinho.

Jamais soubera como aceitar críticas, principalmente quando partiam do primo.

— E por que encarregou Bainbridge de levá-lo à estação de trem ao amanhecer? Eu pretendia ir até a vila e não poderei, pois os cavalos estarão cansados demais.

— Esses animais estão habituados a fazerem uma dúzia de viagens até a vila sem se estafarem. Por que seria diferente amanhã? Entretanto, se preferir, pode utilizar outra carruagem e outros cavalos. Não ignora que o estábulo está repleto deles — rebateu o tio.

— Grant precisa resolver assuntos importantes em Londres e não é aconselhável que perca o trem. Ah, filho — ele voltou-se para seu predileto —, antes que eu me esqueça: coloquei os papéis necessários para o banco sobre a escrivaninha, na biblioteca. Já que você vai mesmo ao centro comercial, poderia preenchê-los e entregá-los ao diretor. Não será nada mal contar com mais quinhentas libras mensais.

— Quinhentas libras por mês? — James exclamou, corroído de inveja.

— Sim. Bem, primo, o tio Thomas fez milagres na administração do fundo que meu pai estabeleceu para mim. Creio que você cuida pessoalmente das suas finanças, pois não? — Grant explicou com certo desdém.

— Esse dinheiro me será de grande utilidade, pois Meg e eu pretendemos comprar uma casa.

— Sabe que os dois são bem-vindos em Kenwick Manor, e podem ficar pelo tempo que desejarem — Thomas declarou, endereçando-lhes um sorriso caloroso.

— E lhe somos muito gratos por isso — Margaret interveio com diplomacia —, mas Grant e eu precisamos construir um lar para os futuros herdeiros Richardson...

— Herdeiros? Meg, você não quer dizer que... — assustou-se Grant.

Deus, e se ela estivesse grávida?

Como seria se ele morresse no Egito?

Bem, se houvesse uma criança a caminho, mandaria Conway e a própria reputação para o inferno e permaneceria ao lado da esposa.

Margaret fitou-o, perplexa. Não esperava uma reação tão abrupta.

— Ainda não, meu amor. Por quê? Você se incomodaria?

— De forma alguma, querida — apressou-se a negar, buscando uma desculpa para seu comportamento estranho.

— Contudo, devo admitir que fiquei um tanto enciumado. Talvez ainda não esteja pronto para dividi-la com ninguém, nem mesmo com um filho.

— Bem, talvez fosse uma filha... — Margaret gracejou, rindo ao ver o marido

engasgar.

— Agora, senhores, vou deixá-los tomar o conhaque em paz. Estou ansiosa para caminhar um pouco pelos jardins. A lua me parece tão convidativa, esta noite...

— Você se importaria se a acompanhasse? Faria muito bem à minha digestão... — Grant explicou, relanceando os olhos para os dois homens à mesa.

— Tio Thomas, se não nos virmos mais... gostaria de pedir-lhe que cuidasse de Meg na minha ausência.

— Mas é claro, será um prazer — ele concordou.

— Só não vejo motivo para tanta preocupação. Afinal, Londres fica a menos de um dia de viagem, e você estará de volta antes que ela tenha tempo de sentir-lhe a falta.

— Não sei, não... — Margaret suspirou, sem imaginar o efeito que suas palavras causariam no marido — basta um minuto longe dele e sinto o coração doer de saudade.

— É por isso que farei de tudo para regressar o mais rápido possível... — Grant murmurou, ocultando o desespero.

— Ora, por favor! — James protestou.

— Deus me livre dessa imorredoura devoção...

— Tranquelize-se, rapaz — o tio advertiu-o.

— Você jamais correrá o risco de atrair uma moça tão preciosa quanto Margaret.

— O perfume inebriante das rosas, a luz prateada da lua, a companhia do homem que amo... que mais eu poderia querer? — Margaret enunciou, banhada por uma sensação de paz e contentamento.

O aroma da cigarrilha recordou-lhe o convés do navio, única testemunha do nascimento de seu amor.

— Olhe, Grant, uma estrela cadente! Faça um pedido, depressa!

— Está bem. Eu desejo...

— Não! Não pode me contar, senão não se realizará — ela pousou o dedo esguio nos lábios dele para calá-lo.

— Nesse caso, vou dizer apenas o que *não pedi* — Grant zombou, mordiscando-lhe de leve a ponta do dedo.

— *Eu não desejei que você continuasse bonita, porque já a vejo mais linda a cada dia que passa.*

— Oh, Grant...

Ele estacou e tomou-a nos braços com fervor.

— Prometa-me que nunca permitirá que alguém a leve a duvidar de mim ou de meu amor por você.

Os olhos dele brilhavam com acentuada intensidade, e seu tom de voz soara repleto de tensão.

Margaret sentiu um calafrio, como se um anjo mau tivesse lhe tocado a pele.

Depois, encolheu os ombros, considerando-se ridícula por pensar tolices num momento tão doce.

— Como poderia duvidar? Você é o meu herói, o destemido cavaleiro andante que me salvou das garras da solidão e da falta de afeto. Muito embora eu o ache mais atraente quando despe a cota de malha... — ela acrescentou, rindo com malícia.

— Mulher, meça as suas palavras ou não responderei pelos meus atos. Agora,

comporte-se e me diga o que você não pediu à estrela cadente.

— Deixe-me ver... ah! Eu não desejei fortuna, porque você já dispõe de mais dinheiro do que uma centena de pessoas poderia gastar ao longo de uma vida, com exceção de Caroline Withers, naturalmente. Como estou convicta de que você me ama, também não desperdicei meu desejo com isso, embora ainda quisesse ir com você, amanhã...

— Querida, já conversamos sobre esse assunto. Será uma viagem cansativa, para tratar de negócios maçantes. Além do banco, preciso procurar Sir Nigel Conway para renovar meus votos de lealdade para com a Rainha e... — Grant interrompeu-se, incapaz de prosseguir com as mentiras.

No entanto, tinha que fingir, caso contrário Meg poderia desconfiar, piorando a situação.

— E eu pensei em fazer uma surpresa a uma certa senhora recém-casada, embora ainda não me tenha decidido sobre o que comprar. Você acha que ela gostaria de uma jóia? — Indagou, voltando os olhos para o colar e brincos que refulgiam ao luar, presente de núpcias de tio Thomas.

Lembrou-se, então, que o pequeno cofre de jóias que pertencera à sua mãe estava guardado num banco em Londres.

Nem pensara nele durante anos, mas agora precisava retirá-lo, pois pertencia a Meg, por direito.

Margaret fitou-o, séria.

— Eu o amo, Grant Richardson. Por essa simples razão, adorarei qualquer coisa que me dê.

Grant comoveu-se. Uma mulher como aquela merecia que ele se esforçasse para jamais decepcioná-la.

— As jóias que meu pai comprou para minha mãe são suas, já que não tenho irmãos — ele declarou.

— Contudo, receio não encontrar um anel sequer que possa comparar-se a você em beleza.

— Grant, eu não estou à altura de...

— Margaret Prescott Richardson, a lua e as estrelas seriam insuficientes para recompensá-la por dispensar um amor tão sem reservas a um homem como eu. Juro que a farei feliz, não importa a que preço... e vou começar agora, naquele quarto lá em cima

— Grant insinuou, acariciando-lhe o seio de leve sobre o vestido.

— Vamos ver se consigo despi-la mais depressa do que ontem...

Margaret gemeu baixinho.

— Você representa mais para mim do que a lua, as estrelas, o universo inteiro. Por isso, pouco me restou para desejar...

Contendo um suspiro, Grant guiou-a pelo terraço rumo à escadaria de mármore que conduzia ao andar superior.

Sentia-se culpado por esconder tantas coisas, por não lhe contar que dentro de poucas horas iriam separar-se, talvez para sempre.

Se existisse um Deus, Ele levaria em conta o amor imenso que carregava no peito, e o absolveria de todos os pecados.

Ao amanhecer, partiria do modo mais discreto e indolor possível e, por tudo quanto

era sagrado, voltaria para Meg... ou morreria tentando.

Passava das nove horas, na manhã seguinte, quando Margaret abriu os olhos e correu a mão pelo lado da cama ocupado por Grant.

Estava vazio e gelado.

Espreguiçou-se, estranhando a ausência do caloroso beijo com que ele a saudava.

Significava "bom dia", e, em geral, servia de reinício da doce batalha amorosa que o sono interrompera. Um vivo rubor tingiu-lhe as faces ao relembrar a forma desinibida e apaixonada com que se amaram até quase o sol nascer.

Seu corpo reagiu, ansiando pelas carícias de Grant.

Ainda bem que ele fora apenas a Londres, devendo regressar a Kenwick no fim do dia.

Mais do que isso, ela não conseguiria suportar.

Sorrindo, antecipou o reencontro, os beijos voluptuosos que matariam a saudade que já lhe explodia no peito.

Despejando água na bacia de porcelana para banhar-se, ela se preocupou com a possibilidade de Grant ter perdido o trem em consequência da despedida prolongada.

Bem, o máximo que poderia acontecer era ele apanhar o comboio seguinte, chegando à capital um pouco mais tarde do que o planejado.

O contato da água fresca em sua pele ainda aquecida pelo calor dos cobertores arrepiou-a, despertando-lhe novas lembranças da noite anterior.

Sempre gostara de fazer amor com o marido, mas daquela vez fora diferente, especial.

Ele parecia preocupado apenas com o prazer dela.

Inventou carícias as mais ousadas, beijando-lhe os recantos mais íntimos, transportando-a para um mundo de êxtase jamais imaginado.

Nem fazia idéia de quantas vezes Grant a possuía, nas posições mais diversas, num misto de furor e delicadeza que quase a enlouquecera.

"Pecados da carne", seu pai diria.

E como estaria enganado ao afirmar tal absurdo.

Sua experiência com Grant demonstrava que a união dos corpos concretizava a comunhão de almas.

Só Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, poderia ter concebido um ato assim grandioso.

Quem jamais se entregou aos prazeres do amor passou pela vida sem viver, ela refletiu, lamentando mais uma vez que o pastor Prescott jamais tivesse descoberto essa verdade tão simples.

Maldito trem, praguejou Grant, enquanto os quilômetros desapareciam sobre as rodas do monstrengo movido a vapor.

— Maldito Conway e maldita Rainha, também! — sussurrou para si mesmo, quase mastigando a cigarrilha.

Contudo, reservava para si mesmo as piores imprecações por ter deixado Margaret.

Quando o trem parou na primeira estação, mordeu os lábios para reprimir o ímpeto de descer e voltar para Kenwick.

Contudo, em seu íntimo sabia que era justamente por causa da esposa que se

aventurava numa missão que poderia custar-lhe a vida.

Era necessário impedir, a qualquer preço, que o escândalo o atingisse na Inglaterra.

Meg o defendera junto à Sra. Withers com serena bravura, mas como reagiria se tivesse que passar o resto da vida trancada em casa, repudiada pela família e pela sociedade?

Não poderiam sequer ter filhos, pois a desgraça recairia também sobre eles.

O tio Thomas seria o primeiro a virar-lhes as costas, por mais que, agora, parecesse entusiasmado com a nova sobrinha. Quanto a James, ficaria feliz com a oportunidade de espezinhá-los.

O Egito era a única solução possível, por mais que odiasse admiti-lo.

Antes de embarcar no maldito navio, porém, iria ao banco e despacharia o cofre com as jóias de sua mãe para Meg.

Ela precisava saber que a amava, a despeito de tudo quanto lhe diriam a seu respeito.

— Tio Thomas, Margaret, aí estão vocês, finalmente! — chamou-os James do terraço, ao vê-los regressar do lago com os cestos repletos de peixes.

— Tudo indica que passaram uma tarde divertida.

— Sim, maravilhosa — Margaret confirmou, exibindo o cesto como se fosse um troféu.

— Seu tio ensinou-me a pescar. Nunca pensei que fosse tão complicado! Primeiro, deve-se escolher a isca certa, colocá-la no anzol e esperar em silêncio. Quando o peixe é fispado, trava-se uma verdadeira batalha. Que desafio!

— James não encara nada por esse prisma, Margaret. Nas pescarias ou na vida, ele sempre encontra um modo fácil de obter o que deseja — Thomas observou, fitando o sobrinho com ar desgostoso.

Nos dias anteriores, o rapaz se esquivara da família o mais que pudera, como se a presença de Grant o intimidasse.

Agora, porém, que o primo se ausentara, parecia incapaz de dispensar-lhes a companhia.

— Por que essa ansiedade para que voltássemos logo? Em geral, você parece ter coisas mais interessantes a fazer do que ficar junto de um tio velho e ranzinza.

— Velho e ranzinza? O senhor?! Ora, o que é isso... — ele protestou, fingindo-se indignado.

— Eu trouxe um convidado para o chá, alguém que gostaria de apresentar a minha nova parenta, e a Sra. Briggs não sabia se já podia servir ou se devia aguardar mais um pouco. Margaret, por que não sobe para refrescar-se um pouco enquanto eu levo as trutas para a cozinha?

— Boa idéia. Descerei num instante — ela aquiesceu de pronto.

Antes de disparar para o quarto, depositou um beijo afetuoso na testa do conde Kenwick.

Lorde Thomas sorriu ligeiramente, apreciando o carinho. Todavia, a insólita cordialidade de James preocupava-o.

— Algo me diz que não vou gostar da visita... estarei enganado?

— Bem, eu não vejo por que o senhor se aborreceria — replicou o sobrinho com ar de

mistério, afastando-se devagar na direção da porta da cozinha.

— Afinal, costumava admirá-la antes que Grant aparecesse aqui com uma esposa pelo braço...

— James Eliot Andrews, você não teve a coragem de... volte aqui, seu demônio!

Inútil gritar, pois James já desaparecia no interior da casa.

Thomas praguejou baixinho, lamentando que sua irmã tivesse posto aquela criatura desprezível no mundo.

— Maldito seja, seu traste inútil!

Com todos os defeitos, Grant ao menos é honesto e leal! — exclamou, entrando pela porta lateral para subir aos aposentos.

Se Margaret se demorasse bastante para descer, talvez Enid Henshaw se cansasse de esperar e fosse embora.

Mas não, as mulheres eram movidas pela curiosidade.

Ela não perderia a chance de conhecer a moça que conseguira desposar o homem com quem quase se casara.

Com efeito, ao passar pelo vestíbulo, viu Margaret, confiante e inocente, entrar na saleta íntima.

Com um suspiro, desistiu de trocar a roupa e seguiu a sobrinha.

Se não lhe fora possível poupá-la daquele desastroso encontro, talvez pudesse protegê-la de seus dissabores.

Graças à prática adquirida ao longos dos anos de ocultar os próprios sentimentos, Margaret conseguiu sobreviver à refeição vespertina.

Assim que ingressou na sala, James lhe apresentou, com exagerada familiaridade, a ex-noiva de Grant.

— Margaret, estou certo de que Enid terá o maior prazer em introduzi-la na aristocracia rural. Foi por isso que a convidei. Afinal, a experiência de Enid nesse campo é bem mais vasta do que a sua, não é verdade? Imagine que o avô dela foi pastor das damas-de-companhia de Sua Majestade por quase dez anos em Sandringham. Por isso, sua família aprendeu todos os bons modos da Corte.

— Ora, isso foi há muito tempo — objetou Thomas, lutando para manter sua irritação sob controle.

— Na verdade, creio que a vida de Margaret na Missão em Calcutá tornou-a bastante habilitada em termos sociais, em especial no que se refere a atividades beneficentes.

— Ah, então conheceu Grant na Índia, Sra. Richardson? — Enid indagou com a afetação que a caracterizava.

— Eu pensava que vocês se viram pela primeira vez no navio, quando voltavam para a Inglaterra, e foram acometidas por uma paixão tão súbita que nem lhes deu tempo para investigarem o passado e a reputação um do outro.

Margaret encheu a xícara com chá e sorveu um pequeno gole, refletindo sobre a estratégia que seria forçada a empregar.

Estava determinada a impedir aquela mulher de feri-la com suas garras aguçadas, nem que para tanto fosse obrigada a mudar um pouco a realidade dos fatos.

Não ficaria impassível enquanto James e aquela bruxa trocavam insinuações maldosas a respeito de Grant.

— Receio que a senhorita tenha entendido mal — respondeu em tom melífluo.

— Meu marido e eu nos conhecemos em Calcutá, onde ele teve a gentileza de me ajudar a resolver um problema comercial. Para ser franca, ele me salvou de sérios apuros. Eu não falava uma palavra de Híndi, não estava familiarizada com a cultura nativa e, portanto, não conseguia me comunicar. Grant, porém, solucionou o caso num minuto e acabamos nos tornando amigos.

— Meu primo sempre teve talento para auxiliar belas jovens a satisfazerem suas necessidades... — James comentou, ferino.

— James Eliot — o tio repreendeu-o, no limite da paciência.

Margaret, porem, não se mostrava abalada, e o som doce de sua voz, ao prosseguir, abrandou-lhe a fúria.

— Na verdade, primo, Grant recusou pagamento pelo socorro prestado, o que impressionou meu pai e, provavelmente, contribuiu para estreitar ainda mais os laços de admiração recíproca que surgiu entre ambos a partir daí. Para papai, o namoro entre mim e Grant era motivo de júbilo. Depois da morte de minha mãe, ele passou a preocupar-se muito com o meu futuro, e a idéia de ver-me casada o tranquilizava.

— Imagino... — James murmurou com ironia.

— Entendo. Como dizem, os costumes nos confins mais afastados do Império Britânico divergem muito dos nossos — Enid observou, curvando-se para servir-se de outra fatia de bolo.

— Conquanto o casamento entre membros de classes sociais diferentes seja cuidadosamente evitado na Inglaterra, em países como a Índia proliferam mais do que pragas. Decerto isso explica a naturalidade com que seu pai encarou a possibilidade de unir você e Grant em matrimônio.

Margaret contou até dez, sorvendo outro gole de chá.

Não daria a Enid o prazer de vê-la perder a calma.

Impondo-se uma conduta impecável, respondeu a cada provocação com serena dignidade e um sorriso imperturbável afivelado no rosto.

Por fim, Enid levantou-se.

— Fiquei muito feliz em conhecê-la e constatar com os próprios olhos que você não é uma caçadora-de-dotes sem eira nem beira lá das colônias, interessada apenas na fortuna dos Richardson, embora os mexericos afirmem o contrário. E lembre-se, querida, que se precisar do meu auxílio para adaptar-se a seu novo e elevado *status*, estarei à sua disposição para ensiná-la a se comportar em sociedade. James, poderia prestar-me o favor de verificar se minha carruagem já está pronta?

— Decerto, com todo o prazer.

— Muitíssimo obrigada, Srta. Henshaw. Transmitirei suas lembranças a Grant, quando ele regressar - Margaret replicou, acompanhando-a até a porta.

Depois que a carruagem partiu, Thomas tomou-lhe a mão e se desculpou:

— Lamento de verdade, Meg. Você está bem? Ah, Enid sabe ser irritante, mas você demonstrou uma força capaz de derrotar a maldade dela.

—Não se preocupe comigo, tio Thomas. Contudo, ficaria aborrecido se lhe perguntasse como pôde esperar que Grant desposasse essa víbora? Ela reúne todos os defeitos que seu sobrinho não tolera.

Thomas suspirou.

— Como já deve ter percebido, minha querida, não conheço Grant o suficiente para saber o que ele detesta ou adora. Enid estava disponível e concordava em se casar com meu sobrinho, então...

— Mas esses motivos não bastam para unir duas pessoas...

— Tem toda a razão, foi mesmo uma loucura da minha parte. Contudo, eu também estou curioso. Grant não me contou como vocês se conheceram, nem por que abandonou o Corpo de Lanceiros... — após um segundo de hesitação, Thomas decidiu ser franco e acrescentou:

— James está convencido que o primo foi coagido a deixar o Exército.

— E o senhor, o que pensa? — Margaret indagou.

— Você o ama e acredita nele sem restrições, o que me inclina a fazer o mesmo — Lorde Kenwick replicou com diplomacia.

— Ele ficará feliz em ouvir isso — ela aprovou, beijando o rosto do tio.

— Quando acha que ele chegará? Quando nós viemos, a viagem demorou cinco horas, mas foi de carruagem. De trem, deve ser muito mais rápido.

— Bem, são quase cinco horas, é provável que o tenhamos conosco entre nove e dez da noite. Grant avisou a Sra. Briggs para não o esperar para o jantar. Enquanto isso, o que acha da idéia de dar um passeio pelos jardins com este velho ranzinza?

— Não conheço ninguém que corresponda a essa descrição, mas adoraria passear com o senhor - Margaret aceitou, dando-lhe o braço.

— Gostaria que me explicasse o que faz para cultivar rosas tão lindas!

Já haviam passado alguns minutos desde que o relógio anunciara as dez horas quando James entrou na biblioteca, onde Margaret e o tio liam sem o menor entusiasmo.

— Boa noite — cumprimentou com euforia.

— Este sobrinho pródigo já retornou a casa, embora, pelo visto, meu primo ainda não. Claro que não me surpreende. Em se tratando de Grant, tudo é possível...

— Nós o esperamos a qualquer momento — rebateu Thomas.

— Posso compreender que Grant se demore mas você... o que reteve até tão tarde?

— Não há mistério. Na falta de Grant Richardson, a encantadora Enid me convidou para o jantar. Eu teria recusado, mas...

— James fez uma pausa, servindo-se de conhaque.

— A mãe dela recebeu uma vasta correspondência de Calcutá com notícias inquietantes, que a deixaram deveras transtornada. Julguei que, como cavalheiro, era minha obrigação aceitar.

— E no que você pôde ser útil à Sra. Enshaw? — o tio inquiriu, desconfiado.

— Eu não suspeitava que você tivesse talento para tranquilizar quem quer que seja.

— E no entanto eu o fiz. Não foi difícil. Bastou enfatizar que, ao contrário de se afligir, ela devia rejubilar-se por não ter como genro um homem que desfilou despido pelas ruas de Calcutá no mês passado — ele revelou, deliciando-se com a expressão de choque no semblante de Thomas.

Era exatamente aquele efeito que desejara provocar.

— Ao que consta, os súditos de Sua Majestade na Índia não comentam outra coisa.

— Grant não andou despido coisa nenhuma! — Margaret exclamou.

— Seu corpo estava coberto o suficiente. E ele teve bons motivos para agir assim.

— Na sua opinião, talvez — James concedeu, evitando fitá-la.

Bebeu o restante do conhaque e encaminhou-se para a porta.

Antes de sair, acrescentou:

—A comunidade britânica em Calcutá, todavia, pensa de forma bem diferente. O que não nos deve preocupar, pois meu primo sempre encontra uma desculpa para seu comportamento ultrajante. Do mesmo modo como, decerto, também explicará por que não retornou para os braços de sua amada esta noite. Eu sabia que uma aliança de casamento não modificaria seus hábitos um tanto... libertinos.

— Tenho certeza de que Grant entrará por aquela porta a qualquer momento — Thomas retrucou, embora já não acreditasse nisso.

Mas não o diria a James.

— Nunca se pode confiar nos horários de trem.

— Sinto contradizê-lo, caro tio, mas parei na estação a caminho de casa. O último comboio vindo de Londres já passou. Receio, Margaret, que seu pobre marido tenha sucumbido aos prazeres da capital. Bem, estou cansado e vou recolher-me. Tenham uma boa noite.

O silêncio reinou, quase palpável, na biblioteca.

Margaret entregou-se a um desespero mudo, incapaz de raciocinar, de entender o que ocorria.

Onde estaria Grant?

O que lhe acontecera em Londres?

Se ele não regressasse no dia seguinte, ela iria até lá para procurá-lo.

E como o tio Thomas interpretaria tudo aquilo, justo agora que os falatórios de Calcutá haviam alcançado a Inglaterra?

Talvez devesse revelar-lhe toda a verdade, evitando que ele pensasse mal do sobrinho.

— Tio, eu...

— Margaret, sei que está a par das aventuras, ou, melhor dizendo, desventuras de meu sobrinho na Índia, mas...

— Mas, nada, tio. Grant de fato despiu o uniforme e abandonou o gabinete do coronel, mas seu alojamento era bem próximo, de maneira que ele não se expôs "pelas ruas", como James insinuou.

— Pode ser que não, porém gostaria que me contasse tudo desde o princípio — pediu-lhe o nobre inglês, enchendo dois cálices de conhaque.

Ao estender um deles para a sobrinha, apoiou a mão em seu ombro e prosseguiu:

— Querida, estou certo de que Grant a ama muito, pelo menos até onde vai sua capacidade de amar, e minha esperança era de que esse sentimento o redimisse dos erros do passado. Não preciso dizer que reprovo a conduta de James, mas ele fez bem em me alertar. Algo está errado, e, se eu não conhecer a verdade, não disporei de meios para ajudar. Grant tinha que voltar hoje, pois amanhã será celebrada a cerimônia para abençoar o casamento de vocês...

— Grant chegará a tempo, o senhor verá! Entretanto, concordo que seja seu direito ser informado sobre as... aventuras de meu marido. Em parte, a ida dele a Londres se

relaciona com o incidente de Calcutá.

Thomas ouviu em silêncio a narrativa de Margaret, abstando-se de interrompê-la.

Só depois que sobrinha concluiu o relato, comentou:

— Pobre Grant. Imagino o quanto ele sofreu... Está decidido. Amanhã mesmo irei visitar Sir Nigel Conway em Londres e descobrir o paradeiro de meu sobrinho.

— Grant não desapareceu! Ele chegará de manhã, e seria perda de tempo o senhor ir a Londres.

— O pastor compreenderá e adiará a cerimônia — Thomas declarou, ignorando-lhe o aparte.

— Tio Thomas, não nos precipitemos. Se Grant não voltar até amanhã à noite, eu mesma irei procurá-lo.

— Eu jamais permitiria que andasse sozinha por aí, menina! Ainda mais num país que lhe é estranho!

— Eu nasci aqui.

— Mas ficou fora por doze anos. Nós dois viajaremos juntos, certo? Se Sir Nigel não nos puder ajudar, então tomaremos outras providências.

Margaret sentiu um nó embargar-lhe a garganta.

— Muito obrigada... eu sabia que o senhor gostava de Grant, a despeito de sua aparente hostilidade.

Thomas sorriu.

— Afeto nada tem a ver com o caso, minha jovem. Eu só não posso permitir que o nome de minha família seja envolvido num escândalo dessas proporções. Agora, vá dormir. Se você estiver certa, seu marido regressará pela manhã.

— Eu *estou* certa — ela assegurou-lhe, beijando-o na testa.

Ao fechar a porta do quarto atrás de si, contudo, a máscara de confiança se desfez, revelando angústia e medo.

Quanto a Lorde Thomas, este não ignorava que teriam pela frente uma noite difícil e interminável.

Para passar o tempo, resolveu desabafar a ira com o outro sobrinho, cujo comportamento não se mostrara melhor que o de Grant.

O caráter de James se deteriorava a cada dia, e já não era possível manter os braços cruzados.

Subiria para dizer-lhe algumas verdades.

Aquele rapaz receberia uma lição da qual jamais se esqueceria...

CAPÍTULO X

O sol nasceu, mas as preces de Margaret e de Lorde Thomas não foram atendidas.

Por volta das oito horas da manhã, Carstairs foi enviado às pressas até a igreja para solicitar ao pastor que adiasse a cerimônia para uma data ainda a ser marcada.

Ao meio-dia, tio e sobrinha concluíram que não adiantava mais esperar.

De comum acordo, resolveram que era hora de partir para Londres.

Em Whitehall, seus esforços pareciam mal direcionados.

— Sir Nigel Conway? Receio não conhecer ninguém com esse nome — informou o

soldado na recepção.

— Estou certa de que Grant afirmou ser aqui o gabinete dele — Margaret cochichou para o tio.

— Por que ele iria mentir a esse respeito?

— Olhe, meu jovem, chame o seu superior e diga-lhe que a Sra. Richardson e Lorde Kenwick aguardam para falar com Sir Nigel.

Não dispomos da tarde inteira, portanto, apresse-se — ele ordenou em tom autoritário.

Habituação com a burocracia governamental, não se surpreendeu quando, momentos depois, foi recebido pelo homem em questão.

A partir daí, porém, suas esperanças se desvaneceram.

— Como é possível que não veja Grant desde Calcutá? — espantou-se Margaret.

— Não tenho dúvidas de que meu marido veio visitá-lo na terça-feira passada, e provavelmente voltou aqui ontem.

— Minha prezada senhora, por que eu deveria contar-lhe sobre o paradeiro desse homem, se eu estivesse de posse dessa informação, o que não ocorre? O único Grant Richardson que conheço é solteiro, e não disponho de provas, excetuando a sua palavra, de que tal casamento tenha ocorrido de forma tão conveniente no exterior?

— Eu decerto não iria imaginar que precisaria da minha licença de casamento para inquirir sobre meu marido. Como se atreve a se dirigir a mim nesses termos? — Margaret rebateu, furiosa e decepcionada. Esperava que o chefe de Grant pudesse ajudá-la, ao invés de se constituir num obstáculo.

— E, no entanto, a senhora se atreveu a questionar a minha sinceridade quando afirmei não ver Grant há algum tempo. Cara jovem, devo declarar que considero seu comportamento ultrajante

— o militar redarguiu.

Não entendia como um de seus melhores agentes pudera confiar segredos de Estado a uma mulher, mesmo que fosse a esposa.

Já fora difícil o bastante fornecer as informações que os Conselheiros da Rainha exigiram enquanto mantinha o Primeiro Ministro no escuro, não precisava de outras complicações, como aquela moça que o afrontava.

Quanto mais cedo se livrasse dela, melhor para todos.

— O mesmo pode-se dizer do seu comportamento, Sir Nigel — interveio Lorde Kenwick.

— Se o senhor duvida da identidade da Sra. Richardson, decerto me reconhece como o tio de Grant. Tenho o direito de saber a verdade sobre as atividades de meu sobrinho.

— Naturalmente, senhor. Se eu soubesse onde ele está, não hesitaria em lhe contar. Contudo, como acabei de repetir pela milésima vez, não vejo Grant há pelo menos dois meses.

— Mas... meu marido me confidenciou que viria procurá-lo — desesperou-se Margaret, os olhos azuis agitados como o mar tempestuoso.

— Minha senhora, se não acredita em mim, peça ao meu secretário que lhe mostre a minha agenda. Procure na quarta-feira... não foi esse o dia?

— Terça...

— Exato, na última terça-feira. Veja se encontra o nome de seu marido em algum horário.

— Isso não será necessário — objetou Thomas, não ignorando a facilidade com que aqueles registros podiam ser adulterados.

— Vamos, Margaret, receio que não tenhamos mais nada a fazer aqui.

— Mas Grant disse...

— Estou certo que sim, minha jovem senhora — Sir Nigel concordou com falsa benevolência.

— Porém, conhecendo Richardson como conheço, não me surpreenderia se ele... faltasse com a verdade. Esta não seria a primeira, nem a última vez.

— Quando vocês o virem, por favor, peçam-lhe para vir ao meu gabinete. Há muitas coisas sobre a situação na Índia que eu mesmo gostaria de lhe perguntar.

— Está muito bem, desculpe-nos por tê-lo incomodado — Margaret despediu-se com secura.

Que mulher de temperamento forte, Sir Nigel pensou, ao depositar um beijo leve em sua mão fria.

Estava realmente furiosa com ele.

Paciência, teria que esperar até Grant retornar do Cairo para desculpar-se com ela.

De qualquer modo, devia admitir que o casamento tomara o rapaz inviável para o serviço secreto.

O que era uma lástima!

O convés da embarcação militar, livre da alegre balbúrdia dos passageiros civis, tornara-se o local predileto de Grant, que ali fazia intermináveis caminhadas, contemplando o mar, esforçando-se por não pensar em Meg...

Como, oficialmente, não viajava a serviço das Forças de Sua Majestade, estava dispensado das tarefas de manutenção do navio.

Assim, sem nada com que se ocupar, sentia o tempo transcorrer com exasperante lentidão.

Consolava-o, contudo, a idéia de que chegaria a seu destino num prazo menor do que se estivesse num cruzeiro de turismo, como aquele em que conhecera e desposara Meg.

Ah, Meg... não se passava um minuto sem que ela viesse ocupar-lhe a mente...

De qualquer forma, quanto mais cedo chegasse, mais rápido poderia voltar para os braços de sua amada, e para a vingança contra Sir Nigel Conway.

— Tio Thomas, gostaria de retornar a Kenwick ainda hoje. Pode ser que haja alguma notícia de Grant nos esperando era casa... — Margaret sugeriu, depois que se acomodaram na carruagem de aluguel.

Lorde Kenwick consultou o relógio que pendia de uma corrente presa ao cinturão da calça com ar pensativo.

— Se corrermos, talvez dê tempo — ponderou.

Em seguida, pôs a cabeça para fora da janela e gritou para o cocheiro:

— Leve-nos ao Banco Lloyd, perto de Westminster, por favor.

Voltando-se para a sobrinha, acrescentou:

— Quem sabe alguém lá nos pode fornecer alguma pista. Querida menina, não se aflija. Tenho certeza de que existe uma explicação lógica para tudo isto. Amanhã, quando

nos lembrarmos deste episódio, daremos boas risadas...

As notícias recebidas no banco, porem, longe de tranquilizá-lo serviram para fortalecer as inquietantes suspeitas que brotava em Lorde Thomas e em Margaret, embora os dois se recusassem a verbalizá-las. Sim, Grant estivera lá e não só sacara as quinhentas libras de seu patrimônio, como também retirara do cofre o pequeno baú que continha as jóias de sua mãe.

A viagem de regresso a Kenwick transcorreu em silencio, pois não havia nada que os dois pudessem dizer um ao outro à guisa de consolo.

Margaret chorava por dentro, começando a acreditar que fora abandonada pelo homem que tanto amava, enquanto o tio praguejava contra o patife do sobrinho, que ousara magoar uma esposa como aquela.

Já passava de meia-noite quando os dois chegaram a Kenwick Manor.

A governanta, ainda acordada, veio recebê-los na porta.

— Sra. Briggs, Grant voltou? — Margaret indagou com ansiedade.

— Não, senhora. Mas ele lhe enviou uma encomenda. O correio a entregou logo depois que vocês partiram, esta tarde.

Margaret segurou o pequeno pacote com as mãos trêmulas.

— Vamos entrar, minha criança — tio Thomas propôs.

— É melhor abrir o embrulho na saleta. Sra. Briggs, prepare alguns sanduíches para nós, e um pouco de chá com conhaque.

Margaret deixou-se guiar para o interior da casa e sentou-se na poltrona com a caixa sobre o colo, fitando-a com olhar esgazeado.

— O que há com você, menina? — Lorde Thomas indagou, preocupado, quando lhe servia a xícara de chá misturado com a bebida forte.

— Nós fomos a Londres para descobrir o paradeiro de Grant e a resposta está bem aí, debaixo do seu nariz. Por que não desfaz logo o mistério?

— E se Grant tiver me abandonado, tio? Se neste pacote houver uma carta dizendo que nosso casamento foi um erro e ele não me quer mais?

Expressar seus medos mais terríveis em voz alta fez com que Margaret percebesse quão tolos eram aqueles temores.

Depois de lhe demonstrar uma paixão tão intensa, como poderia o marido parar de desejá-la?

— Margaret Prescott Richardson, não seja boba! Como já lhe afirmei antes, se existe algo inquestionável em relação a meu sobrinho, é o afeto que lhe dedica. Tome um gole do chá para sentir-se melhor, e abra esse pacote de uma vez. Já é hora de pôr um fim em tanto sofrimento, não acha? — advertiu-a com brandura Lorde Thomas, sorvendo uma dose de conhaque puro.

— Tem razão — ela aquiesceu, enxugando as lágrimas com as costas das mãos.

Pousou a xícara sobre a mesinha e rasgou o papel manilha que embrulhava um pequeno baú de madeira e couro.

Dentro, havia um maço de cédulas, algumas jóias de rara beleza e uma carta.

— Vê? — o tio sorriu.

— Eu lhe disse que haveria uma explicação lógica para o desaparecimento de Grant. O primeiro enigma já foi desvendado. Sabemos, agora, porque meu sobrinho tirou o

dinheiro e esse cofre do banco. Agora, leia, por favor.

Margaret hesitou.

— Para que eu precisaria das quinhentas libras, se ele vai voltar?

— Se você concordar em ler essa carta, decerto irá descobrir... Por fim, ela desdobrou a folha.

"Minha doce Meg

Ontem eu lhe pedi que promettesse confiar sempre em mim e você me deu a sua palavra. Embora seja demasiado cedo para cobrar-lhe o cumprimento da promessa, surgiram problemas que exigem a minha atenção. Por favor, compreenda!

Estas jóias pertenceram à minha mãe e creia que nada me proporcionaria um prazer maior do que vê-las em você, especialmente os anéis, verdadeiros símbolos de amor e permanência, no dia em que renovarmos os votos do nosso casamento.

Enquanto esse momento não chega, guarde-me em seu coração com o mesmo carinho com que trago sua imagem refletida em minha alma.

Seu apaixonado e devotado marido,

Grant

— Apaixonado e devotado coisa nenhuma... — resmungou Lorde Thomas — quem diabos ele pensa que é para desaparecer no ar, largando desprotegida sua pobre esposa?

— Mas eu não fiquei só, nem muito menos sem proteção — Margaret argumentou.

— Quaisquer que fossem seus motivos para partir, Grant cuidou para que eu ficasse a salvo com o senhor, aqui em Kenwick, antes de fazê-lo.

— Bem, claro que zelarei por você. Contudo, se esse meu sobrinho pensa que poderá entrar por aquela porta e tomá-la nos braços como se nada tivesse acontecido, está muito enganado — ele esbravejou, indignado.

— Ele, porém, não se enganou em relação à sua generosidade, tio — Margaret murmurou, beijando-o no rosto.

— Eu lhe agradeço pela paciência e pelo trabalho que lhe dei hoje. Agora, vou recolher-me, pois a agitação excessiva me deixou exausta.

Enquanto subia a escadaria de mármore, Margaret experimentava uma profunda sensação de alívio... Grant estava bem e a amava. Por ora, isso era tudo o que importava.

Grant acendeu uma cigarrilha e observou a chegada ao porto de Alexandria.,

Da última vez em que contemplara aquela mesma paisagem, sentia-se o mais feliz dos homens.

Agora, em contrapartida, ninguém poderia rivalizar-se com ele em termos de sofrimento.

O sol, forte e quente, só servia para aumentar-lhe o desconforto.

Deixara de se barbear, nos últimos dias, e a penugem escura que lhe recobria as faces o incomodava sobremaneira.

Sob seus olhos negros, manchas arroxeadas denunciavam as noites insones que passara, caminhando pelo convés com uma garrafa de uísque nas mãos.

Seu aspecto mais lembrava o de um sinistro bárbaro do que o de um cavalheiro britânico a serviço de sua Rainha.

Os marinheiros evitavam fitá-lo, porem os mais experientes adivinhavam que o estranho passageiro era um agente secreto.

Os sinais lhes pareciam evidentes: a barba, as roupas escuras, a maneira como se isolava de todos e evitava responder a qualquer tipo de pergunta.

Grant Richardson se assemelhava a uma fera enjaulada, pronta para atacar.

Sem se despedir de ninguém, Grant desembarcou e perscrutou a multidão que lotava as docas.

Uma entre aquelas pessoas barulhentas e entretidas com as mais variadas atividades seria o seu contato, a fonte de informações necessárias para iniciar o cumprimento de sua missão.

Mas onde diabos se escondeu o tal homem?, ele se perguntou com impaciência.

Ansiava por se desvencilhar logo de suas tarefas, pois em sua mente não havia lugar para outra idéia que não fosse a de regressar para Meg.

Aquele maldito Sir Nigel Conway iria pagar-lhe muito caro pelo mal que lhe causara.

Os minutos transcorriam, céleres, e nada do agente que deveria encontrar no porto.

Cansado de esperar, Grant apanhou a maleta do chão e resolveu sair à procura.

Mal começara a andar, esbarrou numa mulher de baixa estatura, envolta em véus cor de rosa.

— Mil perdões — ele desculpou-se, pronto para seguir seu caminho.

— Ora, ora, você é bem mais bonito do que o anterior — ela comentou com voz sensual, descobrindo os cabelos dourados.

— Desculpe, creio que não entendi — Grant replicou, irritado por ela não sair da sua frente.

— Nem precisa — a moça riu, jogando a cabeça para trás num gesto sedutor.

— Meu tio Nigel não me avisou que você era um belo homem.

— Tio Nigel? Não sei de quem está falando — Grant retrucou com rudeza.

— Sabe, sim — ela o contradisse com tal convicção que o deixou constrangido.

Inacreditável!

Uma mulher, uma maldita inglesa!

Tão linda e charmosa que chamaria atenção aonde quer que fosse.

O que Sir Conway pretendia, no final das contas?

Colocá-lo em evidencia, facilitando o trabalho dos inimigos de identificá-lo e exterminá-lo?

Porque era isso o que aconteceria, tendo por parceira uma agente como aquela, carismática mas frágil, incapaz de auxiliá-lo numa situação de perigo.

Bem, o bastardo poderia ameaçá-lo como quisesse, que ele não participaria de uma farsa tão ridícula. Quando saiu de Londres, não fazia parte de seus planos deixar Meg viúva com tão pouco tempo de casada.

A deslumbrante loura nem se incomodou com a expressão soturna no semblante dele.

Examinou-o ostensivamente com os grandes olhos verdes repletos de promessas lascivas e agarrou-lhe o braço com inesperada intimidade.

— Vamos a algum lugar mais tranquilo onde possamos conversar. Tenho muito a lhe dizer, mas sei que você não encontrará dificuldade em compreender a situação. Estou

certa de que nos daremos muito bem.

— Não penso assim — Grant discordou com frieza.

— Há um pequeno detalhe que você e seu "tio" Nigel esqueceram de considerar. Eu trabalho sozinho.

— Não neste caso — ela retrucou.

Embora o sorriso coquete ainda brincasse em seus lábios carnudos, Grant percebeu que havia ira sob a máscara de sedução.

— Em qualquer deles — ele a desafiou.

— Menos neste — ela insistiu.

No Íntimo, questionava se aquele homem seria o tipo certo para a missão.

Embora o considerasse muito atraente, duvidava que fosse de confiança.

Seria uma pena se ele cometesse alguma tolice.

— É melhor se conformar, para benefício de todos.

— Escute aqui, Srta....

— Hargraves, Anne Hargraves.

— A cantora?!

— Exatamente — ela admitiu.

— Que bom que já ouviu falar de mim!

— Quem não ouviu? Bom Deus! Há agentes escondidos em todos os meios, não é mesmo? — Grant comentou com desgosto.

— Bem mais do que você pode imaginar. Isso, porém, é irrelevante. Os únicos agentes com quem nos devemos importar agora somos nós dois.

—Aí é que você se engana. Como já lhe disse, Srta. Hargraves...

— Sim, você disse — a cantora o interrompeu.

— No entanto, por mais que lhe desagrade à idéia de trabalhar comigo, não há nada que possa fazer para evitá-lo. Assim, sugiro que coopere. Afinal, pelo que entendi, está em jogo um arquivo classificado do seu maior interesse...

Grant enxugou com o lenço o suor que lhe escorria pela testa, lutando para controlar a própria fúria.

A melhor atitude seria fingir que cooperava para obter as informações necessárias.

Depois, encontraria uma forma de se livrar da companhia de Anne Hargraves e prosseguiria sozinho, agindo a seu modo.

Havia limites para a tirania de Nigel Conway!

Uma vez definida a estratégia, Grant sentiu-se mais calmo.

— Percebo que Sir Nigel forneceu-lhe todas as armas de persuasão. Suponho que isso a faça feliz.

— Para ser franca, prefiro pensar que disponho de meios bem mais eficientes para conseguir que os homens façam o que eu quero, sem necessitar da ajuda de Sir Nigel. Confesso ter ficado desapontada por ser forçada a lançar mão de argumentos tão pouco... agradáveis — os olhos verdes faiscaram na direção dele.

— Pelo que me contaram, você canta muito bem. Todavia, suspeito que seu talento real seja para as artes cênicas. Você daria uma excelente atriz.

— Sou uma mulher de muitos talentos, como acabará descobrindo. Por ora, devemos nos concentrar em assuntos mais sérios. Se permanecermos mais tempo parados aqui,

levantaremos suspeitas indesejadas.

— Desfilar por aí ao lado de uma mulher como você causará o mesmo efeito — Grant objetou.

— Ao contrário! Sem falsa modéstia, eu atraio para mim todas as atenções. Além disso, costumo sair com vários homens, pois admiradores é o que não me falta. Dificilmente as pessoas reparam ou se lembram de meus acompanhantes.

— Percebo. Diga-me só mais uma coisa. O incidente em Calcutá foi preparado para me envolver nesta operação?

— Não — Anne assegurou-lhe, desatando a rir.

— Imagine, foi uma coincidência das mais felizes! Ao menos para nós!

Ao começarem, finalmente, a se afastar das docas, a cantora tornou a agarrar-lhe o braço.

Grant ficou feliz que Meg não pudesse vê-lo naquele momento.

Por mais doce e suave que ela fosse, possuía um temperamento forte e explosivo.

A Sra. Withers experimentara uma pequena dose de sua ira, e ele não gostaria de tomar do mesmo remédio amargo.

Sacudindo os ombros, parou de preocupar-se.

Afinal, a esposa ficara do outro lado do oceano, não tinha como descobrir que o marido desfilava pelas ruas de Alexandria acompanhado de uma loura estonteante.

Caminhando com passadas propositalmente largas, Grant tornava difícil para Anne acompanhá-lo.

Ainda assim, a moça se esforçava, conseguindo de algum modo colar-se a ele quando já entravam na alfândega.

De súbito, Grant vislumbrou um rosto conhecido se aproximando.

— Sr. Richardson! É o senhor mesmo?

Caroline Withers desprendeu-se do braço de um jovem militar e correu para cumprimentá-lo.

— Srta. Withers?

— Oh, eu não esperava revê-lo tão cedo! — a moça exclamou, examinando Anne Hargraves da cabeça aos pés.

— Não é uma coincidência? Viemos acompanhar alguns amigos que partiram para a Inglaterra e...

— Como tem passado? — Grant cumprimentou-a, sentindo que o chão afundava sob seus pés.

Fez menção de retomar a caminhada, mas a filha de Marjorie Withers não o deixaria escapar tão depressa.

— Espere um pouco, Sr. Richardson! Minha mãe jamais me perdoaria se soubesse que o encontrei e não pedi notícias de nossa estimada Margaret. Acredita que falamos em vocês ontem à noite? Mas ande, conte-me logo. Onde está sua graciosa esposa?

— Na Inglaterra — Anne respondeu, intervindo na conversa com naturalidade.

Para confirmar todas as suspeitas que lia nos olhos de Caroline, acrescentou:

— Nós acreditamos que ela esteja bem, gozando de perfeita saúde. Não é querido?

— Compreendo. E você voltou para o Egito sem ela, Grant? Deve estar morrendo de saudade, aposto. Mas, por Deus, onde estão minhas boas maneiras? Este é meu noivo,

Gordon Howard. Gordon, meu bem, este é o Sr. Grant Richardson e esta é... ah... ora, acho que não fomos apresentadas...

— Tem toda a razão. Sou Anne Prescott, prima de Meg.

Grant engoliu uma imprecisão.

Odiava Nigel Conway, Anne Hargraves e a maldita espionagem!

Aquela mentira, ao invés de salvar a situação, só fizera piorá-la.

Os Withers não ignoravam que, com a morte do pai, não restara mais ninguém da família de Meg.

— Ah! Prima, é? — Caroline ecoou, sorrindo com malícia.

— Isso mesmo. Pelo lado paterno, claro. Contudo, por mais agradável que tenha sido conhecer uma amiga de Meg, receio que nós devamos ir agora. Quem sabe nos encontramos numa outra oportunidade, Srta....

— Caroline Withers — ela informou, pensativa.

De súbito, a imagem de uma ópera a que assistira em Paris veio-lhe a mente e fez-se a luz.

Já vira aquela loura antes!

Tratava-se, nada mais, nada menos, do que da Srta. Hargraves, a famosa soprano!

— Não quero atrasá-los, e, na verdade, eu também já preciso ir andando. Foi um prazer...

Depois que o jovem casal os deixou a sós, Grant explodiu:

— Que bela complicação você me arranjou, Anne! Feliz com a nova façanha?

— Não se preocupe. Assim que resolvermos esse caso da revolta aqui, todos os mal-entendidos serão desfeitos. Se Nigel não puder explicar tudo para sua esposa, eu mesma o farei. Ah, lá está minha carruagem. Eu o esperarei lá.

Pois ela que esperasse, Grant pensou com irritação.

Depois de atravessar a alfândega, esgueirou-se na direção de um coche de aluguel.

Entrou e já ia fechando a porta quando alguém o impediu.

Pelo visto, ela o seguiria até no inferno!

A idéia de que pelo menos quando chegasse ao Claremount se veria livre da presença de Anne o consolou.

— Cocheiro, leve-nos ao Hotel Abbat, por favor — a cantora ordenou antes que ele pudesse abrir a boca.

— Prefiro o Claremount — objetou.

— Tudo bem. Mas a minha suíte no Abbat oferece maior segurança para conversarmos.

Por um momento, Grant considerou a possibilidade de desistir de tudo e embarcar no primeiro navio de volta para a Inglaterra.

Já era demasiado tarde, porém.

Se Meg soubesse que ele estava em Alexandria na companhia de uma bela mulher, precisaria de Sir Nigel para explicar-lhe os motivos.

— Está certo. Na verdade, eu também estou ansioso para ter uma conversinha... com você e com seu "tio".

A poeira levantada pelo coche de Grant ainda nem havia baixado quando Caroline convenceu o noivo a levá-la a um posto do correio.

Chegara o momento de vingar-se de Margaret!

Com aquele olhar angelical, conquistara o único homem que a interessara de fato naquele navio enfadonho.

Decerto julgara ser muito interessante e sedutora, para levar Richardson ao altar em tão pouco tempo.

E agora, ali estava o resultado: mal acabara de casar, e o marido já lhe era infiel.

Talvez até a tivesse abandonado, como sua mãe previra.

Sem hesitar, começou a redigir o rascunho de uma carta:

"Minha estimada Margaret

Como sabe, tenho-a na mais alta conta, e não exageraria ao dizer que você é uma espécie de irmã para mim. Contudo, justamente por apreciá-la demais, sinto-me na obrigação de lhe contar que..."

Quando terminou o relato, transmitiu-lhe os votos de saúde de todos os Withers.

Com um suspiro de satisfação, dobrou o papel e colocou-o no envelope.

Para onde mesmo deveria enviar?

Ah, sim!

Sua mãe mencionara o nome do tio de Grant, Lorde Kenwick.

Mandaria aos cuidados dele.

Em seguida, certificou-se de que a correspondência seguiria sem demora para a Inglaterra.

Afinal, a pobre e querida Margaret devia ser colocada a par dos tristes eventos o mais rápido possível, Caroline pensou com um arrepio de excitação.

CAPÍTULO XI

Anne Hargraves contemplou o irritado homem sentado na poltrona em frente.

A discussão já se prolongava havia uma hora e meia.

Após suportar-lhe a explosão inicial de fúria, ela tentara abrandar a ira de Grant empregando métodos os mais variados de sedução.

Até aquele instante, nenhum havia funcionado.

Bem, talvez fosse a hora de lançar mão de outros meios, como um discurso mais lógico e racional, embora não julgasse possível usar a razão com um interlocutor tão emocional, capaz das mais violentas reações.

— Não posso compreender sua teimosia, Grant. Não ignora que a situação aqui no Egito está fugindo ao controle. Se uma revolução estiver para acontecer, nosso Governo precisa tomar conhecimento de antemão, para se precaver.

— Então, que Sir Nigel descubra tudo o que quiser — Grant vociferou —, mas não conte comigo. Pelo menos, não se eu tiver que aceitar ordens de você. Só sei trabalhar do meu jeito, seguindo o meu próprio ritmo.

— Isso não o ajudou muito na Índia — ela rebateu com impaciência.

— Não podemos nos dar ao luxo de fracassar desta vez. Gladstone, o primeiro-ministro, finge não perceber o clima de instabilidade que reina por aqui. Ele acha que o Império Otomano protegeria o Egito, em caso de insurreição, já que o país pertence ao Sultão e o quédiva é seu braço-direito. Assim, não vê motivos para derramamento de

sangue britânico nessa questão — Anne fez uma pausa, estudando seu semblante indecifrável com atenção, antes de prosseguir.

— É imperativo que os Conselheiros da Rainha sejam avisados do grau de perigo que ameaça um ponto estratégico dos mais vitais. Devemos preservar nosso acesso ao Canal de Suez a qualquer preço. Se nossos militares se envolverem com o caso, e um dos filhos ou netos da Rainha decidir liderar as tropas, a segurança dele estará em jogo. Isso significa que urge coletar todas as informações que conseguirmos e as transmitirmos à Coroa sem perda de tempo. Foi por isso que vim.

— Mesmo assim, prefiro agir sozinho — Grant replicou com obstinação.

— E o que ocorreria se você desaparecesse um dia depois de se infiltrar? — ela questionou, exasperada, caminhando de um lado para o outro na sala de estar da suíte principal do Hotel Abbat.

— Se você não mantiver contato regular comigo, ninguém saberá se está vivo ou morto. Perderíamos um tempo precioso para descobrirmos o que lhe aconteceu. O fato de eu estar aqui para estabelecer uma ponte com Sir Nigel só lhe favorece! Esqueça o orgulho e seus ridículos preconceitos contra as mulheres, pense em sua família. Como eles se sentiriam, sua esposa, principalmente, se você fosse sacrificado nesta missão?

— Você não se preocupou com Meg lá no porto, quando se fez passar por minha amante — Grant replicou com sarcasmo.

— Tem razão — Anne concedeu.

— A responsabilidade de tomar cuidados em relação a ela não é minha, mas sua. Se você de fato a ama, e dispõe de um mínimo de bom senso, concordará com o esquema de comunicação que montamos, permitindo que eu transmita as informações que obtiver.

— Como posso ter certeza de que trabalhar com você seria menos arriscado do que sozinho?

— Porque lhe asseguro de que minha experiência nesse campo é muito maior do que a sua — ela afirmou com convicção, dirigindo-lhe o primeiro sorriso sincero.

Um sorriso triste.

Grant perscrutou-lhe o semblante e concluiu que ela lhe dissera a verdade.

Alem disso, se o modo de atuação proposto pela agente de fato aumentaria suas chances de regressar são e salvo para a Inglaterra, não havia motivos para rejeitá-lo.

Contudo, alguns pontos básicos deveriam ser esclarecidos antes dele aceitar.

— Está bem, acho que poderemos formar uma boa dupla. Sob certas condições, é claro.

— Que condições? — ela indagou, escondendo-se sob uma máscara de frieza.

— Você não fará de mim um moleque de recados. Eu decidirei quando, como e aonde ir. Outra coisa: caberá a mim procurá-la, e não o contrário. Não quero gente vasculhando as ruas de Alexandria em meu encalço.

— Não faço objeções, enquanto você estiver investigando os felás. Todavia, sua missão inclui outras tarefas.

— Quais? — Grant ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

— Embora seja importante averiguar o movimento nacionalista imiscuindo-se entre os camponeses, há um outro elemento em questão — ela começou a explicar com evidente cautela —, e é por isso que você foi apontado como o homem perfeito para este caso.

A Inglaterra não descarta a possibilidade de que nossos amigos franceses estejam de alguma forma envolvidos nessa história. Oh, eu admito que isso não parece lógico, mas... não me surpreenderia que a França se aproveitasse da situação para aumentar seu poderio no Egito, em detrimento do nosso. Assim, nossos "amiguinhos" assumiriam o controle aqui, a exemplo do que fizeram na Tunísia no ano passado. É aí que você entra. Como fala o idioma francês com fluência e sem nenhum sotaque, quero que me acompanhe aos eventos sociais para os quais o consulado francês sempre me convida.

— O quê?

Anne ignorou a interrupção e prosseguiu:

— Se eu o apresentar como um homem de negócios francês interessado em investir no Egito, talvez você descubra alguma coisa *dentro* do Consulado. Pode ser que Arabi tenha sido promovido a general do Exército Egípcio em tão pouco tempo por contar com ajuda externa.

— A força de Arabi reside em sua popularidade entre os camponeses, e não em alguma sórdida intriga internacional — Grant discordou.

— Ele soube despertar o orgulho nacionalista do povo egípcio, e esse simples fato o tornou mais poderoso até do que Tewfik, que se identifica mais com o Império Turco. Não fosse pelas dívidas contraídas pelo quédiva anterior, nem a Inglaterra nem a França teriam a seu dispor a providencial Caixa Estrangeira da Dívida Pública, e nenhuma nação européia exerceria qualquer autoridade sobre este país.

— De acordo. Seguindo o seu próprio raciocínio, a Grã-Bretanha não dispõe de alternativas além de apoiar o Governo legal do Egito, representado, Sr. Richardson, pelo quédiva.

— Do jeito como falou, pareceu-me que simpatizava com a causa dos rebeldes.

— Digamos que eu apenas compreenda Arabi e seus seguidores — Grant replicou.

Suspeitava que Anne Hargraves fosse inteligente o bastante para perceber seu desgosto com a intervenção britânica na vida de outras nações.

— Que seja. O que importa, agora, é saber se você concorda em trabalhar comigo junto ao consulado francês.

— Para ser franco, a esta altura tudo o que desejo é concluir a missão e voltar para casa. Sim, eu representarei o papel de negociante francês, se isso ajudar a conseguir meu objetivo.

— Ótimo. Agora, você deve deixar sua bagagem aqui comigo. Não se hospede em hotel nenhum. Não queremos qualquer evidência de que Grant Richardson está no Egito.

— Já esqueceu a Srta. Withers?

— Não acredito que aquela cabeça oca nos possa causar grandes estragos — Anne concluiu, depois de refletir por alguns momentos.

— Além disso, nós estaremos transitando por esferas sociais bem menos limitadas do que essa moça. Se eu voltar a cruzar com ela, simplesmente negarei tudo. Eu não conheço Grant Richardson e jamais a encontrei no porto. Ninguém duvidará de minha palavra, pois eu sou a grande e famosa soprano, a segunda melhor do mundo, só perdendo para Jenny Lind. Como poderia relacionar-me com alguém tão sem importância como Caroline Withers? Será melhor para a pobrezinha nem tentar, pois eu a destruirei sem piedade. Não se preocupe com essa idiota.

— Na verdade, é você quem me preocupa.

— Também não é necessário — ela replicou em tom monocórdio.

— Encontrará um traje egípcio naquele armário. Sugiro que o vista antes de sair.

— A arrumadeira não irá estranhar a presença de roupas masculinas em seus aposentos?

Anne jogou a cabeça para trás, soltando uma gargalha irônica.

— Nem um pouco. Não esqueça de guardar essas cigarrilhas na maleta. Você não pareceria um camponês egípcio fumando essa coisa. Ah, deve também tirar a aliança. Seus objetos ficarão a salvo comigo.

Antes de obedecer-lhe as ordens, Grant fuzilou-a com um olhar de ressentimento, praguejando baixinho:

— Maldita mulher!

Margaret estava recostada numa poltrona da biblioteca.

Um livro aberto jazia, esquecido, em seu regaço. Ela não conseguia fixar a atenção na leitura, ouvindo as gotas de chuva que tamborilavam no vidro da janela.

Como era difícil suportar aquelas horas da tarde, tão silenciosas e intermináveis!

Contudo, as noites eram ainda piores, pois a saudade do marido torturava-a como uma dor física.

Não saber onde ele estava nem quando voltaria deixava-a quase fora de si. Perguntas sem respostas atormentavam-lhe a mente sem cessar, num turbilhão enlouquecedor.

Vagando num estado de torpor, Margaret sonhava que Grant entrava na sala e a tomava nos braços quando um barulho na porta a despertou.

— Ah, então resolveu refugiar-se aqui... — murmurou Lorde Kenwick ao entrar.

— Pensei que... um livro poderia...

— Entendo. Mas esse romance que escolheu é muito pesado! — ele comentou, examinando-lhe a capa. — Quem sabe algo mais leve consiga distraí-la.

Margaret sentiu o coração falhar no peito ao ver a carta que o tio lhe estendia.

— De Grant?!

— Receio que não — O velho sorriu com tristeza ao constatar o desapontamento ensombrecendo-lhe os lindos olhos azuis.

Maldição! Preferia que o sobrinho tivesse morrido a causar tal desgosto àquela menina.

— Mas chegou para você.

— Para mim?! Exceto Grant, quem iria escrever-me?

Tomada por grande curiosidade, abriu o envelope e descobriu a assinatura de Caroline Withers.

— Ah, é de uma moça que conheci no navio — explicou a Lorde Thomas.

— Acho que deixarei para ler mais tarde. No momento, não estou com paciência para aturar a tagarelice fútil de Caroline.

— Pois creio que é justamente desse tipo de coisas que você precisa — ele discordou, apanhando a garrafa de conhaque guardada na estante.

— Está na hora de você se entreter com assuntos sem importância. Não tem feito outra coisa além de se esconder, perdendo-se em reflexões intermináveis que a nada

conduzem! Não come direito e sei que passa as noites em claro. Meg, não há sentido em preocupar-se tanto com meu sobrinho, pelo menos até encontrarmos motivos para isso! Grant já sumiu outras vezes, no passado. Claro que eu esperava que, com o casamento, ele mudasse, mas... bem, já basta! Por que não tenta ler? Quem sabe sua amiga consiga alegrá-la um pouco?

Embora duvidasse que Caroline pudesse animá-la, não se sentia disposta a discutir. Examinou outra vez o envelope, certificando-se de que não fora postado em Londres. Seria terrível se os Withers estivessem na Inglaterra.

Não toleraria a falsa simpatia de Marjorie, sua voz esganiçada e seu olhar de "eu não disse?"

Para seu alívio, nas primeiras linhas Caroline apenas reafirmava sua "grande estima". Margaret sorriu diante da insinceridade e prosseguiu a leitura.

Não tardou, porém, para que se deparasse com o nome de Grant, sentindo uma pontada no coração.

Lorde Kenwick saboreava a dose de conhaque quando reparou que a sobrinha empalidecia, parecendo prestes a desfalecer.

Pousou o cálice sobre a escrivaninha e correu para ela.

— O que foi, minha filha? O que aconteceu? Você ficou branca como um fantasma!

— Notícias de Grant — ela sussurrou.

— Não se aflija, ele goza de perfeita saúde — apressou-se a informar para aliviar-lhe a ansiedade.

— Mas, quem... como?

— Caroline encontrou-se com ele por acaso em Alexandria e...

— Alexandria! Que diabos esse infeliz foi fazer lá? E por que não nos contou para onde ia?

— Ao que consta — Margaret prosseguiu com um esforço quase além de suas forças —, ele está viajando em companhia de uma jovem e linda mulher...

— O quê?! Maldito, miserável! De-me aqui essa carta!

Margaret deixou-o tirar-lhe o papel das mãos tremulas.

À medida que lia, o rosto de Lorde Thomas se tornava mais vermelho de fúria.

Quando terminou, dobrou a carta e devolveu-a.

— Se isso for verdade, Grant vai se ver comigo! Desde criança, ele nunca deu valor ao amor que lhe era dedicado. Pois bem, está na hora de aprender! Diga-me, essa moça é de confiança?

— Bem... imagino que ela tenha exagerado ou mesmo inventado alguns detalhes, para imprimir um toque mais sensacionalista à novidade — Margaret ponderou, lutando contra uma profunda dor no peito —, porém, em linhas gerais, estou certa de que Caroline não mentiu.

Lorde Thomas caminhou de um lado para o outro por alguns instantes, tentando decidir o que fazer em seguida.

— Como sabe, minha querida, tudo isso pode não passar de um terrível mal-entendido. Ela viu alguma coisa, interpretou mal, distorceu...

— Agradeço o seu esforço para me consolar, mas é inútil. Grant viajou para o Egito, e não foi sozinho.

— Não pode ser! Eu testemunhei com os próprios olhos a felicidade de meu sobrinho a seu lado! Não acredito que essa tal de Anne Hargraves o tenha conquistado assim, de uma hora para outra!

No íntimo, não descartava essa possibilidade.

Estava no sangue!

O pai dele não se apaixonara por uma artista francesa de quinta categoria?

— Você há de convir que não podemos aceitar isso sem antes proceder a uma investigação discreta porém completa dos fatos.

— Concordo que não devemos tomar qualquer decisão até conhecermos a verdade

— Margaret aquiesceu, endireitando os ombros e levantando a cabeça com orgulho.

Não se permitiria chorar.

Já se lamentara o suficiente desde que Grant partira.

Agora, assumiria o controle de seu destino sem depender da piedade de ninguém.

— Para tanto, decidi partir amanhã para o Egito. Pretendo encontrar Grant e descobrir o que realmente aconteceu.

— Egito?! Minha prezada sobrinha, você não fará isso — Lorde Thomas objetou.

— Tem minha proibição expressa.

— Sinto muito, tio, mas receio ser obrigada a desobedecê-lo — ela rebateu com firmeza.

— Se meu marido está em Alexandria, então é para lá que devo seguir.

— Você não pode se aventurar sozinho pelo mundo com base apenas numa carta maledicente. Essa garota Withers com certeza se enganou. Porém, se ela estiver certa, não haverá a menor justificativa para você se arriscar numa jornada tão perigosa, pois meu sobrinho não valeria o sacrifício!

— Mais uma vez, agradeço a preocupação — Margaret replicou, a determinação brilhando nos olhos azuis —, mas nada me impedirá de ir. Estou farta de esperar sentada, chorando, que Grant nos mande notícias. Cada hora me pesa como se fosse um século. A carta de Caroline me forneceu uma pista importante, além de me tirar dessa inércia insuportável.

— E como pretende comprar a passagem? As quinhentas libras que seu marido lhe deixou estão em meu cofre, e, por mais que me doa, recuso-me a fornecer-lhe um centavo que seja. Por favor, compreenda a minha posição e perdoe-me.

Margaret sorriu.

— Tio Thomas, não se desculpe. O senhor deve tomar a atitude que julgar correta, e eu farei o mesmo. Não tenho intenção de lhe pedir dinheiro.

— Então, de que forma conseguirá o dinheiro? — ele insistiu, atônito.

— É simples. Vou vender a baixela de porcelana que pertenceu à minha mãe. Tenho certeza de que me renderá o suficiente para uma passagem de segunda classe. Quando chegar a Alexandria, eu... ora, eu procurarei os Colton, que provaram ser fiéis amigos nossos.

Lorde Thomas dirigiu-lhe um olhar perplexo.

— Mas... Grant me contou o quanto essa porcelana significa para você, como única lembrança de sua mãe!

— É verdade — ela assentiu.

— Contudo, não ignora que seu sobrinho me é mais caro do que alguns pratos e travessas.

— Como pode dizer isso?! — o tio espantou-se.

Aquela menina mostrava-se tão obstinada quanto o próprio Grant.

— Desfazer-se de uma relíquia de família para correr atrás de um homem que talvez não mereça você? Além disso, o que os outros dirão? Ou pretende desafiá-los como me desafia agora?

— Eu já os desafiei, ao me casar pouco depois da morte de meu pai com um homem cuja reputação havia sido injustamente aviltada. Se quer mesmo saber, eu enfrentarei o mundo inteiro, se for preciso, para viajar até onde Grant está.

— Oh, pobre tolinha... — Lorde Thomas gemeu, virando-se de costas para que Margaret não visse as lágrimas que teimavam em escorrer-lhe pelas faces envelhecidas.

— Bem, nesse caso... se nada poderá demovê-la dessa idéia insensata, nada mais me resta senão acompanhá-la. Na verdade, eu teria que comparecer a uma reunião no Parlamento, porém isso não importa. Nós partiremos amanhã.

— Tio Thomas! Eu não mereço um tio como o senhor! — ela exclamou, erguendo-se e atirando-se em seus braços.

Sem jeito, ele enxugou as lágrimas disfarçadamente.

— Ora, ora... eu é que não sou digno de uma sobrinha da sua estirpe! Só espero que você não se arrependa dessa decisão.

— Não importa o que aconteça, jamais me esquecerei da sua bondade...

Margaret subiu para aprontar as malas, sentindo-se leve e bem disposta pela primeira vez desde a partida de Grant.

Nem bem ela saía, James entrou na biblioteca.

— Impressão minha ou Margaret estava cantando? Hum... será que o filho pródigo retornou?

— Quem dera... — Lorde Thomas suspirou, contemplando a chuva.

De costas para o sobrinho, não percebeu o alívio que desanuviara sua expressão.

Na verdade, James era a última de suas aflições, naquele momento.

Temia por Margaret, pelo que iria encontrar em Alexandria, e responsabilizava-se pela má conduta de Grant.

Sem dúvida errara na educação dos rapazes, em especial na de Grant Jean Claude Richardson, por mais que se tivesse dedicado a transformá-los em homens de bem.

Talvez não tivesse demonstrado afeto, ou, quem sabe, faltara-lhe um pouco mais de rigor.

De qualquer forma, agora, ficara comprovado para além de qualquer sombra de dúvida que ele fizera um péssimo trabalho com os meninos.

E a vítima era a pobre garota.

— Sim, James? Queria falar comigo? — perguntou-lhe, lembrando-se finalmente de sua presença. Também, aquele rapaz sempre fora tão medíocre que quase sempre o esquecia.

— Sim, tio. É que... percebo que algo importante envolvendo Margaret e Grant aconteceu... — ele começou, vestindo uma máscara de preocupação.

— Como membro desta família, julgo ser meu direito indagar de que se trata. Estou

confuso...

— Por quê?

— Por quê?! — ele ecoou, espantado.

Decerto era mais grave do que supunha, já que o tio tentava furtar-se a responder.

O velho sempre encobrira as falcaturas de Grant!

A única coisa que não lhe ocorreu era que sua própria falta de caráter justificasse a atitude reticente de Lorde Thomas.

— Ora, o senhor não ignora meu afeto por meu primo. Nós crescemos juntos, como irmãos. Claro, admito que tenhamos nossas diferenças, mas afinal... não é assim em todas as famílias? Como pode negar-me essa informação?

— Não é difícil — o tio replicou com naturalidade, sentando-se à escrivaninha para redigir uma lista de providências a tomar antes da partida.

— Não importa o que pense sobre meus sentimentos por Grant, mas deve reconhecer que me importo de verdade com Margaret — James argumentou.

— Ah, sim. Foi por isso que trouxe Enid Henshaw para o chá.

— Foi um erro, concordo. Mas eu o cometi em atenção a uma pobre moça cujo sonho de casar-se com o homem que amava foi desfeito de uma forma tão abrupta! Entenda que fui movido pela comiseração por Enid, não por crueldade em relação a Margaret.

— Aonde pretende chegar com essa lengalenga?

— Só quero saber o que está se passando nesta casa, mais nada! Por que Margaret saiu daqui quase dançando, enquanto o senhor me parece mais macambúzio do que nunca?

— Ela recebeu notícias do marido. Grant está no Egito — Lorde Thomas resumiu, evitando fornecer qualquer detalhe.

— Com os diabos! Egito! Ele voltará dentro em breve? — o sobrinho indagou, procurando digerir a novidade.

— Não. Margaret irá a seu encontro. E eu a acompanharei, naturalmente.

A mente de James fervilhava.

O que significaria aquilo?

Uma feliz reconciliação dos dois pombinhos?

Pior, entre o tio e Grant?

Não, alguma coisa não se encaixava na história.

Faltavam elementos preciosos para a compreensão que tio Thomas estava ocultando de forma deliberada.

— Espero que essa jornada os conduza a uma alegre união, e não a mais problemas... Bem, vou subir e conversar com minha prima. Quero dizer-lhe o quanto a boa nova me deixou contente.

— Não é necessário — Lorde Kenwick exclamou, detendo-o.

As más notícias corriam mais rápidas do que o vento.

Em breve, não sealaria em outra coisa além da infidelidade de Grant.

Caroline, decerto, escrevera para outras amigas e a parentes, mencionando "por acaso" o que vira no porto de Alexandria.

Era melhor contar tudo de uma vez para James.

— Outra mulher?! E cantora, ainda por cima! — o rapaz exclamou, fingindo

indignação.

Nada poderia tê-lo deixado mais satisfeito do que a revelação que acabara de ouvir.

— Oh, Grant! Não pensei que ele fosse capaz de... deve ser hereditário! Pobre Margaret! Como o senhor pode permitir que ela banque a tola correndo atrás desse canalha?

— Não tenho meios para impedi-la. E já que ela irá de qualquer modo, só me resta segui-la.

— Decerto — James assentiu, pensativo.

Era óbvio que a filha de pastor conquistara tio Thomas em definitivo.

E se conseguisse modificar os hábitos do marido?

Se lograsse "catequizá-lo"?

Então, exerceria influência sobre os dois homens.

De alguma forma, essa possibilidade o inquietava.

Não sabia até que ponto a reviravolta nos acontecimentos teria o condão de ameaçar-lhe o testamento. Não, ele precisava acautelar-se.

Não ficaria em Kenwick aguardando que lhe tirassem o lhe pertencia.

Iria ao Egito com eles, para vigiá-los de perto.

— Lógico que, nesse caso, partirei com vocês.

— O quê?! — Lorde Thomas ergueu-se na cadeira. Só se estivesse louco para consentir em levar consigo, num momento difícil como aquele, um outro problema insolúvel.

— O senhor já não tem idade para essas aventuras e Margaret é uma mulher. Além disso, talvez precisem de minha ajuda com Grant.

— Ah, sim, você é uma pessoa muito útil — ironizou o tio.

— Além disso, sabe lidar com o primo com uma habilidade invejável. Ao vê-lo, Grant com certeza cairia em si e regressaria para suas responsabilidades.

Ignorando o sarcasmo, James ponderou.

— Eu posso ser de grande valia. Só Deus pode dizer o que Grant está aprontando em Alexandria, e o senhor não dispõe de mais ninguém em quem confiar em terras estrangeiras. Precisamos unir as forças para defender nosso nome e a felicidade de Margaret.

Lorde Thomas estudou-o, intrigado, por um longo instante.

Estava claro que James desejava ir, embora não entendesse o motivo.

Por outro lado, receava as tolices que ele poderia cometer, se ficasse sozinho em Kenwick.

— Está bem, você partirá conosco. Contudo, trate de ser prestativo e, acima de tudo, fique fora de meu caminho.

— Sim, tio, farei de tudo para ajudar — ele prometeu, já traçando planos para prejudicar a fama de Grant ainda mais.

— O senhor não se arrependerá dessa decisão.

— Espero que não, mas duvido...

Em silêncio, Lorde Thomas praguejou contra Grant.

Por que tinha que se meter em confusões, arrastando toda a família para o problema?

Justo agora, quando pretendia rever o testamento, devolvendo a ele a herança e o

título de nobreza dos Richardson?

Seria lamentável se aquele rapaz à sua frente, fraco e invejoso, se tornasse o próximo Lorde Kenwick...

CAPITULO XII

Grant vinha percorrendo as ruas estreitas e tortuosas do bairro árabe havia três semanas, buscando reunir informações suficientes para satisfazer seus superiores.

Trajado com as vestes típicas do povo egípcio, a pele tismada de sol e com cabelos negros, ninguém poderia identificá-lo como inglês.

O único detalhe capaz de atraí-lo era o brilho de desespero nos olhos negros, que conferia à sua aparência um toque ameaçador e selvagem, o que não estava distante da verdade.

A cada dia ele afundava mais em seu "personagem", deixando de lado os modos gentis que lhe haviam sido ensinados como próprios de um cavalheiro.

As únicas coisas que não o abandonavam um instante sequer eram a saudade de Meg e a vontade de concluir a missão e regressar para ela.

Desde o dia de sua chegada, Grant encontrou evidências que confirmavam a desconfiança de que Arabi preparava uma revolta armada.

Diversas vezes testemunhara cenas em que os homens invocavam as bênçãos de Alá sobre o camponês que se transformara em general e expressavam seu ressentimento contra os turcos e os europeus.

Ainda assim, faltava-lhe reunir provas de que o líder estaria arquitetando uma insurreição.

Por esse motivo, era obrigado a manter o disfarce.

A dificuldade em obter as provas não resultava da falta de esforço de Grant, pois, ao contrário, ele se empenhava noite e dia para atingir seus objetivos, integrando-se aos felás, extraindo deles o máximo que podia sem levantar suspeitas.

A despeito de sua dedicação, ele pouco avançara em termos concretos.

Tomado por uma imensa fúria provocada pela frustração, Grant tornou-se veemente ao condenar a interferência britânica nos assuntos egípcios, quando conversava com os felás sorvendo xícaras e xícaras de café turco.

Sua sinceridade e exaltação não demoraram para atrair a atenção dos mais envolvidos no movimento nacionalista, e em breve ele começou a ser convidado para reuniões secretas, o que também não o ajudou muito.

Afora os discursos inflamados com que os camponeses expressavam a dor e a desesperança de se submeterem ao poderio de países estrangeiros, nada acontecia que pudesse dar a missão de Grant por encerrada.

Não havia planos de ação nem ligações visíveis com Arabi.

Assim, crescia-lhe a convicção de que a revolução, se acontecesse, não seria organizada pelo general, irrompendo de forma espontânea.

E isso o alarmava muito mais, pela violência sem controle que espalharia a morte pelas ruas de Alexandria.

Se os dias de Grant só lhe reservavam trabalho duro e desapontamento, as noites se revelavam incomparavelmente piores.

Deitando-se pelos becos entre os mendigos, não conseguia conciliar o sono.

Não que o incomodasse o desconforto, mas a falta de Meg era uma dor insuperável.

O cheiro de jasmim que imperava nas ruas recordava-lhe a esposa e o fazia chorar.

Embora a lógica lhe garantisse que tomara a atitude certa, o coração lhe dizia que deveria ter ignorado a chantagem de Conway e ficado com ela.

E se Meg jamais acreditasse nele?

Se não o perdoasse?

Como poderia viver sem seu amor?

Tais eram os pensamentos que o torturavam enquanto se dirigia, em passadas largas e furiosas, para o bairro europeu, onde Anne Hargraves o aguardava.

Carregando uma cesta repleta de sedas e brocados, confiava que não o barrariam na recepção do Abbat. Era comum mercadores trazerem ricas mercadorias para as hóspedes estrangeiras e Anne o recebera diversas vezes sob esse pretexto.

Todavia, aquela noite seria diferente, pois entraria como vendedor egípcio e sairia como negociante francês.

Uma vez nos aposentos da agente, deveria banhar-se para retirar a grossa camada de sujeira que lhe recobria a pele e vestiria o requintado traje de cavalheiro abastado, a fim de acompanhá-la a uma reunião social no consulado francês.

Se os demais hóspedes o vissem esgueirar-se pela escada dos fundos, apenas sorriam com malícia e comentariam: "ali vai mais um dos amantes da cantora".

Os dois já haviam lançado mão desse recurso, na primeira oportunidade para almoçarem juntos e, na segunda, para jantarem num restaurante especializado em comida inglesa.

Anne julgava importante que a vissem em público com o homem de negócios francês, para justificar sua presença como acompanhante no Consulado.

Grant concordara com relutância.

A criada de Anne fora dispensada nos dois primeiros casos, assim como naquela noite.

A folga inesperada, longe de deixá-la desconfiada, levava-a a justificar a generosidade da patroa como necessidade de privacidade para algum romance secreto.

Grant, por seu turno, não ignorava que, se dependesse de Anne, tal romance não se limitaria a um mero disfarce.

Ela mesma insinuara que tornaria o trabalho menos penoso e muito mais agradável, se pudessem desfrutar de um pouco de prazer nos braços um do outro.

Ele fingira não entender, o que a irritara sobremaneira.

Ao chegarão Abbat, Grant hesitou antes de ingressar no saguão, conjecturando que planos Anne teria traçado para a festa.

Decerto ela adoraria exibi-lo pelos salões do Consulado como seu namorado oficial e utilizaria a farsa para abraçá-lo e acariciá-lo, sabendo que ele não ousaria repeli-la na frente dos convidados.

O problema era que Anne, a despeito de tudo, era uma mulher deslumbrante, exalando sensualidade por todos os poros.

E Grant Richardson jamais fora um santo.

Embora ela jamais houvesse lhe despertado o desejo, receava a própria reação ao sentir o toque de suas mãos experientes.

Mais uma vez, desabafou com uma série de impropérios contra Sir Nigel Conway, responsável por todos aqueles tormentos.

Por fim, disposto a enfrentar os dissabores que a noite lhe reservava, desvencilhando-se logo de mais uma tarefa desagradável, abriu a porta e entrou, subindo direto para a suíte da agente.

Vestida num vestido negro que lhe moldava o corpo e lhe expunha colo e ombros, Anne aguardava-o com impaciência.

Grant examinou-a de soslaio, reconhecendo-lhe a beleza fulgurante. Ainda assim, nada sentiu pela figura voluptuosa que o contemplava com ar provocante.

— Meu Deus, você está mais imundo do que nunca! — ela exclamou à guisa de saudação.

— O que faz para se sujar tanto?

— Apenas o que é necessário para me manter vivo — ele respondeu com secura, retirando o turbante da cabeça.

— Quanto você acha que valeria a minha vida se alguém desconfiasse que eu sou inglês?

— Sua vida é muito preciosa, não importa onde você esteja — Anne retrucou, vislumbrando-lhe os ombros fortes sob o traje manchado de sujeira.

— E então? Descobriu mais alguma coisa?

— Nada de novo. Mas que diferença isso faz? Já lhe disse um milhão de vezes que não há indícios de uma revolução organizada, apenas o crescimento da revolta do povo contra a ingerência de ingleses e franceses em seu país. O fato da França e Inglaterra, numa atitude insensata, terem enviado navios de guerra para o porto de Alexandria só exaltou ainda mais os ânimos. Cada navio que ancora faz recrudescer a animosidade dos egípcios. Afinal, o que o nosso governo deseja? Iniciar uma revolução sangrenta? Está claro que os meus relatórios e recomendações não têm sido levados em consideração. Portanto, não me pergunte sobre as investigações. Guarde seu fôlego para o canto e me deixe em paz.

— Acalme-se, Richardson. Um bom banho decerto o relaxará depois de um dia difícil. Já preparei a banheira e acho que aprovará a temperatura da água, bem como o aroma dos sais que escolhi. É uma fragrância máscula e selvagem — ela sugeriu em tom malicioso, entregando-lhe uma pilha de toalhas macias.

— Depois que terminar, vestirá uma roupa civilizada e partiremos para uma noite plena de sofisticação e prazeres. Você verá — Anne prometeu, postando-se do lado de fora da porta do banheiro.

— A única coisa capaz de melhorar-me o humor seria regressar para minha esposa, na Inglaterra — Grant replicou com maus modos, imergindo na água tépida.

— Compreendo. Contudo, enquanto espera esse dia, pode divertir-se um pouco comigo na festa. Há de convir que um salão repleto de pessoas elegantes é muito mais agradável do que as ruas de Alexandria. Haverá música, vinho...

— E intrigas — ele acrescentou, esfregando a pele com força.

Precisava concentrar-se na limpeza de seu corpo para fugir do furioso jogo de sedução de que era alv.

— Esse é o motivo do nosso comparecimento à reunião social, não é mesmo? Enquanto dançamos, tomamos taças e taças de champanhe da melhor qualidade, devemos descobrir se nossos amigos franceses estão por trás do movimento nacionalista egípcio. Pelo menos, foi o que eu entendi. Sugiro que não perca seus objetivos de vista, Srta. Hargraves.

— Você é sempre assim tão serio? Não vejo nada de errado em desfrutarmos de luxo e conforto no cumprimento de nossas tarefas.

— Bem, eu não sei. Luxo jamais fez parte das minhas condições de trabalho.

Momentos depois, quando Grant saiu do banheiro completamente transformado, Anne não conteve um longo olhar de admiração.

— Ora! Mas você é o demônio, de tão bonito! — exclamou, acercando-se dele.

Em seguida, pousou a mão em seu amplo tórax, avaliando-o ao mesmo tempo em que o acariciava.

— Pare com isso, Anne, está amassando a minha camisa! — ele a repreendeu-a, agarrando-lhe o pulso para detê-la.

— Não precisa representar, estamos sozinhos.

— Grant! Só estava ensaiando a minha parte — ela justificou-se, jogando a cabeça para trás com uma sonora gargalhada.

— Devemos parecer apaixonados! Como posso dar essa impressão se você não me permite ao menos chegar perto? Quem sabe um beijo poderia nos ajudar...

— Não provoque a minha ira, Srta. Hargraves. Tenho colaborado até este momento, mas posso perfeitamente mudar de idéia... — Grant rebateu em tom glacial.

— Espero-a no saguão em dez minutos.

No trajeto para o Consulado, Anne manteve-se calada, imersa em reflexões.

Pela primeira vez em sua vida, encontrara um homem que não sucumbira a seus encantos.

Não sabia o que desejava mais: se conquistá-lo ou descobrir o motivo de seu fracasso.

Bem, não importava.

No momento, tinha assuntos mais relevantes com que ocupar a mente do que o ego ferido, seu bom nome ou reputação.

Abrira mão de tudo aquilo havia muitos anos.

O que a intrigava, porém, e lhe despertava a inveja, era o fato de Grant Richardson, a despeito de suas aventuras no serviço secreto e das vicissitudes que enfrentava, manter a integridade moral.

A suspeita de que ele fosse uma pessoa superior a ela perturbava-a sobremaneira.

Por isso, foi quase com raiva que se dirigiu ao parceiro:

— Já chegamos. Para todos os efeitos, você é Alain Desant, meu amante, e se comportará de acordo a partir do momento em que descermos desta carruagem. Precisarás dançar comigo, lançar-me olhares de ciúme quando eu estiver na companhia de outro homem e de possessividade quando aproximar-se de mim.

Tente acariciar-me ao menos com os olhos, se não conseguir usar as mãos.

Não se esqueça de que deve convencer os franceses de que você é um deles, e procure obter o maior número possível de informações.

Alegue que deseja investir mas receia que o Egito não ofereça condições de segurança para seu dinheiro. Se eles lhe assegurarem que não haverá problemas, se derem a entender que controlam a política local, isso revelará que manipulam os cordéis da insurreição egípcia.

— Conheço os objetivos de nossa tarefa — Grant declarou com frieza —, bem como o modo de desempenhá-la, não é preciso que me ensine. Contudo, há uma recomendação que *eu* lhe desejo fazer: não confunda a farsa que representarei naquele salão com a realidade. Não importa o que eu diga ou faça, será a mais absoluta mentira. Uma vez baixada a cortina, o espetáculo estará encerrado. Compreendeu?

Em seguida, Grant desceu da carruagem e, com um gesto galante, ofereceu-lhe a mão para ajudá-la. Conduziu-a à entrada do Consulado e abriu-lhe a porta.

Em todos os detalhes, ele se mostrava um perfeito cavalheiro, endeusando a sua dama.

Ao ingressarem no salão de baile, foram cercados por uma verdadeira multidão de admiradores da famosa cantora.

O jogo começara...

Luzes feéricas brilhavam através do cristal dos candelabros, iluminando os convidados, pessoas importantes nos campos da política, das artes, dos negócios e da aristocracia internacionais.

Fragmentos de conversas em inúmeros idiomas europeus, resultando numa alegre torre de babel, chegavam aos ouvidos de Grant.

Havia ingleses, italianos, franceses e alemães por toda a parte, acompanhados por mulheres em trajes magníficos.

Aquela era a "corte" de Anne, que, envaidecida, se deixou cercar pela turba de adoradores, aquiescendo às suas súplicas de que cantasse para eles.

A voz da cantora, aguda e afinada, elevou-se sobre o burburinho, exibindo técnica aguçada e um talento indiscutível.

Grant não pôde deixar de se impressionar com a *performance*, perguntando-se por que a carreira musical e a fama não bastavam a Anne.

A resposta para essa questão talvez fosse a chave para decifrar a enigmática personalidade da moça.

Quando o aplauso entusiástico seguiu-se à apresentação, ele aproximou-se do piano, pronto para continuar desempenhando seu papel de amante.

Lançando-lhe um olhar de idolatria, tomou-lhe a mão e beijou-a com fervor.

No decorrer da festa, Grant divertiu-se com o comportamento de seus "compatriotas" franceses.

Divididos em dois grupos, revezavam-se ao lado dele conversando sobre investimentos, safras e juros bancários, enquanto o outro grupo flertava com Anne de uma forma que, na Inglaterra, seria considerada ultrajante.

Se a mulher em questão fosse Meg, alguns daqueles cavalheiros sairiam dali direto para um hospital... Mas, enfim, tratava-se de Anne Hargraves, e ele começava a pensar que trabalhar com ela trazia algumas vantagens.

Determinados a monopolizá-lo, a fim de que pudessem cortejar-lhe a namorada, os franceses pareciam dispostos a discorrer sobre qualquer tema.

Aproveitando-se disso, Grant declarou seus receios de investir num país ameaçado pela revolução. Aguardava com impaciência a reação deles quando um par de rostos familiares atraiu-lhe o olhar.

Maldição!

Roger Colton acabara de chegar, acompanhado da esposa!

Eles poderiam pôr tudo a perder!

Bastaria que o amigo o visse para vir imediatamente cumprimentá-lo, arruinando-lhe o disfarce!

O governo inglês ficaria constrangido, Sir Nigel Conway, de mãos atadas, não teria condições de ajudá-lo. E, pior, Roger não compreenderia nada do que se passava e faria um péssimo juízo a seu respeito.

Precisava sair do Consulado sem perda de tempo, mas como?

Virando as costas para a entrada, onde os Colton trocavam algumas palavras com o cônsul, procurou Anne com um olhar ansioso.

Encontrou-a rodeada de homens, flertando com eles de modo ostensivo.

Bem, encontrara um bom motivo para partir...

Desculpando-se com os "compatriotas", afastou-se na direção de Anne com o semblante expressando raiva e ciúme.

— Anne, já está tarde, vamos embora — ordenou-lhe em inglês com um acentuado sotaque francês.

— O quê? Ah, não, querido! Ainda é cedo, estou me divertindo tanto! — ela exclamou em voz alta. Depois, cochichou para ele: Estou prestes a descobrir coisas importantes, não desejo sair agora.

— Lamento, minha querida, mas eu quero! — Grant replicou, empurrando-a com gentileza para a porta lateral.

— Espere, preciso buscar minha estola na portaria! Não entendo por que tanta pressa! — Anne reclamou.

Antes que ela se fosse, porém, Roger Colton deparou-se com um homem alto, atlético, que, a despeito da barba, só podia ser Grant Richardson.

Não, imaginação sua!

Imagine, Grant em Alexandria, e acompanhado pela famosa cantora!

Ora, o amigo estava na Inglaterra, com sua encantadora esposa.

Contudo, a semelhança era espantosa!

Intrigado, pediu licença ao Cônsul e a Hazel e tentou alcançar o "sósia" de Grant.

O salão, porém, estava repleto e não se podia atravessá-lo com facilidade.

Depois de pedir "mil perdões" a várias pessoas em quem esbarrou, constatou que o misterioso homem desaparecera.

Nesse mesmo instante, Grant ajudava Anne a subir na carruagem.

— Quer me explicar o que significa tudo isso? — ela sibilou, agastada.

— Vi uma pessoa que conheço — ele explicou em tom soturno.

— Alguém que conheço muito bem.

— E essa pessoa o viu? — Anne indagou, assumindo um tom profissional.

— Talvez, não tenho certeza.

— Acha que o reconheceria, com essa barba?

— Roger Colton poderia identificar-me através de qualquer máscara. Considero perigoso que *Monsieur* Desant continue a existir. Esse disfarce se constitui numa ameaça para a missão e para mim.

— Maldição! — Anne murmurou indiferente ao fato de que não ficava bem para uma dama praguejar daquela maneira.

— Nós estávamos indo tão bem!

— O prejuízo não é tão grande. Não creio que o prematuro "falecimento" do Sr. Desant nos prejudique muito. Pelo que ouvi esta noite, deduzo que os franceses sejam inocentes na história da insurreição.

— Infelizmente, tive a mesma impressão — ela concordou.

Espiando pela janela, surpreendeu-se.

— Para onde esse cocheiro nos está conduzindo?

— Para as docas de Alexandria. Vou esperar o primeiro navio rumo à Inglaterra.

— Você ainda não foi autorizado a partir! — Arme objetou.

— Para o diabo com a sua autorização! Já fiz mais do que Conway me instruiu, agora basta!

— Mas... nós não encontramos nenhuma conexão real entre Arabi e os revoltosos...

— Talvez porque não exista. Ele apenas se tornou um símbolo para os sentimentos nacionalistas.

— Não há como se ter certeza disso. E se você ingressasse no Exército Egípcio sob o comando dele? — Anne sugeriu, entusiasmada com a idéia.

Contudo, o olhar gelado de Grant impediu-a de prosseguir.

— Sabe quanto tempo demandaria para conseguir a infiltração? Já cumpri minha parte, portanto vou embora.

— Espere — Anne suplicou.

— Dê-me só mais alguns dias. O sultão está enviando Dervish Pasha como emissário, solicitando o apoio do quediva.

Dervish Pasha é um velho e rígido aristocrata, experiente em debelar rebeliões ao longo do Império Otomano.

Todavia, nosso pessoal na Turquia suspeita que o Sultão esteja jogando dos dois lados.

Um conselheiro, o xeique Ahmed Essad, também está sendo enviado para cá.

Comenta-se que o objetivo de Essad é negociar secretamente com Arabi.

Talvez o sultão alimente a esperança de assegurar seu poderio independentemente de quem vença a revolução, se o general felá ou o quediva.

Sua tarefa é verificar a veracidade desses rumores junto aos seus amigos do movimento nacionalista. Precisamos descobrir o que está sendo negociado, e com que intenção.

Os representantes do Império Otomano devem chegar a Alexandria amanhã.

Ora, Grant, uns poucos dias ou uma semana, no máximo, não fazem tanta diferença... conceda-nos ao menos esse prazo.

Grant refletiu por alguns momentos.

— Está bem. Concordo em ficar por mais uma semana. Depois disso, regressarei para a Inglaterra, para a minha esposa.

A decisão de permanecer no Egito o aborrecia sobremaneira, mas não viu alternativa.

Sir Conway poderia não considerar como concluída a missão sem aquelas últimas informações.

Nesse caso, todo o seu esforço teria sido inútil.

De qualquer modo, consolava-o a idéia de que viveria entre os camponeses, sem representar o papel de amante de Anne.

Afinal, que diferença fariam mais sete dias?

CAPÍTULO XIII

Quando o navio finalmente iniciou as manobras para aportar em Alexandria, Margaret não teve tempo nem disposição para discutir com James.

Ele vinha sendo um motivo de constante irritação para ela, sempre lhe impondo sua presença desagradável, não desperdiçando qualquer oportunidade para enfatizar a ausência de Grant.

Cada um dos dez dias de viagem pareceu-lhe infundável, além de quase impossível de suportar.

Nem a brisa suave, nem a tranquilidade das águas, nem as atenções do tio Thomas haviam logrado acalmá-la.

Às vezes, quando contemplava o pôr-do-sol no convés, parecia-lhe sentir o aroma adocicado da cigarrilha de Grant, e lágrimas doloridas assomavam-lhe aos olhos.

Sob aquele mesmo céu, ele lhe jurara amor eterno.

Como pudera abandoná-la pouco depois?

Por quê?

Agora, prestes a desembarcar no Egito, a ansiedade de encontrar as respostas para tantas perguntas se tornava mais acirrada.

— Não fará sentido correr pelas docas assim que o navio ancorar — James observou, lançando um olhar de reprovação para Margaret.

— Mesmo que você consiga localizar meu primo na terra dos faraós, o que duvido, dificilmente gostará do que encontrar...

— Ouça James, ninguém lhe pediu para nos acompanhar nesta jornada, foi você que insistiu. Contudo, já que está aqui, por que não tenta ser útil cuidando da bagagem enquanto eu e tio Thomas procuramos um hotel satisfatório?

— Cuidar das *suas* malas? Sabe você não é a princesa da Inglaterra... — ele replicou com grosseria.

— Na verdade, você não passa de mais uma garota abandonada pelo meu tresloucado priminho.

— James! — repreendeu-o lorde Kenwick, vermelho de indignação.

Contudo, receava que seu perverso sobrinho tivesse razão.

— Cale essa boca! Você já falou demais!

— Pois não disse nem a metade, meu prezado tio! Interessante, eu nunca lhe dei motivos para aborrecimento, mas o senhor vive a me admoestar. E, no entanto, perdoa

todas as loucuras de Grant, por mais ultrajantes que sejam...

— Talvez seja porque você se preocupe apenas com os bens materiais que herdará, coisa para a qual Grant jamais deu o menor valor — Margaret rebateu, perdendo o pouco que restara de sua paciência.

— E o tio Thomas sabe apreciar a sinceridade dos sentimentos.

— Neste exato instante, o que mais apreciaria seria o decoro de vocês dois — Lorde Thomas interveio. Lamentava que Margaret ainda defendesse o marido com tanto empenho, pois isso demonstrava que, contrariando todas as evidências, a moça continuava dedicando amor e confiança a um homem que não merecia.

— James, a sugestão de Margaret é muito prática. Considerando que chegaremos antes do horário previsto, os funcionários da alfândega ainda não estarão prontos para liberar nossa bagagem. Não é necessário permanecermos a bordo durante esse intervalo, perdendo um tempo precioso. Sua prima e eu iremos resolver a questão da hospedagem.

— Mas...

— O assunto não está em discussão, James. Agora, vá fazer o que mandei — ordenou o velho aristocrata em tom que não admitia replica.

Na expectativa de que seus problemas em breve encontrariam solução, Margaret deu o braço a Lorde Kenwick e desceu o tombadilho, indiferente à hostilidade com que James os fitava.

Enquanto o tio Thomas conversava com o oficial da alfândega, solicitando indicação de hotéis, ela olhou em torno, como se esperasse encontrar Grant a qualquer instante.

Todavia, o que vislumbrou foi o detestado nome de Anne Hargraves, escrito em letras garrafais num programa de concertos afixado na parede.

Sem poder conter a curiosidade, aproximou-se do cartaz e leu-o.

— Tio Thomas, não é preciso procurar mais. Já escolhi o hotel onde nos hospedaremos.

O Hotel Abbat, decorado com suntuosidade, causou boa impressão a Lorde Kenwick e a seus acompanhantes.

Contudo, a despeito da cortesia com que os funcionários da recepção responderam a seu ansioso interrogatório, ninguém sabia de Grant Richardson.

Na verdade, havia muito não o viam nem recebiam notícias.

— Madame Richardson, fico profundamente desapontado por não poder ajudá-la, mas como a senhora mesma viu em meu livro de registros, não consta entre nossos hóspedes o nome de seu marido.

Lorde Thomas chamou a sobrinha de lado e comentou:

— Margaret, isso é tolice. O fato de Anne Hargraves ter vindo para este hotel não implica que Grant também o tenha feito.

Ignorando a observação do tio, Margaret voltou a dirigir-se ao funcionário.

Precisava insistir, pois, se não localizasse alguma pista de Grant, não saberia que providência tomar em seguida.

— Já verificou no mês de maio? Foi nessa época que ele chegou a Alexandria.

— Lamento, *madame*. Talvez ele tenha visitado algum de nossos hóspedes, porém seu nome não aparece nos registros dos últimos seis meses.

— Margaret, por que não subimos para nossas suítes e repousamos um pouco? A

viagem foi longa, deixou-nos exaustos — Lorde Thomas sugeriu, condoído com a expressão decepcionada da sobrinha.

— Tio Thomas, eu não vou desistir. Se o que Caroline contou for verdade...

— Você disse que ela costuma distorcer os fatos, lembra-se?

— O que não significa que tenha inventado o encontro casual com Grant e Anne Hargraves.

— Ah, a Srta. Hargraves — interrompeu o gerente do hotel.

— Nós a conhecemos. Trata-se de nossa cliente mais fiel e também a mais encantadora.

— Sabe informar se ela está aqui no momento? — Lorde Kenwick indagou inseguro.

Se a resposta fosse positiva, e Grant estivesse mantendo uma romance com a moça... só Deus poderia ajudar Margaret.

— Penso que sim. A Srta. Hargraves passou alguns dias no Cairo, mas já regressou.

— Qual o número do quarto dela? — Margaret perguntou com certa excitação.

O gerente consultou o livro.

— Ora, mas que coincidência. A suíte da Srta. Hargraves fica em frente à sua, *Madame*, na cobertura. Número 512, para ser exato. Só não posso afirmar que ela já tenha despertado. A nossa estimada cantora deu um concerto ontem à noite e recolheu-se muito tarde.

— Não desejamos incomodá-la — apressou-se a replicar Lorde Thomas, receando uma atitude precipitada de Margaret.

— Por favor, entregue a chave a meu sobrinho James Andrews quando ele chegar, sim?

— Pode ficar descansado. Despacharemos a bagagem com todo o cuidado.

— Muito bem, agradecemos muitíssimo pela atenção — o aristocrata respondeu, entregando-lhe algumas cédulas como gorjeta.

— É nosso prazer servi-lo, senhor.

Quando Lorde Thomas alcançou o quinto andar, encontrou Margaret à porta da suíte 512.

— Minha querida, essa moça ainda está dormindo. Por que não deixamos um bilhete convidando-a para tomar chá conosco? — ele propôs, guiando-a para os aposentos que lhe eram destinados.

— Não seria polido nós a procurarmos sem avisar.

— O senhor considera polido divertir-se com o marido de outra? Se a Srta. Hargraves não tem escrúpulo em agir assim, não vejo por que eu deva me preocupar em não lhe atrapalhar o "precioso" sono. Além disso, se a apanhássemos desprevenida...

E a Grant também, pensou o tio. Contudo, preferiu calar o comentário.

— Sim? — indagou-lhes uma jovem egípcia, abrindo a porta.

— Por favor, diga à Srta. Hargraves que a Sra. Richardson gostaria de vê-la.

— Minha ama está tomando o desjejum — informou a criada.

— Comunicarei a ela que a senhora retornará mais tarde.

— Está muito bem, obrigado pelo transtorno — interveio Lorde Thomas, tentando conduzir a sobrinha para a suíte dela.

— Pretendo vê-la *agora* — insistiu Margaret, sem se mover do lugar.

— Mas...

—Vá avisá-la. Eu espero.

— Algum problema, Sarce? Pode deixar que eu resolvo — disse uma voz bem modulada vindo do interior do quarto.

Um instante depois, Margaret deparou-se, frente à frente, com sua rival.

Não muito alta, loura, possuidora de lindos olhos verdes e absolutamente deslumbrante num roupão de seda, com os cabelos ainda em desalinho.

— Sim, senhora — a criada concordou com uma ligeira mesura.

Margaret avaliou-a com olhos críticos.

Não lhe admirava que Grant se interessasse por aquela mulher, com cuja beleza jamais poderia competir. Por uma fração de segundo, uma profunda sensação de inferioridade a fez encurvar-se.

Por fim, respirou fundo e endireitou os ombros.

Estava pronta para a batalha.

— Senhorita, sou Thomas Richardson, conde de Kenwick, e esta é a esposa de meu sobrinho, Margaret Prescott Richardson — ele fez as apresentações.

— Lamentamos interromper seu café da manhã, mas apreciaríamos se nos concedesse a gentileza de responder algumas perguntas referentes a meu sobrinho, Grant.

A cantora sorriu.

— Não sei em que lhes poderia ser útil, em todo o caso... entrem, por favor. Aceitam uma xícara de café? Foi minha criada quem o preparou, de maneira que não está demasiado forte. O café turco parece uma tinta...

Enquanto tagarelava com alegre naturalidade, guiando-os para a saleta da suíte, Anne refletia sobre a situação.

Por que o tio e a esposa de Grant vieram à sua procura?

Decerto não foram enviados por Sir Nigel.

Por outro lado, se não fora ele, quem os mandara?

Quem a teria delatado, traindo a missão?

Urgia descobri-lo, investigando com a máxima cautela.

— Sra. Richardson, que prazer! Embora eu não conheça bem o seu marido, sei que ele a elogia muito.

— Receio que eu mesma não o conheça bem, Srta. Hargraves — replicou Margaret com secura.

— Por exemplo, não consigo imaginar que motivos levaram Grant a vir para Alexandria na sua companhia, ao invés de ficar comigo, desfrutando da nossa lua-de-mel em Kenwick.

— Margaret! Que modos são esses? — escandalizou-se o conde.

—Minha companhia?! Grant? — Anne soltou uma gargalhada, pendendo a cabeça para trás num gesto que lhe era característico.

No Íntimo, sentia pena de Margaret e solidarizava-se com sua fúria.

Se tivesse dormido com Grant, coisa que tentara inutilmente, talvez fosse acometida pela mesma raiva contra a mulher que o desviasse de seus braços.

— Minha jovem senhora, de onde tirou essa idéia absurda? Ah, mas, sente-se, fique à

vontade. Não deseja comer alguma coisa enquanto debatemos acerca dessa tolice?

— Obrigada, mas estou bem de pé — Margaret retrucou, desgostosa por desempenhar o papel de esposa traída.

Contudo, faria qualquer coisa para localizar o marido, por mais que lhe custasse.

E aquela mulher à sua frente sabia mais sobre Grant do que dava a entender.

Oh, Deus! Como poderia uma humilde filha de pastor concorrer com uma cantora tão bonita e refinada? Anne Hargraves reunia beleza física, talento e inteligência, uma combinação irresistível para qualquer homem.

— De qualquer forma, não considero "tolice" o desaparecimento de Grant e seu reaparecimento em Alexandria junto com a senhorita.

— Desaparecimento, a senhora disse? — indagou a jovem com genuíno espanto, enquanto despejava café na xícara de Lorde Thomas.

Então, Grant partira sem dar a menor explicação para a família, o que explicava, em parte, a confusão.

— Não sei nada sobre isso, asseguro-lhe.

— Mas a senhorita o conhece? — o conde interferiu ansioso por extrair alguma informação relevante antes que Margaret arrancasse os olhos da cantora.

— Quando foi que o viu pela última vez?

— Bem... na verdade, Sir Thomas, seu sobrinho e eu somos bons amigos desde os velhos tempos da minha juventude — Anne mentiu, observando o movimento incessante de Margaret pela sala.

— Eu era uma das pupilas da mãe dele e, sempre que ia à casa de Monique para receber aulas, Grant, na época um menino, se reunia a nós para o chá. Costumávamos cantar juntos. Ele gostava de repetir que se tornaria um cantor famoso, quando crescesse. Todavia, não creio que fosse a sério, ele o afirmava apenas para contentar a mãe. Ambos se adoravam, como deve saber...

— Contou-nos uma história comovente, Srta. Hargraves, pena que seja falsa — Margaret denunciou, fitando-a com ar de desafio.

— Monique Richardson jamais deu aulas. Depois de casada, sua música tornou-se um divertimento reservado exclusivamente ao marido e ao filho. E, a julgar por sua aparência, a senhorita não pode ser muito mais velha que Grant.

— Se foi um cumprimento, obrigada, mas...

— Não tem de quê. Só quero saber onde está meu marido, Srta. Hargraves. A sua gratidão não me interessa.

— Nesse caso, lamento não poder ajudá-la — replicou a agente de Sir Nigel.

— Admito ter jantado algumas vezes com Grant ao longo desses anos, e também o vi há poucas semanas aqui em Alexandria, mas tratou-se de um encontro casual, sem importância nenhuma. Creia-me, Sra. Richardson, se eu tivesse sentido qualquer interesse por seu marido, no passado, poderia tê-lo conquistado com a maior facilidade. Não esperaria que ele se casasse para só então fazê-lo. Quanto ao paradeiro dele, honestamente não faço a menor idéia.

— Por acaso meu sobrinho comentou o motivo que o trouxe ao Egito? — Lorde Thomas inquiriu, na tentativa de manter o diálogo o mais objetivo e proveitoso possível.

Margaret não dispunha de condições de controlar a ira, ele compreendia, conquanto

não pudesse seguir a mesma linha de conduta.

Além disso, o desaparecimento o intrigava mais a cada minuto.

Em geral, os casos amorosos de Grant se mostravam menos misteriosos.

Enfim, ele antes era solteiro.

Agora, já não podia agir com a mesma liberdade.

E aquela mulher era sedutora o bastante para virar-lhe a cabeça, fazendo-o esquecer os votos de fidelidade que jurara diante de Deus e dos homens.

— Eu não lhe perguntei, nem ele me contou — Anne replicou.

— Todavia, Grant falou muito sobre o casamento, sobre a sorte que tivera por encontrar alguém como Meg, apelido que lhe deu, suponho.

Impaciente demais para dar atenção àquelas confidências, Margaret voltou a andar de um lado para o outro, examinando os objetos que decoravam o aposento, aferrada a um obstinado silêncio.

Para rompê-lo, o conde voltou à carga:

— É hábito seu jantar com homens casados?

— Deus do céu, Lorde Kenwick! O fato de um homem se casar não implica que deva esconder-se dentro de uma armadura e esperar a morte. Eu sou uma artista, e minha profissão me impõe uma vida social bastante intensa, o que significa sair com todo o tipo de pessoas, inclusive as casadas. Não faço distinção de sexo nem de estado civil para escolher meus amigos. Os tempos mudam, e os costumes também, meu caro senhor. Nossa sociedade...

— Então a senhorita não vê Grant há várias semanas e limitou-se a ir a um restaurante com ele, não é? — bradou Margaret, à beira das lágrimas, interrompendo-a.

— Nesse caso, como explica... isso?

— Voltando-se para o tio, mostrou-lhe um cinzeiro abarrotado.

— Essa cigarrilha é da marca que Grant fuma...

— Que muitos homens fumam, minha querida — ponderou Lorde Thomas.

— Embora caros, são apreciados pela excelente qualidade do tabaco. Venha, vamos embora. Já incomodamos demais a Srta. Hargraves.

Conquanto convencida de que Grant estivera naquela suíte não havia muito tempo, Margaret não encontrou pretextos que justificassem sua permanência ali.

— Se souber alguma coisa sobre meu marido, faria a gentileza de avisar-me? — pediu à anfitriã, que os acompanhou até a porta.

— Claro que sim. Fique tranquila — Anne prometeu.

Contudo, tentaria a todo o custo evitar que marido e mulher se encontrassem.

Controlar Grant sozinho já oferecia dificuldades além da conta.

Com a esposa do lado, seria impossível.

— Só não alimente grandes esperanças — advertiu-a.

— Sabe como são os homens, vêm e vão com a inconstância das mares. Por que não assistem à minha exibição desta noite? Terei o maior prazer em deixar dois ingressos para vocês na bilheteria do teatro.

— Muito obrigado, senhorita. O prazer seria todo nosso, porém receio que tão cedo não poderemos nos dar a esse privilégio — o conde recusou com o cavalheirismo habitual, a despeito de, no íntimo, praguejar contra a lasciva amante de seu sobrinho.

— Eu compreendo. Ainda assim, conto com a presença de vocês.

Ao sair da suíte da cantora, Margaret já não sabia o que pensar.

Não tinha mais certeza de nada, a não ser de que Grant se encontrava no Egito.

Enquanto sua razão lhe indicava a existência de um romance entre o marido e Anne Hargraves, o coração se recusava a aceitar essa versão dos fatos, insistindo que ela devia procurar a verdade.

Por mais que lhe causasse arrepios a idéia de visitar Caroline Withers para tentar descobrir alguma pista, talvez não lhe restasse alternativa.

Havia também os Colton, que poderiam oferecer-lhe consolo e apoio moral.

Mais do que de repouso ou de alimentação, o que mais necessitava era da companhia de pessoas que também acreditassem na honestidade de Grant.

Lorde Thomas quis persuadi-la a descansar um pouco antes de tomar qualquer outra providencia, mas desistiu ao ver-lhe a expressão de desapontamento.

Aquela menina não cruzara o oceano para dormir num quarto de hotel.

Desejava saber do marido, e não se conformaria em adiar as buscas nem mais um segundo.

— Meg, minha querida! Que surpresa! — Hazel exclamou, abraçando-a com carinho.

— O que a traz tão cedo de volta ao Egito, onde está aquele demônio do Grant?

O conde pigarreou, chamando a atenção para a sua presença.

Margaret o apresentou, e os Colton o cumprimentaram com a costumeira efusividade, embora Roger se mantivesse um tanto reservado.

Então, aquele era o tio irascível de quem o amigo se queixava durante os anos de colégio.

Sensibilizado com o tratamento indiferente e por vezes hostil que o conde dispensara a Grant, Roger preferiria não recebê-lo em sua casa.

Agora, porém, era tarde, e não seria cortes para com Margaret pedir-lhe que se retirasse.

Assim, recepcionou-o com polidez.

Hazel mandou servir chá e bombardeou a amiga com perguntas.

Margaret, embora ansiosa por desabafar, de repente foi tomada por uma onda de hesitação.

A anfitriã, todavia, logrou contagiá-la com seu transbordante bom humor.

Em breve, Margaret conversava e ria como se nada de grave houvesse ocorrido.

Só depois de se certificar de que os hóspedes estavam bem instalados e à vontade Hazel parou de tagarelar.

— Acho que falei demais, querida. Agora, é a sua vez. Diga-me, onde está seu marido? Posso contar com ele para o jantar?

— Infelizmente, não é possível contar com meu sobrinho para nada — o conde revelou com amargura.

— Como assim? — Roger indagou, sem entender o comentário insólito. Seria outra birra do velho contra o pobre Grant?

— É verdade, Grant não jantará conosco. Ele... desapareceu. Por isso vim ao Egito... para procurá-lo — Margaret explicou, lutando para não ceder às lágrimas.

— Desapareceu?! — Roger ecoou incrédulo.

Hazel segurou a mão da amiga, sem saber o que dizer.
Custava-lhe acreditar em tamanho absurdo.

— Sim...

— Isso não é próprio de Grant! — Roger bradou com nervosismo.

— Bem... — o conde tentou discordar, mas Hazel o interrompeu:

— Claro que não! Decerto existe uma explicação lógica para sua ausência.

— E existe, embora não seja das mais abonadoras para meu sobrinho...

— O que quer dizer? — Roger interpelou-o.

Margaret resumiu os acontecimentos desde a partida de Grant, a visita a Sir Nigel e a carta de Caroline Withers.

— E eu vim visitá-los na esperança de que soubessem de alguma coisa — ela finalizou.

— Oh, minha querida! Lamento decepcioná-la — Hazel replicou com simpatia.

Contudo, não lhe passou despercebida a súbita palidez de Roger.

Conhecia-o bem demais para adivinhar que ele estava escondendo alguma coisa.

Teria que inquiri-lo em particular, mais tarde.

Por ora, sua preocupação era a amiga.

Não era boa idéia Margaret ficar no hotel, ainda mais na suíte em frente à da víbora.

Sem titubear, convidou-a para instalar-se em sua casa, onde teria com quem desabafar sempre que o desejasse.

A proposta pegou a todos de surpresa.

— Oh, não, Hazel. Não posso incomodá-la a esse ponto — Margaret recusou, embora a generosidade dela a comovesse.

— Ora, não é incômodo nenhum! Com o devido respeito a Lorde Kenwick, você precisa de companhia feminina. Além disso, Roger e eu fazemos questão, não é, meu bem?

— Ah... sim, é claro — ele aquiesceu, relutante.

Não queria hospedar Lorde Thomas por um dever de lealdade a Grant.

Por outro lado, não poderia desamparar Margaret num momento tão delicado.

— Muito obrigada aos dois, mas...

— Nem "mas", nem meio "mas". Se Grant veio para o Egito, Roger e eu o descobriremos. Estou certa de que existe uma razão lógica e *honrada* para o que está acontecendo.

— Eu também — Roger concordou, olhando de esguelha para o conde.

Lembrava-se da festa no Consulado, quando confundira aquele rapaz barbado com Grant.

Ainda não se convencera de quem eram a mesma pessoa, como também-não acreditava na possibilidade de o amigo trair a esposa, em que pesassem todas as aventuras amorosas que lhe tumultuaram a vida de solteiro.

— E enquanto não lhe trago notícias concretas sobre seu paradeiro, posso reanimá-la afirmando que Grant Richardson é um bom homem, o melhor que já conheci.

Margaret sorriu-lhe com gratidão.

— Claro que Margaret deve aceitar o convite. Sei o quanto são fiéis a ela e a meu sobrinho, por isso confio-a aos seus cuidados com tranquilidade — Lorde Thomas

interveio.

— Quanto a mim, permanecerei no hotel com James. Trazê-lo para cá seria abusar da amizade de vocês.

— Em absoluto — Hazel contradisse sem a menor convicção.

— Não, Hazel, tio Thomas tem razão. De qualquer forma, é melhor que ele e meu primo continuem no Abbat, para o caso de Grant aparecer por lá. Será um prazer ficar com vocês.

— Então, está decidido — Hazel proclamou.

— Mandaremos um criado buscar suas malas. Lorde Kenwick, venha visitar sua sobrinha sempre que desejar. Nossas portas estarão sempre abertas para os Richardson.

CAPÍTULO XIV

Na manhã seguinte, James se sentia mais e mais impaciente a cada minuto, caminhando de um extremo ao outro do saguão do hotel, à espera do tio.

Na tarde anterior, quando soube que Margaret se instalaria na residência dos Colton, foi tomado por intenso contentamento diante da perspectiva de dispor do conde só para ele.

Finalmente teria oportunidade de enfatizar os próprios merecimentos e direitos em relação à herança dos Richardson.

Ao longo de sua vida, perdera todas as disputas com o primo.

Não se saía tão bem no colégio, não demonstrara a mesma desenvoltura nos esportes e, principalmente, não fora agraciado com a mesma beleza máscula.

De estatura inferior, olhos castanhos inexpressivos e um físico pouco atraente, jamais fizera junto às mulheres o mesmo sucesso escandaloso de Grant.

Agora, porém, venceria a batalha final, a mais importante de todas: seria o próximo Lorde Kenwick!

O diabo era que o maldito Grant, mesmo ausente, ocupava a mente de tio Thomas em tempo integral.

Até nos problemas causados o primo se saía melhor do que ele!

E agora, como se não bastasse, ainda havia a esposa.

Margaret conquistara o coração do velho de uma forma perigosa, pondo em risco todos os seus sonhos.

Agora, porém, era a sua chance de recuperar terreno.

Fizera bem em vir para o Egito.

Se tivesse ficado na Inglaterra, a essas alturas já nem se lembrariam da existência dele.

Contudo, para satisfazer o tio, precisava "ficar de guarda" no saguão, para o caso de Grant vir visitar a amiguinha.

Era só o que lhe faltava!

Além disso, o primo não cometeria a tolice de aparecer por ali.

Conhecia-o muito bem e sabia que a primeira providência dele seria vestir aquelas esquisitas roupas típicas dos nativos.

Foi assim que o malando se meteu em complicações na Índia.

Não seria diferente no Egito.

Ele se trajaria exatamente como aquele beduíno que vinha descendo as escadas.

Talvez exibisse o mesmo modo de andar determinado e autoritário, próprio de um militar.

E, no entanto, a julgar pela cesta transbordante de sedas e brocados e a sujeira da roupa, não passava de um reles mercador.

Entretanto...

Algo em suas feições, um tanto ocultas por uma espessa barba negra, pareceu-lhe familiar.

Intrigado, James examinou-o com atenção.

Não era possível...

Com todos os demônios, era Grant em carne e osso!

Por que se teria disfarçado?

E o que deveria fazer agora?

Tio Thomas ainda não chegara, não havia meios para avisá-lo.

Por um segundo, observando o falso beduíno que se afastava pela porta principal, James considerou a possibilidade de segui-lo.

Logo, porém, abandonou a idéia, receando que o primo percebesse.

Já apanhara dele o bastante durante a infância e não sentia a menor inclinação para reviver a experiência dolorosa.

Se Grant resolvera ocultar-se sob aquele disfarce repugnante, devia ter suas razões, e sem dúvida não admitiria que o desmascarassem.

— Não, é melhor eu permanecer aqui e contar tudo para o tio Thomas, quando ele chegar — murmurou para si próprio.

— Posso alegar que tentei ir atrás de Grant, mas o perdi de vista. Que culpa tenho eu se o bastardo assemelha-se tanto a um beduíno que se mimetiza no meio deles?

Do lado de fora, Grant parou na calçada, hesitante.

Seria mesmo James o rapaz que vira no saguão do Abbat?

Não, decerto a saudade de casa lhe estava pregando peças, provocando-lhe alucinações.

Imagine, James no Egito!

Melhor ainda: acompanhado por tio Thomas! A menos que... e se alguma tivesse acontecido a Meg?

O relutante "beduíno" quase voltou para examinar de novo o sósia de seu primo, mas o bom senso acabou prevalecendo, impelindo-o a regressar para o bairro pobre.

Ele e Anne por um triz não foram desmascarados, dias antes, no consulado francês.

Convinha não abusar da sorte.

Alem disso, se houvesse algo errado com Meg, Anne lhe teria avisado no encontro daquela manhã.

Por pior que a agente fosse, não lhe negaria essa informação, sabendo como ele se sentia em relação à esposa.

Agora, investigaria a pista recém obtida a respeito de quem apoiava Arabi.

À noite, retornaria para conversar com a parceira.

Se ela ignorava o motivo que trouxera o clã Richardson a Alexandria, aceitando-se a

hipótese de que o rapaz no saguão fosse James, então que tratasse de descobri-lo!

À medida em que a carruagem dos Colton se aproximava do sofisticado restaurante que Caroline Withers escolhera para almoçar com elas, Hazel voltou a expressar para Margaret suas dúvidas quanto à utilidade daquele encontro.

— Meg, odeio bater na mesma tecla, porem... tem certeza de que procurar essa moça foi uma boa idéia? Pelo que você me contou ontem, essa tal de Caroline não a aprecia muito, e deve sentir-se bastante enciumada por Grant tê-la preterido. Não acha que ela talvez tenha inventado a história toda só para provocar conflitos entre você e seu marido?

Margaret refletiu por instantes.

— Estou convicta de que Caroline não titubearia em causar atritos entre os outros. Contudo, para quem mais eu poderia apelar? Veja, ela não sabia que Grant desaparecera, e disse tê-lo visto com Anne Hargraves que, de fato, está em Alexandria. É muita coincidência!

Hazel suspirou.

— Como disse Shakespeare, "há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia". Eu já vi casos de coincidência inacreditáveis, Meg — ela ponderou, tentando ofertar apoio à amiga sem se tornar desleal com Grant.

— E não acredito que seu marido fizesse qualquer coisa que pudesse magoá-la.

— Mas ele já fez! Pensa que não dói ser abandonada em plena lua-de-mel? — Margaret desabafou, afastando da testa algumas mechas que se haviam desprendido do penteado.

— Oh, olhe só para isso... devo estar com um péssimo aspecto!

— Não se preocupe. Trouxe grampos na bolsa e arrumo para você em dois minutos — tranquilizou-a Hazel.

Cabelos rebeldes constituíam-se num problema fácil de resolver.

Difícil seria remendar um coração partido...

Momentos mais tarde, a carruagem parou e Ahmed ajudou-as a apear.

Um porteiro uniformizado abriu-lhes a porta e conduziu-as pelo fresco interior do restaurante até a mesa onde Caroline as aguardava.

— Margaret, minha querida! Você está mais linda do que nunca! Ninguém suspeitaria de que tem passado por maus pedaços, pobrezinha — a moça ergueu-se para abraçá-la com exagerada efusividade. — Ah, eu jamais disporia do mesmo vigor, em circunstâncias tão delicadas, mas sem dúvida os anos vividos na Missão, com seu pai, tiveram o condão de familiarizá-la com o sofrimento, preparando-a para as tristezas de um casamento fracassado.

Devo agradecer aos céus por me ter enviado um noivo maravilhoso como Gordon!

Habituada aos longos monólogos de Caroline, Margaret nem imaginou que Hazel fosse estranhar a frívola tagarelice da jovem.

Por isso, quando se deu conta, a amiga, rubra de indignação, já intervinha:

— Como vai, Srta. Withers? Sou Hazel Colton, uma velha amiga de Grant Richardson e, embora conheça Meg há pouco tempo, considero-me sua irmã — apresentou-se, sentando-se deliberadamente entre as duas, determinada a impedir que a conversa prosseguisse naquele tom.

— Para ser franca, Meg me falou tanto a seu respeito que ansiava por conhecê-la.

— Como relatei no bilhete que lhe enviei ontem, Lorde Kenwick não aprova que eu circule sozinha pela cidade — Margaret explicou — e Hazel fez a gentileza de me acompanhar.

— Folgo em saber que já fez amizades em Alexandria. Aliás, acho que você precisa de distração, mesmo em meio aos atuais infortúnios.

Ignorando a presença de Hazel, Caroline comentou sua surpresa em constatar que a modesta Srta. Prescott já ingressara num novo círculo social na qualidade de Sra. Richardson.

Em seguida, acrescentou:

— Tomei a liberdade de fazer os pedidos. Gordon se juntará a nós para a sobremesa e ele detesta esperar pela comida.

— Nesse caso, seu noivo deve enfrentar sérios problemas com criados — Hazel observou, disposta a não permitir que Caroline aborrecesse Margaret com seus discursos tão intermináveis quanto ferinos.

— Roger e eu temos a sorte de contar com uma criadagem exemplar, mas creio ser muito difícil encontrar pessoal qualificado, nos dias de hoje.

— Tem toda a razão! — Caroline concordou.

— É por isso que seria esplendido se Margaret reconsiderasse a proposta de minha mãe e consentisse em ser minha governanta. A princípio, eu fui contra a idéia, porque não imaginava o quanto esses nativos podem ser independentes e teimosos. Quanto a seus votos matrimoniais, Margaret... bem, considerando-se o comportamento ultrajante de Grant, ninguém a condenaria se resolvesse abandoná-lo para seguir seu caminho.

— Não me parece que a vida conjuga dos Richardson se constitua num tema adequado para especulações desse tipo — rebateu Hazel, perdendo a paciência com a mimada jovem.

Contudo, antes que prosseguisse a defesa da amiga, Margaret interveio, provando ser uma adversária à altura de Caroline.

— Continuo sendo a Sra. Grant Richardson, Srta. Withers, e não pretendo abrir mão de meu casamento nem de meu título para me tornar sua criada — declarou com gélida serenidade.

— Pensei ter deixado esse ponto bem claro antes de nos despedirmos no navio.

— Sim... é claro. Mas isso foi antes de seu marido ser surpreendido diversas vezes na companhia de uma mulher de reputação duvidosa...

— Duvidosa? — interferiu Hazel.

— Não creio que uma cantora com os méritos da Srta. Hargraves mereça essa definição.

— Cantar bem não significa possuir princípios morais, como deve saber — Caroline replicou.

— Ninguém ignora que sua fama advém menos de sua arte do que do talento de destroçar corações masculinos. A senhora mora em Alexandria, Sra. Colton, já deve ter ouvido muitos rumores.

— Não posso afirmar que sim — Hazel respondeu, embora soubesse estar mentindo.

— Contudo, meu círculo social está voltado para as obras de caridade, não para a maledicência ou para o vício.

— De qualquer forma — retrucou Caroline, sem se dar por vencida —, a notoriedade de Anne Hargraves como mulher de vários amantes, inclusive homens casados, atinge toda a sociedade. Fui informada de que, na outra noite, ela compareceu a um baile no consulado francês acompanhado por um negociante lindíssimo.

— O consulado francês? — Hazel ecoou, recordando o que Roger lhe contara.

Ele estava quase certo de que o rapaz de barba junto de Anne era Grant.

— Sim. Gordon estava lá, e essa mulher teve a audácia de tentar flertar com ele, apesar de estar agarrada ao braço de Grant Richardson! — Caroline inventou, com o intuito de fazer o noivo parecer mais interessante e atraente do que na realidade. Além disso, Margaret não precisava saber que Gordon apenas vislumbrara alguém que se assemelhava o marido dela.

— Naturalmente, Grant nem quis conversar com Gordon. Na verdade, nem o nome verdadeiro ele estava usando!

— Então, seu noivo viu Grant aqui em Alexandria esta semana? — Margaret indagou, alterada, sem prestar atenção aos demais detalhes descritos pela garota.

— Pois não foi isso o que acabei de dizer? — Caroline replicou impaciente, enquanto Hazel, percebendo que as desconfianças de Roger tinham fundamento, procurou disfarçar o próprio constrangimento.

Sem dúvida, Grant estava escondendo seus segredos não apenas da esposa, mas também dos amigos. A voz de Caroline, contudo, interrompeu-lhe a reflexão ao prosseguir a tagarelice:

— Três noites atrás no consulado Francês. Claro, seu marido desapareceu antes que Gordon pudesse falar com ele, mas houve tempo suficiente para meu noivo perceber-lhe os trajes impecáveis e o excelente aspecto, bem melhor do que no dia em que o encontramos nas docas.

— Suplico-lhe que me perdoe, Caroline, mas acabei de me lembrar que marquei um compromisso com Lorde Kenwick. Na verdade, já estou bastante atrasada — Margaret inventou, como desculpa para retirar-se de imediato, decidida a confrontar-se com Anne Hargraves sem demora.

— Mas como? Não vai esperar Gordon? — a moça protestou.

Detestava quando lhe modificavam os planos daquela maneira.

— Eu pedi uma sobremesa deliciosa para nós!

— Lamento, porém não gosto de deixar tio Thomas esperando. Ele fica tão preocupado, coitado! Sei que compreende, delicada como é. Por favor, transmita as minhas escusas a seu noivo. Hazel vejo-a em casa mais tarde. Até logo.

Atônitas, as duas mulheres observaram-na afastar-se com passos apressados.

Margaret, sem olhar para trás, saiu do restaurante e parou um coche de aluguel.

— Toque para o Hotel Abbat, por gentileza — ela instruiu o cocheiro e recostou-se com um exasperado suspiro.

Dessa vez, Anne Hargraves teria que contar-lhe a verdade.

Todavia, não tinha certeza de estar pronta para ouvi-la...

Disparando pelo saguão quase deserto, Margaret vislumbrou a figura envelhecida de Lorde Kenwick subindo as escadas.

Em seu rosto, porém, a expressão era resoluta.

— Tio Thomas — chamou-o, galgando os degraus correndo.

— Preciso conversar com o senhor.

— E eu com você, minha querida. Receio que nossa amiga cantora não tenha sido sincera conosco, ontem.

— Eu sei — ela murmurou, surpresa com a calma que a invadira.

— Grant acompanhou-a a um baile no consulado francês há três dias.

— É mesmo?! Bem, andei investigando e não achei qualquer registro oficial da entrada de meu sobrinho no país. Entretanto, James jura que o viu deixando o hotel esta manhã.

— Grant estava... aqui? Por que James não o seguiu?

— Ora, você conhece esse rapaz. Ele garante que tentou, mas acabou perdendo-o de vista pouco depois. De qualquer forma, a Srta. Hargraves nos deve algumas explicações. E acho que já é hora de cobrá-las.

Suas expectativas, contudo, foram frustradas logo em seguida, quando a criada de Anne lhes abriu a porta.

— Não, senhor, *madame* não está. Foi para o ensaio com a orquestra.

— Muito bem, nós gostaríamos de entrar e esperar, Saree — Margaret declarou em tom autoritário.

— Tenho certeza de que a Srta. Hargraves não se importará.

Diante da hesitação da jovem egípcia, Lorde Kenwick retirou algumas cédulas do bolso e lhe entregou.

— Sentaremos na sala e não atrapalharemos seus afazeres — assegurou-lhe com um sorriso paternal.

— Obrigada, senhor. Será um prazer. Prepararei um cafezinho para ajudá-los a passar o tempo. Minha ama deverá chegar dentro de uns vinte minutos.

Assim que Saree os deixou a sós, Margaret dirigiu-se para o quarto de Anne.

— Margaret, o que está fazendo? Eu disse à garota que...

— Eu ouvi, mas não posso desperdiçar esta chance. Se Grant veio aqui esta manhã, é claro que esteve nesta suíte. E Anne Hargraves não deixaria na sala nenhum vestígio de sua presença. Fique aí e vigie a criada, tio. Por favor.

— Está certo — ele aquiesceu. — Tome cuidado, sim?

Sentado na poltrona, Thomas experimentava uma grande inquietação.

Torcia para que a sobrinha regressasse à sala de mãos vazias.

Pobrezinha, sua angústia era decerto ainda maior do que a dele, procurando provas da infidelidade do marido enquanto rezava para não localizá-las.

No centro do amplo aposento decorado em tons de creme e vinho, Margaret parou e olhou em torno, analisando os detalhes.

A julgar por aquele quarto, Anne Hargraves era uma mulher que não dispensava luxo e conforto, adorava roupas, possuindo uma grande variedade de trajes de passeio e a rigor.

Usava perfumes franceses e dormia em lençóis de cetim.

Sobre a penteadeira, além dos frascos de colônia, havia uma escova de cabelo com cabo de prata, diversas caixinhas de cristal contendo pó de arroz e um porta-jóias.

Curiosa, abriu-o e descobriu, entre um amontoado de brincos e colares, um estojo de

couro.

Pressentindo estar diante de algo secreto, misterioso, relutou antes de desvendar o enigma.

Depois, argumentando consigo mesma que sua invasão dos aposentos Íntimos da cantora resultaria inútil se desistisse de verificar o conteúdo do estojo, respirou fundo e pôs mãos à obra.

Para seu espanto, deparou-se com uma jóia masculina.

Uma aliança de casamento.

Mais precisamente, a aliança que colocara no dedo de Grant na Igreja de São Marcos, havia apenas seis semanas.

Com o coração ameaçando explodir no peito, ela guardou a evidencia da mentira e da traição na bolsa e prosseguiu a busca de forma metódica.

Numa das gavetas da escrivaninha postada sob a janela, achou tudo de que precisava.

Documentos de Grant e a cigarreira de ouro com suas iniciais gravadas.

— Margaret, venha para a sala. Creio que a Srta. Hargraves regressou — advertiu-a o tio com nervosismo.

Assim que Margaret acomodou-se na poltrona, Anne entrou irradiando simpatia.

— Oh, mas que encantadora surpresa! Espero que não tenham esperado muito tempo. Sarce devia tê-los avisado de que eu estava ensaiando.

— Sim, ela nos preveniu, mas preferimos aguardá-la ao invés de deixar um bilhete — explicou Lorde Thomas, com certa rudeza.

Aquela mulher seduzira Grant e mentira para eles.

Portanto, não merecia consideração.

— Srta. Hargraves, odeio dizê-lo mas... A senhorita não foi honesta conosco ontem quando nos falou sobre o relacionamento que mantém com meu sobrinho.

— Como assim, meu caro conde? Eu lhe contei que jantamos juntos há poucas semanas, e que nos divertimos muito. Não imaginei que o senhor desejasse ser informado sobre os detalhes mais... ah... Íntimos — a agente replicou com fingida naturalidade.

Decerto não se preparara para um confronto tão direto.

Mas saberia lidar com a família de Grant.

Afinal, já se safara de situações bem mais complicadas.

— A senhorita esqueceu-se de mencionar o baile no consulado frances — Margaret acusou-a, o tom suave da voz mal ocultando a fúria que a consumia por dentro.

— Com Grant? Oh, não. Não sei como isso lhes chegou ao conhecimento, porem, garanto-lhes que houve um equívoco. Meu acompanhante, nessa noite, era Alain Desant.

— Era meu marido! — Margaret bradou, contradizendo-a.

— Pare de mentir para nós, senhorita! Desant era o sobrenome de solteira da mãe de Grant.

— Mesmo trapaceando, meu sobrinho conseguiu manter o nome... — Lorde Kenwick comentou com sarcasmo.

— Tolice. Estão ambos enganados — Anne negou.

— Da mesma forma como me enganei ontem quanto às cigarrilhas dele? — a

indagação de Margaret era uma armadilha para que a cantora se incriminasse.

— Exatamente. Compreendo que esteja perturbada, minha querida, porém, como ponderou seu tio, muitos homens apreciam aquela marca — a agente replicou, começando a cansar-se daquela cena ridícula.

Precisava livrar-se logo dos Richardson, e de uma vez por todas.

Jamais aturara com paciência esposas ciumentas e tios zelosos.

— Acredito que, se verificar no Departamento de Imigração, verá que Grant já partiu para a Inglaterra.

— Na verdade, o pessoal de lá sequer admite a entrada dele no Egito — declarou Lorde Kenwick.

— Bem... todos sabemos que essas repartições públicas pecam pela desorganização. Os funcionários inventam qualquer coisa para se livrarem de nós — Anne riu, embora os demais mantivessem a expressão carrancuda.

— Se quiserem, conheço pessoas influentes que podem obter essa informação para vocês amanhã mesmo.

— Não é preciso, pois encontrei os documentos de Grant na sua escrivaninha — rebateu Margaret sem elevar o tom de voz, tirando os papéis de dentro da bolsa.

— Além da cigarreira dele, claro.

— A senhora não tinha o direito de remexer nas minhas coisas! — Anne exclamou, erguendo-se da poltrona.

Em duas passadas, aproximou-se de Margaret e arrancou-lhe os documentos da mão.

— Como se atreve a violar minha privacidade?

— Como se atreveu a destruir o meu casamento? Não havia homens suficientes para seduzir?

— Jamais precisei recorrer à sedução, minha jovem. Muito menos com o seu marido. O pobrezinho morria de tédio ao seu lado. Irritavam-no esses seus modos de filha de pastor — revidou Anne, disposta agora a separar em definitivo aquele casal. Um agente tão capaz como Grant não podia ser limitado por uma esposa temperamental.

Se Margaret se convencesse da infidelidade dele, seu orgulho a levaria a abandoná-lo.

O que era muito conveniente.

— Não se preocupe, querida. Costumo cansar-me logo dos meus amantes. Quando enjoar de Grant, prometo devolvê-lo a você inteirinho, são e salvo. E ate melhor, ousa dizer.

O silencio que imperou por alguns segundos ameaçava sufocá-los.

Enquanto Anne aguardava que suas palavras surtisses efeito, Margaret sucumbia ao veneno destilado pela rival.

Lorde Thomas assistia a tudo sem saber o que fazer.

Se não impedisse a Srta. Hargraves de prosseguir, temia por Margaret que, mortalmente pálida, parecia prestes a desmaiar.

Por outro lado, o desejo da verdade os levava ali.

Agora, só lhes restava suportá-la.

De súbito, Margaret emitiu um gemido rouco e cruzou a sala na direção de Anne,

pronta para desabafar sua ira com incontida violência.

Lorde Kenwick percebeu o que estava prestes a acontecer e tentou detê-la:

— Margaret Prescott Richardson, lembre-se de quem você é! — advertiu-a, colocando-se entre as duas adversárias.

Longe de se alarmar, a cantora jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, esquivando-se do golpe de Margaret uma fração de segundo antes de este ser desfechado.

— E então? Sente-se melhor agora que desabafou a raiva? Imagino que você fique terrivelmente frustrada por não poder satisfazer os apetites de um homem viril como Grant. Enfim, isso nunca me aconteceu... contudo, receio que sua vinda aqui num gesto insensato e infantil, irrite seu marido ainda mais, retardando seu regresso ao "doce lar".

— Margaret, vamos embora — Lorde Thomas comandou.

Já haviam descoberto a verdade, não era preciso prolongar uma cena tão constrangedora.

E de forma alguma permitiria que aquela mulher continuasse a humilhar-lhe a sobrinha.

— Considerando que a senhorita tem em seu poder a aliança de casamento que coloquei no dedo de meu marido, creio que essa questão de "regresso ao doce lar" se tornou meramente acadêmica, não lhe parece? — Margaret replicou, mantendo a ira sob um férreo controle.

No Íntimo, ansiava por arrancar aqueles cabelos louros resplandecentes e arranhar-lhe a pele de alabastro.

Tais instintos bárbaros, porem, assustavam-na sobremaneira.

Desde que entrara naquela suíte, comportara-se de maneira indigna, pouco adequada a uma dama, e sabia que isso magoava tio Thomas.

Não queria que ele a obrigasse a voltar para a Inglaterra.

Não ainda.

— Decerto a senhorita não tem uma explicação plausível para a aliança escondida no meio das suas jóias...?

— Não, mas quem disse que eu preciso de uma? — Anne retrucou, aborrecida com a própria falha.

Devia ter ocultado todas aquelas evidencias com maior cuidado.

Como pudera ser tão negligente?

Se Sir Nigel soubesse, ficaria furioso.

Bem, pensaria nisso mais tarde.

Agora, chegara a hora do golpe de misericórdia.

— Meg, minha querida, não me queira mal. Reconheço que Grant e eu vivemos momentos inesquecíveis, mas você precisa crescer e entender que o mundo é assim mesmo. Além disso, o que são alguns minutos de prazer comparados a um casamento que durará enquanto você assim o quiser? Ele lhe pertence até que a morte, ou a sua vontade, os separe! Não ligue para as "escapadas" de seu marido. Hoje, sua paixão sou eu. Amanhã, será outra mulher. E depois, outra. Ninguém jamais lhe contou que os homens são todos iguais? Por que se afligir tanto por causa deste em especial? Sugiro que se acalme e volte para a sua casa. Não adianta permanecer em Alexandria, pois não

conseguirá encontrá-lo. No entanto, se Grant souber que a esposa veio em seu encalço, poderá jamais regressar a Kenwick. Eu juro que o convencerei a embarcar no primeiro navio para a Inglaterra... assim que me cansar de sua companhia.

— Penso que já discorreu demasiado sobre o meu marido, senhorita — Margaret rebateu com altivez.

— Perdoe-me se não lhe agradeço pela franqueza.

Depois que a porta se fechou, Anne afundou no sofá, exausta.

Algumas tarefas realmente a perturbavam!

Enfim, restava-lhe o consolo de saber que Grant agora poderia concluir sua missão sem ser assediado por uma esposa fanática.

CAPÍTULO XV

Grant sabia que o disfarce de mercador de sedas não lhe daria acesso aos aposentos de Anne à noite.

Contudo, ao caminhar pelas ruas poeirentas de Alexandria em direção ao Abbat, esperava encontrar uma forma de encontrar-se com a cantora antes que ela saísse para um de seus inúmeros compromissos sociais.

Mais uma vez assomou-lhe à mente a imagem do rapaz parecido com James que vislumbrara no saguão do hotel, pela manhã.

E se fosse ele mesmo?

O que o teria trazido de tão longe?

James não se arriscaria a empreender uma viagem longa como aquela sozinho.

Era covarde demais para tais aventuras.

Não, decerto tio Thomas o teria acompanhado.

E quanto a Meg?

Viera também?

Mas por quê, com que propósito?

Quanto mais pensava sobre o assunto, mais suspeitava que a família fora informada sobre sua presença no Egito.

E isso o levava a recear que James e tio Thomas de alguma forma houvessem estabelecido uma conexão entre seu nome e o de Anne Hargraves.

Nesse caso, Meg... Deus, nem queria considerar a hipótese de a esposa acreditar que ele mantivesse um romance com a cantora!

Somente Anne Hargraves poderia fornecer-lhe as respostas para tantas perguntas.

O saguão do Abbat fervilhava de europeus em trajes de gala, prontos para mais uma noite de diversões.

Em meio à confusão, ninguém percebeu o beduíno que, ágil como um felino, esgueirou-se pelas sombras rumo à escadaria de serviço.

— Você?! O que faz aqui? — Anne indagou, espantada e um tanto aborrecida.

Aquele encontro não constava de sua agenda.

Por outro lado, a presença inesperada de Grant Richardson podia significar muitas coisas, nem todas desagradáveis.

— Pode ir, Saree, está tudo bem — ela procurou tranquilizar a criada que, pálida de

susto, contemplava o egípcio sujo e maltrapilho que invadira a suíte pela porta dos fundos.

— Trata-se de um amigo meu. Lembre-se, está dispensada até amanhã. Divirta-se. Saree apanhou seus pertences e retirou-se, deixando-os a sós.

— Não planejava vê-lo tão cedo — Anne declarou, o olhar lascivo não deixando dúvidas quanto a suas intenções em relação àquela visita.

— Engraçado... quase sempre, quando saio daqui, juro nunca mais regressar...

— No entanto, voltou esta noite. Por quê? — ela indagou com voz rouca, adivinhando-lhe o corpo por baixo do disfarce.

Adorava seus ombros largos, os quadris estreitos, as pernas esguias porem musculosas e o rosto de feições bem talhadas.

Desejava-o como jamais desejara homem algum.

Contudo, não era a momento de entregar-se a devaneios eróticos, pois devia concentrar-se na missão. Os prazeres teriam que ficar para depois.

— Conseguiu informações importantes?

— Não — Grant respondeu, aproximando-se dela a ponto de quase tirar-lhe o fôlego.

— Na verdade, vim para obtê-las.

— Oh, bem... — ela afastou-se em direção ao espelho, fingindo preocupação com o penteado.

Na verdade, necessitava de tempo para normalizar os batimentos cardíacos.

— Nesse caso, dirigiu-se ao local errado. Eu não descobri mais nada sobre Arabi além do que já lhe relatei no nosso último encontro. Os becos por onde você perambula se constituem numa fonte melhor que sua humilde parceira.

— Arabi não me preocupa — Grant revelou com frieza, obrigando-a a largar o pente para fitá-lo.

— Só quero que me diga quais membros da minha família estão no Egito e há quanto tempo você sabia disso.

— Do que está falando? Será que a convivência com os felás o enlouqueceu?

— Não minta para mim, Srta. Hargraves! — ele ordenou os olhos negros brilhando de modo perigoso.

— Eu vi meu primo James no saguão do hotel esta manhã.

— Que absurdo! Por que ele viria para o Egito?

— É isso exatamente o que lhe peço para me contar.

— Ora, deixe de tolices! — ela rebateu, soltando os pulsos que Grant apertara com força.

— Está bem. Se você não pode responder-me, só me resta procurar James e perguntar a ele.

— Você não tem permissão para tomar uma atitude dessas! — Anne bradou, exasperada, desistindo de fingir.

— Se o fizer, colocará em risco a nossa missão!

— Oh... seria uma pena, não? — Grant replicou com sarcasmo.

— Justo agora que Essad chegou a Alexandria... enfim, como você se recusa a fornecer a informação que lhe pedi, não tenho alternativa. Com licença, Anne. Preciso tomar um banho e mudar de roupa. Em poucos minutos, recuperarei a minha aparência

normal e poderei procurar o gerente. Ele decerto há de se lembrar de James e do número do aposento que ocupa.

— Não.

— Não o quê?

— Não há motivos para incomodar o gerente. Eles estão na suíte em frente.

— Eles quem?

— James e seu tio.

— E quanto a Meg?

— Ela não está aqui — AM replicou em tom dúbio.

— Tem certeza?

— Absoluta — ela afirmou, categórica, fitando-o com candura.

Grant estudou-lhe o semblante com atenção.

Tudo naquele rosto bonito indicava que Anne lhe dissera a verdade.

Contudo, seu sexto sentido garantiu-lhe que ela o estava enganando.

Sem titubear, tornou a agarrar-lhe o pulso.

— Onde está minha esposa e o que você contou a ela?

— Margaret não está aqui — Anne repetiu, tentando esquivar-se tanto do interrogatório quanto das mãos de Grant, que a seguravam como garras de ferro.

— Está mentindo, Srta. Hargraves — a voz dele soou estranhamente macia.

Ao prosseguir, porem, o tom mudou, adquirindo nuances cada vez mais ameaçadoras.

— Agora, escolha: ou me revela a verdade ou eu estou fora da missão. Pela última vez, minha mulher está no Egito?

— Sim — a agente admitiu, por fim, num murmúrio rouco.

Lágrimas de frustração e dor lhe invadiram os olhos.

— Neste hotel? Na suíte em frente? — Grant bombardeou-a, ignorando-lhe o sofrimento.

— Na casa de uns amigos.

— Os Colton? — Para alívio de Anne, ele largou-lhe os pulsos e passou a mão pelos cabelos.

— Acho que sim. Ela está bem, não precisa preocupar-se. Pode prosseguir seu trabalho com calma. Na verdade, tudo indica que Margaret e o resto da sua família regressarão à Inglaterra amanhã.

— Por que? — Grant indagou, desconfiado.

— Porque não conseguiram localizá-lo — a cantora retrucou, fugindo ao olhar que procurava penetrar-lhe até os pensamentos.

— Contudo, Margaret logrou encontrar você, não é? Vamos, responda! O que foi que lhe disse? — Grant pressionou-a, sacudindo-a sem piedade até que ela suplicou:

— Pare com isso, está me machucando! Eu falo tudo o que quiser...

Anne massageou os braços doloridos, onde se viam grandes manchas avermelhadas.

— Se quer mesmo saber, eu insinuei que entre nós... havia um romance.

— Você o quê?! — Grant grilou, cambaleando para trás.

— Foi a única maneira de convencê-la a voltar para casa. Além disso, ela já chegou aqui com essa idéia. Bastou-me confirmar.

— Caroline... — ele murmurou, recordando o dia em que desembarcara no porto de Alexandria.

Crispou os punhos com força para impedir-se de espancar a agente que o contemplava com ironia e desdém.

— Você seria capaz de qualquer coisa para concluir a missão, não é? Até mesmo destruir minha vida, ou o que restara dela.

Anne suspirou.

— Lamento ter sido obrigada a causar tantos transtornos para você e sua esposa, porém os interesses em jogo são de tal magnitude que nossos pequenos e medíocres problemas individuais se tornam irrelevantes.

— Pelo visto, você esqueceu que o Império é formado por indivíduos. Se estes não têm importância, então... o próprio Império é irrelevante. Agora, se me permite, preciso ir embora. Tenho muito a fazer.

— Só espero que não vá cometer a insensatez de procurar sua esposa — Anne advertiu-o, tentando recuperar o controle sobre o rebelde agente inglês.

— Para ser mais clara, eu o proíbo de fazê-lo.

Todavia, Grant nem chegou a ouvir-lhe a ordem, pois já desaparecia pela porta.

Irritada ao extremo, Anne deixou-o ir.

Qualquer esforço para deter um homem apaixonado resultaria inócuo.

Quanto a Margaret... bem, havia meios para impedi-la de interferir novamente.

No segundo andar de uma casa, uma criada resolveu livrar-se da água onde a patroa deveria ter-se banhado simplesmente jogando-a pela janela.

Estava cansada demais para descer as escadas com os baldes cheios, e era desaforo obrigá-la a encher a tina tão tarde da noite para desistir do banho logo em seguida.

O que a jovem ignorava era que alguém caminhava pela calçada naquele exato instante.

O inesperado jato de água, conquanto rápido, logrou despir Grant da camada de poeira que o envolvia. Por um instante, ele cogitou em voltar ao hotel para trocar de roupa.

Os encharcados trajes de beduíno pesavam-lhe sobre o corpo.

Contudo, a perspectiva de um novo confronto com Anne o fez desistir.

Se tornasse a vê-la naquele momento, talvez não conseguisse mais conter a fúria e acabaria por fazer coisas das quais se arrependeria.

Enxugando a barba molhada com as mãos, recomeçou a caminhar.

Teria que percorrer vários quilômetros para chegar à casa dos Colton, já que não conseguira tomar um coche.

Seu disfarce estava tão perfeito que nenhum cocheiro ousava atender-lhe os veementes sinais.

Enquanto isso, Meg com certeza sofria, certa de que ele a traía.

Urgia encontrá-la e desfazer o engano.

No fundo de sua mente, porém, jazia a perplexidade.

Não esperava que ela pudesse dar ouvidos a Caroline Withers e a Anne Hargraves.

O que acontecera com o amor e a confiança que lhe demonstrara antes?

Evaporaram-se como por encanto após uns poucos dias de separação?

Bem, não importava. Se Margaret Prescott Richardson deixara de amá-lo, ele trataria de reconquistá-la.

Meg levantou-se da cama e, inquieta, começou a caminhar de um lado para o outro.

Recolhera-se cedo, incapaz de suportar as perguntas de Roger e de Hazel, porém não conseguira conciliar o sono.

Pobres amigos, preocupavam-se sinceramente com ela.

Contudo, preferia ficar sozinha.

Tio Thomas, a despeito de seus esforços para reanimá-la, só lhe piorara o humor, ao esbravejar durante horas acerca do comportamento execrável do sobrinho, colocando-a, assim, na posição de defender o marido infiel.

O fato era que sentia-se aprisionada numa nuvem asfixiante de sofrimento.

Um misto de fúria, perplexidade, solidão e desesperança constrangia-lhe o peito, quase impedindo-a de respirar.

Margaret abriu a porta e saiu para a varanda que dava para o jardim.

Fitou o céu, onde a lua crescente se destacava entre as nuvens.

No mesmo momento, veio-lhe à mente a lembrança de sua última noite com Grant, quando fizeram pedidos a uma estrela cadente.

Como a felicidade daquele instante contrastava e amplificava a dor de agora!

Odiava reconhecer que a Sra. Whitters estava certa ao preveni-la contra o casamento.

Não lhe dera atenção, confiando cegamente num homem que mal conhecia.

Seu próprio pai a advertira contra ele e, no entanto...

Julgara estar certa enquanto o mundo inteiro se equivocava em relação a Grant Richardson.

Fora preciso que ele a trocasse por outra mulher para ela descobrir que Grant apenas a usara para cair nas boas graças do tio, aplacando-lhe a ira quando soubesse de seus desmandos em Calcutá.

Ela se deixara enganar, seduzida pelas belas e mentirosas palavras de amor que ele lhe dissera *depois* de perceber que aquele era o único meio de convencê-la a aceitar a proposta de casamento.

Um soluço sacudiu-lhe os ombros.

No dia seguinte, pediria a tio Thomas para levá-la de volta à Inglaterra.

Procuraria um emprego em Londres.

Qualquer coisa lhe serviria, desde que lhe preenchesse o tempo, impedindo-a de pensar, e lhe garantisse uma renda suficiente para viver com modéstia.

Um toque suave em seu braço assustou-a.

Virou-se, espantada, e deparou-se com um estranho egípcio.

Quem era ele, como viera parar na varanda sem que ela notasse?

— O que faz aqui? — indagou, preocupada.

Aquela era a casa de Roger Colton, um alto funcionário do Império Britânico, e, considerando-se a agitação política do Egito, não era impossível que estivesse diante de um rebelde mal intencionado.

— Eu não estou sozinha, como deve saber. Se eu gritar...

— Não, por favor não grite, Meg. Sou eu... — ele suplicou num murmúrio rouco que se perdeu no silêncio.

Margaret não lhe reconheceu a voz.

Grant não a culpava por isso, mas não podia permitir que ela se fosse.

Queria enlaçar-lhe a cintura esguia e abraçá-la com infinita doçura.

Como ansiara por aquele momento! Em suas noites insones, deitado na rua, imaginava-a a seu lado, ao alcance de seus beijos.

Oh, por que ela ainda não identificara o marido que supostamente amava?

— Meg, sou eu, Grant. Não tenha medo...

Aquele egípcio de barba negra afirmava ser Grant? Que absurdo! Todavia... seus olhos negros pareciam-lhe familiares...

Confusa, Margaret não protestou quando ele a abraçou.

— Grant? — ela sussurrou, sem duvidar mais.

Seu corpo reconheceu o dele, seu calor, seus contornos.

Era como se o marido, ouvindo-lhe o pranto de desespero, tivesse vindo ao seu encontro para... *como ele se atrevera a procurá-la ?*

Depois de tudo o que lhe fizera!

— O que faz aqui? — tornou a indagar, desta vez com secura, ignorando deliberadamente o sofrimento estampado em seu semblante.

— E ainda pergunta? — Grant não continha o espanto.

Ele pusera a missão e a própria vida em risco só para vê-la!

O que acontecera com a sua "doce Meg"?

Como podia encará-lo com tanta frieza?

— Eu sou seu marido!

— Ah, é? Não creio que você se lembrasse disso ao me abandonar em Kenwick ou enquanto se divertia nos braços de Anne Hargraves aqui em Alexandria.

— Abandonar?! Meg, eu a deixei com meu tio — Grant refutou, indignado.

— Eu não a abandonei!

— Deixar, abandonar, qual é a diferença? Você já não me quer. Se é que um dia me quis! Diga-me, de quem foi a idéia de fugir para a Alexandria, sua ou da Srta. Hargraves? E quando planejaram tudo? Depois do nosso casamento?

À medida em que desabafava, Margaret sentia-se revigorar.

— Oh, decerto foi antes. Lorde Thomas não aceitaria uma cantora na família, como já o demonstrara o episódio com seus pais. Eu apareci na hora certa, como a melhor solução para o problema, não? Uma esposa capaz de conquistar-lhe a família e de recuperar sua herança para que você, de posse do dinheiro, pudesse correr para os braços da amada. Meus parabéns, Sr. Richardson! Arquitetou um plano magistral!

A amarga ironia de Margaret denunciava a intensidade de sua dor.

— Precisa acreditar-me, Meg. Sempre a amei, porem jamais com tanta profundidade como no dia em que a deixei — um soluço interrompeu-o.

Desesperado, Grant segurou-lhe a mão.

Margaret, porém, afastou-o com um repelão.

— Oh, isso não só faz sentido, como explica tudo! — Ela comentou com sarcasmo.

Esperava que ele negasse as acusações, mas não!

Apenas dizia tolices, despertando-lhe a fúria.

— Você me deixou para poder amar-me ainda mais! Que romântico...

— Shh... fale baixo. Não quero despertar a vizinhança inteira! Este é um assunto particular e...

— Não! Entre você e Anne Hargraves existe um caso. Entre nós dois... não existe nada — Margaret retrucou em tom quase sereno, satisfeita com a expressão de choque que suas palavras provocaram. Desejava agredi-lo.

Não fosse pelo receio de acordar Roger e Hazel, não hesitaria em atirar-lhe o vaso de flores em cima. Impossibilitada de dar vazão à ira, consolou-se com a idéia de que em breve procuraria um advogado para colocar um ponto final naquela farsa, desfazendo um casamento que só tivera significado para ela.

— Meg, sei que a magoei demais, porém asseguro-lhe ter sido sempre sincero com você — Grant declarou, contemplando-a sob o luar.

Como estava linda, mais desejável do que nunca com os cabelos soltos, o colo alvo mal coberto pela camisola de seda.

Queria tocá-la, mas não poderia fazê-lo antes que esclarecessem o mal-entendido.

— Oh, minha querida, juro que não há nada, nem jamais houve, entre mim e Anne Hargraves. Infelizmente, sou obrigado a suportá-la, por questões profissionais, mas creia-me: eu detesto essa mulher!

A veemência da raiva de Grant abalou as convicções de Margaret por alguns segundos.

E se ele fosse tão vítima de Anne Hargraves quanto ela?

Todavia, a imagem da aliança dele misturada à jóias da cantora sufocou a esperança que principiara a nascer em seu coração.

— Interessante. Você alega jamais ter mentido para mim, mas Sir Nigel Conway nega tê-lo recebido em seu gabinete, apesar de você me ter garantido que fora procurá-lo. Estranho, não?

— O homem trabalha para o Governo, Meg. Mesmo que ele quisesse, não saberia como dizer a verdade — ironizou Grant.

— Nós estivemos juntos em Londres, acredite-me.

— Está bem, talvez eu lhe dê esse credito, embora não veja motivos para fazê-lo. No que concerne à Srta. Hargraves...

— Como lhe disse, só os negócios nos unem — Grant insistiu, frustrado por não ser capaz de convencê-la da própria honestidade.

— Eu amo você desde o dia em que a vi, lá no porto de Calcutá, e nunca lhe seria infiel. Eu morreria antes...

— Comovente... Bem, poderia contar-me o que aconteceu com a sua aliança? — Ela indagou, dirigindo o olhar ostensivamente para o dedo dele.

Tratava-se de uma pergunta simples, cuja resposta deveria ser imediata.

Entretanto, ao ver que o marido permanecia calado, o medo voltou a crescer, desenfreado, arrastando-a para uma tempestade emocional.

Em silêncio, Margaret entrou no quarto e retomou em seguida, trazendo o anel de ouro nas mãos.

— Eu... receio tê-la deixado num local inadequado — Grant gaguejou.

Sabia ler sido encurralado.

Não teria como explicar à esposa que entregara a aliança para outra mulher guardá-la.

A menos que revelasse também o envolvimento de Anne com a espionagem britânica, coisa que não poderia fazer.

— De qualquer forma, não devemos discutir por esse motivo. Nossas alianças eram provisórias. Minha intenção era que usássemos as de ouro que foram de meus pais.

Margaret enterrou as unhas na palma da mão para não esbofeteá-lo.

— Provisórias como nosso casamento? Essas alianças eram um símbolo da nossa união! Ou será que nada valiam, por não serem de ouro?

— Claro que valiam. Valem. Eu juro por tudo o que há de mais sagrado que jamais lhe fui infiel, a despeito de todas as evidências em contrário!

— A despeito de eu ter encontrado a sua aliança nos aposentos de Anne Hargraves? — ela rebateu, atirando o anel no chão do quarto.

A mente de Grant fervilhava, em busca de uma solução.

Palavras de nada adiantariam naquele momento. Teria que apelar para outros meios.

— Meg, dou-lhe minha palavra de que não toquei, nem desejei tocar, em nenhuma mulher nos dois últimos meses, da maneira como vou fazer agora... — antes que a esposa percebesse suas intenções, arrancou o traje de beduíno e abraçou-a com força, calando-lhe o grito de protesto com um beijo desesperado.

Tomando-a nos braços, levou-a para dentro e depositou-a sobre a cama.

Ao sentir-lhe a pele macia, gemeu baixinho.

— Oh, Deus, Meg! Que saudade! — murmurou-lhe junto ao ouvido, acariciando-lhe os cabelos revoltos espalhados pelo travesseiro.

Por um instante, pareceu-lhe que ela lutaria para impedir-lhe os afagos.

E era essa, de fato, a intenção de Margaret.

Contudo, seu corpo recusou-se a obedecer às ordens frenéticas que o cérebro lhe enviava.

Ao sentir que Grant se deitava sobre ela, suspirou, tremendo da cabeça aos pés.

— Grant... eu quero acreditar em você, eu preciso acreditar... mas eu...

— Não, nada de "mas", minha querida. Meg, oh, Meg! Nem sei como pude sobreviver sem você. Minha vida tem sido um inferno mais terrível do que aquele concebido por Dante.

— Não foi isso o que ouvi de Caroline e da própria Anne — Margaret replicou com debilidade.

Não conseguia raciocinar quando o marido lhe mordiscava as orelhas com delicada sensualidade.

Grant a amava!

Se não, por que a fitaria com tanta ternura e tristeza, por que a tocaria com angustiada volúpia?

Ninguém finge sentimentos como aqueles.

Fora ela quem errara, ao duvidar dele.

— Meg, esqueça tudo o que lhe disseram! Elas sentem ciúme do amor que partilhamos, sabem que jamais experimentarão nada igual.

— Eu sei. Grant, há uma coisa que quero que faça...

— O quê é?

— Beije-me, por favor...

Tomado por uma alegria avassaladora, ele não se fez de rogado.

Margaret o desejava.

Ela sempre o admitira com simplicidade, e ele a adorava por isso.

O luar brilhava na varanda.

A noite estava silenciosa e deserta.

Para Margaret e Grant, porém, nada mais importava...

Quando ela despertou, no amanhecer do dia seguinte, constatou que o marido ainda dormia, com uma perna possessivamente apoiada sobre as suas.

Margaret suspirou, satisfeita com a segurança que a proximidade dele lhe proporcionava.

Acarinhou-lhe os cabelos negros com meiguice e Grant se remexeu na cama.

Logo em seguida, abriu os olhos.

— Bom dia, minha doce Meg — saudou-a, beijando-lhe o ombro desnudo.

— Você parece abatida... será que eu... me excedi? Eu a magoei?

Ela riu.

— Não mais do que eu a você, a julgar pelo sono profundo em que mergulhou.

Grant bocejou.

— A culpa não foi sua. É que havia muito tempo eu não dormia numa cama. Você sabia que a maioria dos beduínos deita-se direto na areia?

— Oh, bem... desde que você durma sozinho... — Margaret fingiu zangar-se, dando-lhe um beliscão leve no braço.

— Falando em beduínos... por que chegou aqui vestido como um deles? E por que veio para o Egito, afinal de contas?

— Meg, terá que confiar em mim. Por ora, não tenho permissão para lhe contar nada — uma sombra escureceu-lhe os olhos negros.

— Receio que já seja hora de eu partir. Daqui a pouco, todos acordarão e...

— Partir? Mas, Grant... — a idéia de que o marido não ficaria com ela nem lhe havia ocorrido.

— Shhh... — Grant cobriu-lhe o rosto de beijos.

— Margaret Richardson, eu a amo. Você é a única mulher no mundo que me interessa e a quem desejo...

— Apesar das tentativas de Anne de seduzi-lo?

— Apesar disso, sim, minha garotinha — Grant admitiu, sorrindo.

Meg era extremamente perceptiva.

Como adivinhara que a agente não lhe dava sossego?

— Só há lugar para você no meu coração... e na minha cama. Acredite em mim, por favor.

Perscrutando-lhe o semblante ansioso, ela se esforçou para atender-lhe o pedido.

— Está bem. O que devo fazer, daqui para frente?

— Nada. Seja paciente por mais alguns dias e prometo-lhe que voltaremos juntos para a Inglaterra dentro de uma semana — Grant lhe propôs, acariciando-lhe os seios

com a ponta dos dedos.

A pele dela era tão suave e delicada... suas formas, tão femininas!

E, no entanto, Meg possuía uma força de caráter capaz de guiá-la até o Egito para procurá-lo.

E seu amor a levava a confiar nele, sem se incomodar com as evidências de sua infidelidade.

— Só isso? Ser paciente? — Margaret indagou, um tanto desapontada.

Esperava que Grant a incumbisse de alguma tarefa, ao invés de solicitar-lhe que cruzasse os braços.

— Hum, hum... ah! Há algo mais. Não conte a ninguém sobre a minha visita. Nem aos Colton, nem à minha família. Causaria muitos problemas se viesse à tona que Yosef, o beduíno, não é de fato um egípcio nacionalista — ele a advertiu, enquanto se vestia.

— Mas Lorde Thomas pensa que...

— Posso imaginar o que ele pensa — Grant replicou com frieza.

— Contudo, isso é problema dele, não meu.

— Mas, Grant... trata-se do seu tio!

— Meg, será que não entende? Só você me importa! Desde que esteja em segurança e saiba que a amo, o resto pode esperar. Não se preocupe, dará tudo certo, verá — Curvando-se para dar-lhe o beijo de despedida, acrescentou: — Confie no meu amor por você. Eu sei o que estou fazendo.

— Espero que sim — Margaret suspirou, ao vê-lo pular a grade da varanda sem olhar para trás.

CAPÍTULO XVI

O conde Kenwick cruzou o pórtico do jardim da casa dos Colton.

Embora o sol mal tivesse nascido, não hesitara em vir visitar a sobrinha, preocupado com sua saúde. Aquela moça passara por maus momentos, os piores que uma jovem esposa pode enfrentar, e decerto atravessara a noite sem pregar os olhos.

Duvidava que Roger Colton e a mulher já estivessem de pé, afinal era cedo demais para a maioria das pessoas.

Ainda assim, Ahmed abriu-lhe o portão sem relutância.

Caminhando entre os canteiros bem cultivados, Lorde Thomas suspirou.

Que paz reinava no lar dos Colton, a despeito da crescente tensão que se apossava das ruas de Alexandria.

Pena que Margaret e o patife de seu sobrinho não pudessem ter desfrutado da mesma harmonia doméstica... e a culpa cabia inteiramente a Grant, que atirara a felicidade pela janela.

Nenhuma esposa teria demonstrado maior lealdade e afeto do que Margaret, ao menos até a véspera.

O confronto com Anne Hargraves decerto matara dentro dela os mais nobres sentimentos que um ser humano podia abrigar.

Por tudo isso, desejava que Grant jamais reaparecesse.

Que aquele monstro permanecesse nas trevas, deixando-os a todos em paz.

Quanto a ele, sugeriria à sobrinha que partissem de imediato.

Para que continuar numa cidade onde as lembranças a atormentavam como fantasmas?

Fora ali que seu breve e tempestuoso casamento começara e terminara.

Não, precisavam regressar à Inglaterra.

Lá ele lhe proporia que continuasse morando em Kenwick.

Afinal, ainda era a esposa de Grant.

Contudo, se a moça recusasse a oferta, não permitiria que ficasse desamparada.

Margaret gozaria de conforto material até o fim da vida.

Ela era a filha que a vida lhe negara.

Engraçado, Grant sempre lhe despertara o mesmo carinho, embora jamais quisesse admiti-lo ou demonstrá-lo.

E com toda a razão, pois o rapaz não o merecia.

Lorde Thomas foi distraído de suas reflexões por um ruído entre os arbustos.

Talvez Margaret, avisada de sua presença por Ahmed, tivesse vindo ao seu encontro.

Contudo, o jardim parecia deserto.

Até as flores davam a impressão de dormir sob os primeiros pálidos raios de sol.

Alexandria estava se tornando uma cidade perigosa.

A idéia de rebelião pairava no ar.

E se algum dos nacionalistas tivesse invadido a residência do funcionário britânico?

Já não havia segurança para os estrangeiros, no Egito, principalmente para os ingleses.

Imóvel, retendo a respiração, Lorde Thomas ficou à espreita.

De súbito, vislumbrou com o canto dos olhos um movimento furtivo na varanda do quarto que Margaret ocupava.

Sim, com todos os diabos!

Não se enganara!

Um beduíno pulava a grade do balcão com uma agilidade felina!

O conde não perdeu tempo.

Apanhou um pedregulho do chão e atirou-o no outro lado do jardim, chamando a atenção do egípcio, que já pousava os pés na terra fofa.

Aproveitando a hesitação momentânea do intruso, Lorde Thomas correu em sua direção, agarrando-o por trás, enquanto gritava para despertar os moradores da casa.

O beduíno, porém, demonstrou ser mais forte do que ele esperava.

Os trajes folgados lhe haviam ocultado os músculos poderosos.

Se alguém não viesse logo em seu auxílio, acabaria deixando o homem escapar.

Pior, corria o risco de machucar-se seriamente.

Nesse instante, ouviu o grito amedrontado de Margaret.

Olhou para cima e viu-a na varanda, o corpo envolto apenas por um lençol.

Uma onda de fúria invadiu-o, ao imaginar toda a sorte de violências de aquela pobre moça podia ter sido vítima.

O canalha egípcio teria ousado violentá-la?

Com o resto de suas forças, Lorde Thomas apertou-o ainda mais.

Não o deixaria fugir!

Roger Colton, por sorte, vinha correndo pela alameda.

No momento seguinte, imobilizava o intruso, já a ponto de escapar.

Tomado por uma raiva incontida, Lorde Thomas aproveitou que Roger segurava o infeliz e esmurrou-lhe a boca do estômago.

— Tio Thomas, não!! Por Deus, não o machuque! Ele é o seu sobrinho, não entende? É Grant! — Margaret bramiu, horrorizada.

O conde susteve no ar a mão prestes a desferir novo golpe e virou a cabeça para fitá-la com incredulidade.

Ao vê-la balançar a cabeça, confirmando as próprias palavras, ele voltou-se para encarar o beduíno, estudando-lhe as feições sob a compacta barba negra.

Sim, tratava-se de Grant Richardson.

E, pelo que podia deduzir, Margaret o recebera de braços abertos.

Ele, contudo, não poderia imitá-la.

Sem titubear, desfechou outro murro, desta vez mais forte, na barriga do sobrinho, tirando-lhe o fôlego.

Roger sentiu o corpo do amigo estremecer.

Perplexo e sem fala, soltou-o antes que Sir Kenwick o agredisse novamente.

Sua indignação, todavia, não era menor do que a do tio de Grant.

Que ousadia, a de Richardson!

Entrar em sua casa na calada da noite, depois de toda a aflição que lhe causara!

— Olá, tio Thomas — Grant saudou-o com sarcasmo, quando recuperou a capacidade de respirar.

— É um prazer reve-lo.

— Atreve-se a me cumprimentar com essa insolência? — o conde replicou, furioso.

— Como se não tivesse feito nada de errado!

— O senhor não tem a menor idéia sobre o que tenho feito, e não vejo motivos para contar-lhe — Grant rebateu com secura.

Girando nos calcanhares, preparou-se para fugir.

— Agora escute, rapaz. Você não pode ir embora assim — Thomas advertiu-o, cortando-lhe os passos.

— Não só posso, como vou — o sobrinho retrucou com indiferença.

— Roger, Hazel, nós conversaremos quando eu voltar para ver Meg. Mas lembrem-se, se alguém perguntar, vocês não me viram.

— Preferia que não, mesmo — o conde resmungou, contemplando a varanda onde Margaret estivera pouco antes.

— Considerando-se as circunstâncias, seria bem melhor para aquela garota se você jamais tivesse regressado.

— Cuide de sua vida, tio. Meu relacionamento com Meg é assunto que não lhe interessa.

— Interessa sim, quando você desaparece e deixa a pobre moça em minha casa. Agora, insisto em que tire essas roupas ridículas e explique direitinho porque abandonou sua esposa. Não permitirei que vá a parte alguma antes disso.

— Ah, não? Então, tente deter-me — Grant desafiou-o, partindo em desabalada carreira em direção às ruas de Alexandria.

Atrás de si, ouvia o tio esbravejar ordens.

Algumas pessoas não mudariam nunca, e Lorde Thomas Richardson, Conde de Kenwick, era uma delas. Só esperava que o velho não levasse uma queda, machucando-se seriamente.

Não que o tio não fizesse jus a uma lição, mas desgostava-o a idéia de causar ainda mais problemas aos Colton.

Ao cruzar o portão, voltou-se para acenar para os amigos.

Margaret, já vestida, chegou ao jardim um segundo depois que o marido desapareceu de vista.

— Grant já se foi — Hazel informou, sorrindo para ela com ar de cumplicidade. Era óbvio que a visita inesperada deixara-a radiante —, mas garantiu que voltaria.

— Eu sei que o fará — Margaret assentiu.

— Hazel, você reparou se Grant estava ferido?

— Nem a metade do que esse patife merecia — o conde bradou, frustrado.

— Não fale assim, tio Thomas — Margaret repreendeu-o com brandura.

— Por mais que ambos se recusem a admiti-lo, vocês são unidos por um profundo afeto. Não lhe parece, Roger?

— Sim... é claro — ele concordou sem convicção.

— Bobagem! — Lorde Kenwick rebateu.

— Margaret, conte-me que desculpas aquele infame lhe deu para justificar sua ignomínia?

— Nenhuma — Margaret respondeu, erguendo o queixo de modo desafiante.

— Meu marido apenas me disse para confiar em sua honestidade.

— E você, pelo visto, atendeu-lhe a solicitação. Por perguntar por que?

— Porque ele me pediu — ela replicou com simplicidade.

— Minha querida, ou você é uma idiota ou uma santa — o conde declarou, sacudindo a cabeça com desalento, encaminhando-se para o portão.

— E eu me reservo o direito de julgar em qual dos dois casos você se encaixa...

James, sentado ao lado de Lorde Thomas no saguão quase deserto do Hotel Abbat, ruminava a raiva provocada pelas novidades que o tio acabara de lhe comunicar.

Grant entrara em contato com a esposa, e tudo indicava que se haviam reconciliado.

Maldição!

Isso poderia trazer-lhe problemas...

Embora o velho comentasse com um misto de desprezo e ira o atrevimento do outro sobrinho, ele receava que Margaret, novamente aliada ao marido, lograsse convencê-lo a perdoar Grant.

James remexeu-se na poltrona, inquieto.

Se ao menos pudesse contar com a ajuda de alguém... alguém que pudesse causar novos atritos entre seu abominado primo e a filhinha de pastor...

Nesse instante, um menino portando um colorido buquê de flores perguntou ao gerente o número da suíte da Srta. Hargraves.

Anne Hargraves! Claro! Por que não pensara nela?

Quem melhor do que a amante de Grant para auxiliá-lo a separar o casal?

Se ela soubesse do encontro entre Margaret e o marido, ficaria furiosa!

Desacostumada a ser traída pelos homens, ficaria abalada, com o orgulho ferido... e desejaria vingar-se.

— Perdoe-me, tio Thomas, creio ter-me distraído por alguns momentos — James desculpou-se em tom humilde, ao ver que o conde lhe fizera alguma pergunta que não ouvia.

— Estava refletindo, procurando uma solução para o caso de Grant e Margaret.

— Gostaria que houvesse solução — Lorde Kenwick suspirou, erguendo-se.

— Se você descobrir alguma, eu apreciaria o seu apoio.

— Certamente, tio — ele respondeu com veemência, levantando-se também.

— Anseio por ver o assunto resolvido tanto quanto o senhor — Talvez até mais, ele pensou, contemplando-o subir as escadas devagar, como se tivesse envelhecido dez anos no último dia. Que fosse repousar um pouco, deixando-lhe o caminho livre para procurar a linda cantora.

Já eram quase três horas da tarde e Anne ainda não recebera qualquer notícia de Richardson.

Não que ele lhe fizesse relatórios diários, porém, depois da cena da noite anterior, precisava certificar-se de que o parceiro continuava a desempenhar as tarefas que lhe foram destinadas.

Anne acariciou as manchas vermelhas nos braços.

Quanto mais enraivecido, mais excitante Grant lhe parecia.

E ele se zangara de verdade.

Só Deus saberia o que fizera depois que a deixara, sozinha e preocupada, em seus aposentos.

Anne refugiou-se junto à janela, perscrutando a rua com atenção.

Fora informada de que o emissário do Sultão chegara na data prevista e passara a mensagem para o parceiro.

Contudo, Grant não acusou seu recebimento, como seria de praxe.

Pequenas falhas como aquela, aparentemente irrelevantes, poderiam comprometer o sucesso da missão. O pior mesmo, contudo, era a imprevisibilidade do agente inglês.

Disposto a colocar seus problemas conjugais em primeiro lugar, aquele idiota seria capaz de arriscar a vida de todos e até a segurança do próprio Império Britânico!

Sua intuição feminina alertava-a para precaver-se.

Não duvidava que Grant tivesse ido à procura da esposa.

E, pelo conceito que formara a respeito dela, a tolinha o perdoaria.

Os dois estavam apaixonados demais para serem separados com facilidade.

Precisava agir com rapidez.

Iluminada por uma súbita inspiração, Anne abriu o armário e apanhou a valise de Grant.

Despejou em seu interior alguns objetos dele que ainda estavam em seu poder.

Em seguida, vasculhou a gaveta até encontrar uma camisola de cetim negro, a mais sensual de sua vasta coleção.

Sentiria sua falta, mas, enfim, a causa valia o sacrifício.

Depois de borrifá-la com um de seus perfumes franceses e esfregar uma cigarrilha de Grant em seu tecido, jogou-a na maleta.

Por fim, acrescentou um saquinho de sache e um pijama de seda esquecido por um de seus amantes. Não que Richardson parecesse ser do tipo que usasse pijamas de seda, mas talvez Margaret não se apercebesse de um detalhe tão insignificante.

Por certo, o truque funcionaria.

Se a esposa de Grant o recebera de braços abertos, como suspeitava, não tardaria por se arrepender da própria credulidade.

Agora, só faltava redigir o bilhete. Sentou-se à escrivaninha e pôs mãos à obra.

"Prezada Sra. Richardson,

Devolvo-lhe alguns pertences de seu marido que haviam ficado comigo. Achei que gostaria de recebê-los de volta, principalmente agora que ele talvez esteja prestes a regressar a Kenwick com a senhora. Não se mostre demasiado dura com ele. Afinal, o pobrezinho é apenas humano!

Espero que faça uma excelente viagem de retorno à Inglaterra.

Cordiais saudações,

Anne Hargraves

Uma mensagem curta e eficiente, Anne pensou com satisfação.

— Sarce, mande um mensageiro levar esta encomenda à residência dos Colton imediatamente.

— "Não se mostre demasiado dura com ele"?! Quem essa víbora julga ser, para me ensinar como tratar meu marido? — Margaret bradou, amassando o papel que acompanhava a valise de Grant.

Em suas mãos ainda segurava o sachê que ele encarregara Ahmed de comprar no bazar

— Que mulher imoral, impudente! Ainda se atrevia a interceder pelo "pobrezinho"!

Num acesso de raiva, atirou a maleta ao chão, fazendo com que seu conteúdo se espalhasse pelo tapete persa.

O que seria aquela peça de cetim negro?

Não a reconhecia.

Intrigada, Margaret se abaixou e apanhou a voluptuosa camisola, que exalava um forte aroma de perfume francês... e da cigarrilha de Grant.

De dentro dela, caiu um pijama de seda.

— Não!! — ela rugiu, mortalmente pálida.

— Recuso-me a acreditar que a noite de ontem não passou de uma farsa! Grant me jurou que... não é possível que ele seja tão desalmado, tão mentiroso!

Margaret largou a odiosa camisola e começou a caminhar de um lado para o outro, inquieta como um animal enjaulado.

Aquilo só podia ser um stratagema daquela bruxa!

Grant admitira que ela o assediava, que não media esforços para seduzi-lo.

E, no entanto, ele a detestava!

Tinha que acreditar que o marido não suportava a presença da intragável cantora.

Grant decerto já se havia habituado a ser alvo do desejo feminino.

A própria Caroline Withers, uma moça inegavelmente bonita, tentara em vão conquistá-lo.

Grant era um homem que não se contentava com uma bela aparência física, estava

certa disso.

Desconfiada, tornou a apanhar as peças Íntimas que jogara sobre a cama.

A camisola pertencia a Anne Hargraves, sem dúvida alguma.

Quanto àquele pijama...

Ali estava a prova de que a Srta. Hargraves jamais privara da intimidade de Grant.

Se o tivesse feito, saberia que ele não usava roupa alguma para dormir.

A camisola recendia à tabaco.

Claro, a caixa de cigarrilhas estava dentro da valise, era natural que seu perfume forte a envolvesse.

— Essa mulher tramou tudo isso para me separar de Grant — Margaret ponderou, lutando para acalmar as batidas desordenadas do coração.

— Pois não atingirá seus torpes objetivos. Pela mensagem que me enviou, ela nem mesmo sabe que Grant veio me ver.

Num gesto impossível de reprimir, Margaret caminhou até o espelho e colocou a camisola diante do corpo, tentando imaginar como ficaria se a vestisse.

Mais atraente do que a cantora?

Impossível!

Embora reconhecesse que suas curvas eram bem torneadas e que seus seios se empinavam para a frente, firmes e generosos, faltava-lhe um quê de malícia, de sedução.

Ainda assim, era a ela que Grant desejava.

Por mais deslumbrante que fosse, Anne Hargraves falhara em despertar a cobiça dele.

Compreendia, até certo ponto, a frustração de Anne.

Quem não se impressionaria com a beleza máscula e felina de seu marido?

Se ela soubesse o quanto Grant era terno e sensual... um verdadeiro mestre na arte do amor.

Mas isso a infame jamais descobriria!

Margaret não cairia na armadilha.

Com determinação, guardou a peça de cetim num canto do guarda-roupa.

Longe de sua vista e de seus pensamentos.

— Prometi a Grant que confiaria nele e o farei!

Que se dane a Srta. Hargraves e suas ridículas tentativas de me confundir!

— Roger, não tenho palavras para descrever-lhe a excitação que ela me provoca. Sinto-me como um colegial inexperiente, indigno de suas atenções.

Margaret, que atravessava o jardim, estacou ao ouvir a voz de Grant proveniente do escritório de Colton. Por que o marido não mandara Ahmed avisá-la de sua chegada?

Será que ele não desejava vê-la e os arroubos da noite anterior não haviam passado de uma reles representação?

E de quem estariam falando? Anne Hargraves?

Movida por dolorosas suspeitas, ela aproximou-se da janela, colando-se à parede para não ser surpreendida.

— Claro que, dadas as circunstâncias, nós não pudemos ficar muito tempo juntos — Grant prosseguiu.

— Rapaz, eu ainda não me dera conta do quanto a desejava até vê-la aqui, em

Alexandria.

— Está tudo bem, companheiro, relaxe. Isso acontece a qualquer um de nós ao menos uma vez na vida — Roger replicou em tom de cumplicidade.

— Não sei por que se sente tão culpado. Entregue-se a esse amor e dê graças aos céus por Margaret ser do tipo que perdoa com facilidade. Duvido que Hazel me recebesse de volta se eu cruzasse o oceano para encontrar outra mulher.

Principalmente uma tão deslumbrante quanto Anne Hargraves!

Maldito seja!, Margaret praguejou em pensamento.

Então, era verdade.

Grant viajara para o Egito por causa da cantora.

— Nem me lembre disso! — Grant grunhiu.

— Foi terrível confrontar-me com o olhar de acusação de meu tio. Pior, porém, foi a expressão ansiosa no rosto de Meg. Ah, mas eu juro que, depois desta noite, tudo estará terminado.

— Já comunicou a Anne? — Roger indagou com frieza.

— Não creio que ela desista sem dificuldade.

— Ainda não. Conversarei com ela mais tarde. Não se esqueça do meu compromisso às vinte e duas horas na Necrópole. Aliás, era sobre isso que gostaria de lhe falar. Ouça...

A voz de Grant reduziu-se a um murmúrio inaudível.

Margaret, todavia, já escutara o bastante para concluir que todas as juras de amor que o marido lhe fizera foram falsas.

Mais uma vez, deixara-se enganar.

Bastara um beijo e ela esqueceu qualquer resquício de bom senso.

Tio Thomas tinha razão, era uma idiota.

Contudo, ainda havia tempo para reparar o novo erro.

Grant jamais lograria tocá-la novamente.

Ele que ficasse com sua amada, a estonteante Anne Hargraves!

— O que há de tão importante nesse encontro, se é que pode me contar? — Roger indagou.

— Hargraves ficaria uma fera se soubesse que lhe revelei assuntos secretos, porém... se alguma coisa sair errado esta noite e eu não voltar, receio que ela jamais conte a verdade a Londres... ou à minha mulher. Anne não se importaria com os sentimentos de Meg. Só posso confiar em você, para cuidar dela e para convencer Sua Majestade de que não sou um traidor e não me envolvi com a rebelião.

— Mas por que alguém o acusaria de tais crimes?

— Essa é uma longa história, que começa com a minha missão na Índia — Grant principiou a explicar, aceitando o cálice de conhaque que o amigo lhe estendera.

Aquela era uma das qualidades de Roger que mais apreciava: a capacidade de ouvir e absorver informações sem tecer comentários, arquivando tudo em detalhes em sua fabulosa memória.

Grant falou durante cerca de quinze minutos, não ocultando nada de suas peripécias e desventuras, que culminaram com a interferência maldosa de Anne em seu casamento.

— Esta noite, os revoltosos me dirão qual é o envolvimento de Arabi na conspiração e o que a Inglaterra deve esperar da França, quando a revolução eclodir. Não acredito que

eles desconfiem da minha verdadeira identidade, mas existe sempre o risco de que alguém a descubra. Nesse caso, minha vida não valeria um centavo...

— Entendo — Roger murmurou, pensativo.

— Por que diabos você não me procurou antes? Por que foi direto para o quarto de Margaret, deixando-se surpreender daquela maneira ridícula pelo seu tio?

— Eu estava desesperado para tranquilizar Meg. Anne lhe havia enchido a cabeça com mentiras, e eu não suportava a idéia de que ela estaria sofrendo. Além disso, não pretendia contar-lhe nada disso.

— Mas contou! Por que não faz o mesmo com sua mulher? Margaret precisa saber a verdade sobre seu relacionamento com a Srta. Hargraves. Você exige demais dessa menina!

— Sim, eu sei. Contudo, sei também que posso contar com a confiança dela. Nosso amor é especial, Roger. É capaz de resistir a tudo! Eu lhe prometo que, assim que me entender com Hargraves, conversarei com Meg e não lhe esconderei mais nada. Uma vez encerrada a missão, viverei exclusivamente para minha mulher.

CAPITULO XVII

Uma informativa conversa com Ahmed relativa a lugares arqueológicos dentro e ao redor de Alexandria ocupou a maior parte da tarde de Margaret.

Desempenhando o papel de turista curiosa, ela solicitou ao prestimoso criado egípcio que a orientasse. Orgulhoso dos monumentos de sua cidade, Ahmed abriu um mapa sobre a mesa e discorreu sobre cada ponto histórico de interesse.

Ao fazer perguntas sobre a famosa biblioteca de Alexandria e sobre Regia, Margaret aproveitou para pesquisar a respeito da Necrópole.

Ahmed, todavia, advertiu-a de que praticamente nada sobrara para ser visto em qualquer desses lugares. Nenhum vestígio da biblioteca, somente uma pequena parte de Regia e a localização da Necrópole não passava de lenda.

Supunha-se que não ficasse muito distante dos atuais cemitérios cristão e árabe, próximo do hospital europeu.

A despeito de tais indicações, ninguém ainda se dispusera a escavar o lugar para comprovar se era de fato ali que existira a cidadela dos mortos.

Ahmed, então, sugeriu que ela visitasse as catacumbas na parte oeste de Alexandria, já que o assunto lhe despertara a atenção, oferecendo-se para servir-lhe de cicerone.

Margaret agradeceu, dispensando-lhe a companhia com habilidade, e retirou-se para seus aposentos, alegando pretender dormir um pouco.

Contudo, ela sequer se deitou.

Sentia-se mais desperta e agitada do que nunca, observando a porta do guarda-roupa onde guardara a maldita camisola negra.

Assim que o sol se pôs, esgueirou-se pela varanda em trajes egípcios, como Grant fizera, e embrenhou-se pelas ruas desertas, a caminho do bairro onde ficavam os cemitérios, o hospital europeu e, conseqüentemente, a Necrópole.

A noite estava clara, iluminada pela lua quase cheia e por incontáveis estrelas.

Para não ser vista, seguiu por um caminho onde não encontrou viva alma.
No silêncio quase absoluto, apenas o som de seus passos a acompanhava.
Margaret, entretanto, não se permitiu sentir medo.

Aquele era um momento decisivo, em que poria um fim na terrível incerteza que a afligia.

Por mais que a visão de Grant e Anne juntos pudesse doer-lhe, estava pronta para enfrentá-la, como única forma de certificar-se da infidelidade do marido.

E, uma vez confirmada a traição, voltaria para a Inglaterra e daria novo rumo à própria vida.

Entretida em suas melancólicas reflexões, Margaret mal olhava para os lados, e não se voltou nem uma vez.

Se o tivesse feito, vislumbraria uma figura movendo-se nas sombras, seguindo-a sorrateiramente.

O estranho que ia no encalço de Margaret desde o instante em que ela saiu da casa dos Colton era um egípcio corpulento, cujo coração endurecera ao longo de quarenta anos vividos na mais absoluta pobreza nos becos do bairro árabe.

Sim, ele já vira muitas coisas que o espantaram, mas, mesmo assim, a audácia daquela mulher européia o surpreendia.

Para atrever-se a andar sozinha por lugares tão distantes e perigosos, ela só podia ser uma pessoa de coragem incomum ou uma completa idiota.

Enfim, não lhe competia julgar.

Fora contratado para observar a casa dos Colton e seguir a inglesa de olhos azuis, caso saísse de lá. Tudo o que precisava fazer era relatar os passos dela, mais nada.

Isto é, assim fora até algumas horas antes, quando recebeu ordens para impedi-la de entrar na Necrópole, se ela tentasse fazê-lo.

Contudo, não poderia tocá-la nem machucá-la, a menos que seu destino fosse mesmo o legendário cemitério.

Então, e só então, teria permissão para tomar as providências cabíveis para cumprir a tarefa.

O que não demoraria a acontecer, pois o rumo tomado não deixava margem para dúvidas.

Apressou o passo, diminuindo a distância que os separava.

De súbito, quando os escombros que supostamente marcavam o lugar onde se localizara a Necrópole surgiam à sua frente, Margaret ouviu ruídos atrás de si e voltou-se.

Iluminado pelo luar, um vulto aproximava-se com rapidez, as mãos estendidas como que para agarrá-la. Numa reação instintiva, ela desatou a correr.

Seus esforços, todavia, resultavam inúteis, pois o homem era muito mais veloz e parecia prestes a alcançá-la.

A mente de Margaret funcionava a todo o vapor, buscando uma saída.

Se ela conseguisse atingir o topo dos escombros antes de ser apanhada, decerto encontraria um local apropriado para se esconder.

Levantando um pouco a roupa, imprimiu maior velocidade à corrida e iniciou a escalada da montanha de entulho.

Era uma subida árdua, embora curta, e Margaret não sabia se a respiração

entrecortada que lhe chegava aos ouvidos pertencia a ela mesma ou a seu misterioso perseguidor.

Contudo, não se atrevia a verificar.

Se perdesse um segundo, talvez perdesse a vida.

Margaret só ousou olhar para trás depois de completar a escalada.

Sentiu o sangue gelar nas veias ao deparar-se com uma enorme e abrutalhada mão distante apenas alguns centímetros de seu calcanhar.

De imediato, abaixou-se e empurrou uma pilha de pedras na direção de seu antagonista.

Um gemido rouco assegurou-lhe que ao menos uma delas atingira o alvo.

Sem esperar para certificar-se dos danos causados, Margaret disparou para o outro lado, procurando um esconderijo.

Não havia nenhum, porém.

Com o coração batendo descompassado, decidiu subir o segundo morro de escombros.

Ao atingir-lhe o topo, percebeu, desesperada, que ali também não havia onde se ocultar.

Nesse momento, visualizou uma fogueira a distância.

Seria o acampamento onde morava o homem que a perseguia?

Se buscasse socorro lá, estaria caminhando direto para a toca do lobo?

Entretanto, não havia alternativas nem tempo a perder.

Aceitando o risco, apressou-se naquela direção.

Afinal de contas, antes de qualquer coisa, ela definia-se como uma sobrevivente.

Mesmo o título de "Sra. Richardson" era secundário.

Voando pela ruínas como se todos os demônios seguissem atrás dela, Margaret focalizava a fogueira como seu objetivo.

E o alcançaria, não importava de que modo.

Como que para contradizê-la, a gigantesca mão agarrou-lhe a fímbria da túnica, detendo-a.

Em seguida, um braço igualmente rude enlaçou-lhe a cintura.

Um segundo antes de aquela mão apertar-lhe o pescoço, Margaret logrou emitir um grito agudo de horror, que cortou o silêncio da noite como um punhal afiado.

Ao redor da fogueira, os homens se entreolharam, desconfiados.

E se as autoridades houvessem descoberto o local do encontro secreto?

Assustados, todos eles, com exceção de um, se ergueram e dispararam para o lugar oposto ao de onde viera o terrível grito.

O que ficara experimentava um medo ainda maior que o dos outros, pois julgava ter reconhecido aquela voz.

Era Meg, sem dúvida alguma.

Vencido o momento de hesitação, Grant saiu em desabalada carreira para a montanha de escombros, sem se importar com a possibilidade de os companheiros suspeitarem de sua insólita atitude.

Subiu o morro com agilidade, e, ao chegar ao topo, distinguiu dois vultos travando uma batalha desigual. Um deles, alto e forte, levava clara vantagem sobre seu oponente,

uma figura delicada e feminina.

Praguejando, Grant prosseguiu a corrida, a despeito da dor que lhe comprimia os pulmões.

Ao chegar mais perto, constatou que o grandalhão apertava a garganta da mulher, que se contorcia com debilidade.

Apanhando a adaga escondida no meio da roupa, Grant conseguiu fôlego para emitir um urro capaz de gelar o sangue, quando já estava a poucos passos do agressor e sua vítima.

O egípcio olhou por sobre os ombros, e a visão do enfurecido guerreiro do deserto o arrepiou.

Fora contratado para lutar com a moça, não com um beduíno.

Sem titubear, largou a mulher e fugiu.

Quando Grant chegou ate onde jazia a vítima, ele já ia longe.

A mulher, desfalecida no chão, vestia trajes egípcios, o que deixou profundamente aliviado.

Graças aos céus que não se tratava de Meg.

Mesmo assim, compadeceu-se dela.

Desistindo de perseguir o homem, Grant abaixou-se e, erguendo-lhe a cabeça, afastou-lhe os véus.

Oh, Deus! *Era* Meg!

Lutando para conter o pânico, tomou-lhe o pulso.

Ela gemeu.

Estava viva!

Grant apertou-a nos braços, embalando-a como se fosse uma criança, sussurrando-lhe o nome enquanto lágrimas silenciosas de pavor e remorso lhe corriam pelo rosto.

Após alguns minutos que lhe pareceram uma eternidade, ela abriu os olhos.

Suas mãos esguias se fecharam, tentando esmurrá-lo.

— Meg, meu amor, sou eu, Grant.

— Grant? —ela murmurou, confusa, a voz rouca denunciando a garganta ferida.

O fato de ela o reconhecer inundou-o de alegria e alívio.

Abraçando-a com força, beijou-lhe os cabelos com emoção.

— Oh, minha doce Meg, você está bem? Por um momento, pensei que... bem, não importa. Como veio parar aqui, a essa hora da noite e sozinha? Não sabe que esta cidade não é segura? — ele repreendeu-a com gentileza.

— Nem avalia o susto que me deu...

— Posso dizer o mesmo de você — ela replicou, agastada.

Todo o terror que a assaltara cedia lugar a uma raiva desmedida.

Apesar do choque, percebia que seu corpo nada sofrera de irreparável.

Mas a presença de Grant se constituía numa ameaça talvez pior do que seu misterioso perseguidor.

Se não escapasse de seus braços, correria o risco de se deixar enganar mais uma vez.

— Onde está ela?

— Quem?

— Suponho que ela tenha corrido para um local seguro, ao constatar que seu encontro amoroso fora descoberto. Vocês foram tolos em acender uma fogueira. O luar é muito mais romântico e chama menos a atenção, não acha?

Grant suspirou.

— Meg, você precisa descansar. A terrível experiência decerto a abalou demais. Nada do que diz faz sentido...

— Nega que Anne Hargraves estivesse lá embaixo com você?

— Evidente que nego! Oh, meu Deus, será que *você* bateu a cabeça ao cair?

— Você quer dizer quando *e/e* me empurrou?

— Quem é ele, Meg?

— Você devia saber, já que o mandou seguir-me, não acha? — Margaret acusou-o.

Uma parte de seu ser desejava ardentemente acreditar no marido e repousar em seus braços.

Contudo, o diálogo que surpreendera no escritório de Roger não lhe permitia.

— Meg, eu jamais faria uma coisa dessas! Se lhe pedi a sua confiança, é porque a retribuo na mesma medida.

— Estou preocupado com você. Preciso levá-la a um medico para examinar-lhe a cabeça.

— Nunca mais ouse encostar um dedo sequer em mim! Depois de todo o mal que me causou, espanta-me ver que ainda tem a coragem de me dirigir a palavra! — ela bradou, tentando levantar-se.

Suas pernas, tremulas, ameaçavam não obedecer-lhe, mas ela não queria admitir a própria fraqueza.

— E não há nada de errado com a minha cabeça! O objetivo desse brutamontes que você contratou era estrangular-me.

— Brutamontes que *eu contratei*? Meg, juro por Deus que não sei do que está falando. Como também nem imagino o que veio fazer aqui. Por favor, acalme-se ate que eu consiga um médico.

— Acalmar-me? Ando quilômetros até o lugar onde meu marido e sua amante iriam se encontrar e, no caminho, sou atacada por um monstro homicida que quase acaba comigo e você quer que eu me acalme? Por que acha que eu estaria nervosa? Passei uma noite das mais tranquilas... — ela ironizou, dardejando-lhe um olhar enfurecido.

— Grant Richardson, você é que não me parece nada bem da cabeça...

Grant abriu a boca para replicar, porem desistiu.

O que estaria acontecendo com Meg?

Por que saíra sozinha e viera para aquele local tão perigoso?

Que diabo, ela sempre demonstrara tanto bom senso!

O pior eram aquelas acusações descabidas.

Na última vez em que a vira, pela manhã, Meg se mostrara amorosa e doce como de hábito, disposta a acreditar nele de maneira incondicional.

Será que Anne voltara a atormentá-la com mentiras?

Não era impossível, mas também não justificaria aquele comportamento estranho, avesso à natureza dela.

Por fim, interpelou-a, o cenho franzido de preocupação.

— Quem foi o idiota que lhe disse um absurdo desses? Imagine, eu e Anne Hargraves nos encontrarmos aqui! Além disso, como pôde se atirar a uma aventura tão arriscada quanto essa jornada solitária pelas ruas mais desertas de Alexandria? Já parou para pensar que a essa hora você estaria morta se eu não estivesse por perto? Se bem que Roger também deveria estar...

— Deveria estar o quê? Cuidando para manter-me fora do seu caminho para não estragar o seu romance com a "deslumbrante cantora"? Pois não se aflija, Sr. Richardson. A partir deste momento, não precisa mais sentir-se responsável por mim, nem recorrer a subterfúgios para encontrar-se com sua amante. Aliás, considere-se livre para privar de sua companhia pelo resto da vida!

Cambaleando para longe dele, Margaret não lhe notou a expressão de amargura em seu semblante.

Com um esforço quase além de sua resistência, caminhou com passos trôpegos para a estrada do cemitério, ignorando deliberadamente o homem que decidira abandonar.

— Anne Hargraves não me pertence — ouviu a voz de Grant declarar, aproximando-se para segurar-lhe o cotovelo, amparando-a para impedir que caísse.

— Oh, acho que não. Há um bando de homens que podem reclamar a posse dela... — Margaret concordou com sarcasmo.

Como Grant não replicasse, ela parou para respirar.

Todo o corpo lhe doía, em especial a garganta.

Ergueu os olhos para fitar o marido.

Seria ele o mesmo que a amara de forma tão apaixonada, sussurrando juras de amor em seu ouvido? Como pudera ser crédula a ponto de cair numa armadilha tão evidente?

Contudo, tais perguntas já não faziam diferença.

Estava exausta, tanto física quanto emocionalmente.

E o caminho de volta lhe parecia mais penoso e difícil de vencer.

Talvez porque, na subida, lutava pela sobrevivência, enquanto agora já não desejava viver.

Os dois ingleses vestidos de egípcios continuaram o árduo caminho com passos lentos.

De quando em quando, Grant levantava a esposa no colo, para poupá-la dos trechos mais acidentados. Quando, por fim, alcançaram os arredores da cidade, Margaret, orgulhosa, tentou dispensar a ajuda dele. Grant, porém, ignorou-lhe a tentativa.

— Bem, já basta. Eu estou bem, e posso continuar o caminho sozinha. Vá embora, encontre a sua adorada Anne e tente aproveitar o resto da noite.

— De uma vez por todas, Margaret Prescott Richardson — Grant bradou, irado, forçando-a a encará-lo. — Você pode acreditar ou não, o problema é seu, mas eu juro que meu compromisso na Necrópole não era com Anne Hargraves.

— Então, com quem era? Se não se tratava de um encontro amoroso, então o que estava acontecendo? — ela inquiriu, desafiando-o a responder.

Grant contemplou-a, sentindo a raiva desvanecer-se diante da figura delicada e deliciosamente feminina de sua esposa.

Esposa!

Ela jurara confiar nele, e agora atormentava-o com acusações e desconfianças.

— Não posso lhe dizer isso. Contudo, asseguro-lhe de que Anne não é a dona do meu coração.

— Oh! Quer dizer que existe uma outra? Quem é essa misteriosa mulher que o faz sentir-se com um colegial inexperiente, indigno de suas atenções, tal é a excitação que lhe provoca? — Margaret zombou, repetindo as mesmas palavras dele, enquanto tentava libertar o pulso que Grant segurava.

— O quê? Você ouviu a minha conversa com Roger esta tarde? — Grant indagou com frieza.

Mantendo-a firmemente presa, fitou-a com ultrajado desdém.

— Não foi de propósito. Eu ia passando pelo jardim quando escutei vocês dois falando e... — Margaret interrompeu-se, corando de vergonha.

Contudo, teria que ser honesta e relatar o episódio com franqueza.

— E não pude conter a curiosidade. Encostei-me na parede e... acompanhei o diálogo. Não foi possível entender muita coisa, pois vocês abaixaram o tom de voz. Ainda assim, ouvi quando você comentou a respeito de encontrar o amor em Alexandria e eu...

— E você deduziu que se tratava de Anne Hargraves? — Grant perguntou com ameaçadora brandura.

A desconfiança da esposa lhe era intolerável, além de lhe destruir as mais doces ilusões.

— Bem, o que você concluiria, se estivesse no meu lugar?

Por um instante, Margaret sentiu o coração aquecer-se com uma esperança absurda.

E se ela tivesse interpretado mal as palavras de Grant?

Mas, não.

Era inútil tentar enganar a si mesma.

Afinal, ele comparecera ao local do encontro no horário marcado.

— Eu jamais estaria nessa posição escusa, portanto, diga-me você, que não demonstrou os mesmos escrúpulos — Grant replicou, zangado.

Passaram-se alguns minutos antes que marido e mulher tornassem a fitar-se, ansiosos por caírem nos braços um do outro, embora se recusassem a admiti-lo.

Então, Grant acrescentou:

— Acredite o que quiser sobre mim, Meg. É o que todos fazem.

— Se houver alguma explicação que...

— Nenhuma que possa fornecer-lhe agora.

Mais uma vez, Grant lhe destruía as esperanças sem piedade.

Margaret abaixou a cabeça e seguiu, solitária e infeliz, pela estrada deserta.

Parecia-lhe que o marido tinha uma compulsiva tendência de magoar aqueles que o amavam.

Fora assim com o tio Thomas, também.

Envolvente e brilhante, cativava o afeto das pessoas com facilidade, para depois atraí-las sem remorso.

Só lhe restava tentar reunir os pedaços de si mesma e reconstruir sua vida.

Decerto Grant não se oporia a que ela e Lorde Kenwick regressassem para a Inglaterra no dia seguinte. Oh, lá vinha ele atrás dela!

Por que não a deixava em paz?

Não percebia o quanto a fazia sofrer?

— Decerto havia um bom motivo para você ir a um local tão distante e ermo em hora assim tardia... — Margaret comentou, com o intuito não só de entabular conversa mas também de descobrir a verdade.

— Eu pensei que houvesse, porém você surgiu e interrompeu os meus negócios.

— Posso imaginar que negócios são esses... — Margaret replicou impulsivamente.

Só depois percebeu que teria sido melhor permanecer calada.

— Na verdade, minha querida esposa, não pode. Todavia, isso já não importa. Eis aí o portão da casa dos Colton. Sugiro-lhe que entre e me deixe terminar o que deixei pendente.

— Grant, se eu não passo de uma interrupção em sua vida, é melhor nos dizermos adeus agora. Estou certa de que tio Thomas ficará feliz em voltar para a Inglaterra amanhã.

— Com certeza — Grant concordou, distanciando-se da única mulher que desejara para companheira. Contudo, amor implicava confiança. Se ela não confiava nele, então não o amava.

— Faça como preferir, Margaret, eu não me oponho.

Ela cruzou o portão, dolorosamente ciente de que, pela primeira vez, ele não a chamara de Meg.

Ele seguiu pela rua sem olhar para trás.

Preferiria morrer a forçar a esposa a ficar do seu lado.

Grant Richardson era orgulhoso demais para se humilhar dessa forma.

CAPÍTULO XVIII

Para Margaret, as longas e sombrias horas que se seguiram à despedida de Grant no portão dos Colton foram povoadas por ecos do passado, vozes que, como fantasmas, assombravam-na bradando acusações contra seu marido.

Ao longo da madrugada, ouviu o pai, a Sra. Withers, Caroline, Anne, James e o próprio tio Thomas condenando o homem que amava.

Pela segunda vez desde que se apaixonara, perguntou-se como pudera ser audaciosa a ponto de julgar ser a única a conhecer o verdadeiro Grant Jean Claude Richardson.

Então, o mundo inteiro estaria errado e só ela teria razão?

Era muita pretensão de sua parte.

O fato era que, ao contrário dos outros, ela fechara os olhos, recusando-se a encarar a realidade.

Na véspera de Grant partir de Kenwick, por exemplo, ele recebeu uma carta misteriosa e queimou-a de imediato na lareira.

Ela, no entanto, aceitou suas reticentes explicações e não pensou mais no assunto.

Só agora voltava a refletir sobre o incidente, sabendo que a remetente não era outra senão Anne Hargraves.

Quando os primeiros raios de sol começaram a entrar pela varanda, Margaret ainda não dormira.

Sua angústia transformara-se em raiva.

Vivera com simplicidade e sossego até esbarrar em Grant.

A partir daí, tudo se modificou.

Acelerados, os acontecimentos atropelaram-na impiedosamente.

A momentos de êxtase sucediam-se insegurança, medo e solidão.

Ao que tudo indicava, jamais encontraria um segundo de paz e harmonia enquanto permanecesse casada com ele.

Era-lhe impossível imaginar os anos de vida que ainda teria pela frente sendo abandonada, suportando calada os comentários cruéis da família e dos amigos, recebendo o marido às escondidas, como se ele fora um amante, e sendo obrigada a confiar cegamente, a despeito de tudo e de todos.

Margaret levantou-se e caminhou até a porta da varanda.

O céu tingia-se de carmim e púrpura, num espetáculo de rara beleza.

Uma brisa suave agitava os ramos dos arbustos.

Já era manhã... e Grant não viera.

Apesar das melancólicas e indignadas reflexões com que se entretivera ao longo da noite, ela reconhecia que tivera a esperança de vê-lo surgir de repente, das trevas, para convencê-la de seu amor.

Ah, como o desejava, como lhe doía a ausência dele!

E o pior era que o dia que acabara de nascer só lhe aumentaria a sensação de desesperança, de vazio e tédio.

Ainda uma vez, Margaret repassou cada palavra que Grant lhe dissera na véspera.

Entre elas, não havia nenhuma que pudesse confortá-la.

Ele apenas voltara a suplicar que confiasse nele.

No entanto, por mais que o amasse, não conseguia fazê-lo.

Não mais.

Grant sentou-se num canto escuro do bazar de Alexandria.

Seu rosto assemelhava-se a uma indecifrável máscara, impassível, incapaz de expressar qualquer das emoções que o assaltavam.

Com os punhos crispados, praguejava em silêncio contra o próprio orgulho.

Como pudera enfurecer-se com Meg?

Ela o amava, e não era sua culpa se todas as evidências apontavam inexoravelmente contra ele, destruindo-lhe a confiança.

Se ao menos pudesse ter-lhe contado tudo, desde a entrevista com Sir Nigel Conway até a reunião secreta na Necrópole... contudo, essa não seria uma solução viável.

Havia questões muito sérias em jogo, tais como a segurança do Império Britânico no Egito.

Além disso, sob o impacto de uma forte tensão, a esposa não se mostrou em condições, na véspera, de entender a complexidade da situação.

A razão principal, porém, era que, se revelasse a verdade a Meg, iria colocá-la em perigo.

E, ao que parecia, inquietantes ameaças já a rondavam.

Quem, com todos os diabos, teria assaltado sua esposa, com a intenção clara de assassiná-la, nos escombros da Necrópole?

Seria apenas um sentinela dos nacionalistas, instruído para atacar quem se aproximasse do local do encontro?

Ou, como Meg dissera, alguém que a seguira pelas ruas de Alexandria?

Com que objetivo?

Qualquer das duas hipóteses implicava que os revoltosos, ou talvez os franceses, haviam descoberto sua identidade.

A idéia encheu-o de horror.

Se ele fora visto entrando na casa dos Colton, todos ali, incluindo Meg, estariam correndo risco de vida. Oh, como pudera ser tão egoísta?

Em seu desejo irrefreável de rever a esposa, ameaçara a segurança daqueles a quem amava.

Tentando acalmar-se, Grant ponderou que não havia provas que confirmassem tão terríveis suspeitas. Podia ser que nem os nacionalistas nem os franceses fossem responsáveis pelo atentado sofrido por Meg.

Qualquer mulher que caminhasse sozinha à noite pelas ruas de Alexandria arriscava-se a ser atacada. Por outro lado, se de fato ela fora seguida, as coisas mudavam de figura.

Não era impossível que Anne Hargraves estivesse por trás de tudo.

Afinal, ela faria qualquer coisa para assegurar o sucesso da missão.

Se considerasse Meg como um obstáculo, não hesitaria em removê-lo.

Urgia tirar Meg do Egito.

Não se sentiria tranquilo enquanto ela não partisse para a Inglaterra.

Ate o momento do embarque, porém, esperava ser capaz de zelar por sua segurança.

Grant levantou-se, decidido a procurar Anne Hargraves.

Claro que ela negaria que mandara seguir Meg, principalmente se o tivesse feito.

Isso, contudo, não importava, pois pretendia adverti-la assim mesmo.

Querendo ou não, Anne e Londres seriam responsáveis pela vida de Meg em Alexandria.

E que Deus os ajudasse se algo saísse errado...

Hazel juntou-se ao marido para receber o Conde de Kenwick e James.

Assim que os viu, percebeu-lhes o ar de preocupação.

Oh, Deus, teria acontecido mais alguma coisa?

Parecia que a agitação das ruas de Alexandria havia invadido sua casa, antes tão tranquila.

— Boa tarde, Sr. Colton, Sra. Colton — o conde saudou-os com cerimônia.

— Este é meu outro sobrinho, Sr. James Andrews. Receio que más notícias me tenham trazido aqui, hoje. Contudo, talvez seja melhor explicar-lhes o propósito de minha visita depois que Margaret chegar.

— Ahmed já foi chamá-la? — A anfitriã indagou.

— Com a sua licença, cavalheiros, vou ver o que a está atrasando.

Momentos depois, as duas amigas entraram na sala.

Hazel, apreensiva e Margaret, próxima das lágrimas.

— Tio Thomas, o que houve? — inquiriu-o com ansiedade.

— Hazel me disse que o senhor veio tratar de um assunto grave. Trata-se de Grant?

— Calma, minha querida — o conde segurou-lhe as mãos geladas, procurando serená-la.

— Ate onde sei, Grant está bem. Todavia, ocorreu algo, na verdade ainda está ocorrendo, que me obrigou a vir vê-los sem perda de tempo.

— Poderia ser mais claro? — Roger perguntou, embora já desconfiasse da resposta.

Durante meses, ouvira rumores inquietantes no consulado, e não se surpreenderia caso se confirmassem.

— Arrume as suas malas, nós partiremos imediatamente — Lorde Thomas instruiu a sobrinha, antes de comunicar:

— A revolta é iminente. Os egípcios estão procurando expulsar seus "cães de guarda" europeus.

— Como pode ter certeza disso? — Roger pressionou-o, erguendo a voz para encobrir o grito sufocado de Hazel, ao mesmo tempo em que a abraçava, para transmitir-lhe calma.

— Os consulados inglês e francês enviaram mensagens aos hotéis que abrigam europeus, informando que suas instalações já haviam sido alvo de ataques. Ao que consta, nosso cônsul recebeu graves ferimentos — o conde relatou.

— Aparentemente, o exercito do quedita não está conseguindo controlar a situação, até porque muitos soldados estão desertando para se juntarem aos revolucionários. É imperioso que partamos o quanto antes. Os dois consulados estão providenciando para embarcar seus cidadãos nos navios ancorados no porto.

— Como faremos para conduzir as senhoras em segurança até o cais? — Roger inquiriu sem perder o sangue-frio, avaliando as alternativas com bom senso.

— Teremos que atravessar o bairro árabe para chegar lá.

— Eu sei — Lorde Thomas murmurou.

— Embora, no caminho para cá, tenhamos visto sinais da insurreição, acredito que ainda seja possível escaparmos. Na verdade, não há escolha. Devemos agir depressa, antes que a violência se espalhe por toda a cidade.

— O mais acertado é sairmos agora, sem perdermos nem mais um minuto — James apressou-se a acrescentar, pálido de medo, embora ninguém houvesse pedido sua opinião.

— Mas eu não posso partir! — Margaret protestou.

— Explique-se, cara prima — James interpelou-a, exasperado.

Se Margaret insistisse em permanecer no Egito, com certeza tio Thomas seria tolo o bastante para ficar com ela, o que o colocaria num dilema: ou faria companhia aos dois, arriscando-se a morrer, ou iria sozinho, demonstrando covardia.

Já fizera demais, percorrendo as ruas perigosas de Alexandria só para salvar aquela idiota.

— Você decerto compreende que não posso fugir sem Grant.

— Margaret, minha querida, seja razoável — Sir Thomas suplicou.

— Grant não está aqui, e meu dever é cuidar da sua segurança. Meu sobrinho sabe tomar conta de si mesmo. Já que confia tanto nele, por que não acredita em sua capacidade de safar-se sozinho?

A falta de confiança que ela demonstrara na véspera fortalecia sua decisão de não

deixar o Egito sem o marido.

Como poderia ir embora sem lhe confessar que, a despeito de tudo o que lhe dissera, ainda confiava nele e o amava mais do que nunca?

— Não vou abandonar Grant — ela declarou com obstinação.

— Por que não? — James provocou-a.

— Afinal, foi isso o que ele fez com você...

— Não disponho de meios para explicar os atos de meu marido, contudo estou certa de que Grant não partiria, deixando-me sozinha, a não ser que fosse obrigado a isso. Como também estou convicta de que ele não veio para o Egito por causa de Anne Hargraves — Margaret defendeu-o com firmeza.

— Ah, é? — James indagou com sarcasmo.

— Então, como explica o comportamento execrável de meu primo?

— Não explico. Se ele ainda estivesse a serviço de Sua Majestade, seria lícito deduzir que sua viagem a Alexandria e seu disfarce de beduíno seriam parte de alguma missão secreta. Ele já foi encarregado de tarefas assim antes, em outras partes do Império. Contudo, parece-me não ser esse o caso... — a voz de Margaret foi interrompida por um soluço.

Lutando para não chorar, mordeu os lábios com força.

Nesse instante, percebeu que Roger a fitava com uma expressão estranha, o rosto tingido por um vivo rubor, desviando o olhar assim que ela o encarou.

Então era verdade! Mas claro! Deus, como fora tola, quantas cenas ridículas poderiam ter sido evitadas se ela tivesse parado para pensar! Era tão evidente! A mulher responsável pela ida de Grant ao Egito era a rainha da Inglaterra!

Uma onda de júbilo invadiu-a, mas Margaret tratou de ocultá-la.

Estimulada por um novo ânimo, prosseguiu na defesa do marido.

— De qualquer forma, não importa se eu posso ou não justificar o comportamento de Grant. Tudo o que sei é que confio nele sem restrições e não sairei da Alexandria sozinha.

— Se é assim, eu também ficarei — Hazel decidiu.

— Você irá aonde eu determinar — Roger protestou, alarmado.

— Absolutamente. Se Meg não for, você com certeza lhe fará companhia. E eu não sairei daqui sem meu marido.

— Por favor, Hazel, não insista — Roger suplicou-lhe.

— Não há tempo para discussões inúteis.

— Minha cara Sra. Colton, onde está o seu bom senso? — interveio Lorde Thomas, impaciente com a demora.

— Se a senhora concordar em assegurar a própria segurança, talvez minha sobrinha acabe por segui-la.

— Lamento tio Thomas, mas está enganado — Margaret rebateu.

— Ninguém me convencerá a fugir sem Grant. Contudo, não desejo pôr em risco a vida de ninguém. Hazel e Roger devem partir com vocês imediatamente.

— Minha querida, acha que eu poderia deixá-la...

— Não vou sem meu marido...

— É melhor irmos agora...

— Hazel, por favor...

Atordoadada, Margaret bradou:

— Parem pelo amor de Deus!

— Sim, já chega de debatermos o assunto — James concordou.

— É um absurdo vocês quererem sacrificar-se por um homem que desonrou o uniforme e abandonou a esposa! Grant não vale o chão em que pisa!

— Eu jamais abandonei Meg.

Todos se voltaram para a porta, de onde viera a voz tranquila que os interrompera.

— Embora ela ficasse na Inglaterra, sua imagem veio comigo, em meu coração.

— Grant! — Margaret gritou, corando de alegria.

Embora ainda vestido com os sujos trajes de beduíno, o marido jamais lhe parecera tão bonito.

Num ímpeto, correu para ele e atirou-se em seus braços.

— Oh, meu querido — ela sussurrou depois que seus lábios se separaram.

— Perdoe-me. Tenho tantas coisas para lhe dizer...

—E nenhum tempo para fazê-lo — ele replicou com suavidade, enxugando-lhe as lágrimas que, finalmente, lhe escorriam livres pelas faces.

Ele havia chegado minutos antes, e ouvira a maior parte da conversa.

Sabia que deviam apressar-se, porém precisava ouvir de Meg aquelas palavras mágicas que o tiraram da mais tenebrosa depressão, conferindo-lhe forças para agir.

— Entretanto, prometo-lhe a eternidade inteira para nos dedicarmos um ao outro — acrescentou com um sorriso radiante, antes de virar-se para dirigir-se aos demais.

— A cidade está ficando mais perigosa a cada instante. Eu trouxe alguns trajes egípcios e acredito que Hazel e Roger possam conseguir mais com os criados. Sugiro que os vistam sem demora.

— Como estão as ruas? — Roger indagou, momentos mais tarde, já trajado como beduíno.

— De mal a pior — Grant respondeu com sinceridade. Para que mascarar a realidade, fazendo-a parecer menos assustadora que na verdade era?

— A turba já chegou à Praça Maomé-Ali, destruindo todas as residências européias pelo caminho. Teremos que contornar a praça e seguir pelas ruas de trás para cruzarmos o bairro árabe, rumo ao cais. Há botes esperando para nos levar ao navio.

— Você não acha que um grupo grande como o nosso poderá chamar a atenção? — Roger cogitou com fingida naturalidade, procurando ocultar a preocupação.

— Talvez, mas não podemos fazer nada a esse respeito. Sozinhos, vocês se perderiam nos labirintos do bairro árabe.

— Não vejo necessidade do mudir Colton ir sozinho — interrompeu-os Ahmed, que acabara de entrar na sala portando uma coleção de trajes usados pelos nativos.

— Eu posso guiar meu amo, e também sua boa esposa, enquanto meu senhor Richardson conduz os outros.

— Tem certeza de que quer envolver-se nessa história? Não ignora os riscos que correrá por nossa causa. — Grant advertiu-o.

— Alá me abençoou com uma longa vida, mas também com um excelente amo. Não deixarei que ele sofra.

— Meu bom homem, *Allah yihfazak*, Deus o proteja — Grant agradeceu, apertando-lhe a mão, emocionado.

Tendo aceitado a ajuda do criado, Grant entregou as roupas a Margaret e a Hazel, que foram para seus aposentos a fim de empreenderem à transformação.

Em seguida, voltou a atenção para os outros. Roger não estava nada mal e James, para sua satisfação, também assumira o aspecto de um egípcio, parecendo familiarizado com os exóticos trajes.

Só faltava o tio Thomas.

Por que estaria demorando tanto?

Talvez encontrasse dificuldade em vestir-se.

Grant foi à sua procura e constatou, surpresa, que ele ainda nem tirara o terno.

— Vamos, tio, não temos tempo para desperdiçar — Grant repreendeu-o, contendo a impaciência.

Aquela era a primeira vez em que se falavam, depois do episódio no jardim, quando o conde lhe deu uma surra memorável.

— Sinto muito, mas não vou envergar esses trajes — Lorde Thomas declarou com frieza.

— Como não? — o sobrinho replicou, espantado.

Com mil demônios, por que o velho tinha sempre que causar problema?

— Escute aqui, tio. Não se trata de um garotinho idiota lhe pedindo para fantasiar-se para brincar com ele. Isso o senhor podia recusar. Agora, porém, trata-se da sua vida. Ou veste essa roupa *agora*, ou eu mesmo a colocarei no senhor.

— Com sua tendência a misturar-se com os nativos, talvez não tenha condições de entender meus sentimentos, Grant. Não importa o que diga ou faça, não sairei pelas ruas fingindo ser o que não sou. Se for meu destino morrer nas mãos dos revolucionários, então morrerei como um cavalheiro britânico.

— Oh, seu velho teimoso! Não percebe que ameaça também as nossas vidas? Um só europeu no grupo será o bastante para que nos descubram! Agora, se vista!!

— E o que acontecerá quando chegarmos ao cais, Grant? O que os ingleses e franceses pensarão ao virem o bando de "egípcios" se aproximando? Acha que nos darão as boas vindas ou tentarão defender-se de nós? Não, eu creio que irei do jeito como estou. Assim, poderei entender-me com o pessoal do navio, quando chegarmos.

— E se nos apanharem no caminho? — Grant argumentou.

— No que nos ajudariam seus trajes europeus?

— Ora, você pode alegar que eu sou seu prisioneiro — o conde retrucou com orgulho.

— Se isso não funcionar, e se for necessário, poderá entregar-me e seguir seu caminho. Que diferença faria para você?

— Tio Thomas tem razão — James interveio, entrando no quarto.

— Ele tem o direito de proceder como bem quiser.

— Que diferença faria para mim? — Grant ecoou, ignorando a interrupção do primo.

— Se é capaz de me perguntar um absurdo desses, então jamais acreditaria na resposta. Aja como achar melhor e dane-se!

Lorde Thomas fitou-o como se tivesse a intenção de prolongar a conversa, mas a entrada das senhoras impediu-o de tecer qualquer comentário.

Abraços e beijos de despedida foram trocados às pressas.

Os votos de boa sorte ainda ressoaram pelo ar depois que os dois grupos abandonaram a casa, sob os últimos raios do sol poente.

CAPITULO XIX

— Prontos para partir? — Grant indagou ao grupo que, hesitante, detivera-se no jardim.

Seu olhar, porem, repousava na esposa.

Vestida com aqueles trajes, parecia-lhe irresistivelmente atraente.

Se pudesse, mandaria todos com Ahmed e levaria Meg para algum recanto tranquilo, onde lhe explicaria em detalhes o quanto a desejava.

Em seu Íntimo, sabia que ela permaneceria a seu lado, desafiando os perigos da revolução, pois Margaret Prescott Richardson era uma mulher singular, feita de paixão, honestidade e bravura.

Contudo, urgia conduzir seu grupo para o cais.

Ele e Meg estavam juntos novamente, e isso era o que importava.

Quando estivessem a salvo, haveria tempo para se amarem.

Relembrando o diálogo que ouvira ao chegar a casa dos Colton, Grant não conteve um sorriso.

Era bem típico de James repreender Meg por defender o marido.

Pobre primo, colocara-se sempre numa posição de ressentida inferioridade e acabara se tornando uma pessoa medíocre, incapaz de atrair afeto.

Nenhuma mulher jamais lhe dedicaria um sentimento tão profundo como o de Meg por ele.

Murmúrios ansiosos ao seu redor, porém, despertaram-no do devaneio.

Era hora de Grant dar-lhes as instruções finais.

— Agora, lembrem-se de que não estamos a caminho de um baile de máscaras. Se os revoltosos desconfiarem de nossas verdadeiras identidades, poderemos ser mortos. Haveria muito pouco que eu pudesse fazer para evitá-lo — dirigindo o olhar para James, prosseguiu:

— Não devemos nos perder de vista, e vamos caminhar o mais depressa possível sem correr e sem chamar a atenção. Com um pouco de sorte, pensarão que somos nativos correndo para casa para fugir à confusão das ruas. E, se tudo der certo, chegaremos ao cais dentro de uma hora e meia, mais ou menos.

— Quer que esperemos por vocês caso Ahmed nos faça chegar primeiro? — Roger inquiriu.

— Nesse caso, poderíamos marcar um lugar para nos encontrarmos.

— Não vale a pena arriscar. Não sabemos por quanto tempo os governos inglês e francês estarão dispostos a promover a evacuação de europeus. Cedo ou tarde os rebeldes tentarão impedir a saída dos estrangeiros, já que estes, em última análise, são o foco de sua insatisfação. Vocês devem entrar no primeiro bote que encontrarem. Decerto nos encontraremos no navio.

— Mas... e se pegarmos navios diferentes? — Hazel levantou a hipótese, sua voz

aguda revelando intenso nervosismo.

— Não há problema, nós nos veremos na Inglaterra — Margaret acalmou-a, dando tapinhas carinhos na mão da amiga.

— Temos o endereço de seus pais em Surracy. Não pense que eu perderei meus melhores amigos assim tão fácil...

— Como eu não perderia minha mulher sem lutar muito... — Grant cochichou em seu ouvido, provocando-lhe um vivo rubor.

Depois de pigarrear, ele elevou o tom de voz para dirigir-se aos outros:

— Ahmed, você vai na frente com Roger e Hazel, contornando a Praça Maome-Ali pelo lado norte. Nós os seguiremos com cinco minutos de diferença, tomando o rumo ao sul da praça. Boa sorte para todos.

— Que Alá o acompanhe, Sr. Richardson — o egípcio replicou, curvando-se numa reverência respeitosa. Depois, para surpresa geral, abraçou Grant com emocionada efusividade.

— Tome conta da sua dama, ela é especial. Um dia, quando a paz tiver retornado ao Egito, traga-a para me visitar. As crianças também.

Ao ouvi-lo mencionar "crianças", Grant sorriu.

— Tentarei meu amigo. Prometo.

— Que diabos, você pode fazer mais do que só "tentar" — resmungou Lorde Thomas, postando-se ao lado do sobrinho.

— Você é a causa de estarmos todos envolvidos nesta confusão, como sabe.

— Não tive essa intenção, tio. As circunstâncias...

— Circunstâncias coisa nenhuma, Grant Richardson! Você tem agido como um patife egoísta por tanto tempo que já nem lembra como é cuidar de alguém que se ame. Mas está na hora de refrescar a memória e começar a fazer o que é certo.

— Não será difícil, uma vez que o senhor não desperdiçará nenhuma oportunidade para me corrigir — Grant rebateu, passando a mão na boca do estômago, ainda dolorida pelos murros desfechados pelo tio. Ora, que velho ingrato e injusto!

Se ele fosse mesmo um homem que só se preocupasse com a própria segurança, não estaria ali, organizando a fuga de todos.

Ahmed e os patrões, por fim, partiram.

Margaret observou-os até desaparecerem na esquina.

Agora que Hazel não estava por perto, não precisava disfarçar a preocupação.

Temia jamais revê-los, e, só de pensar nessa possibilidade, experimentava uma grande tristeza.

Com um suspiro pesaroso, reuniu-se aos três homens.

James esboçava um sorriso de contentamento, o que significava que a conversa entre Lorde Thomas e Grant não era das mais harmoniosas.

Precisava intervir, antes que magoassem demais um ao outro.

Era uma lástima que eles se estimassem tanto sem dar por isso, impossibilitando qualquer entendimento. Naquele momento, contudo, tornava-se imprescindível manter o espírito de cooperação, sem o qual poderiam morrer.

Já havia hostilidade em demasia pelas ruas, não havia necessidade de cultivarem velhos conflitos familiares.

— Acho que os cinco minutos já se passaram Grant. Não acha que devemos ir? — consultou-o, tocando-lhe o braço com carinho.

— Sim, tem razão. Sairemos em fila, mantendo uma distância de alguns passos entre nós. Eu vou na frente, indicando o caminho, com Meg logo atrás de mim. Tio Thomas, o senhor fica atrás dela, dando-lhe cobertura.

— E eu? — James protestou.

— Ou será que pretende deixar-me aqui?

Grant riu.

— Ora, você tem estado nos meus calcanhares desde que éramos crianças, portanto creio que se sairá muito bem encerrando a fila. Como tio Thomas não vestiu o disfarce, precisamos protegê-lo. Fique de olhos bem abertos para que não tentem capturá-lo — Grant explicou, sem acrescentar que, se fosse James a desaparecer, o mundo não sofreria grande perda.

— Muito bem, vamos indo.

Depois que deixaram o jardim, iniciando a marcha através do bairro europeu, Margaret teve a impressão de atravessar o inferno de que seu pai tanto falava.

Havia fumaça por todos os lados, sufocando-os com o cheiro de pólvora e de madeira queimando.

Uma náusea violenta invadiu-a, e ela precisou morder os lábios para não vomitar.

Gritos desvairados, alguns de comando, outros, de dor, cruzavam a noite.

No céu, as estrelas possuíam um brilho avermelhado, graças à medonha iluminação causada pelos inúmeros incêndios.

Pobre Alexandria, jamais seria a mesma, depois de tanta destruição.

Ela amava aquela cidade.

Fora ali que se casara, e também onde seu casamento enfrentara os mais árduos desafios.

Grant dobrou a esquina, desaparecendo momentaneamente.

O medo era tão grande que ameaçava paralisá-la.

Lutando contra o torpor, apressou o passo para manter a distância que os separava.

O marido comentara que a área ao redor do bairro europeu e, em especial, a Praça Maomé-Ali, abrigava o foco da insurreição, por ser onde se localizavam as sedes governamentais.

Por esse motivo, seguiam pelas vicias mais afastadas de lá.

Tantas voltas e desvios fizeram-na perder por completo o senso de direção, porém isso não a preocupava, pois Grant conhecia o caminho e ela confiava em sua capacidade de levá-los até o cais.

De súbito, ele desapareceu de sua frente.

Incerta, Margaret estacou, quase gritando de susto ao vê-lo ao seu lado.

—Shhh... Escute-me. Há uma turba de homens muito perigosos logo aí. São violentos, estão embriagados e bloquearam toda a área. Entre nessa mesquita e espere até que eu descubra um modo de transpor o obstáculo.

— E quanto a tio Thomas e James?

— Ficarão com você.

— Mas, Grant... é muito arriscado.

— A vida é o maior de todos os riscos, querida. Não se preocupe, Meg. Prometo que voltarei logo.

Grant curvou-se para tocar-lhe os lábios num beijo apressado.

— Ainda não entendi porque não fomos nos refugiar no consulado inglês, ao invés de nos esgueirarmos por esses becos como ladrões correndo da polícia — James reclamou, ao entrar na mesquita.

— Não há mais ninguém nos consulados. Todo o pessoal já foi evacuado, pelo que seu tio nos contou — Margaret lembrou-o.

— Teriam providenciado a nossa fuga também, não fosse por você e seu "adorado maridinho". E já que falei nele, quem nos garante que o patife não nos conduziu a uma armadilha? A essas alturas, deve ter ido chamar os cúmplices para nos entregar a esses estrangeiros idiotas que...

— Aqui no Egito, James, os estrangeiros somos nós... — Margaret corrigiu-o com paciência.

Lorde Thomas, contudo, já se impacientava com os despropósitos do sobrinho.

— Olhe aqui, rapaz, todos sabemos que sua imaginação excede a sua coragem, portanto não é necessário demonstrá-lo com tanta veemência — repreendeu-o em tom sarcástico, enquanto pousava a mão no ombro de Margaret num gesto de solidariedade.

— Agora, pare de atormentar sua prima com tantas tolices. Se não se sente capaz de manter a boca fechada, então reze.

Conquanto parecesse calma, o coração de Margaret batia descompassado.

A expressão grave nos olhos do conde Kenwick indicava que ele não tinha tanta certeza de que Grant conseguiria encontrar uma solução para o impasse.

E se ele tivesse razão?

Se não fosse possível...?

Não, precisava confiar no marido.

Alem de forte, inteligente e corajoso, contava com uma vasta experiência em situações desesperadas como aquela.

Margaret segurou a mão do tio e já se preparava para tranquilizá-lo quando ouviram um intenso alarido do lado de fora, aproximando-se cada vez mais de seu esconderijo.

— *Bârud...istagilu*. Pólvora, corram!

Outras vozes se misturaram, berrando de forma desvairada.

No segundo seguinte, uma janela no alto da torre explodiu e as fagulhas caíram por todos os lados dentro da nave.

Margaret cobriu a boca com a mão para calar o grito que se formara em sua garganta.

Teria Grant cometido um erro ao levá-los para o santuário?

Talvez James não estivesse tão enganado... a mesquita estava se transformando numa armadilha da qual não escapariam com facilidade.

As chamas principiavam a arder com maior intensidade, devorando partes do tapete ao redor dos Richardson.

Se corressem para fora, cairiam nas mãos dos rebeldes ou, na melhor das hipóteses, se desencontrariam de Grant.

Se ficassem, o fogo poderia destruí-los.

Quanto tempo resistiriam ali dentro?

A fumaça já lhes dificultava a respiração.

Oh, Deus, o que fariam?

— *Ráh min hena*, vão embora daqui!

A quem pertenceria aquela voz?

A Grant?

O timbre assemelhava-se ao dele, mas era difícil afirmar, em meio à confusão.

Contudo, o tom de comando incitava à obediência.

Em silêncio, Lorde Thomas pressionou a mão de Margaret, num sinal de que reconheceria o sobrinho.

— *Rúh min hena*. Saiam já deste lugar. Alá não os perdoará pelo sacrilégio! Não é a casa Dele nem o nosso povo que devem destruir, mas os palácios onde vivem os europeus, nossos verdadeiros inimigos!

— Não é Grant quem está falando? Ah, eu bem que os avisei que ele nos entregaria a essa corja! — James bradou.

— Cale-se, seu maldito idiota! — o conde ordenou-lhe.

Embora murmurasse, cuspiu as sílabas com tal fúria que o sobrinho se encolheu.

— Não sei o que ele está dizendo, mas parece que os revoltosos começam a se dispersar.

De fato, o clamor, embora ainda audível, dava a impressão de diminuir de intensidade, ao mesmo tempo em que soava cada vez mais distante.

De repente, uma das portas laterais se abriu e um vulto furtivo destacou-se, iluminado pelas chamas. Lorde Thomas colocou-se na frente de Margaret, protegendo-a, mas ela não tardou a perceber que não havia perigo algum.

Tratava-se de Grant, que lhe estendia os braços.

Sem hesitar, correu para ele.

— Bom trabalho, rapaz — aprovou o conde, batendo-lhe de leve no ombro, num gesto carinhoso de aprovação.

— Obrigado, senhor — Grant replicou surpreso.

— Nós ainda temos que percorrer um longo caminho até o cais.

— Com você nos conduzindo, amor, ninguém nos deterá — Margaret exclamou, beijando-o com entusiástica admiração.

— Aprecio a confiança, garota, mas não deve subestimar os riscos que correremos. Só depois que chegarmos ao navio poderemos respirar.

Com redobrada cautela, abandonaram a mesquita.

A caminhada, porém, transcorreu sem maiores incidentes por algum tempo.

Quanto mais se distanciavam do bairro europeu, menos revoltosos encontravam.

Havia menos fumaça no ar, e o clima de hostilidade declinara.

Inesperadamente, a três quarteirões do cais, Grant hesitou e voltou-se para conferenciar com a esposa.

— Há um bando de rebeldes bloqueando a última rua antes do porto. Creio que tentam impedir a fuga de estrangeiros. Por isso, teremos que desviar-lhes a atenção para podermos passar. Espere aqui enquanto eu aviso tio Thomas e James para correrem por fora da barricada, depois que nós os distrairmos.

Não havia mais o menor traço de medo ou relutância no comportamento de Margaret.

Grant era seu marido, o homem que amava.

Se tivesse que morrer por ele, não titubearia.

Afinal, ele faria o mesmo por ela.

Assim, sem pensar duas vezes, seguiu-o para ouvir o plano que ele explicava aos parentes.

— Os homens egípcios, especialmente os guerrilheiros do movimento nacionalista, valorizam muito pouco as mulheres. A Rainha Vitória acabou por convencê-los de que todas as inglesas são a encarnação do demônio. Acreditam que seu único propósito é castrá-los, destituindo-os de qualquer poder ou autoridade — Grant explicou.

— Espero que, se eles me virem tratando Meg da mesma maneira como tratariam suas esposas, divirtam-se tanto com a cena que se esqueçam de vigiar a passagem. Então, vocês aproveitam o descuido e atravessam a barreira. Compreendido?

— Você quer que eu abaixe a cabeça e o siga como um cão vira-lata enquanto berra comigo? — Margaret indagou com suavidade.

Grant sorriu.

— Sei o quanto é difícil para você, doce Meg, mas é necessário. Não ignora o quanto a amo e respeito... ou será que precisa de uma prova do meu afeto? — ele replicou, antes de levá-la para um canto e afastar-lhe o véu para beijá-la com ardor.

Margaret sentiu-se desfalecer em seus braços.

Oh, Deus, quando cessaria aquele tormento de desejá-lo tanto sem poder entregar-se a esse sentimento quase sufocante?

Quando haveria paz para desfrutarem daquele amor raro e especial que partilhavam?

Grant, disfarçadamente, afagou-lhe o seio, e ela agarrou-se mais, ansiosa por esquecer que o mundo a seu redor se esfacelava.

— Meg, nós temos que...

— Eu sei, mas queria tanto...

— Eu também, porém somos responsáveis pela segurança do velho conde — Grant ponderou.

— Na idade dele, duvido que o perigo o estimule como a nós.

— Acho que não — ela sorriu, contente com a preocupação do marido em relação ao tio.

— Prometa-me que, assim que possível, retomaremos de onde paramos... — acrescentou com malícia.

— Nem a rainha seria capaz de impedir-me, querida. Agora, pare de me fitar com esses olhos azuis provocantes e comece a agir como uma esposa submissa.

— Sim, senhor. Sempre às suas ordens...

Grant considerou que seria difícil gritar com Meg, quando tudo o que desejava era acariciá-la.

Reunindo todas as suas forças, concentrou a atenção em sua atitude negligente em relação ao perigo, que se constituía numa ameaça para todos.

Que inconsequência, o que ela pretendia, afinal?

Que morressem por causa de sua falta de consciência?

— Diabos, mulher, você está brincando com as nossas vidas! Agora, proceda como lhe ordenei. Seja subserviente ao menos uma vez! — bradou, genuinamente enfurecido,

agarrando-lhe o braço para arrastá-la pela rua.

— Se Alá, em sua misericórdia, tirasse você da minha vida, eu ficaria livre também da sua mãe! Mulheres... ha, vocês não servem para nada! — esbravejou em árabe, aproximando-se da barricada.

Sua veemência provocou algumas gargalhadas nos homens que impediam a passagem.

— Aquela bruxa da sua mãe deveria tê-la deixado morrer no dia em que nasceu! Mas eu posso dar um jeito nisso! Se continuar me aborrecendo, verá o que faço com você, sua... imprestável!

Empurrando Margaret da forma mais gentil possível sem levantar suspeitas, prosseguiu a série de impropérios enquanto se acercava cada vez mais dos revoltosos, agora delirantes.

— Aí, companheiro! — incentivou-o um deles.

Margaret tremia.

O desempenho do marido era tão convincente que ela se encolhia de medo, apavorada com sua inédita faceta violenta.

Embora não a machucasse fisicamente, atacava-a de maneira impiedosa.

Bem, se aquela era a única forma de escaparem dos rebeldes... só lhe restava aderir à representação.

Ao ver que Grant afastava-se dela com passos decididos, seguiu-o com receosa timidez e atirou-se ao chão, beijando-lhe a barra da túnica.

A audiência vibrava.

— Não venha atrás de mim, sua megera! Quer apanhar mais? Com o canto dos olhos, Margaret percebeu os vultos de Lorde Thomas e James se esgueirando pela barricada.

Começou a chorar, arrastando-se pelo solo empoeirado.

—*Râh min hena*, vá embora daqui! — Grant gritou, erguendo a perna como se fosse chutá-la.

Margaret esquivou-se do golpe, soluçando ainda mais alto.

Ele, então, agarrou-a pelos ombros e forçou-a a levantar-se.

— Você é pior do que cão sarnento, mas Alá me concedeu um coração generoso. Vou levá-la comigo e providenciar para que me seja útil. Ande, vá logo para o cais! — ordenou no auge da fúria.

— Esses malditos estrangeiros exploram a nossa terra, viram a cabeça de nossas mulheres e ainda fogem sem pagar as contas. Ah, mas não desta vez! Nós vamos tirar deles tudo o que nos roubaram!

— Boa sorte! — um revoltoso desejou-lhe, rindo.

— Quem possui uma mulher como a sua, precisa de muita! Que Alá se compadeça da sua sorte!

— *Leiltak sa'ideh* Que esta seja uma noite feliz, amigo — replicou o inglês, guiando Margaret por entre os guerrilheiros.

Podia sentir-lhe o tremor do corpo ao vislumbrar os rifles carregados.

Apertou-lhe o pulso com força, tentando transmitir-lhe serenidade enquanto simulava agredi-la, pois não acreditava que aqueles homens lhes fossem causar qualquer

problema.

Assim que transpuseram a barreira, Grant soltou-a e massageou-lhe os braços magoados.

— Você se saiu muito bem, garota! — aplaudiu-a com admiração.

— Quando se jogou no chão e beijou a barra da minha roupa, não houve quem não se convencesse de que eu era o marido mais respeitado desde Átila, o rei dos Hunos.

— Bem, espero que tenha gostado do espetáculo, Grant, pois esta foi a primeira e última vez em que me humilhei aos seus pés — ela replicou.

— Eu a adoro, Meg. Graças ao seu esforço, sobreviveremos para nos dedicarmos apenas ao nosso amor.

Sem mais delongas, os dois apressaram-se na direção das escadas de pedra que conduziam às docas. De súbito, Grant estacou.

— Desça encostada ao muro. Pode haver outros grupos de rebeldes patrulhando a área. Oh, maldição!

— O que foi? — Margaret indagou, preocupada.

Contudo, não precisou esperar pela resposta para descobrir a causa de seu aborrecimento, porque nesse momento notou a presença na fila para embarque, ao lado de tio Thomas e James, do Sr. e da Sra. Withers.

— Eu ainda acho que esses marinheiros deveriam verificar os documentos para identificar os cidadãos legítimos, Stephen. Por que esses selvagens tem preferência para subirem aos botes enquanto nós, ingleses de verdade, temos que esperar? — Marjorie comentou com o marido, olhando de forma ostensiva para Grant e Margaret.

— Eu já estava preocupado com vocês — o conde confessou ao vê-los.

— Rapaz, devo parabenizá-lo mais uma vez pela brilhante atuação. Senti um profundo orgulho por ser seu tio.

— Tio?! Mas, caro conde, o senhor é britânico! — espantou-se a Sra. Withers.

Próximo a eles, um pequeno bote chegou, pronto para transportar os seis passageiros seguintes ao navio ancorado no oceano.

— Nós também, Sra. Withers — Margaret anunciou, descobrindo o rosto —, embora parecesse de bom alvitre ocultar esse fato enquanto atravessávamos a cidade.

— Deus do céu, menina! Eu lhe avisei que isso aconteceria. Ele conseguiu corrompê-la, e mal completou dois meses que se casaram! Dou graças ao Senhor por Caroline ter feito melhor escolha. Na verdade, ela e o noivo já estão a bordo. Como sabem, Gordon é um homem muito importante.

— Ou talvez muito covarde — Grant cochichou ao ouvido da esposa.

— Pena que eles não tivessem providenciado a fuga de vocês também — Margaret replicou.

— Assim, não enfrentariam o desconforto e os perigos desta fila.

— Minha filha, suponho que seja grata pelo fato de seu marido ter vindo com você, ao invés de acompanhar aquela cantora — rebateu a Sra. Withers, abespinhada, enquanto um marinheiro estendia a mão para ajudá-la a entrar no bote.

— Madame, por favor, venha logo. Pode haver conflitos por aqui e detestaria ver alguém ferido — o rapaz advertiu-a.

Embora não tivesse se apresentado como voluntário para aquela missão, a tarefa até

que transcorria sem sobressaltos, exceto por uma ou outra escaramuça.

— Oh, certamente — ela concordou, tentando manter o equilíbrio ao pisar na embarcação.

— Mas, como eu ia dizendo, a Srta. Hargraves, a tal cantora, estava no Abbat, onde tomávamos o nosso chá, quando Gordon chegou com a ordem de evacuação. Nós a convidamos para vir conosco, porém ela recusou.

— Recusou-se a fugir? — Grant indagou com secura.

Majorie Withers, já sentada, olhou para cima e fitou-o de alto a baixo, como se ponderasse se devia responder-lhe ou não.

Por fim, balançou a cabeça com vigor.

— Não foi o que acabei de contar? Pergunte a meu marido, se não acredita em mim. Ela alegou que esperava um amigo e não poderia nos fazer companhia. Achei a história um tanto singular, mas quem entende esses artistas? São todos tão temperamentais! Stephen, acomode-se aqui — ordenou, ignorando que fosse a vez de Margaret.

— Querida, preciso voltar para salvar Anne — Grant murmurou.

— Como assim, "precisa"? — Inquiriu Lorde Thomas, indignado.

— Você deve ficar ao lado de sua esposa, zelando para que ela chegue a Kenwick sã e salva.

— Quem é o próximo passageiro a embarcar? Não temos a noite toda! — protestou o marinheiro.

Sem hesitar, James deu um passo à frente, furando a fila.

— Lamento tio, mas sou obrigado a tomar essa atitude, embora agora não disponha de tempo para explicar. Meg entre no bote. Eu a encontrarei no navio prometo — Grant assegurou-lhe, segurando as mãos dela com ternura.

— Confie em mim só mais um pouco.

— Grant, é muito arriscado — o conde argumentou.

— Fique com a sua mulher. Eu irei resgatar a Srta. Hargraves.

— O senhor?

— É o mínimo que posso fazer por você e Margaret. A despeito de ainda não compreender o que o trouxe ao Egito, começo a perceber que as aparências nem sempre traduzem a verdade — o tio declarou, pousando a mão no ombro do sobrinho.

— Aprecio o gesto, contudo não posso arriscar a sua vida. Perdoe-me, por favor... — Grant recusou com firmeza.

Em seguida, num movimento inesperado, desfechou um murro no queixo de Lorde Thomas.

— Seu... bárbaro! Animal selvagem! — James bradou, ao ver o tio cair, desacordado, no colo da Sra. Withers, que gritou de susto, enquanto o bote oscilava ameaçadoramente.

— Só porque ele lhe deu uma surra ontem...

— Esqueça, James. Você jamais entenderia — replicou Grant, massageando a mão.

Esquadrinhou o rosto de Margaret para decifrar-lhe os pensamentos.

Não se surpreendia com a reação do primo, mas receava a da esposa.

— Mas eu entendo — Margaret murmurou, beijando-o no rosto.

— Seu tio irá para o navio em segurança.

— Juro-lhe que eu também irei, Meg — Grant replicou, pressionando-a na direção do

bote.

— Acredite em mim.

Margaret abriu a boca para dizer alguma coisa, porém o barulho de tiros provenientes da escadaria impediu-a.

O marinheiro que organizava a retirada tombou.

A seu lado, formou-se uma extensa poça de sangue.

—Ande, fuja, Meg! — Grant instou.

Sem discutir, Margaret aproximou-se do homem ferido e empurrou-o para dentro do bote, acomodando-se no pequeno barco junto a ele.

— O marinheiro foi baleado! Quem cuidará dos remos, agora? — lamentou-se a Sra. Whitters.

— Ouça, Richardson, você tem que vir conosco. Meu marido sozinho não conseguirá levar-nos até o navio. Deixe a cantora para lá e preocupe-se com a sua esposa!

— Meg, eu a amo! — Grant declarou à mulher, ignorando os apelos da Sra. Withers. Em seguida, saiu correndo.

— Eu também o amo — Margaret murmurou para si mesma.

Desejava ir com ele, mas Lorde Kenwick necessitava de sua atenção.

Além disso, Grant lhe pedira confiança.

E bem que a merecia, depois de todas as dúvidas com que ela o agredira.

Novamente, os tiros ecoaram como trovões no silêncio da noite.

Inúmeras balas de rifle caíram no mar, a curta distância do bote.

— Oh, meu Deus! Vamos todos morrer! — a Sra. Withers urrou.

— Stephen, faça alguma coisa! Comece a remar, homem!

Margaret perguntou-se por que gastariam munição atirando contra eles.

Então, tomada por súbita premonição, ergueu-se para procurar Grant com os olhos.

Lá ia ele, encostado ao muro de pedra, uma mancha avermelhada no ombro esquerdo.

Sem hesitação, tentou pular por cima do marinheiro para sair do bote.

— Grant está ferido. Preciso ir ajudá-lo!

— Ouça aqui, Margaret Richardson, este oficial e o conde, seu próprio tio, também estão — objetou a Sra. Withers.

— Caro rapaz, tente colocar um pouco de bom senso na cabeça de sua parenta!

James, contudo, limitou-se a sacudir os ombros.

Indiferente ao destino do primo começou a remar.

O diminuto barco já se movia quando Margaret pôs os pés em terra firme.

Ele nem olhou para trás.

Afinal, a vida dela não lhe dizia respeito.

Não iria arriscar-se para salvar aqueles desmiolados.

Se gostavam do perigo, então que se divertissem!

James Andrews estava a caminho da Inglaterra!

Lorde Thomas lhe ficaria eternamente grato por levá-lo de volta para casa, enquanto Grant teria muito a explicar por sua execrável agressão ao próprio tio...

CAPÍTULO XX

A poucos quilômetros das docas, Grant recostou-se contra um muro de pedra, arquejando.

Com a mão direita, apertava a área atingida no ombro esquerdo, numa tentativa de conter a hemorragia. Pela dor que sentia, o atirador invisível causara um belo estrago, produzindo um ferimento profundo, que seria alargado ainda mais quando o médico o operasse para extrair a bala.

Isto é, se vivesse para procurar um cirurgião.

As ruas, agora, haviam se transformado num verdadeiro caos.

Tiros silvavam pelos ares, gritos ecoavam por entre a fumaça.

Parecia que toda a cidade ardia em chamas.

Grant esperava que aquela pequena parada para descanso lhe devolvesse uma parte das forças, ao menos o suficiente para prosseguir até o Hotel Ábbat, ou o que sobrava dele.

Contudo, não era seguro permanecer ali por muito tempo.

Rilhando os dentes, esforçou-se para retomar a caminhada.

Consolava-o a idéia de que Meg e o tio Thomas tinham escapado em segurança.

Seria enlouquecedor se sua linda esposa, dona dos olhos azuis mais expressivos do mundo, ainda estivesse presa em Alexandria.

Não temia por si mesmo, embora lamentasse separar-se dela mais uma vez.

A culpa era de Sir Nigel Conway.

Se lhe tivesse destinado um parceiro masculino, não precisaria dar-se ao trabalho de voltar para salvá-lo. Contudo, tratava-se de Anne Hargraves.

Ela aguardaria até o último minuto, na ânsia de obter o máximo de informações possível antes de abandonar o país.

O problema era que a agente poderia esperar demasiado, e, por mais que a detestasse, não teria coragem de deixá-la para trás, à mercê da sorte em meio ao caos.

Por isso, arrastou-se passo a passo, mordendo os lábios para não gritar de dor, até o Hotel Abbat.

Margaret nem se incomodou em olhar para trás ao regressar para as ruas tomadas pela desordem generalizada.

Enquanto outros talvez buscassem um esconderijo para se protegerem, ela pensava apenas em encontrar Grant.

Perdera-o de vista logo depois de sair do bote, mas acalentava a esperança de que o marido não se tivesse distanciado muito.

Com o véu ocultando-lhe o rosto, esgueirou-se pelos cantos, seguindo a direção do Abbat.

Conquanto fosse realista o suficiente para reconhecer que sua presença não bastava para salvar Grant do perigo, achava que poderia ao menos confortá-lo, desafiando os riscos a seu lado.

Alem disso, ele estava ferido e precisava dos cuidados dela. Isto é, se Anne Hargraves já não estiver tratando disso, comentou para si mesma.

A lembrança da outra mulher provocava um verdadeiro tumulto em suas emoções.

A despeito de ter descoberto que o marido viera ao Egito a serviço de Sua Majestade,

ainda não entendera qual papel a cantora desempenhava na história.

Estaria ela insuflando os sentimentos nacionalistas dos rebeldes, a fim de promover a rebelião?

Ou, ao contrário, seria uma agente britânica?

Ou nem uma coisa nem outra?

Afinal, Grant talvez tivesse se aproximado dela apenas para usá-la como cobertura, servindo-se de sua fama para ter acesso a autoridades locais e também aos franceses.

Claro, havia também a hipótese de Grant tê-la conhecido em Alexandria e... bem, Anne Hargraves era uma mulher deslumbrante, sedutora.

Todavia, recusava-se a considerar essa possibilidade.

Fosse como fosse, compreendia a atitude dele de voltar para resgatá-la.

A cantora ficara sozinha no meio da confusão.

E não era do feitio de Grant virar as costas para alguém que precisasse de ajuda.

Aferrando-se à idéia de que fora apenas o cavalheirismo e a retidão de caráter que moveram o marido, Margaret prosseguiu a árdua jornada.

Como só conhecia o caminho através das ruas principais, foi compelida a enfrentar os trechos mais conturbados.

Sempre colada à parede, passou despercebida pelos grupos enfurecidos.

Ainda assim, o medo quase pânico fazia-lhe o coração pulsar de modo errático.

Aqueles homens, embriagados e enlouquecidos, que empunhavam suas tochas e fuzis com furor assassino, não pareciam pertencer àquele povo gentil e trabalhador que aprendera a admirar.

Não passavam de um bando de homicidas, gritando palavras que ela não entendia.

De súbito, o andar de cima de uma casa em chamas desabou à sua frente, obrigando-a a estacar.

E agora, o que faria?

Tossindo por causa da fumaça, contornou os escombros fumegantes, tentando situar-se em relação ao bairro europeu.

Com passos resolutos, seguiu em frente.

Jamais experimentara um terror tão absoluto, como também jamais se sentira mais determinada. Precisava alcançar Grant, não importava a que preço, para que pudessem fugir juntos daquele inferno.

Quando chegou ao Abbat, Grant sabia que não poderia entrar vestido como beduíno.

O ferimento, que sangrava abundantemente, só lhe piorava o aspecto.

Assim, dirigiu-se aos fundos do prédio e procurou uma janela aberta.

Encontrou a da cozinha, onde não havia viva-voz.

A sorte parecia voltar a sorrir-lhe.

Sem se deparar com ninguém que pudesse deter-lo, rumou para a escadaria de serviço.

Ele não previra, contudo, que demandaria tanto esforço subir os degraus.

A hemorragia o enfraquecera, e a dor era quase insuportável.

Ainda assim, arrastou-se para cima penosamente, lutando para não desmaiar.

Por fim, alcançou o quinto andar.

Parou para respirar, vendo tudo rodar à sua frente.

Todavia, não iria desistir agora, que faltavam poucos metros para chegar a seu destino.

Forçou-se a andar, passo a passo, apoiando-se na parede.

— Hora de partir, Srta. Hargraves — murmurou ao abrir a porta da suíte.

— Pela sua aparência, acho que andou tendo problemas por aí... — Anne comentou em tom sardônico.

— Não se preocupe comigo. Você já devia ter saído daqui há várias horas — Grant replicou, sentando-se numa cadeira.

— Se tivesse tomado a decisão inteligente no momento oportuno, não me obrigaria a voltar para levá-la. Contudo, o que eu poderia esperar, trabalhando com uma maldita mulher? Não percebe a insensatez de sua atitude?

Anne sacudiu os ombros.

— Eu queria obter informações e isso seria impossível se eu fugisse — ela rebateu.

— Além disso, não precisava da sua ajuda para me safar. Você devia ter ido resgatar a sua mulherzinha, a "pobre donzela indefesa", já que considera pieguices como o amor mais importante do que o patriotismo.

Grant fitou-a com os olhos negros transbordantes de raiva.

Não compreendia de que forma ela podia dispensar-lhe um tratamento tão frio e irônico, sem demonstrar qualquer sinal de medo ou de gratidão?

— Que espécie de mulher é você, para dedicar corpo e alma a intrigas políticas, negando todas as emoções humanas que porventura pudesse abrigar? — indagou com um misto de espanto e desprezo.

Anne endereçou-lhe um sorriso amargo.

— Negar emoções? Ora, Sr. Richardson, se foi a emoção que me envolveu neste tipo de atividade...

— Não entendi.

— Nem precisa — Anne declarou com secura.

— Mas eu quero! — Grant bradou, a dor e a impaciência tornando sua voz ameaçadora.

— Eu quero saber o que há por baixo dessa máscara de frieza e maldade! Qual é o seu segredo, Srta. Hargraves? O que a leva a supor que tem o direito de arriscar o meu casamento e a sua própria vida quando o mundo ao seu redor está desmoronando?

— O que me faz agir assim é esse sentimento sobre o qual você pensa que eu não saiba nada.

— Amor?! — Grant exclamou com incredulidade.

Se seu ombro não o incomodasse tanto, teria soltado uma gargalhada.

— Que amor é esse que a impele a causar tanto mal? O amor ao poder, à habilidade de manipular o destino das pessoas? Ou será que são as aventuras que a excitam?

— Está enganado, Grant — ela murmurou em tom ausente, fitando algum ponto atrás da cadeira dele.

— Refiro-me ao amor por um homem.

— Que homem indecente a obrigaria a...

— Ele não era indecente e não me obrigou a nada — ela interrompeu-o com voz trêmula.

— Foi a sua morte que me trouxe para a espionagem. Ele perdeu a vida em Natal, em consequência da falta de informações do escritório central, em Londres.

— Quem era ele? — Grant indagou, enquanto pressentia a resposta. Não, não podia ser...

— Louis-Napoleon, príncipe herdeiro da França. Lutou com os nossos exércitos na África. Você acha que, se o nosso serviço secreto estivesse bem informado quanto aos verdadeiros perigos da operação, teria permitido que ele participasse da luta? A Inglaterra não fazia a menor idéia sobre o que estava acontecendo com os Zulus. A morte de Louis ensinou-nos uma dura lição, obrigando-nos a cuidar para que uma perda tão lamentável jamais se repita.

— Pelo que sei, a Rainha o apreciava muito. Quanto ao príncipe, seu papel em Natal, ao menos oficialmente, era o de um mero observador — Grant ponderou, tentando compreender.

— Mas o que tudo isso tem a ver com Anne Hargraves? Por que o governo britânico procurou você depois que ele morreu, vitimado por uma emboscada?

— Não era segredo que entre nós acontecera um romance. Se Louis não fosse príncipe herdeiro, com certeza nos teríamos casado. Eu fui recrutada porque, como cantora, tinha livre acesso aos palácios da mais alta nobreza não apenas na Europa com também em outros continentes. Quem melhor do que eu para obter informações? Quem acreditaria que Anne Hargraves se engajara na espionagem? E, no entanto, para aqueles que conheciam a minha história, entrar para o serviço secreto se constituía numa consequência natural, ate mesmo previsível. Meu trabalho tornou-se uma espécie de homenagem à memória de Louis. Por isso, empenho-me para extrair o máximo de conhecimento em cada missão que me é confiada.

— E o que acha que aprenderá num quarto de hotel no meio de uma cidade em chamas? — Grant inquiriu, exasperado.

— Pois saiba que enviei notícias por um mensageiro cerca de dez minutos antes de você chegar — Anne comunicou em tom presunçoso.

— Mensageiro? Um nativo trabalhando para você? — ele indagou, desconfiado.

— Hum, hum... mas não era o mesmo homem que atacou sua preciosa mulherzinha ontem à noite. Eu já lhe disse que nada tive a ver com isso — ela mentiu.

— E por falar nela, onde está a sua "doce Meg"? Mantendo guarda lá no corredor?

— Sã e salva a bordo de um navio, e é para lá que nós vamos. Vista um dos trajes de Sarce, rápido! — Grant comandou, acometido por nova tonteira.

Pelo visto, não era com a inconsequência daquela mulher que devia preocupar-se, porém com a própria falta de condições físicas para conduzi-la ao porto em segurança.

Enquanto Anne ia em busca das roupas da criada, Grant examinou o ferimento do ombro.

Com uma careta de desgosto, constatou que a hemorragia não cederia.

Então, apanhou uma estola de seda que Anne largara sobre a poltrona e improvisou um torniquete para estancar o sangue.

Se a maldita agente não se apressasse, teria que fugir sozinha, pois ele nutria poucas esperanças de sobreviver por muito mais tempo.

— Ande logo, Hargraves! — ele gritou.

Um minuto mais tarde, Anne ressurgiu, vestida com um traje de Sarce.

Com uma graça felina, encaminhou-se em sua direção e parou na frente dele.

Descobriu o rosto e fitou-o com os grandes olhos verdes, tão frios em comparação com os de Margaret.

— Agora ouça, Grant Richardson. Eu lhe contei sobre minha paixão por Louis, mas ele morreu. Só a incerteza nos aguarda do lado de fora daquela porta. Quem pode prever o que acontecerá? Portanto, antes de sairmos, há uma coisa que quero fazer, algo que não me perdoaria se não experimentasse...

Sem maiores explicações, ela atirou-se em seu braços, enlaçando-lhe a nuca para forçá-lo a curvar-se e beijá-la.

Espantado e fraco, Grant teve como única reação a tentativa de não perder o equilíbrio. O ombro lhe doía tanto que mal sentia o contato dos lábios dela.

Assim, permaneceram ligados pelo insólito beijo durante alguns instantes.

Foi nessa posição que Margaret os encontrou.

Fora extremamente difícil chegar até o Abbat, mas ela conseguira.

O único problema seria entrar no hotel.

Deu uma volta em torno do prédio e encontrou a janela da cozinha aberta.

Não havia ninguém lá.

Sem hesitar, sentou-se no parapeito, girou o corpo e pousou os pés no interior do cômodo.

Sempre cautelosa, examinou o saguão, verificando que também estava deserto, subiu a escadaria principal e, na ponta dos pés, caminhou até a suíte 512.

A porta estava aberta.

Grant e Anne, abraçados, se beijavam.

Um rugido selvagem escapou de sua garganta e, sem pensar, atirou-se na direção dos dois.

— Sua... bruxa!!! — gritou, enquanto derrubava a agente no chão.

— Meg — Grant exclamou, apalermado.

Então, ela não estava a salvo no navio?

Atravessara a cidade sozinha?

— O que faz aqui? Por que não foi com tio Thomas?

— A pergunta correta, Grant, é o que você estava fazendo aqui, com essa... megera?

— Não tire conclusões precipitadas — Anne bradou, levantando-se.

Precisaria armar-se de muita paciência para enfrentar aquela fera.

Embora se recusasse a admiti-lo, admirava-a cada vez mais.

Quem diria que a filha de pastor se revelasse uma mulher tão decidida e corajosa?

— Cale-se! — Margaret ordenou-lhe.

— Como ousa dirigir-me a palavra? Você representa o que possa haver de mais indigno e sórdido numa mulher!

Diante dessa acusação, Anne ergueu a mão, pronta para esbofeteá-la.

Grant, porém, segurou-lhe o pulso.

O esforço necessário para conter-lhe o golpe, todavia, foi excessivo para ele.

A despeito do garrote, o sangue voltou a jorrar aos borbotões.

Pálido, parecia a ponto de desfalecer.

Margaret, conquanto enfurecida, correu para ampará-lo no exato momento em que o marido tombava, desacordado.

Não lhe importava a cena que presenciara, pois amava-o mais do que à própria vida.

Sentou-se no chão e apoiou a cabeça dele no colo.

— Por que ficou parada aí? Vá buscar um jarro de água!

— Está bem — Anne concordou. Por mais que me agradasse continuar a discussão, creio que teremos que adiá-la. A prioridade, agora, é fugirmos. Para isso, precisamos reanimar Grant. Acho que a nossa única chance de sobrevivência é a cooperação.

Minutos mais tarde, Margaret já havia lavado o ferimento, arrumado o torniquete e borrifava o rosto do marido com água.

Grant recompensou-a abrindo os olhos.

— Oh, graças a Deus!

— Meg, você precisa sair daqui — ele suplicou num fio de voz.

— Sozinha não. Se você não puder ir, eu ficarei.

— Ora, poupem-me desse melodrama — a agente comentou com enfado.

— Entenda uma coisa, Meg Richardson, vamos todos escapar. Nós duas poderemos carregá-lo. Grant consegue ficar de pé?

Com um movimento quase imperceptível da cabeça, ele assentiu.

Reunindo o que restara de suas forças, começou a erguer-se.

Aquelas duas dependiam dele, não tinha o direito de fracassar.

A morte que esperasse um pouco mais...

Apoiado na esposa e na parceira ensaiou alguns passos.

— Grant, está certo de que deseja tentar? — Margaret indagou, aflita.

— Eu não vou tentar Meg. Eu vou cumprir o meu dever — ele replicou com um sorriso débil.

— Ótimo! Vamos embora — Anne comandou com secura.

Incomodava-a testemunhar o afeto que unia marido e mulher.

Fazia-a recordar momentos que julgara esquecidos, enterrados para sempre com o único homem que de fato amara.

Sem maiores considerações, o trio abandonou a suíte e desceu as escadas vagarosamente.

Margaret informou-os de que o hotel estava deserto, o que significava que poderiam passar pelo saguão sem problemas.

Ao alcançarem a rua, Grant começou a pesar demasiado no ombro delas e a arrastar os pés, dificultando a caminhada.

Margaret rezou baixinho.

Não imaginava como seria possível chegar até o cais.

De quando em quando, o marido desmaiava, e era necessário arrastá-lo.

De súbito, depararam-se com um grupo de revoltosos. Margaret hesitou.

— Vamos em frente — Anne cochichou.

Olhou para Grant e percebeu que este tornara a desfalecer.

De imediato, desatou a chorar e a lamentar-se como vira algumas egípcias fazerem ao enterrarem seus entes queridos.

Margaret adivinhou-lhe o estratagema e, de imediato, pôs-se a imitá-la.

Os rebeldes, numa postura respeitosa, afastaram-se para que eles passassem, julgando-as viúvas de um companheiro morto em alguma escaramuça.

Após uma longa e penosa jornada, pontilhada de sustos, já que os tiros continuavam cruzando os ares, Margaret e Anne por fim lograram chegar ao cais.

Aliviadas, dispunham-se a acomodar Grant no bote quando foram rechaçadas pelos refugiados europeus, antes mesmo de terem a chance de se identificar.

Irados marinheiros britânicos cercaram-nos com os fuzis em riste, prontos a atirar caso insistissem em permanecer ali.

Para provarem que não estavam brincado, dispararam para o ar, numa saraivada de balas ensurdecadora.

Assim, o trio foi forçado a retroceder.

Desolada, Margaret não se conformava com a idéia de falhar quando haviam se aproximado tanto de seu destino.

Baixou os olhos para fitar Grant, que, desacordado, jazia no chão, respirando com grande dificuldade.

Se não tomasse alguma providência, ele morreria dentro em breve.

Tomada por súbita inspiração, ela começou a despir os trajes exóticos.

Sem demonstrar hesitação ou vergonha, ficou praticamente nua, coberta apenas pelas peças Íntimas.

— Por Deus, Meg, o que pretende? — espantou-se Anne.

— As egípcias não usam roupa de baixo deste tipo — ela explicou, enrubescendo, enquanto apontava para os calções engomados e o corpete rendilhado que lhe moldava a cintura e as ancas.

— Se eu voltar lá do jeito como estou, duvido que um daqueles marinheiros atire em mim antes de eu contar a nossa história.

Algo naquele plano desesperado de Margaret tocou fundo o coração endurecido da espiã.

— Vista-se — Anne ordenou em tom brusco.

— Você não pode fazer isso.

— Posso fazer qualquer coisa para salvar a vida de meu marido — ela replicou com altivez.

— Sei disso, mas a pessoa mais habilitada para tomar uma atitude dessas sou eu. Desfilar nua por entre os homens não me importará nem um pouco, o que não aconteceria com você — a cantora declarou, principiando a desfazer-se dos trajes.

— Além disso, sou mais sedutora, tenho mais prática em atrair a atenção masculina. Agora, vista-se.

Sem esperar que Margaret protestasse, Anne avançou na direção dos marinheiros.

Embora parecesse uma eternidade, não demorou muito para ela retornasse, exibindo seus calções e corpete de cetim negro e o quepe do capitão na cabeça.

A seu lado, vinham dois homens de uniforme branco para transportar Grant para o bote.

Em pouco tempo, singravam as águas rumo ao navio.

Na verdade, a julgar pela luzes que brilhavam na escuridão, restara apenas um da frota, aguardando os retardatários.

O que significava que só se encontrariam com Lorde Thomas em Kenwick.

Esperava que os Colton também tivessem conseguido embarcar e estivessem a caminho da Inglaterra.

Quando se acercaram da imensa nau, os homens providenciaram uma rede para içar Grant, acomodando-o no piso do convés.

Em seguida, era a vez de Margaret subir as escadas de corda.

Ela ergueu-se e sentiu que Anne lhe segurava a mão.

— Grant precisa chegar vivo à Inglaterra, para contar a Conway a verdade sobre a revolução — a espiã instruiu-a.

Contar a Conway?

Então, Anne Hargraves não passou de uma agente secreta designada para a mesma missão, Margaret refletiu, experimentando um profundo alívio.

Seguindo um impulso, abaixou-se e beijou o rosto da cantora.

— Não se preocupe, eu cuidarei dele. Mas, não entendo... você mesma pode conversar com Sir Nigel...

— Eu?! Ora, tenho outros planos. Ainda há muito o que fazer aqui em Alexandria, minha cara. Nosso envolvimento no Egito não terminou hoje. Na verdade, meu palpite é de que apenas começou...

— Nesse caso, boa sorte, Srta. Hargraves — Margaret desejou-lhe com sinceridade.

Depois de uma ligeira hesitação, acrescentou:

— E muito obrigada pelo auxílio de hoje...

— Eu lhe devia isso — Anne replicou com uma risada rouca.

— Para ser franca, devo-lhe um pouco mais. Quero que saiba que seu marido jamais me tocou, embora eu o tenha provocado bastante. Aquele beijo foi iniciativa minha, e creio que ele só o aceitou porque estava fraco demais para reagir. Grant é um bom homem, Meg Richardson.

De repente, o marinheiro agarrou o pulso de Margaret e puxou-a, forçando-a a subir a escada.

— Muito bem, marujo, diga ao capitão para rumar direto para casa — ela exclamou, brincando.

CAPITULO XXI

As vinte e quatro horas seguintes se revelaram um verdadeiro pesadelo para Margaret.

A despeito da exaustão em que se encontrava, manteve constante vigília ao lado de Grant no camarote privativo que lhe foi destinado por estar ferido.

Quando os marinheiros o colocaram no convés, ele queimava de febre, sua pele assumira uma coloração acinzentada, o pulso extremamente fraco e a ferida no ombro, tão inchada que Margaret mal suportava fitá-la.

Grant não voltou a si nem mesmo depois que o medico do navio retirou a bala numa cirurgia delicada.

Recusando-se a deixar o marido sozinho até que este fosse considerado fora de perigo, ela cochilou sentada numa cadeira junto ao leito, limitando-se a comer uma fruta

de vez em quando.

Relembrando todas as orações que aprendera com o pai, rezava sem cessar.

No segundo dia, já beirando o desespero, Margaret teve uma surpresa.

— Meg? — Grant sussurrou, batendo as pálpebras.

— Sim, Grant, estou aqui — ela tranquilizou-o.

Todavia, por mais que se esforçasse para mostrar-se alegre, suas emoções a traíram e um soluço escapou de seu peito, enquanto as lágrimas que contivera até o momento lhe escorriam pelas faces, molhando o braço dele.

— Meg, o que foi? Você está bem?

— Eu? Claro que sim, seu bobo! Foi você quem esparramou sangue por todas as ruas de Alexandria — ela anunciou, enxugando o rosto.

Em seguida, apanhou o copo de água fresca que deixara sobre a mesinha de cabeceira e passou um braço por sob a cabeça do marido.

— Venha, beba um pouco.

— A última coisa de que me lembro é de estar no Abbat — Grant comentou, antes de sorver um gole.

— Que lugar é este?

— Um navio. Anne me ajudou a trazer você, há quase quarenta e oito horas — Margaret informou, sorrindo.

Ele iria ficar bom.

Era jovem, saudável e em breve se recuperaria.

— Nós tivemos que... improvisar algumas soluções para podermos escapar.

— Você e Anne? Mas... pensei que você a odiasse...

— E odiava. Contudo, meu amor por você provou ser maior do que qualquer outro sentimento — ela confessou.

— Oh, Meg, lamento tanto por tê-la envolvido nessa confusão... — Grant desculpou-se, comovido.

Como pudera arriscar a vida da mulher que amava?

Devia protegê-la, e, no entanto, fora ela quem o salvara.

— A única coisa lamentável é que você está desperdiçando um tempo precioso nessa cama de doente — Margaret o interrompeu, afagando-lhe os cabelos.

— Por ora, meu prezado senhor, contentar-me-ei com um beijo. Quando estiver melhor, porém, receio que eu vá exigir bem mais...

— Eu lhe pertenço, Meg, para sempre... — ele replicou, retribuindo o carinho.

Ah, como adorava aquelas madeixas revoltas...

— Prometo prová-lo o mais breve possível.

— Será logo, estou certa. Agora, trate de repousar.

— Só se você se deitar comigo — Grant barganhou, afastando-se para ceder-lhe um espaço no leito.

— Quanto a isso, você não tem opção. Só dispomos dessa cama.

Com cuidado para não esbarrar no braço ainda inchado, Margaret estendeu-se ao lado dele, feliz por sentir o corpo aquecido pelo dele.

Estavam juntos de novo, graças aos céus.

Assim que se recuperou o suficiente, Grant narrou toda a história à esposa, com

exceção das informações que obtivera.

Após a longa conversa, ele levantou-se e cortou a barba.

Sem mais nenhum segredo pessoal a separá-los nem vestígios de sua falsa identidade egípcia, descobriu que era fácil esquecer quase por completo as dificuldades que a missão apresentara.

Em sua memória, as lembranças do bairro árabe, de Anne, dos nacionalistas e até mesmo da violência que presenciara durante a revolução se desvaneciam como fumaça no ar diante da presença gentil de Margaret.

O ferimento no ombro, que cicatrizava lentamente, e a anemia provocada pela hemorragia ainda o mantinham fraco demais para amá-la como era seu desejo.

Mesmo assim, contentava-se em vê-la ao seu redor, transbordante de alegria e afeto.

Não tardou, porém, para que o antigo vigor o reanimasse.

E tão logo isso aconteceu, seu ardor não conheceu limites.

Apaixonado, cuidou para que Margaret partilhasse o incomensurável prazer que experimentava todas as vezes em que a possuía.

Na verdade, jamais se cansava de tocá-la, de descobrir os pequenos mistérios de seu corpo magnífico. Margaret, por seu turno, sentia-se transportada para o paraíso.

Durante aqueles dias no mar, os dois desfrutaram da companhia um do outro como havia muito não faziam, passando a maior parte do tempo na privacidade do camarote.

Felizes e despreocupados, almejavam que a viagem jamais terminasse, perpetuando o doce idílio indefinidamente.

Na manhã em que chegaram à Inglaterra, Lorde Thomas aguardava no cais, observando com ansiedade os passageiros que desembarcavam.

O navio em que viera havia ancorado na véspera, e ele vistoriava todos os que aportavam, aflito por reencontrar os entes queridos.

Receava não tornar a vê-los, pois só Deus saberia o que lhes acontecera em Alexandria.

A dor provocada pela preocupação e pela saudade só obteve alívio quando viu o jovem casal descendo pela passarela.

O conde soltou uma exclamação de júbilo e correu para abraçá-los, informando-lhes que viera com os Colton e que estes passavam bem.

Enquanto Margaret, batendo as mãos de contentamento com a notícia, demonstrava apreciar a companhia de Lorde Kenwick, Grant sentia dificuldade em lidar com essa nova faceta, afável e carinhosa, do tio.

Habituara-se a considerá-lo um homem severo, muitas vezes hostil, com quem não conseguia trocar duas palavras sem começar uma discussão.

Agora, uma onda de sentimentos contraditórios o incomodava.

Por um lado, percebia estimá-lo de um modo profundo.

Por outro, os ressentimentos acumulados no passado o impeliam a detestá-lo.

De certa forma, irritava-o que o velho insistisse em integrar a família que ele constituiria ao casar-se com Margaret.

Assim, foi com grande constrangimento que murmurou algumas palavras de saudação, deixando-se abraçar sem retribuir o entusiasmo.

Em seguida, alegando cansaço e dor no ombro, despediu-se e conduzia a esposa

para um hotel onde nem o tio nem os jornalistas que rondavam os refugiados em busca de reportagens sensacionalistas os perturbariam.

Ou, pelo menos, era o que pensava até cruzar com o conde no saguão.

Grant suspirou, derrotado.

Só lhe restava aceitar o fato de que teriam companhia pelo resto do dia.

O paraíso particular que criara com Meg fora definitivamente invadido.

Assim, decidiu procurar Sir Nigel Conway.

— Meg, acha que pode entreter tio Thomas por algumas horas? Grant perguntou em tom casual.

— Mas claro! — ela aquiesceu.

Notando um brilho ameaçador nos olhos do marido, uma súbita suspeita levou-a a indagar:

— Você vai visitar Sir Nigel, não é?

— Hum, hum... preciso apresentar-lhe meu relatório. Não precisa se preocupar.

— Não preciso? — Margaret discordou.

— Jamais deixarei de me preocupar cada vez que você se encontrar com esse homem, Grant Richardson. Principalmente hoje! Seu ombro ainda não cicatrizou de todo, e eu não gostaria que você reabrisse a ferida num rompante de fúria.

— Que fúria? Eu apenas preciso cumprir um compromisso, mais nada — ele replicou, tomando-a nos braços.

— Eu conheço muito bem as implicações desse encontro — Margaret insistiu, não permitindo que o marido a acalmasse com palavras doces.

— Na defesa de valores como "dever" e "honra", os homens por vezes agem com exagerada violência.

— Ora vamos querida — Lorde Thomas interveio na discussão, procurando serenar o ânimo da sobrinha. A essa altura, já deduzira que Grant fora ao Egito por ordem do governo britânico.

— Não há motivos para se aborrecer dessa forma. Eu o acompanharei até Whitehall, se isso a deixar mais tranquila.

— O senhor o quê?! — Grant explodiu, espantado com a oferta do conde.

— Ninguém pode ir comigo ao gabinete de Conway. Desde quando assumiu essa atitude protetora para comigo, hein?

— Creio que sempre fui assim, você é que não percebeu — Lorde Kenwick rebateu com simplicidade.

— Quanto a esse Conway, posso aguardar no vestíbulo, não preciso entrar. Se você demorar mais do que, digamos, uma hora e meia, poderei sondar, com discrição, e descobrir para que prisão o enviaram — acrescentou em tom brincalhão.

—Então, o assunto está encerrado — Margaret afirmou, fitando o marido com tal doçura que o impediu de reagir com mau-humor.

— Se você não concordar que seu tio vá junto, então irei eu.

— E iria mesmo, não é? — Grant resmungou, enquanto a esposa lhe entregava o chapéu e o beijava no rosto.

— Está bem, mas o senhor ficará esperando do lado de fora. Melhor ainda, dentro da carruagem. Entendido?

— Perfeitamente — o conde assentiu, aproveitando que o sobrinho se virará para piscar o olho para Margaret.

Pouco mais tarde, depois de uma breve e silenciosa jornada pelas ruas de Londres, o ex-espião entrou no prédio.

Dirigiu-se ao gabinete com passos resolutos, que ecoaram, ameaçadores, no chão de mármore.

Ele prometera a si mesmo que se vingaria daquele homem tão logo retornasse do Egito, e agora estava prestes a fazê-lo.

Embora as advertências de Margaret ressoassem no fundo de sua mente, Grant não se sentia muito preocupado com o ferimento no ombro.

Que reabrisse e manchasse para sempre de sangue os tapetes daquela maldita sala!

O simbolismo ate que seria apropriado!

Nada o privaria da satisfação de esmurrar o rosto de Sir Nigel Conway até desfigurá-lo!

Nem mesmo a Rainha Vitória o dissuadiria dessa idéia.

Passou pelo secretário ignorando-lhe os veementes protestos e abriu a porta.

— Olá, Grant — saudou-o o oficial, erguendo os olhos dos papéis que examinava para fitá-lo com serenidade.

— Mal chegou e já veio entregar seu relatório?

— Já que aprecia tanto meus relatórios, posso providenciar-lhe um — ele replicou com ironia.

— Contudo, não foi esse o motivo que me trouxe aqui.

Ao invés de amedrontar-se, Conway enfrentava a dificuldade de disfarçar o quanto se divertia com a fúria desenfreada que lia no semblante de seu ex-agente.

Richardson sempre possuíra um temperamento forte, impetuoso, embora normalmente conseguisse controlá-lo melhor.

Todavia, o presente que pretendia dar-lhe talvez lograsse acalmá-lo.

— Ótimo, meu rapaz. O que tem a me dizer acerca dos conflitos? Quanto tempo acha que os nacionalistas resistirão? — inquiriu em tom profissional.

Aderindo ao princípio de que as obrigações precediam o dever, Grant resumiu a situação em Alexandria.

— Excelente trabalho! — o oficial comentou com genuína admiração.

Ignorando o olhar homicida com que Richardson o fuzilava, Sir Nigel prosseguiu:

— Você e Anne Hargraves formaram uma dupla exemplar. Fui avisado, ontem, de que ela seguiu para a Turquia, onde espera obter informações sobre a reação do Império Otomano aos acontecimentos no Egito. Você sabe como é: não lhe interessa a versão oficial, mas sim a verdade dos fatos. Hargraves é uma mulher fantástica!

— Traíçoeira seria um adjetivo mais adequado. Seu passatempo favorito é brincar com a vida dos outros — Grant retrucou, despindo o paletó.

Jogou-o sobre o espaldar da cadeira e postou-se a curta distância de Conway.

— Bem... — o militar hesitou, sentindo o rosto pegar fogo — você deve convir que, se por um lado ela causa problemas em nível individual, por outro, salva um grande número de vidas também.

Concordo que Anne, por vezes, exagere um pouco. Mas ela é útil. Na verdade, vocês

dois são imprescindíveis. A Inglaterra necessita de seus serviços.

— E a honra que vá para o diabo?

— Não só a honra, como tudo mais — Conway replicou sem titubear.

— Escute, eu não vim até aqui para discutir os méritos da Srta. Hargraves — Grant declarou, dando um passo à frente.

— Levante-se, Nigel. Há outro assunto que me agradaria debater.

— Por que não, meu rapaz? Antes, porém, que você desperdice sua energia comigo, gostaria que soubesse que há uma pessoa na outra sala que lhe interessaria ver.

— Quem? — ele indagou, desconfiado.

— O coronel Wilson — Conway informou com um sorriso sinistro brincando-lhe nos lábios.

— Por coincidência, ele chegou esta manhã. Foi chamado de volta a Londres, depois de ter desorganizado nossos escritórios em Calcutá. Assim que eu soube que seu navio havia aportado, coloquei-o de castigo, redigindo toda a sorte de relatórios sem importância. Imaginava que você viria procurar-me... só não pensei que o fizesse tão cedo.

O ódio com que Grant dirigiu o olhar para a porta que o separava de Wilson, o causador de todos os seus problemas, convenceu Conway de que sua estratégia estava funcionando.

Aquela era a maior recompensa que poderia oferecer a Richardson pelo trabalho bem executado.

Uma medalha não teria o mesmo valor.

— Agora ouça, Grant, eu preciso sair. Tenho um encontro inadiável e devo regressar dentro de uma hora. Se ainda estiver disposto a... debater aquele assunto comigo, estarei à sua disposição. Nesse meio tempo, por que não vai até a sala ao lado para rever Wilson, seu velho companheiro? Darei ordens para que não os incomodem...

Sem esperar resposta, Sir Nigel colocou os papéis numa pasta e apressou-se a abandonar o gabinete sem olhar para trás.

Embora não o visse, Grant tinha certeza de que havia um sorriso vitorioso nos lábios dele.

Quando o sobrinho retornou à carruagem, pouco mais de meia hora mais tarde, Lorde Thomas franziu as sobrancelhas ao constatar-lhe as manchas avermelhadas e esfoladuras na mão direita.

— Se eu não perdi a minha comissão por causa de Wilson antes — Grant anunciou em tom triunfante, abrindo e fechando a mão dolorida —, agora decerto a perdi.

— Wilson? Aquele patife lá da Índia?

— Ele mesmo. Estava no gabinete de Conway.

— Entendo. Bem, já que ficou tão satisfeito por bater nele, deve ter valido a pena — o conde comentou, para espanto de Grant.

Em circunstâncias como aquela, o tio deveria ter-lhe pregado um de seus costumeiros sermões.

Olhou-o de soslaio e, percebendo a ausência de ironia em sua feições, replicou:

— Bem, tio vamos ver se encontramos um bar onde possamos tomar um bom conhaque e eu lhe contarei tudo em detalhes.

— É, até que nós dois precisamos mesmo de um conhaque. E dos melhores — o conde concordou com entusiasmo.

Depois de instruir o cocheiro, Grant voltou-se para Lorde Thomas:

— Agora que minha raiva diminuiu um pouco, creio que devo perguntar-lhe onde meu estimado primo se escondeu.

— No clube, bebendo e jogando como fez durante toda a viagem. Acho que o fato de ter chegado tão perto da morte o convenceu a aproveitar mais a vida.

— Ha... perto da morte? Não me parece que nossa jornada da casa dos Colton até o cais tivesse sido assim tão perigosa.

O conde soltou uma gargalhada.

— Ora, eu não me referia à revolução. O que estou dizendo é que esse meu temperamento típico dos Richardson se manifestou logo depois que recobrei a consciência e descobri que o idiota tinha deixado Margaret sair do bole e aventurar-se sozinha no meio do tiroteio. Quando dei por mim, apertava a garganta dele com todas as minhas forças. Rapaz, foi difícil soltá-lo!

Grant fitou-o, admirado.

— Tio, começo a pensar que nós dois temos muito em comum! Não creio que será difícil estabelecermos um bom relacionamento, afinal de contas — ele percebeu, descendo da carruagem.

Pouco depois, sentados à mesa do bar, conversavam e riam como dois velhos amigos.

Lorde Thomas ajudou-o a amarrar o lenço na mão machucada.

Agradecido, Grant ergueu os olhos e surpreendeu-lhe a expressão preocupada.

— O que houve? Mudou de opinião acerca das consequências da minha visita a Conway?

— De forma alguma. Você é um homem capaz de decidir o que é melhor para a sua vida. Na verdade, quem está com problemas sou eu — o conde confessou antes de sorver todo o conhaque do cálice de uma só vez.

— Como assim? Explique-se — o sobrinho pediu, perplexo.

— Como não há nada que você, ou eu, possa fazer a respeito, é melhor esquecer. Agora, conte-me como foi a sua briga.

— Não, espere aí! Insisto em saber o que o aflige tanto! Lorde Kenwick suspirou.

— Está bem — concordou.

Grant era teimoso o suficiente para não o deixar em paz enquanto não revelasse.

— Fui para o Egito com Margaret pouco antes de uma reunião importante no Parlamento. A Rainha esperava que eu apoiasse uma causa que a interessava particularmente. Ontem, depois que cheguei, fui informado de que ela está muito aborrecida comigo e não duvido que me chame dentro em breve para punir-me com uma censura oficial.

— E então a novidade logo se tornará de conhecimento público. Deus do céu, não posso suportar a idéia de ser sobrinho de um homem com má reputação! — Grant exclamou com um sorriso brincalhão.

— Terá que suportar, meu caro — o conde replicou com idêntica ironia, aderindo à brincadeira —, pois é isso o que acontecerá. Enfim, você acabará aprendendo que não é

responsável pelo mau comportamento de seus parentes.

— Com certeza — Grant replicou, rindo.

— Pelo menos, o senhor não estará sozinho. Depois do meu encontro com Wilson, cairemos os dois em desgraça, se não formos parar na cadeia!

Que família!

Com o espírito de camaradagem crescendo entre ambos, Lorde Thomas propôs um brinde:

— Aos Richardson, os homens de má fama!

— De péssima fama — Grant corrigiu-o, erguendo o cálice.

— Agora que descobri que adoro a sua companhia, tio, só espero que nossas celas não fiquem muito distante uma da outra...

CAPITULO XXII

Voltando uma olhar carinhoso por sobre a mesa para a esposa, que se servia de uma segunda xícara de café, Grant mais uma vez se assombrou com o profundo contentamento que a vida doméstica lhe provocava.

Havia seis semanas que estavam sozinhos em Kenwick, pois James preferira permanecer em Londres, entregue ao jogo, e Lorde Thomas ocupava-se em resolver seus problemas com o Parlamento.

As dúvidas e preocupações que tanto afligiram Margaret em Alexandria se diluíam em sua memória, à medida que os suaves dias do verão inglês se passavam em modorrenta tranquilidade.

Acalmada pela paz do campo, ela voltara a rir com frequência, desabrochando a olhos vistos sob o efeito da presença do marido.

Constituíam-se numa felicidade ímpar a sensação de amar e ser amado, e Grant só lamentava não ter feito essa descoberta mais cedo.

— Meg, eu... — ele sussurrou, levantado-se e acercando-se da cadeira dela.

— Grant Richardson, pode tirar esse brilho malicioso dos belos olhos negros — Margaret repreendeu-o, fingindo-se zangada —, porque não pretendo voltar para a cama com você às nove horas da manhã! O que os criados pensariam de nós? Além disso, não se esqueça de que me prometeu um passeio a cavalo...

— Eu sei, só achei que... — Grant desistiu de argumentar com palavras.

Ergueu-a da cadeira e abraçou-a, provocando-a com um beijo carregado de sensualidade.

Não que Meg se comportasse como a filha de um pastor, de forma alguma, todavia... de vez em quando era necessário encorajá-la a abandonar certos conceitos sem sentido.

Ora, que importância tinha fazer amor às nove horas da manhã?

Seria tão bom quanto em qualquer outro horário...

— Aham... aham... — pigarreou, embaraçado, o mordomo, na tentativa de atrair a atenção do patrão. Seu esforço, contudo, resultou inútil.

O jovem casal parecia tão entretido em suas carícias que nem o escutou.

Ah, o amor voltara àquela casa!

E já não era sem tempo, depois de tantos anos de frieza e hostilidades.

Infelizmente, porém, era forçado a interromper o arroubo, e só lhe restava agir com menor discrição.

— Desculpe, senhor, *madame*... com licença, preciso falar com o Sr. Richardson.

O beijo prosseguiu, indiferente às suas tentativas de ser ouvido.

Assim, apelou para uma atitude drástica: bater no ombro do sobrinho de Lorde Thomas.

— O quê? Afinal, o que você quer? — Grant grunhiu, irritado, enquanto Margaret escondia o rosto enrubescido em seu peito.

— Você decerto não ousaria incomodar-nos apenas para tirar a mesa do desjejum!

— De mo... modo algum, senhor — o mordomo gaguejou, um tanto receoso diante da indignação que lia nos olhos de Grant.

Ah, seu ofício era, por vezes, espinhoso demais.

— Perdoe-me, mas há um emissário da Rainha aguardando para lhe falar, Sr. Richardson. Ele está na biblioteca.

— Da Rainha? — Grant ecoou num tom surpreso, embora calmo.

Margaret, ao contrário, empalidecera de súbito.

— O que diabos ela deseja comigo?

— Sinto muito, senhor. Isto é, não sei, senhor. Ele não disse — Carstairs replicou, ainda nervoso.

Embora o rapaz aparentasse ter mudado para melhor desde que voltara do Egito, nunca se sabia quando seu mau gênio iria explodir.

— Muito bem, diga-lhe que irei em seguida.

— É melhor que o vejamos agora, Grant — Margaret declarou, enfatizando que participaria da entrevista. Segurou o braço do marido e pressionou-o na direção da porta.

— Ah, Carstairs...

— Sim, *madame* — O criado atendeu-a, aflito.

Só lhe faltava agora ser admoestado também pela jovem senhora.

— Obrigada por nos interromper. O assunto parece importante e urgente, por isso fez bem em nos chamar de imediato. Nós agradecemos pela sua preocupação.

— Sim, *madame* — Carstairs fez uma breve reverência com a cabeça, disfarçando um sorriso de satisfação.

O Sr. Grant desposara um verdadeiro anjo!

Enquanto atravessavam o corredor na direção da biblioteca, Margaret questionou o marido.

— O que será que Sua Majestade quer com você? Você acha que tem algo a ver com o incidente com Wilson?

— Não faço a menor idéia. Contudo, logo descobriremos — ele retrucou, apertando-lhe a mão de leve para tranquilizá-la.

Em seguida, abriu-lhe a porta e entrou no aposento onde o mensageiro os esperava.

— Sou Grant Richardson e esta é minha esposa. Pelo que entendi, o senhor nos trouxe uma mensagem da Rainha Vitória.

— Bem... não exatamente. Minhas instruções, senhor, são para levá-lo ao palácio agora mesmo. Sua Majestade pretende vê-lo esta tarde.

— Do que se trata?

— Não fui informado, senhor. Contudo, asseguro-lhe que poucas pessoas são agraciadas com o privilegio de serem escoltadas para uma audiência com a Rainha.

— Nesse caso, terei muito prazer em acompanhá-los. Preciso de apenas alguns minutos para trocar de roupa — Margaret declarou com um sorriso amável, embora seu coração batesse descompassado.

Temia que o mensageiro fosse, na verdade, um guarda enviado para conduzir Grant para a cadeia.

Oh, por que o marido era tão impetuoso?

Que insensatez, agredir o coronel Wilson!

— Mil perdões, *madame*, mas receio que a senhora não possa vir conosco. A Rainha convocou apenas Lorde Kenwick e seu sobrinho, Grant Richardson. Ninguém mais será recebido na audiência — anunciou o emissário real.

— Convidada ou não, eu irei com você, Grant — Margaret afirmou em tom categórico.

— Por favor, comunique minha decisão a esse cavalheiro. Se eu pude segui-lo até o Egito, sabe que não terei qualquer dificuldade para alcançá-lo em Londres.

— Meg... — a voz dele soou tão desesperada que ela mordeu os lábios para não desatar a chorar na frente do estranho.

Então, Grant tomou-a entre os braços.

— Querida, desta vez você não ignora aonde estou indo. Caso eu não regresse hoje à noite, sabe de quem é a culpa. Por favor, não torne as coisas mais penosas do que já são. Poderei enfrentar um inquérito sobre o problema com Wilson se você prometer esperar-me.

— Claro que eu o esperarei, Grant, porem...

— Shh... Tio Thomas e eu nos sairemos bem dessa confusão.

— Vejo-a à noite — Grant garantiu-lhe, demonstrando uma confiança que nem de longe possuía.

Em seguida, despediu-se da esposa com um beijo afetuoso e virou-se para o emissário.

— Estou pronto para partir.

— Muito bem, senhor. A carruagem nos espera.

— Vá com Deus, Grant! Meu coração irá com você... — Margaret murmurou, não mais contendo as lágrimas.

Grant não a estava deixando de livre e espontânea vontade.

Contudo, esse fato só a apavorava mais, pois significava que o fantasma de Sir Nigel Conway tornava a assombrá-los.

O dia, que começara radioso e repleto de promessas, deteriorou-se rapidamente, transformando-se num verdadeiro tormento.

Margaret sentia-se impaciente e irritável.

Saiu para cavalgar, na esperança de que o exercício lhe fizesse bem, mas desistiu pouco depois de encilhar o cavalo, pois temia que Grant lhe mandasse alguma notícia e ela não estivesse presente para recebê-la.

Então, resolveu bordar.

Dez minutos depois, largou o trabalho na cesta de costura, tendo enfiado a agulha no dedo mais vezes do que no tecido.

Disposta a entreter-se com alguma coisa, selecionou uma pilha de livros na biblioteca e começou a ler. Não foi além da primeira página do romance que mais a atraía.

Mesmo as tentativas de escrever para Hazel e Roger fracassaram, pois não sabia como começar. Gostaria de redigir uma carta alegre, mas seu estado de espírito não o permitia.

Não queria preocupá-los confessando o quanto a inesperada audiência com a Rainha a amedrontava.

Restava-lhe o piano, fiel companheiro dos anos solitários de sua adolescência.

Contudo, as músicas de que se lembrava eram melancólicas e a entristeceram.

Finalmente, quando a Sra. Briggs surpreendeu-a espanando a escrivãinha de Lorde Thomas, a governanta decidiu intervir.

— Ouça, Sra. Richardson, eu sei que está nervosa por causa do patrão, mas ficar amassando a comida no prato sem comê-la ou sair pela casa limpando tudo não irá resolver o problema — advertiu-a em tom maternal.

— Além disso, o conde não gosta que mexam na papelada dele.

Margaret pousou o espanador sobre a mesa, suspirando.

— Tem razão, mas sinto-me tão inquieta! Preciso ocupar-me com alguma coisa, entende? Acabarei enlouquecendo se não parar de pensar na Rainha e sua misteriosa audiência.

A governanta sorriu com compreensão.

— Bem, se é assim, venha comigo para a cozinha. Vou ensiná-la a preparar pão de gengibre.

— Pão de gengibre?! — Margaret conteve uma careta de repugnância.

— Claro. Não é uma das guloseimas prediletas de seu marido? Quantas vezes não vi os olhos dele brilharem diante de um pãozinho desses e um copo de leite? Atrevo-me a afirmar que nada o agrada mais do que isso.

Por um momento, Margaret imaginou a expressão zangada de Grant se lhe oferecesse a "guloseima" ao invés de ceder ao seu insaciável desejo, e por um triz não soltou uma gargalhada.

Contudo, percebia que a Sra. Briggs falara sério, sem nenhuma malícia, movida pela vontade sincera de ajudá-la a superar a crise.

E a idéia até que era boa!

Não importava se ele tivesse enjoado dos tais pães.

Quando criança, apreciara-os mais do que a qualquer outra coisa.

Se aprendesse a receita, de certa forma estaria partilhando uma parte da infância do marido.

—Sra. Briggs, acabou de arranjar uma aluna!

— Ótimo. Venha comigo. Vou lhe dar um avental e, então, colocaremos mãos à obra. Se houver tempo, assaremos uma fornada de bolinhos de nata e, quem sabe, uma bela torta de frutas.

Para sua surpresa, Margaret de fato relaxou e até se divertiu na atmosfera reconfortante da cozinha.

A Sra. Briggs revelou-se uma professora paciente e capaz, além de bem-humorada, ilustrando a aula com histórias engraçadas.

Com orgulho, Margaret serviu a Carstairs os primeiros exemplares de sua produção de pães.

O bom homem merecia o agrado, pela coragem de enfrentar Grant, naquela manhã.

— Muito obrigado, *madame*. Devo dizer que está delicioso — o mordomo constatou, após a primeira mordida.

— Se me permite um conselho, senhora, não se preocupe demasiado com o seu marido. O Sr. Richardson tem inteligência para dobrar todo o mundo na tal audiência.

— Até Sua Majestade? — ela duvidou.

Grant era um homem de fibra, mas faltava-lhe talento para a diplomacia.

Costumava dizer sempre a verdade, quando podia, ou calar-se para não mentir.

Se usasse de franqueza com a Rainha... talvez pusesse tudo a perder.

— Desculpem-me, mas não me sinto muito bem.

— Viu o que fez, seu idiota? Quando eu finalmente consegui acalmar a nossa patroa, você vem e estraga todo o meu trabalho! — A Sra. Briggs repreendeu-o, saindo em busca de Margaret.

Depois de parar na biblioteca para apanhar a garrafa de conhaque, subiu para os aposentos dela. Encontrou-a sentada junto à janela, soluçando baixinho.

— Oh, senhora... Carstairs é um pobre de Deus. Ele só queria consolá-la, e acabou fazendo o contrário. Mas vamos... não chore mais. Tome um gole de conhaque para reanimar. Eu vou encher a banheira com água bem quentinha e sais aromáticos. Depois, a senhora vai descansar um pouquinho... e logo o patrão estará de volta — a Sra. Briggs propôs, afagando-lhe os cabelos como se cuidasse de uma criança.

— Você acha mesmo? — Margaret fitou-a com esperança, aceitando o cálice com a bebida forte. Precisava tanto acreditar no retorno de Grant, mas temia decepcionar-se.

— Com certeza. Nossa Rainha é uma mulher generosa e ponderada. Ela não separaria o Sr. Richardson da esposa, destruindo um casamento tão feliz! Agora, eu vou esquentar a água para o banho.

Margaret sorriu por entre as lágrimas.

— Está certo. Sra. Briggs... muito obrigada.

Era tão bom ser tratada como filha!

Se sua mãe estivesse viva, teria procedido do mesmo modo terno e gentil da governanta.

Beberia mais um gole ou dois de conhaque, mergulharia na banheira recendendo a jasmim e, depois, dormiria algumas horas.

Sonhos confusos a agitavam.

Discutia com Sir Nigel, tão enfurecida que nem percebeu que não era com o militar que gritava, mas sim com a própria Rainha, que, na verdade, era Anne Hargraves disfarçada.

Precisava fugir antes que a prendessem.

Ouviu um ruído de cavalos se aproximando.

Uma carruagem, precisava encontrar uma...

Uma carruagem! O som de passos e a porta batendo despertaram-na. Grant! Deve ser ele!

Sem hesitar, pulou da cama e disparou pela escada sem se preocupar com os trajes

Íntimos que vestia, indo parar nos braços do marido.

— Bem, Meg, se é assim que me recebe após um único dia de separação, devo declarar que pretendo visitar Sua Majestade com maior frequência — ele brincou, deliciado por acariciar-lhe a pele nua.

Ergueu-a no colo e levou-a de volta para o quarto.

— Contudo, creio que recepções desse tipo devem ser feitas na mais absoluta privacidade.

— Oh, Grant! Graças a Deus! Eu... — Margaret não continuou, pois um beijo voraz a impediu de falar por vários minutos.

— Minha doce Meg... adoro o seu gosto!

— Grant... pare... assim... eu ... não... posso... — a voz de Margaret transformou-se num gemido intermitente sob carícias cada vez mais atrevidas, que a provocavam.

Contudo, ardia de curiosidade.

O que teria acontecido em Londres?

Ansiosa por descobrir, esforçou-se por afastar-lhe as mãos de seu corpo.

— Grant, conte-me o que aconteceu!

Com um suspiro, ele soltou-a.

— Quisera saber! Você desce as escadas correndo, praticamente despida, atira-se em meus braços e depois me pede para conter meu desejo... — protestou.

— Eu não disse para você conter o desejo...

— Oh, então, eu me enganei... — Grant declarou, triunfante, agarrando-a de novo.

— Onde estávamos mesmo?

— Grant, pare já com isso! Primeiro, quero saber sobre a audiência com Sua Majestade — ela insistiu, tentando segurar as mãos dele para que não a torturassem.

— Sua Majestade? Oh, a Rainha! Ela é muito simpática. Baixa de estatura, ombros largos, ainda atraente, considerando-se sua idade. Todavia, não se compara a você. Mulher nenhuma chega aos pés da minha doce Meg! — ele murmurou, mordiscando-lhe a orelha.

— Grant Richardson, juro que se não me contar tudo agora mesmo, eu... eu vou dormir com a Sra. Briggs. Ela, pelo menos, sabe o quanto me afligi o dia inteiro.

— Aflita? — Grant riu.

— Margaret Prescott Richardson, a senhora estava dormindo quando eu cheguei!

Ela enrubesceu.

— É, mas... adivinha quantos cálices de conhaque precisei tomar para conciliar o sono! Acho que a pobrezinha não enxergou outra solução para o meu caso, por isso me embebedou — Margaret confessou.

— Bem que eu percebi que seu beijo, hoje, estava embriagador... — Grant replicou com um sorriso brincalhão.

— Está certo, chega de suspense. Não houve problema algum. Sua Majestade teceu algumas considerações sobre nossos métodos, chegou a admitir que eram pouco ortodoxos, acrescentou que a sua ida para o Egito fora um tanto irregular, na verdade sem precedentes, e concluiu que nós formamos uma equipe imbatível.

— Nós?

— Hum, hum... eu, Anne Hargraves, você e tio Thomas. A rainha está convencida de

que as informações que lhe demos foram vitais para decidir o curso da ação britânica no Egito.

— Não diga! E que providencias a Inglaterra tomou?

— Foi ordenado um ataque com artilharia pesada a Alexandria, a fim de restabelecer a autoridade britânica, bem como se adotaram medidas de retaliação pela morte de cidadãos do Império Britânico — Grant revelou com certa amargura, afagando os cabelos da esposa.

Foram aqueles cachos, que revelaram o caráter rebelde de Margaret na noite em que a surpreendeu no convés, os responsáveis pela desenfreada paixão que mudara a sua vida.

— Lamento que esse plano de ação implique mais derramamento de sangue, mas os conselheiros acreditam que esta seja a única forma de resolver o problema com Arábia. Ah, a Rainha já procedeu ao desagravo do meu nome nos registros oficiais.

— Isso é esplêndido, Grant! E quanto ao seu tio? Também foi perdoado?

— Na verdade, em reconhecimento ao apoio heróico que Lorde Thomas deu à causa, a Coroa o recompensou com o condado de Featherwick, situado ao norte de Kenwick. As duas propriedades serão anexadas e transmitidas ao herdeiro do conde sob uma condição.

— Ora essa! A Rainha perdoa Lorde Thomas por ter descumprido com seus deveres e o agracia com mais terras, que um dia pertencerão a James, e não faz nada por você?

— Margaret protestou, agastada. — Seu primo, infelizmente, não merece nada. Ele não ajudou em nada, lá em Alexandria. Só se preocupava em desacreditá-lo e em salvar a própria pele!

— Querida, Sua Majestade sabe disso. Contudo, minha presença no Egito não é reconhecida pelo governo. Eu era um espião! Por esse motivo, ela não pode conceder-me qualquer recompensa.

Assim, impôs uma condição para a concessão de Featherwick a meu tio.

— Qual? Que James aprenda a portar-se como um homem? Receio que seja impossível... — Margaret replicou com sarcasmo.

— Não... não creio que James receba um centavo além das parcas economias que seu padasto escocês lhe deixou. De acordo com o decreto da Rainha, o herdeiro de Lorde Kenwick deve ser um sujeito chamado Grant Jean Claude Richardson. Ou, na falta dele, sua esposa e filhos — Grant confidenciou, deliciando-se com o contentamento de Margaret diante da notícia.

— Você? Oh, mas é magnífico! E muito justo!

— Sim, eu... e você, é claro.

— E os seus herdeiros?

— Foi o que Sua Majestade decretou.

Margaret fitou-o com ar de seriedade, embora em seus lábios brincasse um sorriso malicioso.

— Nesse caso, Sr. Richardson, precisamos tomar algumas providências para obedecer às ordens da Rainha.

— Sem dúvida. O que você propõe?

— Que você dispa as suas roupas. Eu o ajudarei...

— Ora, o que aconteceu com a mulher rebelde com quem me casei? Cansou de desafiar o mundo?

— Ela aprendeu que o verdadeiro amor é o maior de todos os desafios — Margaret declarou, enlaçando-lhe a nuca.

— Concordo plenamente. Meg... você ainda me considera "adorável"?

— Mais do que nunca, seu bobo! Agora, por que não me beija?

FIM